

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

VIVIAN DE OLIVEIRA NEVES FERNANDES

A experiência da ALER no Brasil:

Buen Vivir e jornalismo na articulação em rede de rádios populares
latino-americanas

São Paulo

2022

VIVIAN DE OLIVEIRA NEVES FERNANDES

A experiência da ALER no Brasil:

Buen Vivir e jornalismo na articulação em rede de rádios populares
latino-americanas

Versão original

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly.

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Fernandes, Vivian de Oliveira Neves
A experiência da ALER no Brasil: Buen Vivir e jornalismo na articulação em rede de rádios populares latino-americanas / Vivian de Oliveira Neves Fernandes; orientador, Luciano Victor Barros Maluly. - São Paulo, 2022.
180 p.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Rede de Rádios Populares. 2. América Latina. 3. Radiojornalismo. 4. Buen Vivir. 5. Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER). I. Maluly, Luciano Victor Barros. II. Título.

302.2 CDD 21.ed. -

FERNANDES, Vivian de Oliveira Neves. **A experiência da ALER no Brasil: *Buen Vivir* e jornalismo na articulação em rede de rádios populares latino-americanas.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Aprovada em ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Agradecimentos

Aos comunicadores e comunicadoras da ALER, que são fontes de inspiração e de conhecimento e que foram os “sujeitos” que proporcionaram a reflexão presente nesta tese, além de outros ensinamentos que marcaram a minha vida e dão sentido à luta por um planeta mais harmônico e em comunhão.

Aos meus pais, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho. Bem como aos amigos e amigas, que entenderam minhas ausências e foram meus confidentes, ainda que sem saber, durante esta jornada.

Aos professores e pesquisadores entrevistados neste trabalho, que gentilmente concederam uma parte do seu tempo e compartilharam sua sabedoria; a partir da troca com eles foram possíveis diversas e centrais reflexões deste trabalho.

Ao professor Luciano, que, pela segunda vez, apostou em construir conjuntamente uma pesquisa e que, com dedicação e paciência, me orientou pelos caminhos da investigação, além de me animar para as possibilidades e aprendizados do processo de vivência da pós-graduação e da USP.

Ao Programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que, na presença e na distância, garantiu suas portas abertas e oportunidades de realização do curso de mestrado e também o de doutorado.

*Voy a crear un canto para poder exigir
Que no le quiten a los pobres lo que tanto les costó construir
Para que el oro robado no aplaste nuestro porvenir
A los que tienen de sobra nos les cueste tanto repartir*

*Voy a elevar mi canto para hacerlos despertar
A los que van dormidos por la vida sin querer mirar
Para que el río no lleve sangre, lleve flores y el mal sanar
Para el espíritu elevar y dejarlo vivir en paz*

*Es un derecho de nacimiento
Mira los frutos que dejan los sueños
En una sola voz, un sentimiento
Y que este grito limpie nuestro viento*

(Canção de Natalia Lafourcade, 2012, México)

Resumo

FERNANDES, Vivian de Oliveira Neves. **A experiência da ALER no Brasil: *Buen Vivir* e jornalismo na articulação em rede de rádios populares latino-americanas**. 2022. Tese (Doutorado) em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta tese analisa a articulação em rede de rádios populares na América Latina, tendo como referência a Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER) e a participação do Brasil. Reunindo rádios populares desde a década de 1970, essa articulação tem como pontos de unidade entre suas emissoras afiliadas e parceiras uma intensa produção noticiosa e de processos de formação popular, além de um projeto político comunicativo para cada momento histórico. Atualmente, a ALER tem como aposta a atuação pelo *Buen Vivir*, o que se refere a uma crescente urgência da discussão de um novo modelo de desenvolvimento e da relação harmônica entre seres humanos e natureza. Esta pesquisa tem como metodologia base a Sistematização de Experiências, com recuperação e análise da trajetória da ALER, que envolvem documentos e depoimentos de comunicadores da Associação. Nesse sentido, foi possível realizar a análise do programa *Voces de la Panamazonía*, no qual se registra a única participação constante do Brasil na rede atualmente, e que ainda é pouco conhecida. Por isso, este trabalho procura analisar, em interface com o processo de articulação em rede latino-americano, esse caso local, em diálogo com o momento de crise política e ambiental e de propostas alternativas, como o *Buen Vivir*. Assim, defende-se que um modelo sólido e longo de rede latino-americana de rádio popular estrutura-se em um projeto de sociedade e político-comunicacional, bem como em práticas comunicativas e organizativas que envolvem experiências de comunicação em uma mesma missão e mesmos valores.

Palavras-chave: Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER). Rede de Rádios Populares. América Latina. Radiojornalismo. *Buen Vivir*.

Abstract

FERNANDES, Vivian de Oliveira Neves. **ALER's experience in Brazil: *Buen Vivir* and Journalism in the popular radio stations network in Latin America**. 2022. PhD Thesis – School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This thesis analyzes the network coordination between popular radio stations in Latin America, having as a reference the Latin American Association of Popular Education and Communication (ALER) and its experience in Brazil. Bringing together popular radio stations since the 1970's, this network has as unifying points between its partners an intense news production and educational development, besides a communicational and political project for each historic moment. Currently, ALER has been committed to its effort to act for *Buen Vivir*, which refers to an increasing urgency to the debate about a new development model and a harmonious relationship between human beings and nature. This research has as its base methodology the Systematization of Experiences, with recovery and analysis of ALER's historical trajectory, based on documents and testimonials from the Association's communicators. Thus, it was possible to conduct an analysis of the news program *Voces de la Panamazonía*, which is the only constant experience of Brazil in ALER taking place nowadays, still being little known. Therefore, this thesis aims to study, in dialogue with the Latin American network coordination process, this local experience, and in face of the current political and environmental crisis and alternative proposals of society, as the *Buen Vivir*. In that way, we sustain that a model of a popular radio stations network in Latin America that is strong and long-lasting is structured in a political and communicational project of society, as well as in communication and organizational practices that involve popular media experiences in the same mission and values.

Keywords: Latin American Association of Popular Education and Communication (ALER). Popular radio stations network. Radio Journalism. *Buen Vivir*.

Resumen

FERNANDES, Vivian de Oliveira Neves. **La experiencia de ALER en Brasil: el Buen Vivir y el periodismo en la articulación en red de radios populares latinoamericanas.** 2022. Tesis (Doctorado) – Escuela de Comunicaciones y Artes, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta tesis analiza la articulación en red de las radios populares en América Latina, tomando como referencia la Asociación Latinoamericana de Educación y Comunicación Popular (ALER) y la participación de Brasil. Reuniendo a radios populares desde los años 1970, esta articulación tiene como puntos de unión entre sus afiliadas y socias una intensa producción de noticias y de procesos de formación popular, además de un proyecto político comunicativo para cada momento histórico. En la actualidad, ALER está comprometida con la construcción del Buen Vivir, que se refiere a la creciente urgencia del debate sobre un nuevo modelo de desarrollo y la relación armónica entre los seres humanos y la naturaleza. Esta investigación tiene como metodología base la Sistematización de Experiencias, con recuperación y análisis de la trayectoria de ALER, involucrando documentos y testimonios de comunicadores de la Asociación. En ese sentido, fue posible realizar el análisis del programa Voces de la Panamazonía, en el cual se registra la única participación constante de Brasil en la red en la actualidad, y que aún es poco conocida. Por lo tanto, este trabajo busca analizar, en interfaz con el proceso de creación de redes latinoamericanas, este caso local, en diálogo con el momento de crisis política y ambiental y las propuestas alternativas como el Buen Vivir. Así, se argumenta que un modelo sólido y duradero de red latinoamericana de radios populares se estructura en un proyecto social y político-comunicacional, así como en prácticas comunicativas y organizativas que implican experiencias de comunicación en la misma misión y valores.

Palabras clave: Asociación Latinoamericana de Educación y Comunicación Popular (ALER). Redes de Radios Populares. América Latina. Radio Periodismo. *Buen Vivir*.

Lista de imagens

Imagem 1 - Desenho ilustrativo do Projeto Político Comunicativo da ALER - Retirado do documento da ALER: Un camino a recorrer. Proyecto político comunicativo de la radio popular latinoamericana (2008) p. 75

Lista de tabelas

Tabela 1 - Temas de artigos de Edilberto Sena no ano de 2019	p. 139
Tabela 2 - Temas de artigos de Edilberto Sena no ano de 2019	p. 139
Tabela 3 - Temas de artigos de Edilberto Sena nos anos de 2019 e 2020	p. 139

Lista de siglas

ACLO - Associação Cultural Loyola, em Sucre, Bolívia

ALER - Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular

Alred - Sistema satelital América Latina em Rede

AMARC - Associação Mundial de Rádios Comunitárias

APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

ARPAS - Associação de Rádios e Programas Participativos de El Salvador

CAMECO - Consultoria de Mídia para Católicos

CAN - Comunidade Andina

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

Cepal - Comissão Econômica para a América Latina

Ciespal - Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNR - Coordenadora Nacional de Rádio do Peru

CPT - Comissão Pastoral da Terra

CORAPE - Coordenadora de Meios Comunitários Populares e Educativos do Equador

CRIA - Centro Radiofônico de Informação Alternativa IBASE

ELFO - Equipe Latino-Americana de Formação

Erbol - Educação Radiofônica da Bolívia

ERPE - Escolas Radiofônicas Populares do Equador

FARCO - Fórum Argentino de Rádios Comunitárias

FGER - Federação Guatemalteca de Escolas Radiofônicas

FOSPA - Fórum Social Pan-Amazônico

FREDER - Fundação Rádio Escola para o Desenvolvimento Rural, Chile

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

INCUPO - Instituto de Cultura Popular, em Reconquista, Argentina

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

JAN - Jornal Amazônia é Notícia

MAS - Movimento ao Socialismo, da Bolívia

MEB - Movimento de Educação de Base

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NOMIC - Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação

OCLACC - Organização Católica Latino-Americana e Caribenha de Comunicação

ONU - Organização das Nações Unidas

OTCA - Organização do Tratado de Cooperação Amazônica

PPC - Projeto Político Comunicativo

RIAR - Rede Intercultural Amazônica de Rádios

RKS - Rede Kiechwa Satelital, da ALER

RNA - Rede de Notícias da Amazônia

SICR - Sistema Intercontinental de Comunicação Radiofônica

SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

TIs - Terras Indígenas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

1. Introdução	15
2. Resgate dos caminhos da ALER	29
2.1. Primeira Fase: Alfabetização por meio do rádio (1972-1982)	30
2.2. Segunda Fase: Rádio Popular para transformação social (1982-1992)	46
2.3. Terceira Fase: Redes informativas e novas tecnologias (1992-2001)	57
2.4. Quarta Fase: Projetos Políticos Comunicativos (2001-2011)	68
3. A ALER na fase atual: horizonte do <i>Buen Vivir</i>	79
3.1. Pensamentos alternativos e ecossistema	82
3.2. <i>Buen Vivir</i> e sua interface com a comunicação	96
3.3. A aposta da ALER pelo <i>Buen Vivir</i>	110
4. A participação do Brasil na ALER: jornalismo e <i>Buen Vivir</i>	122
4.1. Rede Pan-Amazônica da ALER e o protagonismo do Brasil	125
4.2. Aspectos gerais da análise do informativo <i>Voces de la Panamazonía</i>	131
4.3. Processos de construção do programa e da participação do Brasil	132
4.4. Gênero e formato da produção brasileira da ALER	135
4.5. Linha editorial e conteúdos do Brasil	137
4.5.1. Análise Política Nacional	140
4.5.2. Questão Ambiental	143
4.5.3. Papel da Igreja	145
4.5.4. Crise no Brasil	148
4.5.5. Mobilização Popular e Alternativas	150
4.5.6. Coronavírus	152
4.5.7. Relações Internacionais	154
4.5.8. Denúncia e Violência	156
4.5.9. Comunicação Popular	158
4.5.10. Análise Política Local	159

4.6. Conteúdos sobre o Brasil produzidos fora do país	159
4.7. <i>Buen Vivir</i> , linguagem própria e “pessoalização” da Amazônia	163
5. Considerações finais	170
Referências	174

1. Introdução

A Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER)¹ nasceu, em 1972, como uma rede de articulação de rádios educativas e populares na região e como um espaço de valorização da identidade latino-americana por meio da comunicação. Criada há cinco décadas, essa rede possui como missão “educar e comunicar paixão pela vida e compromisso com a felicidade dos povos latino-americanos”². Por meio da ALER, esta tese, intitulada “A experiência da ALER no Brasil: *Buen Vivir* e jornalismo na articulação em rede de rádios populares latino-americanas”, investiga os processos que fortalecem e dão longevidade a uma rede de rádios populares na América Latina, a partir da participação brasileira, trazendo à tona a importância da construção de um projeto político comunicativo, junto a rotinas de produção jornalística. A experiência do Brasil na Associação é onde se foca a análise, na busca por compreender como concretamente essa articulação se manifesta e como as emissoras se vinculam a um mesmo projeto.

O desejo por estudar a articulação em rede na comunicação popular na América Latina surge da compreensão de que a comunicação social e o jornalismo ocupam um papel central nas relações de poder, de construção do imaginário social e das disputas entre projetos de sociedade. Nesse sentido, esta pesquisa tem como uma de suas bases o pensamento produzido no início do século XX pelo teórico marxista Antonio Gramsci (2002; 2006) em sua abordagem sobre o conceito de *hegemonia* e, conseqüentemente, o que foi desenvolvido por outros pensadores como sendo *contra-hegemonia*. Por *hegemonia* entende-se a liderança político-ideológica dentro da sociedade, construída por meio da disputa entre classes sociais antagônicas, que possuem projetos societários próprios e que se sustentam a partir de *blocos sociais e históricos* (alianças entre setores sociais e frações dentro dos mesmos). Para o exercício da *hegemonia*, é necessária a construção de *consenso*, através da criação de uma aceitação coletiva de determinados interesses corporativos de classe; e a disputa pelo *consenso* na *sociedade civil* se dá por meio de *aparelhos privados de hegemonia*, que têm autonomia de organização em relação ao Estado (*sociedade política*), ainda que possam aderir

¹ Antes Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica. Na Assembleia Geral de 2016, seu nome foi alterado para Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular, mantendo a mesma sigla, ALER.

² Missão expressa na página web da ALER. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/node/1>. Acesso em: 14 fev. 2019. No original em espanhol: “educar y comunicar pasión por la vida y compromiso con la felicidad de los pueblos latinoamericanos”.

voluntariamente ao seu projeto. Entre as formas que se apresentam esses aparelhos, estão os partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, sistema educacional, Igreja, ONGs e meios de comunicação de massa. E, para Gramsci, “a imprensa é a parte mais dinâmica dessa estrutura ideológica” da classe dominante em sua “‘frente’ teórica ou ideológica”, que se vale de uma organização material voltada para a sua manutenção (2006, p. 78). No sentido da *contra-hegemonia*, são as forças sociais, classes, e seus aparelhos ideológicos que fazem frente e disputam com um projeto contrário ao dominante.

Outra reflexão introdutória que abre caminho para o que está por vir neste trabalho vem dos debates presentes no relatório *Um mundo e muitas vozes - Comunicação e informação na nossa época*, produzido ao longo dos anos 1970 por uma comissão presidida por Sean MacBride e publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1983). No documento, são apresentados os problemas e as soluções relativos às questões de desigualdades na comunicação em nível mundial, bem como são abordados os princípios que regem uma Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC), necessária para o desenvolvimento humano e dos povos em todo o mundo.

Com o estabelecimento de uma nova ordem mundial da comunicação, cada povo deve poder aprender com os demais, informando-os ao mesmo tempo sobre como concebe sua própria condição e a visão que tem dos assuntos mundiais. Quando isso for atingido, a humanidade terá dado um passo decisivo em direção à liberdade, à democracia e à solidariedade. (Amadou-Mahtar M’Bow, no prefácio ao Relatório MacBride, em 12 de maio de 1980. UNESCO, 1983, p. IX).

Ainda no documento, é apresentado um debate sobre as desigualdades no fluxo informacional entre os países tidos como desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento – expressões típicas da época –, e no sentido de prezar por um equilíbrio nesse fluxo e de construção da NOMIC, que é indicado por nações de regiões como a América Latina e África, ou aqueles então classificados como “não-alinhados”, que “defenderam a tese de que a imensa maioria dos países está reduzida a estado de receptor passivo da informação emitida por um pequeno número de centros”³.

³ Ibidem, p. 61.

Assim, surgiu a chamada ao estabelecimento de uma “nova ordem”, diferente da “antiga ordem”, em matéria de comunicação e de distribuição da informação. A ideia de que hoje é preciso uma nova ordem mundial da comunicação parte da convicção de que a informação e a comunicação constituem um elemento essencial das relações internacionais em todos os campos e, principalmente, para o estabelecimento de um novo sistema baseado no princípio da igualdade de direitos, na independência e no livre desenvolvimento dos países e dos povos. (UNESCO, 1983, p. 62)

No sentido de recomendações escritas no documento da UNESCO, dentre essas está o estímulo ao “desenvolvimento de redes nacionais de rádio que possam chegar às regiões mais isoladas”, dedicando “atenção especial às regiões que padecem da praga do analfabetismo”; na continuação, “deve-se dispor de uma capacidade nacional de produção de programas de radiodifusão, para evitar uma situação de dependência do exterior”⁴. Portanto, pensar a construção de redes de comunicação popular que atuem no fortalecimento dos povos latino-americanos é um exercício de construção da democratização da comunicação⁵ que incide não apenas na própria região, mas contribui no sentido da busca por igualdade e em ações de solidariedade em todo o mundo.

Logo, esta investigação parte dessas questões gerais para estudar a articulação em rede de comunicação popular na América Latina, tomando como referência uma construção entre rádios, sendo este um meio de comunicação de grande presença na região e em que há uma atuação marcante de setores populares. A escolha pela ALER como sujeito de análise se deve pela solidez em sua construção, que já leva cerca de cinco décadas de atuação regular na articulação em rede, envolvendo distintos atores, sejam emissoras radiofônicas, projetos comunicativos ou comunicadores e formadores populares, que encontram nesse espaço a convergência de estar em uma relação de troca com outras experiências latino-americanas. Ou seja, não se trata de uma iniciativa efêmera ou momentânea em uma conjuntura, mas uma articulação que atravessa diferentes períodos, levando a uma maturidade da rede e sua relevância no palco das disputas por projetos de hegemonia no cenário mundial das comunicações.

⁴ Ibidem, p. 425-426.

⁵ Segundo o mesmo Relatório MacBride, da UNESCO (1983), a democratização da comunicação pode ser definida como um processo em que “a) o indivíduo passa a ser um elemento ativo, e não um simples objeto da comunicação; b) aumenta constantemente a variedade de mensagens intercambiadas; c) aumentam também o grau e a qualidade da representação social na comunicação ou na participação” (p.277).

Ao longo de 50 anos, a trajetória da ALER pode ser dividida em cinco fases principais: com o início marcado pelas escolas radiofônicas para alfabetização; caminhando pela formulação do conceito de rádio popular e sua atuação na sociedade; terceiro, da criação de redes informativas e do uso de novas tecnologias; passando para a construção de projetos políticos comunicativos; e, neste momento, na aposta pelo *Buen Vivir* como base para a construção comunicacional e societária. Atualmente, tendo como projeto político e de comunicação o *Buen Vivir* – ou seja, um modelo de desenvolvimento da sociedade em que se prioriza a relação harmônica entre os seres humanos e destes com a natureza –, essa associação articula mais de uma centena de emissoras na região, e outras centenas de parceiras não-associadas, com produção diária de conteúdos jornalísticos e com espaços formativos em comunicação popular.

Este estudo dá atenção especial à atual etapa da Associação, com a articulação de rádios afiliadas e outras centenas de colaboradoras e receptoras de conteúdo, que vão do México à Argentina, com a seguinte visão:

A ALER é uma Rede de comunicação educativa popular que promove a participação, a inclusão, a convivência harmônica com a natureza; acompanha os povos na conquista de direitos; trabalha pela democratização da comunicação e participa na construção de processos para o *Buen Vivir*.⁶

O *Buen Vivir* tomou corpo dentro da entidade motivado pela necessidade de contribuir na “construção de alternativas que protejam e defendam todas as formas de vida” e, também, de “alternativas ao modelo civilizatório capitalista neoliberal que tem sido hegemônico, dominante e violento”⁷ (ALER, 2016, p. 6, tradução nossa). Para o presidente da ALER e diretor executivo da Associação de Rádios e Programas Participativos de El Salvador (ARPAS), Leonel Herrera Lemus, o *Buen Vivir* representa um “novo modelo de práticas sociais e modos de vida baseados na relação harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos, seu entorno social e a natureza”⁸ (ALER, 2016, p. 74, tradução nossa).

⁶ Visão expressa na página web da ALER. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/node/1>. Acesso em: 14 fev. 2019. No original em espanhol: “ALER es una Red de comunicación educativa popular que promueve la participación, la inclusión, la convivencia armónica con la naturaleza; acompaña a los pueblos en la conquista de derechos; trabaja por la democratización de la comunicación y participa en la construcción de procesos para el Buen Vivir”.

⁷ No original em espanhol: “Construcción de alternativas que protejan y defiendan todas las formas de vida” e “alternativas al modelo civilizatorio capitalista neoliberal que ha sido hegemónico, dominante y violento”.

⁸ No original em espanhol: “Nuevo modelo de prácticas sociales y modos de vida basados en la relación armoniosa entre los/as seres humanos/as consigo mismos/as, su entorno social y la naturaleza”.

Para desenvolver as reflexões propostas nesta tese, como percurso metodológico, toma-se como ponto de partida o resgate da construção dos projetos de comunicação da Associação ao longo dos seus 50 anos. Por meio de revisão bibliográfica – a partir de análises publicadas sobre o tema, documentos internos e publicações da ALER – e de entrevistas abertas – nas quais os sujeitos que participam da construção dessa experiência dão o seu relato e trazem elementos de como se deu esse processo, a partir da introdução do tema, em um fluxo de conversação informal –, em que se busca refletir sobre o que foram esses projetos e como eles dialogam com aspectos de momentos políticos de cada época. Para compreender a atual fase da ALER em função da construção do *Buen Vivir*, esse conceito é debatido em interface com outras formas de pensamento que pautam alternativas aos modelos de pensamento e de desenvolvimento. Nesse sentido, soma-se à discussão desse paradigma andino os debates de ecologia profunda propostos pelo físico austríaco Fritjof Capra (1986; 1989; 1991; 1996; 2002; 2014) e de pensamento sistêmico de Edgar Morin (2003; 2005), por exemplo.

O lugar que ocupa o Brasil na articulação é o ponto principal de interesse deste trabalho, com investigação que parte de revisão bibliográfica, por meio, principalmente, de publicações e documentos internos da ALER, bem como de entrevistas. Atualmente, a Rádio Rural de Santarém é a principal emissora brasileira filiada à Associação, mas é a partir da parceria com a Rede de Notícias da Amazônia (RNA) que ocorrem a participação ativa e a produção de materiais radiofônicos para a Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER – espaço onde se dá a participação brasileira, por meio da atuação do comunicador popular e padre católico Edilberto Francisco Moura Sena, da cidade de Santarém, no Pará. Essa rede interna da ALER envolve, além do Brasil, rádios e projetos da Bolívia, do Equador, do Peru, da Venezuela e da Colômbia, e produz semanalmente o informativo *Voces de la Panamazonia*, sobre o qual se debruça esta pesquisa, a fim de compreender a atuação em rede por meio da experiência brasileira em sua construção de projeto e nos conteúdos de suas produções.

Ainda que em diálogo com outras abordagens metodológicas, vale destacar que, como parte da construção desta análise, toma-se como referência abordagens vindas da metodologia de Sistematização de Experiências (JARA, 2012), com alguns de seus elementos aplicados a esta investigação. A escolha por trazer elementos dessa abordagem se deve ao fato de que ela compartilha com a ALER de uma mesma leitura política da região e pelo fato de a própria Associação utilizá-la em seus processos formativos.

Surgida em meio à emergência de processos populares e educativos dos anos 1970, como também o foi a ALER, essa metodologia objetiva sistematizar percursos de construção de experiências, envolvendo questões reflexivas individuais e coletivas das práticas vivenciadas pelos seus participantes, e, a partir de um olhar crítico, produzir novos conhecimentos. Tanto as entrevistas quanto a análise dos documentos internos da Associação utilizados neste trabalho buscam trazer elementos dessa abordagem, ainda que de maneira adaptada.

As formulações do educador popular e sociólogo peruano Oscar Jara sobre essa metodologia trazem elementos-chave para compreendê-la. Em sua obra *A Sistematização de experiências - Prática e Teoria para outros mundos possíveis* (2012), ele resgata o contexto em que surgiu essa abordagem, que se dá nos anos 1970, e conta com referências importantes, elencadas a seguir, no entendimento de que são úteis a esta pesquisa, pois dialogam com elementos da história e do processo de construção da própria ALER.

A primeira delas é a chamada Reconceitualização do Trabalho Social, que traz um novo paradigma ao campo de conhecimento do serviço social, tirando-o exclusivamente de uma prática de implantação de políticas públicas para uma teorização com viés crítico, como uma forma de recuperar suas práticas – tornando a experiência em fonte de conhecimento para a transformação da realidade –; ou seja, processos de educação, saúde ou outros, junto ao povo, não são vistos como mera implementação de políticas públicas, mas como um processo que conta com a participação popular, que permite às comunidades uma atuação ativa e crítica (JARA, 2012).

A partir desse ramo de teorização, surgiram estudiosos que levaram esse conhecimento para o governo da Unidade Popular no Chile, do presidente socialista Salvador Allende (1970-1973). Com uma proposta de realizar reformas profundas no país, esse mandato abriu espaço para a introdução de métodos educativos com um viés crítico, que eram implementados em fábricas, zonas rurais e acampamentos urbanos. A alfabetização de adultos e a educação popular são eixos derivados desse contexto, como marca o próprio surgimento da ALER, em 1972, como uma articulação para promover a alfabetização por meio do rádio de jovens e adultos de áreas marginalizadas do campo e da cidade. A alfabetização fundiu as necessidades de qualificar a mão de obra da classe trabalhadora ao processo de expansão do capitalismo em países periféricos, com vistas a potencializar o desenvolvimento econômico de comunidades. Já a educação popular bebeu na fonte da Pedagogia da Libertação, tendo

como referência o educador brasileiro Paulo Freire. Dois âmbitos também muito marcados na trajetória da Associação de rádios estudada nesta tese.

Espalhando-se pela América Latina, esse conceito de educação libertadora freireana chegou a outras áreas, como as novas formas teatrais e a comunicação popular, incluindo experiências no jornalismo (OLIVEIRA, 2017). Por meio de métodos dialógicos e participativos, o processo comunicativo popular conceituado pelo teórico Mario Kaplún “revolucionou a visão predominante neste momento, de uma comunicação unidirecional”⁹. Em paralelo, a revolução na dramaturgia produziu o Teatro do Oprimido, do teatrólogo brasileiro Augusto Boal, em que a proposta era deslocar o papel de espectador para transformá-lo em protagonista da ação teatral, buscando libertá-lo das opressões em que vivia.

Segundo Jara (2012), a Teoria da Dependência, no campo das ciências sociais e econômicas, se somou a esse cenário que compõe a emergência da metodologia de sistematização de experiências. Ao trazer um viés crítico que reafirma que a construção teórica precisa partir do contexto em que ela emerge, no caso, a América Latina e sua realidade e posição no mundo, essa teoria passou a produzir uma nova vertente de análise crítica da região.

Assim como na ALER, que se iniciou com a articulação de rádios de matriz católica, em um processo de renovação da fé e busca por novas formas de se conviver, a Teologia da Libertação teve um papel importante nesse contexto de mudanças de meados dos anos 1970, em que emergiu a metodologia de sistematização de experiências, expressando-se, fundamentalmente, por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Estas comunidades trabalhavam com um método de ação/reflexão que pressupunha os movimentos “ver, julgar e agir”, que dão lugar a um exercício de recuperação da memória pessoal e coletiva, bem como a elaboração de narrativas testemunhais e análises e contexto histórico. Muitas das dinâmicas utilizadas pelas Comunidades de Base serão compartilhadas por experiências de educação popular realizadas em outras áreas e muitas delas chegarão a constituir-se em ferramentas afins à sistematização de experiências. (JARA, 2012, p. 49-50)

Por fim nesse processo, há um encontro da sistematização de experiências com a investigação-ação participativa, que tem no colombiano Orlando Fals Borda um dos pioneiros desse modelo, como cita Oscar Jara (2012), sendo suas bases a participação popular na

⁹ Ibidem, p. 48.

pesquisa e a investigação de suas próprias condições de vida, e que objetiva transformar essa realidade a partir de estruturas organizativas. Esse seria “um enfoque investigativo que busca a plena participação das pessoas dos setores populares na análise de sua própria realidade, *com o objetivo de promover a transformação social a favor destas pessoas oprimidas, discriminadas, marginalizadas e exploradas*”¹⁰.

Assim, chega-se à formalização dessa metodologia de sistematização de experiências, que define experiências como “processos sócio-históricos complexos e dinâmicos, pessoais e coletivos. Não são apenas fatos ou acontecimentos pontuais. As experiências estão em permanente movimento e abrangem um conjunto de *dimensões objetivas e subjetivas da realidade histórico-social*”¹¹. Nesse sentido, são reunidos fatores como condições de contexto (momento histórico, espaço geográfico e ambiente sociocultural), situações particulares, um conjunto de ações, sutilezas pessoais (percepções, sensações, emoções e interpretações), processos de mudança e relações interpessoais.

Na sistematização de experiências, cinco processos estão envolvidos: a) reflexão individual e coletiva; b) processo em torno de uma prática realizada ou vivida; c) reconstrução organizada do ocorrido nela; d) criação de um olhar crítico sobre a experiência; e) produção de novos conhecimentos¹².

No sentido de ir cercando o que seria essa metodologia, Oscar Jara (2012, p. 84) destaca alguns elementos centrais presentes na sistematização de experiências, que, resumidos, seriam:

- a) reconstrução e ordenamento, de maneira planejada, da experiência vivenciada para uma interpretação crítica da mesma;
- b) interpretação lógica da experiência, levando-se em consideração elementos como fatores objetivos e subjetivos – e aqueles mais ativos e determinantes, aqueles dependentes e secundários –, quais as continuidades e descontinuidades, contradições e rupturas ao longo do processo, bem como as fases ou etapas da experiência;
- c) conhecimentos e aprendizagens significativas da experiência;
- d) apropriação crítica do conhecimento e sentido produzidos pela sistematização por parte dos sujeitos envolvidos na experiência;

¹⁰ Ibidem, p. 53, itálico do autor.

¹¹ Ibidem, 2012, p. 72, itálico do autor.

¹² Ibidem, 2012, p. 78.

- e) metodologia que possibilite compreender teoricamente – em um nível de generalização maior – a particularidade da experiência estudada;
- f) intencionalidade da produção do conhecimento, também ser consciente das possibilidades e limites da mesma, além de um planejamento metodológico para atingir seus objetivos;
- g) potencializar um tipo de conhecimento com vocação transformadora da realidade, projetando-o para o futuro, ou seja, uma produção de conhecimento para a ação transformadora.

A partir dessa explicação geral do que consiste a metodologia de sistematização de experiência, toma-se a mesma como referência, porém, adaptada às Ciências da Comunicação e aos objetivos desta análise. Portanto, levanta-se a seguir os eixos de aplicação que são utilizados, entendendo que nem todos os momentos e elementos desenvolvidos em projetos de caráter distinto ao desta investigação (como no caso de associações e organizações que trabalham com educação popular, como ilustrado no livro de Jara) estão presentes neste estudo.

Para compreender como se desenvolve a articulação em rede da ALER e de suas rádios associadas na América Latina, toma-se cinco passos propostos por Jara (2012) dentro da sistematização de experiências. Contudo, vale ressaltar, novamente, que estes são abordados com as especificidades desta pesquisa e com os objetivos, problema e justificativa aos quais ela se propõe, dessa forma, pretendendo não engessar o método, como é necessário nesse tipo de abordagem.

Primeiro, parte-se de “compreender a experiência”, que pode ser a partir das próprias pessoas que participam do processo – como defendido prioritariamente por Jara (2012, p. 183) – ou a partir de sistematizadores externos que tenham acúmulo na área. Além disso, a compreensão da experiência toma forma a partir dos registros da mesma, tanto com documentos históricos e de arquivo quanto com anotações do processo de coleta de dados e estudos de campo. No caso deste trabalho, toma-se a voz dos protagonistas da ALER, por meio de entrevistas com comunicadores de emissoras radiofônicas associadas e da coordenação da Associação, bem como busca nos arquivos da mesma e outros referenciais bibliográficos, para traçar a história e sistematizar a experiência em rede desenvolvida por esses atores nessa instituição. Ou seja, tem-se os apontamentos de Jara como fonte de inspiração, mas com adaptações para esta investigação.

Em um segundo momento, traça-se um “plano de sistematização”, que orienta-se por cinco perguntas fundamentais (JARA, 2012, p. 190-201):

- a) para que queremos sistematizar;
- b) que experiência(s) queremos sistematizar;
- c) que aspectos centrais interessam mais;
- d) que fontes de informação temos e precisamos;
- e) que procedimentos vamos adotar e em que momentos.

Tendo como referência esses eixos, este estudo – que busca entender o papel da articulação em rede no fortalecimento de rádios populares a partir de projetos alternativos de sociedade – desenvolve sua análise sobre a trajetória da ALER e o caso brasileiro, em suas distintas fases, tendo como pontos de partida os projetos de comunicação próprios e os processos de produção noticiosa. As fontes são documentos internos, publicações, relatos, análise de produções informativas e entrevistas.

Como terceira etapa, é proposta “a recuperação do processo vivido”. Segundo Jara (2012), “trata-se de realizar uma exposição da trajetória seguida pela experiência, que nos permita objetivá-la, olhando, ‘de longe’, seus distintos elementos” (p. 201). Assim, a sistematização da ALER tendo como eixo os elementos que levam ao objetivo proposto na análise, que é a sua articulação em rede de rádios na América Latina a partir da experiência brasileira, ordenando e classificando essas informações.

O quarto momento é o de traçar “as reflexões de fundo” que se envolvem na trajetória da experiência tanto os processos de análise e síntese, bem como uma interpretação crítica, propondo “processos de abstração e de conceitualização a partir da experiência descrita, ordenada e reconstruída” (JARA, 2012, p. 209), que envolvem também um contexto teórico de referência.

Na finalização da sistematização da experiência estão os “pontos de chegada”, em que são formuladas as conclusões, recomendações e propostas. Dentro desse eixo também estão as definições de estratégias para comunicar as aprendizagens e as projeções da investigação, incluindo a apresentação da investigação aos envolvidos na experiência sistematizada, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento da mesma. Ou seja, há um retorno para a realidade pesquisada e os sujeitos que a constroem, não limitando-se somente ao produto final, a tese em si; contudo, que pelas particularidades do processo acadêmico, essa etapa tem projeção de ser realizada em um momento posterior ao da pós-graduação.

Em resumo, a proposta de utilizar essa metodologia, que objetiva sistematizar e compreender a articulação em rede de rádios populares da América Latina e o caso brasileiro, tendo como sujeito a ALER, também se deve ao fato de que essa abordagem possui coincidências históricas com os debates e os processos que a própria Associação desenvolve. Essa é uma rede que possui sua trajetória marcada pela educação popular, a alfabetização de adultos, processos de comunicação popular e alicerçadas em referências de organização e projetos de transformação social, como também expostos anteriormente sobre essa metodologia. Além disso, a própria ALER a utiliza dentro de alguns de seus processos formativos, avaliativos e de construção entre as emissoras associadas e com organizações populares parceiras.

O projeto de investigação inicial que originou este trabalho, desenvolvida no programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, partiu da intenção de investigar o processo de articulação em rede de experiências de comunicação popular da América Latina, centrando-se na ALER, por se tratar de uma das experiências mais conhecidas de mídia alternativa e popular na região. Nesse sentido, ao longo de sua trajetória, reafirma-se a ideia de que a Associação e suas rádios afiliadas “seguem se alinhando explicitamente aos interesses dos setores populares”¹³ (ALER, 1996, p. 58, tradução nossa).

No desenvolvimento deste trabalho, durante a realização de disciplinas acadêmicas e de reuniões e construções junto ao orientador, bem como de contatos com comunicadores e realizando o acompanhamento da ALER, foi se definindo a investigação de alguns nós da articulação pela América Latina – a saber, emissoras e processos comunicacionais da Argentina, de El Salvador e do Equador, este último onde se encontra a sede da Associação; além da participação do Brasil, com experiências e comunicadores de diferentes estados da federação. Uma primeira pesquisa de campo na Argentina, no centro de produção do Fórum Argentino de Rádios Comunitárias (FARCO) e na Rádio Aire Libre, em Rosário, foi realizada, assim como uma entrevista presencial com um comunicador brasileiro que participou de espaços da ALER durante os anos 1990. Contudo, devido ao início da pandemia de covid-19, que tomou corpo na região a partir do início de 2020 e se prolonga até a finalização da escrita e defesa desta tese, esses planos foram cancelados, devido aos riscos de

¹³ No original: “siguen alineándose explícitamente junto a los intereses de los sectores populares”.

se realizar viagens e visitas presenciais, bem como houve maior dificuldade de contato e realização da investigação virtualmente.

Com isso, o percurso traçado para realização do trabalho foi realinhado e, buscando cumprir às projeções e objetivos da mesma, o estudo centrou-se na experiência brasileira a partir da participação na Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER, na qual se encontra a única participação ativa e constante por parte do Brasil na Associação atualmente, que se dá por meio do comunicador e padre Edilberto Sena, que compõe a Rede de Notícias da Amazônia, do Brasil, e a Rádio Rural de Santarém, no Pará. Dessa forma, este estudo adentra nas discussões sobre a trajetória histórica da ALER, dos debates sobre o *Buen Vivir* em perspectiva a outros debates socioambientais e de pensamento alternativo pelo mundo, e finaliza na análise do programa informativo *Voces de la Panamazonía*, no qual se concretiza e ganha relevância a experiência do Brasil na rede latino-americana.

O desenvolvimento desta investigação se inicia com o resgate da trajetória histórica da ALER, que tem quatro etapas iniciais de sua construção. Há cinco décadas, a Associação foi construída a partir da reunião de emissoras católicas de caráter educativo e popular, com o objetivo de atuar junto a comunidades camponesas e indígenas, por meio da alfabetização, especialmente de adultos, através do rádio. Já na segunda fase, fica marcado o início de produções informativas e da formação da Rede de Correspondentes, bem como da formulação do conceito de rádio popular como um elemento central para a caracterização das emissoras que compõem essa rede; dentro desta proposta, constam elementos como um modelo participativo, no qual “se privilegiou a palavra dos mais humildes, dos excluídos, pensando sempre em sua organização social e política para a transformação das estruturas dos países”¹⁴. A terceira fase é marcada pela ampliação de redes informativas temáticas, quando ganha corpo a de correspondentes e a dos indígenas kichwas e quechuas¹⁵, pelos passos rumo a novas tecnologias, como o satélite e a internet, além de um estudo que atualiza a vigência e a incidência da ALER. E a quarta fase aborda os Projetos Políticos Comunicativos e as reflexões em torno de construir a produção de sentidos, a incidência e a sustentabilidade, ao passo que aumenta a participação e a incidência da Associação nas rádios populares e da

¹⁴ No eixo de “Nossas origens”, formulada pela ALER e que consta em sua página web. tradução nossa. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/node/1>. Acesso em: 14 fev. 2019. No original em espanhol: “se privilegió la palabra de los más humildes, de los excluidos, pensando siempre en su organización social y política para la transformación de las estructuras de los países”.

¹⁵ Os kichwas e os quechuas são nações que têm origem no Império Inca e presentes até hoje nos territórios andinos; enquanto os primeiros no Equador, os segundos no Peru e na Bolívia.

sociedade latino-americana. Tem-se como marcos teóricos dessa seção autores que abordam o tema da educação como prática de comunicação, de processos comunicativos e do rádio popular. Para a compreensão do processo educativo, a base essencial é o teórico e educador Paulo Freire (2005; 1977); da comunicação popular em interface com a educação, tem-se Mario Kaplún (2002); da comunicação como palco de disputa por hegemonia e transformação social, toma-se o relatório da UNESCO *Um mundo e muitas vozes – Comunicação e Informação na nossa época* (1983).

A quinta fase da ALER, caracterizada pela aposta na construção do *Buen Vivir*, a que também se dedica esta obra, é debatida na terceira seção, no qual são resgatadas formulações em torno do conceito feitas pela Associação, além de autores que formularam sobre o termo e também a sua incidência nos debates na América Latina, como nas Constituições equatoriana e boliviana. Em interface com essa discussão, está a reflexão aberta pelo físico Fritjof Capra (1986; 1989; 1991; 1996; 2002; 2014) e sua visão sistêmica da sociedade na relação com o meio ambiente, além de outros intelectuais, como Edgar Morin (2003; 2005) e Boaventura de Sousa Santos (2002; 2009). Além dessas referências, um importante eixo de análise teórica se dá por meio de documentos internos, formulações e publicações realizadas pela própria ALER, bem como entrevistas com os comunicadores da Associação, com atenção para o desenvolvimento das formulações e ações em torno do *Buen Vivir*. A aproximação entre a comunicação com o *Buen Vivir* também é feita nessa parte do estudo.

Por fim, a participação do Brasil nessa rede de rádios populares latino-americana é analisada, tendo como base os documentos da ALER e os relatos dos comunicadores que construíram e constroem a articulação, bem como a recuperação e análise da produção informativa no atual momento. Se na primeira fase da Associação não havia emissoras brasileiras – ainda que processos de alfabetização com o auxílio do rádio ocorressem no país –, a entrada de organizações que atuavam também com comunicação, como é o caso do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), ocorre na segunda etapa, de construção do rádio popular para processos de transformação social. As ações de capacitação junto a emissoras pela América Latina também são marcantes desse período, como relata o jornalista Marcus Aurélio de Carvalho¹⁶ (informação verbal), que afirma que as oficinas se concentraram, sobretudo, no Nordeste do país. Segundo ele, os formadores da ALER faziam

¹⁶ Marcus Aurélio de Carvalho, radialista e professor universitário na Universidade Federal Fluminense (UFF), concedeu uma entrevista a esta tese em 8 de agosto de 2019, em São Paulo (SP).

capacitações sobre a produção radiofônica e jornalística, a gestão e a avaliação das emissoras locais. Ele também relata que, na terceira fase, a Associação passa a buscar “e entender seu próprio público e sua própria audiência, é a fase de entender a educação, como fazer as amostras de pesquisa e audiência”. Logo após, a Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER é criada, e dela faz parte uma emissora brasileira na região amazônica que hoje é uma das afiliadas à Associação, a Rádio Rural de Santarém, no Pará. Por meio da análise da participação do Brasil no programa semanal *Voces de la Panamazonía*, ao longo dos anos de 2019 e 2020, investiga-se como se dá a prática do processo de articulação em rede entre um grupo de rádios latino-americanas, com o olhar sobre a experiência brasileira,, diante das potencialidades, debilidades e desafios.

2. Resgate dos caminhos da ALER

Ao longo dos seus cerca de 50 anos de história, a Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER) “é conhecida e respeitada por sua capacidade para definir e redefinir (...) seus projetos e estratégias educativas e comunicativas, para responder às situações de mudanças na América Latina e Caribe e no mundo”¹⁷ (ALER, 2012a, p. 1, tradução nossa).

Desde a sua criação, em 1972, reunindo emissoras educativas com atuação na alfabetização por meio do rádio, até o atual momento, que tem na aposta pelo *Buen Vivir* o seu eixo central, essa rede de rádios populares consolida-se como um espaço de produção radiofônica e de formação em comunicação com relevância no cenário regional e mundial.

Sem receio de se reinventar e entendendo isso como fundamental para se manter viva e atuante, essa articulação se forma a partir de teorias comunicacionais e de análises políticas de acordo a cada momento histórico. Além disso, contribui em novas formulações na área, sempre atrelando um caráter prático – com produções de conteúdo radiofônico que alcançam centenas de rádios no continente – ao teórico – com publicações constantes que visam incidir nos debates acadêmicos e formativos das emissoras e de instituições de produção científica.

Por meio de manuais, cartilhas, livros e seminários produzidos ao longo desse período, muitos deles com o apoio de organizações internacionais e de entidades como o Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal), a ALER tem um conhecimento sistematizado que envolve áreas como educação, comunicação e rádio popular. Alguns dos exemplos são os manuais de capacitação publicados desde o final da década de 1970, além de publicações mais recentes como *Siembras del Buen Vivir - Entre utopías y dilemas posibles* (ALER, 2016) e *Por el sendero del Buen (con)Vivir - 40 experiencias de comunicación popular en el continente* (ALER, 2020), que refletem o atual momento da Associação. A partir de materiais como esses e de outras formulações teóricas construídas ao longo de décadas, este capítulo resgata a trajetória da ALER, em diálogo com o pensamento comunicacional relacionado a ela em cada momento, em especial do pensamento latino-americano.

¹⁷ No original em espanhol: “es conocida y respetada por su capacidad para definir y redefinir, (...) sus proyectos y estrategias educativas y comunicativas, para responder a las situaciones cambiantes en ALC y el mundo”.

São cinco as fases, ou gerações, definidas pela própria ALER em um dos seus últimos momentos de formulação estratégica, no projeto chamado *ALER 2020*, que teve como resultado a aposta pelo *Buen Vivir* como eixo de articulação e construção de novas sociedades latino-americanas. Com base nesse horizonte, as emissoras parte e identificadas na Associação atuam na elaboração e construção desse conceito e suas práticas, a partir da compreensão de que essa também é uma forma de autoconstrução da própria rede desde o seu início: “A ALER sempre esteve alerta para manter sua coerência interna para ser eficiente; e sua correspondência com o contexto, para ser relevante e incidente. A construção conjunta entre as associadas nesses processos tem sido o mecanismo chave para garantir sua vida e sustentabilidade”¹⁸ (ALER, 2012a, p. 1, tradução nossa).

Neste capítulo, são abordadas as quatro primeiras fases da ALER, reservando a discussão e o aprofundamento em torno do quinto momento histórico para a seção seguinte deste trabalho. Para tanto, foram realizados o resgate e a análise de documentos da própria Associação, publicações e bibliografia pertinente, além de entrevistas, como com o coordenador-geral da ALER, Hugo Ramírez¹⁹, e com o professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Dennis de Oliveira²⁰. Como material base para a investigação estão documentos internos, publicações de artigos e livros da e sobre a ALER, além de reflexões de pensadores da comunicação e da educação, como Paulo Freire (2005; 1977) e Mario Kaplún (2002).

2.1. Primeira Fase: Alfabetização por meio do rádio (1972-1982)

Criada em 1972 como Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica, a ALER teve até 1982 o período de sua primeira geração. Foi no município de Sutatenza, no departamento de Boyacá, na Colômbia, o palco do surgimento dessa rede, em 22 de setembro daquele ano.

¹⁸ No original em espanhol: “ALER siempre estuvo alerta para mantener su coherencia interna para ser eficiente; y su correspondencia con el contexto, para ser relevante e incidente. La construcción conjunta entre las socias en esos procesos ha sido el mecanismo clave para garantizar su vida y sostenibilidad”.

¹⁹ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

²⁰ Dennis de Oliveira, professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), nos concedeu uma entrevista em 24 de junho de 2019.

No entorno agressivo das ditaduras, dez instituições²¹ de origem católica montam projetos de educação formal dirigidos a áreas rurais que estavam completamente marginalizadas dos centros de desenvolvimento. Os beneficiários são os camponeses e indígenas. A rádio é um meio para divulgar as aulas e estender o trabalho como escola. ALER: “A associação latino-americana de educação radiofônica”²². (ALER, 2012a, p. 3, tradução nossa)

O cenário em que se desenvolveu a ALER no seu início tem relação com a importância e a incidência do rádio na América Latina, como explica o editorial da edição de número 10 da revista *Chasqui* intitulado *La Radio Educativa en América Latina*, escrito por Luis E. Proaño (1984). No texto, o autor destaca que, em meados dos anos 1970, eram cerca de 58 milhões receptores de rádio na região e que havia uma média de uma emissora para cada 17 mil receptores. Em comparação, no mesmo período, nos Estados Unidos, havia uma média de uma emissora para 82,2 mil receptores.

Apesar do elevado número, Proaño indica que grande parte dos veículos transmitia segmentos únicos, como radionovelas, esportes, músicas ou notícias, e que “programas culturais, educativos e de estímulo ao desenvolvimento obtêm espaços mínimos”²³ (1984, p. 2, tradução nossa). Somente a partir dos anos 1980 que o crescimento de rádios educativas passou a ser mais evidente na região.

De um sentido mais marcadamente auxiliar em processos de alfabetização, nos primeiros anos, o rádio popular latino-americano passou, em um segundo momento, a descobrir as potencialidades e linguagens próprias desse meio no processo educativo, e, como um terceiro eixo, o papel do rádio começou a ser concebido como “uma intercomunicação, na qual a participação gradual conduz necessariamente à organização popular”²⁴.

A trajetória pela qual passou a ALER também se insere nessa descrita anteriormente pelo rádio educativo e popular na região. A proposta de formar uma rede para construir processos de alfabetização e dar um passo adiante para a autonomia, a organização e a

²¹ O número de rádios que deram início a ALER diverge entre as publicações consultadas, pois segundo o presidente e o vice-presidente da Associação nos anos 1980, em entrevista à revista *Chasqui* (1984), seriam 18 as emissoras que começaram essa rede.

²² No original em espanhol: “En el entorno agresivo de las dictaduras, diez instituciones de origen católico, montan proyectos de educación formal dirigidos hacia áreas rurales que estaban completamente marginadas de los centros de desarrollo. Los beneficiarios son los campesinos e indígenas. La radio es un medio para divulgar las clases y extender la labor como escuela. ALER: ‘la asociación latinoamericana de educación radiofónica’.”

²³ No original em espanhol: “Los programas culturales, educativos y de estímulo al desarrollo obtienen espacios mínimos”.

²⁴ *Ibidem*, p. 1, tradução nossa. No original em espanhol: “una intercomunicación, en la que la participación gradual conduce necesariamente a la organización popular”.

formação de consciência crítica, a partir de pilares de uma práxis transformadora, guarda relação com a ideia de solidariedade como uma “atitude radical” trazida por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2005). “A solidariedade verdadeira com ele está em *com* eles lutar para a transformação da realidade objetiva que os faz ser este ‘ser para outro’”, defendeu Freire (2005, p. 39-40, itálico do autor).

Pensar a educação e a comunicação como práticas de liberdade, coloca os sujeitos de modo a se afastarem de um “medo da liberdade”, de temerem “ser autenticamente” por terem “o outro introjetado neles, como consciência opressora”, o que significa estar diante da dualidade: “Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo”²⁵.

O desafio de superar essa condição também estava colocado para as associadas da ALER. De um conjunto de emissoras que se caracterizavam como escolas radiofônicas em educação formal, as rádios foram buscando outros métodos de ensino, com um sentido freireano de estar em diálogo com o povo e buscar abrir caminhos para a organização popular, em que “a alfabetização e a educação de adultos pareciam ser a solução de fundo para corrigir a crescente desigualdade social”²⁶ (ALER, 1993, p. 8, tradução nossa).

Essa movimentação também se deveu pelo contexto que circundava as rádios, que é marcado pelo furor revolucionário na América Latina a partir da Revolução Cubana (1959). Em contraposição, os Estados Unidos buscavam agir no continente por meio da Aliança para o Progresso e de iniciativas que, em um primeiro momento, pareciam querer colaborar com o desenvolvimento da região, mas que traziam no seu bojo um sentido de submissão da região baixo os seus interesses. Somava-se a essas iniciativas a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) e seus planos sobre o que deveria ser o desenvolvimento econômico desses países. Um ponto de inflexão a esse aparente equilíbrio entre dois modelos contrapostos ocorreu em 1961, com a declaração do caráter socialista da Revolução Cubana, quando houve uma reviravolta e medidas mais duras por parte dos Estados Unidos visaram atender a uma estratégia de tolher qualquer iniciativa de transformação social e de ruptura para um modelo distinto ao capitalista na região. Mesmo a Cepal passou a reavaliar suas teorias e se tornar mais crítica frente a esse novo cenário, pontuando o caráter de dependência econômica a que eram submetidos os países ao sul dessa potência imperialista. Outro fator contextual marcante

²⁵ Ibidem, p. 38.

²⁶ No original em espanhol: “La alfabetización y la educación de adultos parecían ser la solución de fondo para corregir la creciente desigualdad social”.

eram as ditaduras militares que iniciavam ou que tomavam formas ainda mais violentas em muitos países latino-americanos (ALER, 2012a).

Coordenador-geral da Associação desde 2016, o peruano Hugo Ramírez²⁷ (informação verbal), iniciou seu contato com a ALER ainda jovem, no final dos anos 1970, quando fazia parte de uma experiência de comunicação popular na sua cidade natal, Arequipa, no bairro periférico de Alto Misti, com imigrantes de outras regiões do país. Já como membro da Coordenadora Nacional de Rádio do Peru (CNR), ele lembra que a emissora em que atuava, chamada Ama Quella²⁸, passou a se associar nacionalmente em território peruano e internacionalmente com a ALER.

Sabíamos que sua primeira opção foi, basicamente como, digamos, empregar a comunicação para diminuir ou fechar o abismo entre quem sabia ler e quem não sabia ler. E sabíamos que a educação era fundamental em qualquer processo de evolução e de mudança e de transformação social. E isso é o que nós entendíamos da ALER naquele tempo. Víamos como esse espaço interessante onde circulava outro tipo de informações, e que estava trabalhando muito pela alfabetização, e que estava muito ligado a todos os processos de mudança política, social, que estavam ocorrendo na América Latina, que estava ligada com tudo o que é a mudança da Igreja Católica e com todos esses processos políticos que vinham acontecendo e que eram vistos com muita simpatia, a Revolução de Cuba, os movimentos também que logo foram espalhando para outros países. Nesse mesmo momento, se desenvolveram processos, digamos assim, políticos de guerrilha, todos eles que, de alguma maneira, incentivavam essa outra perspectiva de realizar transformações no continente.²⁹ (informação verbal)

²⁷ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

²⁸ Segundo Ramírez, Ama Quella iniciou como um boletim escrito e, depois, passou a ser um programa radiofônico, até se tornar uma emissora de rádio; a mudança se deveu à própria característica dos indígenas do país, que tinham na cultura oral, e não escrita, a sua principal forma de elaboração de conhecimento e comunicação. Ama Quella, um dos três valores do Império Inca (junto com Ama Sua, não seja ladrão, e Ama Llulla, não seja mentiroso), significava não seja ocioso, o que demonstrava ser um nome próximo à cultura indígena dos peruanos e significa “um estímulo ao trabalho e caminhar em frente”.

²⁹ No original em espanhol: “Sabíamos que su primera opción ha sido básicamente como, digamos, emplear la comunicación para disminuir o cerrar la brecha entre el que sabía leer y el que no sabía leer. Y sabíamos que la educación era fundamental en cualquier proceso de evolución y de cambio y de transformación social. Y eso es lo que nosotros entendíamos de ALER en aquél tiempo. Veíamos como ese espacio interesante donde nos corría otro tipo de informaciones, y que estaba trabajando mucho por la alfabetización, y que estaba muy ligada a todos los procesos de cambios político, social, que se estaban dando en América Latina, que estaba ligado con todo lo que es el cambio de la Iglesia Católica y con todos esos procesos políticos que se venían dando y que se veían con mucha simpatía, la Revolución de Cuba, los movimientos también que luego se fueron dispersando para otros países. En ese mismo momento, se desarrollaron procesos digamos así políticos de guerrilla, todos ellos que de alguna manera alentaban esa otra perspectiva de hacer transformaciones en el continente.”

Na análise feita pela própria ALER (1993), nesse período se desencadeiam reflexões importantes, como: “O problema [da América Latina] era muito mais profundo. Suas raízes penetravam em uma história de séculos de dominação e dependência. E as soluções iam muito além do que só a ação educativa”. No que se complementa como resultado de que “esta crise levou a novos apontamentos. As estruturas sociais pediam mudanças radicais e não só correções”³⁰ (p. 8-9, tradução nossa).

Dessa forma, os processos de alfabetização formal se mesclaram com práticas de educação libertadora. Assim se expressou o acúmulo da ALER desse período, que teve uma reunião de balanço em 1981, quando foi apresentada a pesquisa *Análise dos sistemas de educação radiofônica (ASER)*, sobre a situação da região:

Seguindo o compromisso com o movimento popular no continente, muitas rádios educativas redefiniram a contribuição dos sistemas radiofônicos de educação formal e criaram novos programas educativos que tinham como tema central a realidade imediata do povo. E o mesmo povo começou a se expressar e a participar nas rádios.

Havia um grande entusiasmo. No entanto, era preciso aprender a se expressar, a comunicar os anseios e as esperanças, seus sucessos e seus fracassos. Tinham que aprender a utilizar o instrumento radiofônico em função da educação popular. Foi iniciado o caminho da participação do povo nas emisoras por meio de uma diversidade de experiências.³¹

Voltando a percorrer mais detalhes do que foi a história da ALER em sua primeira fase, e para entendê-la nesse contexto, na revista *Chasqui*, em 1984, os anos iniciais da Associação foram lembrados em uma entrevista intitulada *Once años de ALER*, concedida

³⁰ No original em espanhol: “El problema era mucho más profundo. Sus raíces penetraban en una historia de siglos de dominación y dependencia. Y las soluciones iban mucho más allá que la sola acción educativa”. E: “Esta crisis llevó a nuevos planteamientos. Las estructuras sociales pedían cambios radicales y no sólo correctivos”.

³¹ *Ibidem*, p. 11, tradução nossa. No original em espanhol: “Siguiendo el compromiso con el movimiento popular en el continente, muchas radios educativas redefinieron el aporte de los sistemas radiofónicos de educación formal y crearon nuevos programas educativos que tenían como tema central la realidad inmediata del pueblo. Y el mismo pueblo comenzó a expresarse y a participar en las radios. Había un gran entusiasmo. Sin embargo, había que aprender a expresarse, a comunicar los anhelos y esperanzas, sus logros y sus fracasos. Había que aprender a utilizar el instrumento radiofónico en función de la educación popular. Se inició el camino de la participación del pueblo en las emisoras a través de una diversidad de experiencias”.

por Javier Velasco³², presidente da rede na época, e Ricardo Silguero³³, seu então vice-presidente. Na ocasião, os dirigentes da ALER apontaram que as escolas radiofônicas surgiram por parte de setores da Igreja Católica, a partir da realidade de alto índice de analfabetos nos países latino-americanos e em face ao “isolamento” provocado pelo fato de não saberem ler e escrever. Dessa inquietação e do conseqüente surgimento de experiências nesse modelo, como o caso da colombiana Rádio Sutatenza, foram se desenvolvendo outras emissoras em distintos países.

A maioria das rádios, se não todas que fizeram parte da ALER em sua década inicial, estava ligada a setores da Igreja Católica que defendiam a Teologia da Libertação, característica fundacional da Associação e que também é rememorada por Hugo Ramírez³⁴, atual coordenador-geral da rede.

Recordo que, ao final dos anos 60, começou toda essa mudança também na Igreja Católica, de ter uma Igreja mais progressista, da Teologia da Libertação, que foi produto de tudo o que é o Concílio Vaticano Segundo e, depois, as conferências de Puebla, de Medellín, que deram uma grande importância à opção preferencial pelos pobres, e como a comunicação também tinha que ter um lugar de debate, porque era uma dimensão e um instrumento importante precisamente para gerar esses acompanhamentos da Igreja em termos de seu trabalho pastoral e de opção preferencial pelos pobres.³⁵ (informação verbal)

Porém, não foi uníssono o tipo de modelo a seguir por parte dessas rádios educativas e populares. Javier Velasco comentou que havia “duas classes de instituições de educação radiofônica”:

Acredito que a raiz da diversidade entre ambos tipos está na capacidade de relacionamento com o povo com o qual se está trabalhando. As instituições

³² Javier Velasco é espanhol-boliviano, presidente da ALER em 1984. Iniciou seu trabalho na Ação Cultural Loyola, em 1979, em departamentos bolivianos, e que se dedicava à educação e à organização popular camponesa.

³³ Ricardo Silguero é venezuelano, vice-presidente da ALER em 1984. Era sacerdote da Arquidiocese de Mérida, com dedicação à educação e à organização cooperativa, e se especializou em educação de adultos. Foi ao longo de décadas diretor da Rádio Occidente, em Mérida.

³⁴ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

³⁵ No original em espanhol: “Recuerdo que al final de los años 60 empezó todo ese cambio también en la Iglesia Católica, de tener una Iglesia más progresista, de la Teología de la Liberación, que fue producto de todo lo que es el Concilio Vaticano Segundo, y después las conferencias de Puebla, de Medellín, que dieron una gran importancia a la opción preferencial por los pobres, y como la comunicación también tenía que tener un lugar de debate porque era una dimensión y un instrumento importante precisamente para generar esos acompañamientos de la Iglesia en términos de su trabajo pastoral y de opción preferencial por los pobres.”

de educação radiofônica que se encarnam com bastante profundidade nos processos de um determinado grupo humano evoluem facilmente até as etapas de comunicação e compromisso com as organizações populares e os movimentos de base. Enquanto que há outro tipo de instituições de educação radiofônica que, digamos, se mantém mais no interior da própria rádio-emissora. Desde aí, a partir da reflexão, a partir de análises de suas realidades, a partir de estudos de sistemas e processos de educação a distância, etc, etc, vão desenvolvendo uma série de programas e tipos de trabalho educativo através do rádio, mas que normalmente se mantém bastante distantes dos fenômenos da comunicação popular e da organização das bases.³⁶ (VELASCO, 1984, p. 5, tradução nossa)

Como exposto por Ricardo Silguero (1984), vice-presidente da Associação em meados dos anos 1980, esses dois tipos de emissoras conviviam no interior da ALER como uma diversidade que gerava um “enriquecimento permanente para a educação radiofônica na América Latina”³⁷ (p. 5, tradução nossa). Segundo ele, nesses dois percursos, o povo não era apenas um ouvinte, mas ele ia dando um uso diverso ao rádio; e à emissora não coube apenas o papel de transmissora de conteúdo, mas ia se desenvolvendo a partir de distintas práticas, relações com projetos e instituições, aprendendo a abrir-se ao povo. Então, apesar de diferentes, essas experiências também guardavam muitas semelhanças e iam tecendo um aprendizado conjunto no interior das emissoras e da própria ALER.

As motivações e a entrega das pessoas para a construção da Associação foi uma característica de destaque para o sucesso dessa empreitada. De acordo com Velasco (1984), as instituições de educação radiofônica iam evoluindo no mesmo passo que os sujeitos mais comprometidos e solidários com o povo nelas. Sobre esse momento, o presidente da ALER naqueles anos salientou que as emissoras que mantinham perfis apenas técnicos entre seus profissionais não alcançavam o mesmo compromisso e a mesma qualidade que aquelas que trabalhavam com pessoas que acreditavam e estavam vinculadas às causas populares.

Pioneira dentre as emissoras educativas, a Rádio Sutatenza é um exemplo destacado de como esse processo se dava. Surgida em 1947, no município de mesmo nome no

³⁶ No original em espanhol: “Creo que la raíz de la diversidad entre ambos tipos está en la capacidad de relacionamiento con el pueblo con el que está trabajando. Las instituciones de educación radiofónica que se encarnan con bastante profundidad en los procesos de un determinado grupo humano, evolucionan fácilmente hacia las etapas de comunicación y compromiso con las organizaciones populares y los movimientos de base. Mientras que hay otro grupo de instituciones de educación radiofónica que, que, digamos se mantienen más al interior de la propia radioemisora. Desde ahí, a partir de la reflexión, a partir del análisis de sus realidades, a partir de estudios de sistemas y procesos de educación a distancia, etc, etc, van desarrollando una serie de programas y tipos de trabajo educativo a través de la radio, pero que normalmente se mantienen bastante distantes de los fenómenos de la comunicación popular y de la organización de las bases”.

³⁷ No original em espanhol: “Un enriquecimiento permanente para la educación radiofónica en Latinoamérica”.

departamento colombiano de Boyacá, dentro do projeto de escolas radiofônicas promovido pela organização Ação Cultural Popular (ACPO), a emissora alcançou 8 milhões de camponeses que não só foram apresentados à alfabetização, mas também desenvolveram conhecimentos em áreas como matemática, saúde, trabalho, produção agropecuária e espiritualidade.

“Para mim, a rádio me ensinou a ler e a escrever, senão fosse por isso, eu nem sequer saberia assinar [meu nome]”, essas palavras foram ditas pelo senhor Rosendo Maura, um camponês do município de Sutatenza (Boyacá), que em sua idade ainda conserva intactas as suas lembranças e suas cartilhas com as quais aprendeu não só a escrever, também a somar, conheceu pela primeira vez o mapa da Colômbia. Soube o que era a fotossíntese, o ensinaram a fazer contas claras e muitos temas relacionados com a colheita, o cultivo e a fazenda.³⁸

O projeto, que começou a ser desenvolvido pelo sacerdote José Joaquín Salcedo – um dos importantes atores daquele período de uma Igreja Católica progressista –, teve como seu primeiro programa cultural a ir ao ar, em 16 de outubro de 1947, um espaço de música interpretada por camponeses do município. Além disso, a emissora, que tinha como seu público-alvo o campesinato do país, também “foi vital para que o resto da sociedade colombiana percebesse a complexidade do mundo rural, e a importância que tinha para a nação contar com uma população camponesa”³⁹, como relata o texto *Radio Sutatenza: la primera revolución educativa del campo para el campo*, de Gloria Elizabeth Morad (2017).

A consigna para convidar os camponeses a participarem desse movimento radiofônico foi: “A educação nos faz livres”, o que representa a ideia de “formar-se integralmente de maneira autônoma”, como é citada na exposição *Radio Sutatenza: una revolución cultural en*

³⁸ No original em espanhol: “‘A mí la Radio me enseñó a leer y a escribir, si no fuera por eso yo ni siquiera supiera firmar’, esas palabras las dijo don Rosendo Maura un campesino del municipio de Sutatenza (Boyacá), que a su edad todavía conserva intactos sus recuerdos y sus cartillas con las que aprendió no solo a escribir, también a sumar, conoció por primera vez el mapa de Colombia. Supo qué era la fotosíntesis, le enseñaron a llevar las cuentas claras y muchos temas relacionados con la cosecha, el cultivo y la finca”. Trecho parte do texto “Radio Sutatenza: la primera revolución educativa del campo para el campo”, do site Rádio Nacional da Colômbia, tradução nossa. Disponível em: <https://www.radionacional.co/noticia/campesinos/radio-sutatenza-la-primera-revolucion-educativa-del-campo-ca-mpo>. Acesso em: 04 mai. 2019.

³⁹ No original em espanhol: “El hecho de tener una emisora cuyo público era el campesinado colombiano fue vital para que el resto de la sociedad colombiana percibiera la complejidad del mundo rural, y la importancia que tenía para la nación contar con una población campesina”. Trecho parte do texto “Radio Sutatenza: la primera revolución educativa del campo para el campo”, do site Rádio Nacional da Colômbia. Disponível em: <https://www.radionacional.co/noticia/campesinos/radio-sutatenza-la-primera-revolucion-educativa-del-campo-ca-mpo>. Acesso em: 04 mai. 2019.

el campo colombiano (1947 - 1994), que passou pelo Museu Nacional da Colômbia, nos anos de 2015 e 2016, e também está disponível em plataforma virtual⁴⁰.

Seu êxito se radicou em que a Rádio Sutatenza levou “o professor ao lar” de milhares de camponeses, muitos dos quais fundaram Escolas Radiofônicas em suas casas para aproximar-se do aprendizado pela primeira vez, encontrar-se com seus vizinhos ou desfrutar de programas de entretenimento. A revolução cultural gerada pela Rádio Sutatenza é lembrada como a origem de uma transformação na vida rural na Colômbia, uma tarefa comum na que, no entanto, ainda fica muito por fazer⁴¹.

A experiência da Rádio Sutatenza serviu como modelo e inspirou uma série de outras emissoras na América Latina, que passaram a desenvolver programas e processos educativos. Esse é o caso da Fundação Rádio Escola para o Desenvolvimento Rural (FREDER), em Osorno, no Chile; o Instituto de Cultura Popular (INCUPO), em Reconquista, na Argentina; as Escolas Radiofônicas Populares do Equador (ERPE); Rádio Onda Azul, em Puno, no Peru; a Associação Cultural Loyola (ACLO), em Sucre, na Bolívia; Rádio Occidente, em Tovar, na Venezuela; e as escolas radiofônicas da Nicarágua. Estas foram algumas das emissoras que depois viriam a se filiar na ALER. A marca da rádio colombiana na formação da Associação também foi forte pelo fato de que essa rede foi criada na própria cidade de Sutatenza, em 22 de setembro de 1972, como resultado do segundo Seminário de Diretores de Escolas Radiofônicas da América Latina⁴².

Tomando esse breve relato do trabalho da Rádio Sutatenza, cabe trazer algumas reflexões que coincidem com a vocação e o trabalho da emissora e de outras nela inspiradas na região. O educador brasileiro Paulo Freire, que teve sua obra alicerçada por conceitos de “educação como prática da liberdade”, em processos de conscientização e organização dos

⁴⁰ No original em espanhol: “‘La educación nos hace libres’ fue la consigna para invitar a los campesinos a participar del movimiento radiofónico y a formarse integralmente de manera autónoma”. Exposição visitada em outubro de 2015, no Museu Nacional da Colômbia, e que tem sua versão digital no site: <http://proyectos.banrepcultural.org/radio-sutatenza/es>. Acesso em: 4 de maio de 2019.

⁴¹ No original em espanhol: “Su éxito radicó en que Radio Sutatenza llevó “el maestro al hogar” de miles de campesinos, muchos de los cuales fundaron Escuelas Radiofónicas en sus casas para acercarse al aprendizaje por primera vez, encontrarse con sus vecinos o disfrutar de programas de entretenimiento. La revolución cultural generada por Radio Sutatenza es recordada como el origen de una transformación de la vida rural en Colombia, una tarea común en la que, sin embargo, aún queda mucho por hacer”, da exposição “Radio Sutatenza: una revolución cultural en el campo colombiano (1947 - 1994)”, tradução nossa. Disponível em: <http://proyectos.banrepcultural.org/radio-sutatenza/es>. Acesso em: 04 mai. 2019.

⁴² Lista de rádios e informação de origem da ALER extraídas do texto “Radio Sutatenza: la primera revolución educativa del campo para el campo”. Disponível em: <https://www.radionacional.co/noticia/campesinos/radio-sutatenza-la-primera-revolucion-educativa-del-campo-ca> mpo. Acesso em: 04 mai. 2019.

setores populares, torna-se um referencial fundamental para compreender o papel educativo da comunicação nesses processos.

Em sua obra *Extensão ou comunicação?* (1977), Freire questiona o papel do extensionista junto aos trabalhadores rurais do Brasil e da América Latina como meros impositores de um conhecimento alheio à realidade do camponês; e traz reflexões em torno da educação e da comunicação como processos de formação de conhecimento, com vistas a uma atuação crítica do sujeito no mundo. Para o educador, “o conhecimento não se *estende* do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (p. 36, *itálico do autor*).

O contexto das zonas rurais na América Latina é marcado pelo latifúndio e pela opressão do trabalhador, que, segundo Freire, mantêm “relações estruturais, rígidas e verticais”, nas quais “não há lugar realmente para o diálogo”, nesse sentido, a consciência camponesa desenvolvida historicamente é uma “consciência oprimida”⁴³, sem experiências de diálogo e participação, somente baseada na escuta muda e na obediência. Dessa forma, o pedagogo indaga sobre “a possibilidade do diálogo enquanto não haja mudado a estrutura latifundista, pois que é nela que se encontra a explicação do mutismo do camponês”⁴⁴. Em contraposição, ele ressalta que em países onde ocorreu a reforma agrária – como o caso chileno dos anos 1970, o qual ele acompanhou – trazem mudanças significativas quanto à participação do camponês nos processos sociais e políticos.

Ainda que em locais onde não foram realizadas transformações profundas na estrutura agrária, o teórico brasileiro destaca que é importante promover espaços emancipadores, como aqueles baseados na educação e na comunicação dialógicas, pois a cultura vigente “é continuidade, é processo, e não paralisação. A cultura só é enquanto está sendo. Só permanece porque muda”⁴⁵, ou seja, é na contradição e na perspectiva de que mudanças também podem vir a acontecer que se fundamenta a consciência crítica.

O ato de educar é um ato de comunicar, defende Freire, que apresenta que o significado e o significante partem dos sujeitos em comunicação, em uma reciprocidade necessária:

⁴³ Ibidem, p. 48.

⁴⁴ Ibidem, p. 49.

⁴⁵ Ibidem, p. 48.

É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito.

Se não há este acordo em torno dos signos, como expressões do objeto significado, não pode haver compreensão entre os sujeitos, o que impossibilita a comunicação. Isto é tão verdadeiro que, entre compreensão, inteligibilidade e comunicação não há separação, como se constituíssem momentos distintos do mesmo processo ou do mesmo ato. Pelo contrário, inteligibilidade e comunicação se dão simultaneamente. (FREIRE, 1977, p 67-68)

Uma reflexão nesse sentido apareceu no relato dos dirigentes da ALER sobre os anos iniciais dessa experiência. Ricardo Silguero (1984), vice-presidente da Associação à época, avaliou que, de um período inicial baixo a “concepção de beneficência, de ‘brindar’ com pessoas que criavam possibilidades para outras a quem nunca lhes havia chegado os conhecimentos da educação”, e, conforme se ia avançando com esse projetos, “se descobre que já não é essa a função que devem cumprir as instituições de educação radiofônica”⁴⁶ (p. 5, tradução nossa), e vai conferindo à comunidade a autonomia e a condução desses processos.

Nesse caminho de busca por maior participação popular nas rádios, Silguero (1984) comentou que as emissoras também buscavam incorporar e respeitar a forma de falar do camponês e, diante disso, muitas vezes eram criticadas por fazê-lo, o que demonstra que essas rádios populares construíram projetos alternativos ao da cultura e do pensamento conservador-opressor vigentes.

Concretamente, o camponês, que não usa o mito léxico nem a construção gramatical do homem da cidade... Isso, ao permiti-lo através do rádio, cria um desajuste em pessoas que imaginaram que pelo rádio só deveria aparecer uma determinada forma de falar e cria reações contra o rádio e, bem, até acusações agressivas porque não se está “culturalizando” o povo. Permitir que esses homens que nunca haviam falado falem como são já é um abuso para muitos, é uma desfiguração. Para as pessoas que estão acostumadas a seguir o ritmo das emissoras tradicionais é um atrevimento que o povo comece a dizer sua palavra e na forma como ele se expressa. Mas isso é participação.⁴⁷ (p. 6, tradução nossa)

⁴⁶ No original no espanhol: “Concepción de beneficencia, de ‘brindar’ personas que creaban posibilidades para otros a quienes nunca les habían llegado los conocimientos de la educación”; “conforme se avanza, “se descubre que ya no es esa la función que deben cunplir las instituciones de educación radiofónica.”

⁴⁷ No original em espanhol: Concretamente, el campesino, que no usa el mito léxico ni la construcción gramatical del hombre de la ciudad... eso al permitirlo a través de las radios, crea un desajuste en personas que se han imaginado que por la radio solo debe aparecer una determinada forma de hablar y crea reacciones en contra de la radio, y bueno, hasta acusaciones agresivas porque no está ‘culturalizando’ al pueblo. Permitir que esos hombres que nunca han hablado hablen como son ya es un abuso para muchos, es una desfiguración. Para la

A tomada de consciência dos sujeitos surgiu, então, para a ALER, como um elemento fundamental, o qual vê-se semelhança com o apregoado por Freire (1977): “Este aprofundamento da tomada de consciência, que se faz através da conscientização, não é, e jamais poderia ser, um esforço de caráter intelectualista, nem tampouco individualista” (p. 77).

Em sentido semelhante, os programas em línguas dos povos originários também começaram a aflorar nas emissoras parte da Associação latino-americana nesse período, como na Guatemala (em que quatro das cinco rádios trabalhavam em línguas nativas), na Bolívia (com as culturas aymara e quechua), no Equador (com o povo shuar) e no Haiti (com o creole). Segundo o presidente da época da ALER, Javier Velasco, no começo, as emissoras utilizavam dessa estratégia para alcançar novas pessoas, um novo público, mas, depois, passou-se a significar um fortalecimento da cultura, da identidade e da língua desses povos, por meio da sua presença nos veículos radiofônicos. “Sem dúvida existe um esforço de que o povo manifeste sua própria língua, sua própria cultura”⁴⁸, defendeu Velasco (1984, p. 6, tradução nossa).

Como reflexão a esse processo de comunicação genuinamente popular e transformador que emissoras desse tipo se propunham a possibilitar, traz-se as ideias de Paulo Freire (1977) sobre a educação libertadora, que também tem paralelos com a comunicação de mesmo tipo:

Esta é a razão pela qual, para nós, a “educação como prática da liberdade” não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a “perpetuação dos valores de uma cultura dada”; não é o “esforço de adaptação do educando a seu meio”. Para nós, a “educação como prática da liberdade” é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes. (p. 78).

gente que está acostumbrada a seguir el ritmo de las emisoras tradicionales es un atrevimiento que el pueblo comience a decir su palabra y en la forma como él la expresa. Pero eso es participación”.

⁴⁸ No original em espanhol: “Sin duda existe un esfuerzo de que el pueblo manifieste su propia lengua, con su propia cultura”.

Um paralelo a se traçar nesse debate corresponde ao trazido pelo campo de estudo e prática da Educomunicação, que emerge da relação entre essas duas áreas em sintonia com o desenvolvimento do pensamento freireano e de outros teóricos latino-americanos. Nesse sentido, esse campo apresenta questões próprias relacionadas à educação midiática, de processos educativos em sua interface com plataformas comunicativas, sobre o ecossistema comunicacional em espaços educativos e a reflexão epistemológica, alicerçadas no conhecimento crítico e criativo, como aborda o professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Ismar de Oliveira Soares (2000). Em uma análise possível que se refere ao processo da ALER, é interessante destacar a abordagem desse campo à “ação educ comunicativa”, na relação em seu modo dialógico e que a afasta da “ótica puramente instrumental da tecnologia comunicativa e informativa” (p. 19), e que leva a atuações voltadas para a cidadania e a solidariedade. Em vista disso, comunicar-se na linguagem do povo, seja ela pela forma de falar ou dos próprios idiomas originários, bem como por meio do rádio promover processos amplos de caráter educacional, é um ato de participação popular através da relação educ comunicativa e que proporciona o desenvolvimento de consciência crítica.

Outro fato marcante da primeira fase da ALER, e que foi destacado pelos então presidente e vice-presidente da Associação em entrevista à revista *Chasqui*, foi a repressão que atingiu a rede e suas associadas entre os anos 1970 e 1980, um período marcado por diversas ditaduras militares na região. Javier Velasco (1984) relatou que “à medida em que a capacidade e o compromisso da instituição com o povo – e com o processo do povo – foram se fazendo mais fortes e mais vivenciadas, nessa mesma medida se podem reagir as instituições diante das ações repressivas”⁴⁹ (p. 7, tradução nossa); explicando que as emissoras que já tinham esse vínculo com o povo antes de serem atingidas por aparatos repressivos dificilmente abandonaram o povo e o seu compromisso com ele. O dirigente acrescentou ainda que isso ia mais além, que, diante da “situação repressiva se cria um fortalecimento da sua convicção”⁵⁰ (p. 7, tradução nossa).

Como formas de repressão no interior da ALER e entre as emissoras parte da rede são citadas as de tipo político, desde aquelas que ocorrem em democracias por meio de partidos

⁴⁹ No original em espanhol: “En la medida en que la capacidad de compromiso de la institución con el pueblo -y con el proceso del pueblo- se ha ido haciendo más fuerte y más vivencial, en esa misma medida ha podido reaccionar la institución ante los hechos represivos contra ese tipo de instituciones”.

⁵⁰ No original em espanhol: “situación repressiva le crea un fortalecimiento en su convicción”.

ou grupos políticos, até aquelas que acontecem em meio a ditaduras; e, nas emissoras católicas, foi sinalizada a repressão que deriva de hierarquias superiores da Igreja. Segundo os dirigentes da ALER, essas violências não ocorriam somente nas sutilezas, mas foram aplicadas em formas de autocensura até o ponto de fechamento de emissoras, confiscos de antenas e assassinatos de comunicadores. Exemplos esses citados em 1984, contexto de vigência de ditaduras e também de transição democrática em muitos países, mas que podem ser elencados ainda hoje no continente.

Em relação ao financiamento, os comunicadores-dirigentes da ALER daquele período defenderam que o ideal era que a própria comunidade buscasse manter economicamente a instituição radiofônica, com os princípios de compromisso e autonomia, mas tratando-se de comunidades de baixos recursos financeiros, o caminho, muitas vezes, foi o de buscar por entidades financiadoras estrangeiras, como europeias, canadenses e estadunidenses (CHASQUI, 1984, p. 8). Também havia modalidades em que as emissoras produziam vinhetas ou propagandas comerciais como forma de arrecadação. Nesse caso, surgiam contradições entre o discurso que se defendia de educação libertadora contraposto a discursos de tipo consumista propagados em publicidades.

Mais uma problemática marcante nos casos de financiamento das emissoras na primeira geração da ALER eram as imposições ou limites que vinham junto com os recursos financeiros. Nesse sentido, Javier Velasco (1984) comenta uma reunião que a ALER promoveu com agências financiadoras estrangeiras em março de 1981, em Riobamba, Equador, no sentido de estabelecer que não só as instituições de educação radiofônica possuíssem um compromisso com o projeto, mas que os países com economia mais forte e as pessoas que trabalhavam nesse continente também tivessem responsabilidades. “Então, o desenho do projeto possivelmente pode partir da instituição de educação radiofônica, e a agência de financiamento tem que tratar de entender o porquê e o para quê desse projeto, no lugar de que a agência condicione a instituição radiofônica”⁵¹, explicou Velasco (1984, p. 9, tradução nossa).

Ainda tratando de questões organizativas internas, o dirigente explicou que o papel de uma Secretaria Executiva na ALER não seria o de ser uma “cúpula” que dirigisse unilateralmente as emissoras associadas, mas que pudesse ser um espaço que colaborasse e

⁵¹ No original em espanhol: “Entonces, el diseño del proyecto posiblemente puede partir de la institución de educación radiofónica, y la agencia de financiamiento tiene que tratar de entender el por qué y para qué de ese proyecto, en lugar de que la agencia condicione a la institución radiofónica”.

fosse um local de acolhida em que as rádios da região pudessem procurar para desenvolver distintos aspectos de seu crescimento, por exemplo, questões como a grade de programação e a produção de programas, além de troca de experiências entre as emissoras afiliadas em distintos pontos do continente. Vê-se aí um outro tipo de preocupação formativa, mais relacionada ao próprio desenvolvimento das emissoras populares, como se nota de forma crescente nas fases subsequentes da Associação.

A preocupação para que as emissoras se sentissem parte do processo de construção da ALER e que as decisões e os trabalhos não ficassem centralizados na Secretaria Executiva, e que ela não fosse demasiado grande e com um poder de decisão forte, é uma tendência desde a criação da Associação, como explicou Javier Velasco (1984), presidente naquele período:

Desde o início se propôs, como uma proposta que não podia ser modificada, que a Secretaria Executiva, ou seja, a sede institucional da ALER, (a associação) deveria ser exclusivamente de serviços, de maneira que as decisões surgissem da Assembleia, e fossem executadas a partir da junta diretiva [de direção] que se reúne algumas vezes ao ano enquanto que o pessoal da Secretaria Executiva fosse um pessoal técnico que estivesse à disposição dos requerimentos e das demandas das afiliadas. Acredito que este cuidado, essa consciência que se manteve ao longo dos anos, impediu que a central, a Secretaria Executiva, se convertesse em um instrumento reitor da associação.⁵² (p. 10, tradução nossa)

Já naqueles anos iniciais, a questão da duração prolongada da ALER como uma experiência coordenadora e articuladora de processos era destacada na entrevista de seus dirigentes. Como resposta sobre esse acúmulo, a formulação do vice-presidente, Ricardo Silguero (1984), foi: “A ALER nasce simplesmente de um encontro para buscar como conhecer-se e descobrir formas de ajuda entre instituições que estavam totalmente ilhadas. É um caminho que foi crescendo e descobrindo novos horizontes”. Ele descreve que desse encontro entre experiências isoladas para, a princípio, se conhecerem, saber que existiam, foi se transformando em uma construção conjunta de planos, projetos, intercâmbio de experiências, e “vai-se criando confiança, e logo já se fazem propostas de localização: de

⁵² No original em espanhol: “Desde el inicio se propuso, como un planeamiento que no podía ser modificado, el que la Secretaría Ejecutiva, es decir, la sede institucional de ALER, (la asociación) debía ser exclusivamente de servicios, de manera que los dictados surgiesen de la Asamblea, y fuesen ejecutados a partir de la junta directiva que se reúne en unas cuantas veces al año mientras que el personal de Secretaría Ejecutiva fuese un personal técnico que estuviese a disposición de los requerimientos y las demandas de las afiliadas. Creo que este cuidado, esa conciencia que se ha mantenido a lo largo de los años, ha impedido que la central, la Secretaría Ejecutiva, se convierta en un instrumento rector de la asociación.”

descobrir o que somos e até onde vamos”, dentro disso, uma questão central: “que tipo de educação popular pretendemos”⁵³ (p. 9-10, tradução nossa).

O sentido de pertencimento criado na ALER também é notado quando se afirmava: “Saber que não estamos sós: essa é outra riqueza da ALER. [Isso] ajudou a muitas instituições a não perder o ânimo, a voltar a retomar o trabalho que em um momento havia ficado esmagado, destruído ou desfeito por distintas circunstâncias”⁵⁴.

Naqueles onze anos fundantes, a avaliação, de acordo com Silguero, foi que uma das principais conquistas da ALER até então era que não se estava “ditando ao povo normas de conduta, valores ou modelos”, mas que estavam “caminhando junto ao povo”. Javier Velasco (1984) dizia acreditar que “na medida que isto é realidade e verdade, a instituição se sente profundamente realizada. Na medida que ainda não se conseguiu, vemos que a consecução deste objetivo é um horizonte ao qual se tem que chegar”⁵⁵ (p. 10, tradução nossa).

As ações da ALER foram concebidas, conforme apresentou Silguero (1984), como um “crescimento na comunicação, na educação e na organização do povo, mas não como ações isoladas ou paralelas”, mas que caminham juntas, pois uma depende da outra. E, completou Velasco, “para trabalhar neste nível, é necessário ter um profundo respeito ao projeto do povo. [...] Tem-se que escutar a tendência, os desejos, as aspirações, as lutas do povo, para por-se respeitosamente ao seu lado, o acompanhando”⁵⁶ (p. 10-11, tradução nossa).

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (2005) compartilha de semelhante visão quando aponta que “crer no povo é a condição prévia, indispensável, à mudança revolucionária. Um revolucionário se reconhece mais por esta crença no povo, que o engaja, do que por mil ações sem ela”. E, a partir do laço de irmandade criado com o povo a que se

⁵³ No original em espanhol: “ALER nace simplemente de un encuentro para buscar cómo conocerse y descubrir formas de ayuda entre instituciones que estaban totalmente aisladas. Es un camino que ha ido creciendo y descubriendo nuevos horizontes”; “Se va creando confianza, y luego ya se hacen planteamientos de ubicación: de descubrir qué somos y hacia donde vamos”; “qué tipo de educación popular pretendemos”.

⁵⁴ Ibidem, p. 10, tradução nossa. No original em espanhol: “Saber que no estamos solos: esa es otra riqueza de ALER. Ha ayudado a muchas instituciones a no perder el ánimo, a volver a retomar el trabajo que en un momento había quedado aplastado, destruído o deshecho por distintas circunstancias”.

⁵⁵ No original em espanhol: “dictándole al pueblo normas de conducta, valores o modelos, sino que estamos caminando junto al pueblo”; “en la medida que esto es realidad y verdad, la institución se siente profundamente realizada. En la medida en que todavía no lo ha conseguido, vemos que la consecución de este objetivo es un horizonte al que hay que llegar”.

⁵⁶ No original em espanhol: “como un crecimiento en la comunicación, en la educación y en la organización del pueblo, pero no como acciones aisladas y paralelas”; “para trabajar a este nivel, es necesario tener un profundo respecto al proyecto del pueblo”; “Hay que auscultar la tendencia, los deseos, las aspiraciones, las luchas del pueblo, para ponerse respetuosamente a su lado, acompañándole”.

propõe a ALER, pode-se trazer o que ensinou Freire: “A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na *pronúncia* do mundo” (p. 53, itálico do autor).

2.2. Segunda Fase: Rádio Popular para transformação social (1982-1992)

Pouco mais de uma década desde seu nascimento, já em meados dos anos 1980, a Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER) contava com 42 afiliadas em 17 países (CHASQUI, 1984, p. 4). Nessa, que é considerada a segunda geração da ALER, que abrange o período de 1982 a 1992, o rádio popular toma forma como um conceito teórico em desenvolvimento e de identificação desse conjunto de emissoras, como eles próprios definiram e complementaram: “Entra a Rádio Popular em ação, participando nos processos de transformações, às vezes como protagonistas. Assentamento firme de práticas de rádio popular nas associadas”⁵⁷ (ALER, 2012a, p. 3, tradução nossa).

O contexto em que se apresentou essa nova leitura era o de fim de ditaduras militares na região e emergência de novas formas de organização popular de base. Também como caracterização do momento, foi pontuado que se acelerou o processo de urbanização e a pobreza passou a se concentrar nas cidades (ALER, 2012a), o que indicava que as afiliadas da ALER se diversificavam mais, passando a ampliar para além das áreas rurais, dos camponeses e indígenas o seu foco, e chegando às cidades. Além de seguir no movimento de transitar entre os processos de escola radiofônica e o de rádio popular.

O modelo econômico neoliberal e as consequências negativas que esse sistema passou a gerar na população mais pobre também despontaram no cenário latino-americano, o que, para a ALER (1993), significou manifestar “a necessidade de seguir optando por um trabalho a favor dos amplos setores imersos em processos de empobrecimento e sobrevivência”⁵⁸ (p. 14, tradução nossa). Frente à lógica de mercado e de competitividade, cabia às rádios da Associação “o desafio de contribuir para a construção de um futuro mais humano”⁵⁹, e isso se daria por meio do povo organizado em distintas esferas da sociedade civil.

⁵⁷ No original em espanhol: “Entra la Radio Popular en acción, participando en los procesos de cambios, a veces como protagonistas. Asentamiento firme de prácticas de radio popular en las socias”.

⁵⁸ No original em espanhol: “La necesidad de seguir optando por un trabajo en favor de los amplios sectores sumergidos en procesos de empobrecimiento y sobrevivencia”.

⁵⁹ Ibidem, p. 14, tradução nossa. No original em espanhol: “El reto de contribuir a la construcción de un futuro más humano”.

As rádios entendem que seu projeto comunicativo e sua contribuição educativa devem buscar uma vinculação estreita com muitas outras entidades que promovem o desenvolvimento integral da sociedade. Nessa vinculação, a rádio vai assumindo um papel mais protagônico e público. Sai de seu lugar tímido e marginal para ocupar um espaço de autoridade na sociedade. Cria novos programas de opinião pública, fomenta o diálogo e o amplo debate sobre temas que podem beneficiar as maiorias empobrecidas. Divulgar as denúncias e propostas da população, com a intenção de influenciar na tomada de decisões sobre temas de interesse popular. Enfim, a rádio educativa pretende colaborar com força para a construção de sociedades realmente democráticas.⁶⁰ (ALER, 1993, p. 14-15, tradução nossa)

Se no início dessa articulação de rádios não estava presente nenhuma experiência brasileira, essa começou a se dar em meados dos anos 1980. Uma delas foi o Centro Radiofônico de Informação Alternativa (CRIA), do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), uma organização não governamental criada, entre outros, pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, em 1981. Nessa fase, um dos comunicadores que atuaram na ALER, representando o CRIA, foi o radialista e professor de radiojornalismo Marcus Aurélio de Carvalho⁶¹: “A ALER é muito pequena no Brasil em parte por causa do idioma. Em outra parte porque o auge dessa relação da ALER de buscar afiliadas no Brasil foi no final dos anos 80 e início dos anos 90” (informação verbal). Além do projeto CRIA, outras experiências em comunicação também se aproximaram da ALER a partir dos anos 1980 até meados dos anos 2000, como o Movimento Rádios do Povo, de São Miguel Paulista, em São Paulo, que era parte da diocese dessa região paulistana e que promovia comunicação por meio de rádios de alto falante; também a Rádio Regional Cícero Dantas, da Bahia, Rádio Pioneira do Piauí, e o projeto Catavento Comunicação e Educação, no Ceará.

Parte desse processo de aproximação se deveu à estratégia de capacitação de comunicadores, entre os anos 1980 e 1990, quando aconteceram diversas oficinas promovidas pela ALER, que eram encabeçadas por Pedro Sánchez, Andrés Geerts e José Ignacio López

⁶⁰ No original em espanhol: “Las radios entienden que su proyecto comunicativo y su aporte educativo deben buscar una vinculación estrecha con muchas otras entidades que promueven el desarrollo integral de la sociedad. En esa vinculación la radio va asumiendo un rol más protagónico y público. Sale de su ubicación tímida y marginal para ocupar un espacio de autoridad en la sociedad. Crea nuevos programas de opinión pública, fomenta el diálogo y el debate amplio sobre temas que pueden beneficiar a las mayorías empobrecidas. Divulgar las denuncias y propuestas de la población con la intención de influir en la toma de decisiones sobre temas de interés popular. En fin, la radio educativa pretende colaborar con fuerza en la construcción de sociedades realmente democráticas”.

⁶¹ Marcus Aurélio de Carvalho, radialista e professor universitário na Universidade Federal Fluminense (UFF), concedeu uma entrevista a esta tese em 8 de agosto de 2019, em São Paulo (SP).

Vigil, que viajavam pela América Latina promovendo análises e formação de emissoras, não só as afiliadas, mas outras, para potencializar o trabalho radiofônico e alcançar maiores públicos, como relata Marcus Aurélio de Carvalho.

Eles iam para as cidades de diferentes partes da América Latina e do Brasil, em especial do Nordeste [brasileiro], para fazer três tipos de coisas: eles faziam capacitação para produção, noticiário, de produtos, seja produção de jornalismo, locução; faziam também muito a capacitação de gestão das rádios; e uma terceira coisa que eles chamavam de assessoria no terreno, que é aquilo que fizeram com o Ibase. O que é assessoria no terreno? É você chegar no local, observar e tascar um relatório. Como se fosse uma consultoria, chega, avalia e vai embora – não era um curso. Então, eles faziam vários tipos de curso, mas todos os cursos deles entravam num desses três campos aí. (informação verbal)

O ponto da capacitação radiofônica em linguagem popular é destacado pelo radialista e jornalista brasileiro como um dos principais focos de trabalho da equipe de capacitadores da Associação, em meio a um contexto de avanço do discurso neoliberal do final dos anos 1980 e início dos 1990. “Então, se junta o conceito de popular com o conceito de massivo. [...] Ou seja, a ideia de que o popular também tem que ser massivo”. Em dois seminários realizados nesse período, um em 1988 e outro em 1991, dos quais Carvalho participou, a tônica era buscar “influenciar nossos diretores de rádios para fazer uma linguagem mais agradável, mais próxima das pessoas” (informação verbal).

No que tange o conceito de rádio popular que se discutia e formulava nesse período, a comunicadora argentina María Cristina Mata, em artigo publicado na revista *Chasqui* (1993), defende o uso do termo popular, em comparação ao comunitário e outros, justificando a partir do fato de que a linguagem é impregnada de sentidos. Assim, para ela, o termo comunitário refere-se a uma noção de pertencimento a uma comunidade, que pode expressar-se de variadas formas – de populações particulares a culturas locais –, mas não demarca, necessariamente, a posição central que ocupa o sujeito ou os setores populares, ou seja, não “implica um posicionamento global frente a um sistema econômico-social no qual ditos setores – sem importar de que grupo se trate ou onde estejam localizados geograficamente – são marginalizados ou excluídos também globalmente do poder”⁶² (MATA, 1993, p. 59,

⁶² No original em espanhol: “Implica un posicionamiento global frente a un sistema económico-social en el cual dichos sectores - sin importar de qué grupo se trate o dónde estén ubicados geográficamente - son marginados o excluidos también globalmente del poder”.

tradução nossa). Nesse sentido, María Mata, que à época era membro do Conselho Executivo da ALER, reivindicou o uso do termo rádio popular como uma forma de caracterizar politicamente a posição dessas emissoras que atuam dentro do campo popular e da disputa da opinião pública como “estratégias orientadas à necessidade de desenhar projetos globais de transformação”⁶³.

Na ampliação da atuação dessas emissoras e assumindo o caráter de rádio popular, reunindo o educativo ao potencial comunicativo, apresentou-se um novo desafio, o de ampliar o número de comunicadores populares, formados política e tecnicamente para disputar a hegemonia na comunicação. Nessa fase da ALER, como citado anteriormente, surgem os processos de capacitação e as cartilhas de formação em produção radiofônica.

Mas, para chegar a essa formulação, o caminho foi tortuoso. Em distintos encontros da ALER o tema esteve na discussão entre as associadas, como no seminário “La participación popular en Radio Popular”, em 1985, na República Dominicana, e a Assembleia Ordinária em La Paz, no mesmo ano. Nesse último, dois blocos, um que representava as instituições de educação formal e outro as rádios populares em desenvolvimento, entraram em conflito: “Ali se sentiu que se tratava de dois enfoques, duas diferentes opções que não podiam conviver”⁶⁴ (ALER, 1993, p. 12, tradução nossa).

A rota percorrida, então, foi a de demarcar as escolas radiofônicas com base em processos de educação popular e libertadora, e definir o papel de organizador popular para as emissoras parte da Associação. Isso se demonstrou, por exemplo, em um seminário internacional de 1986, em que foi estudado o uso do rádio em sistemas educativos, que contou, inclusive, com representantes da ECCA⁶⁵, das Ilhas Canárias, pioneira na tecnologia educativa do rádio e que foi uma das fontes de inspiração para escolas radiofônicas da América Latina. Como síntese, as emissoras participantes do encontro apontaram para a originalidade de seus sistemas de educação justamente pela “opção pelos setores populares do continente e a relação vivencial com os destinatários de sua ação educativa”⁶⁶. Na sequência,

⁶³ Ibidem, tradução nossa. No original em espanhol: “estrategias orientadas a la necesidad de diseñar proyectos globales de cambio”.

⁶⁴ No original em espanhol: “Allí se sintió que se tratava de dos enfoques, dos diferentes opciones que no podían convivir”.

⁶⁵ Para mais informações da história da Rádio ECCA e seu processo de educação radiofônica, acessar a sua página online: <http://www2.radioecca.org/conozcanos#6>. Acesso em: 18 ago. 2019.

⁶⁶ Ibidem, p. 13, tradução nossa. No original em espanhol: “Opción con los sectores populares del continente y la relación vivencial con los destinatarios de su acción educativa”.

outros dois encontros, em Caracas, em 1989, e em Santo Domingo, em 1990, reafirmam a opção das escolas radiofônicas como promotoras da educação popular por meio do rádio.

Para refletir sobre esse momento de aparente conflito, um importante pensador é Mario Kaplún, argentino que desenvolveu experiências comunicativas e educativas em distintos países latino-americanos, como Venezuela e Uruguai. Na obra *Una Pedagogía de la Comunicación* (2002), ainda que publicado em sua primeira versão em 1998, sistematiza formulações de processos ocorridos a partir dos anos 1980, bem como seminários e debates desse mesmo período. Como ideia-síntese que marca o livro, é apresentado que “para cada tipo de educação, corresponde uma determinada concepção e uma determinada prática de comunicação”⁶⁷ (p.15, tradução nossa).

A conflituosa relação entre modelos que a ALER vivenciou no início de sua segunda fase – entre as escolas radiofônicas que se constituíram a partir do rechaço a uma “educação bancária”, como conceituou Paulo Freire, e o modelo de rádio popular com vistas à organização popular – possui paralelos com o que escreveu Kaplún (2002).

Muitas das tão meritórias “escolas radiofônicas” da América Latina, destinadas à educação de adultos, reagiram de forma saudável contra esta concepção e a rechaçaram, em muitos casos com indubitável sinceridade. Em seus postulados, hoje sustentam os princípios de uma educação libertadora e personalizante; mas suas emissões, no entanto, continuam sujeitas ao esquema mecanicista tradicional – professor que “ensina”, aluno que “aprende” – porque não souberam encontrar e criar outras maneiras de educar por meio do rádio.⁶⁸

Como resposta a essa contradição, Kaplún aponta que a “educação com ênfase no processo” leva a uma educação e uma comunicação libertadoras. Contudo, ele apresenta que há que ter o devido cuidado para não absolutizar essa construção, a exagerando ou a mal interpretando, como em processos de “educação autogestionária em si mesma”, o que a torna inoperante.

⁶⁷ No original em espanhol: “A cada tipo de educación corresponde una determinada concepción y una determinada práctica de la comunicación”.

⁶⁸ Ibidem, p. 24, tradução nossa. No original em espanhol: “Muchas de las tan meritorias ‘escuelas radiofónicas’ de América Latina, destinadas a la educación de adultos, han reaccionado saludablemente contra esta concepción y la rechazan, en muchos casos con indudable sinceridad. En sus postulados hoy sustentan los principios de una educación liberadora y personalizante; pero sus emisiones, sin embargo, continúan sujetas al esquema mecanicista tradicional —maestro que «enseña», alumno que «aprende»— porque no han sabido encontrar y crear otras maneras de educar a través de la radio”.

Assim, o papel do comunicador e do educador como mediadores de espaços de participação e de diálogo é fundamental, bem como entender a informação levada como contribuição por eles como algo necessário: “Um dado, um aspecto da realidade, pode ser indispensável para que o grupo avance. E o educador (ou o comunicador) não deve deixar de contribuir com ele”⁶⁹. Isso, partindo também de uma problematização prévia frente às necessidades, perguntas, buscas e inquietudes do grupo com o qual se dialoga. Citando reflexões de Paulo Freire, Kaplún afirma que o educador brasileiro chamou a atenção para não se cair na oposição entre um “autoritarismo arrogante” e um “espontaneísmo irresponsável”.

Essas ideias possuem convergência com o trabalho que a ALER desenvolveu de formação para ampliar o número de emissores em rádios populares junto às comunidades, por meio de seus manuais e oficinas presenciais. Também bebendo na fonte da educação popular e libertadora freireana, a ALER estabeleceu as bases para o seu processo educativo junto a comunicadores. Os *Manuales de Capacitación* totalizaram catorze volumes, lançados em sua primeira edição no espanhol, entre 1984 e 1995; ao longo dos anos 1990 e já nos 2000, diversas reedições foram feitas, com publicações em distintos países. O primeiro Manual Radiofônico em espanhol foi *La Entrevista*, de 1984. A sua versão revisada de 2009 assim foi apresentada por uma de suas afiliadas, a Associação de Rádios e Programas Participativos de El Salvador (ARPAS):

Tendo como premissa fundamental a necessidade de construção de espaços para expressar as vozes, opiniões e também os ritmos de nossos povos, este primeiro exemplar propõe o formato da entrevista como ferramenta para conhecer o que pensam as pessoas sobre a realidade diária. Este material busca enfatizar a importância do diálogo como base de uma boa comunicação, do conhecimento do entorno das audiências, a relevância de partir da escuta, do valor das opiniões de quem entrevistamos, para colaborar, assim, para que a palavra do povo nasça.⁷⁰

⁶⁹ Ibidem, p. 50, tradução nossa. No original em espanhol: “Un dato, un aspecto de la realidad, puede ser indispensable para que el grupo avance. Y el educador (o el comunicador) no debe dejar de aportarlo”.

⁷⁰ Apresentação do Manual da ALER - La Entrevista. Disponível em: <https://arpas.org.sv/manuales-de-aler/>. Acesso em: 15 de agosto de 2019. No original em espanhol: “Teniendo como premissa fundamental la necesidad de construcción de espacios para expresar las voces, opiniones y también los ritmos de nuestros pueblos, este primer ejemplar propone el formato de la entrevista como herramienta para conocer qué piensan las personas sobre la realidad de todos los días. Este material busca enfatizar la importancia del diálogo como base de una buena comunicación, del conocimiento del entorno de las audiencias, la relevancia de partir de la escucha, del valor de las opiniones de quienes entrevistamos, para colaborar así, a que la palabra del pueblo nazca”.

A visão proposta pela ALER sobre o diálogo como base para a comunicação, em que o comunicador se vê em igualdade com sua fonte, como expresso na cartilha sobre a entrevista no rádio popular, encontra eco no conceito de jornalismo emancipatório do professor Dennis de Oliveira, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)⁷¹. Com base no processo de educação popular de Paulo Freire, em especial na questão do diálogo – base de troca e de relações entre educador e educando – como princípio para a emancipação, Oliveira formula a sua proposta:

O jornalismo tem que pensar de que forma compartilha esse cotidiano na perspectiva de pensar uma nova relação de sociabilidade. Isso implica em sair um pouco da ideia de que as posições que existem nas hierarquias sociais são cristalizadas. [...] O que isso significa? É você ampliar o espectro de fontes, ampliar a forma de cobrir os fatos, entender que esse público, esses leitores, ouvintes, espectadores potenciais, eles são diversos. Da mesma forma que Paulo Freire fala que o educador tem que ter noção de quem é seu educando, não é apenas um consumidor, numa situação rasa, única, pasteurizada, mas é essa complexidade. A partir dessa ideia surge a ideia da emancipação. Então, emancipação a que, a uma tipologia de relação que é opressiva, porque ela estabelece que a única forma de relação possível é você oprimir uma pessoa, é você ter uma hierarquia estabelecida. Não, você pode trabalhar com outras lógicas. [...] É assim que a gente pensou a ideia de emancipação no jornalismo. Um conceito que foi feito a partir disso. Ela exige uma mudança radical de como o jornalista enxerga a sociedade. (informação verbal)

Em um contexto de sucessivas crises do neoliberalismo – em um sistema de desigualdades e de opressão que ele acarreta, baseado na superexploração do trabalho –, o jornalismo de mercado que marca esse sistema societário também se enfraquece, defende Oliveira. Dessa forma, “uma solução para o jornalismo recuperar o seu papel social é justamente pensar a sociedade para além dessa dimensão mais estabelecida, do consumo, das hierarquias sociais. Pensar essa complexidade como a sociedade se coloca” (informação verbal).

Tanto para o jornalismo hegemônico quanto para o jornalismo popular e alternativo, ou seja, contra-hegemônico, humanizar e estabelecer um diálogo entre jornalista e sociedade é base para se firmarem novas relações com vistas à libertação e à emancipação, como defende

⁷¹ Dennis de Oliveira, professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), concedeu uma entrevista a esta pesquisa em 24 de junho de 2019.

Oliveira: “Paulo Freire propõe uma reumanização do processo educativo, e a gente propõe também ao jornalismo” (informação verbal).

Já no manual *La noticia popular*, impressão de 1992, a equipe de coordenação da ALER apresenta que a informação é um eixo vital de nossas sociedades, que, ao passo que ela tenha se conformado em um “verdadeiro poder”, também deveria ser entendida como um “direito de todos”. “Esta é a razão porque nossas emisoras converteram seus programas informativos em processos de avanço de seu trabalho radiofônico e informativo”⁷² (p. 3, tradução nossa).

Seguindo nessa reflexão, na mesma cartilha, a ALER ainda defendeu: “Para nós, a notícia se faz a partir do ponto de vista do povo e de nossos países do Sul. É uma notícia que quer educar o julgamento crítico de nossa gente. E levar à ação transformadora da história”⁷³. Em diálogo com tal definição, busca-se trazer a reflexão de Mario Kaplún (2002): “O primeiro requisito para que a comunidade (ou a região, ou os membros de uma organização) comece a se envolver na comunicação é que não vejam como longe ou alheias as mensagens que são propostas a ela, mas que as sintam como suas, próprias. Que se reconheçam nelas”⁷⁴ (p.74, tradução nossa).

Ainda que a ALER não alcance de forma direta os ouvintes, pois são as associadas as promotoras desse canal de proximidade e chegada às comunidades, quando as rádios afiliadas constroem conjuntamente e se formam a partir da visão presente nos Manuais de Comunicação da Associação, o processo de reflexão das práticas, da linguagem, de formatos e objetivos de ser uma rádio popular se entrecruzam em toda a rede.

Outros títulos publicados dos *Manuales de Capacitación* foram: *La Radio Revista* (parte um e parte dois), *El Noticiero Popular*, *La Risa en la Radio Popular*, *El Lenguaje en la Radio Popular*, *La Locución en la Radio Popular*, entre outros; além de publicações sobre audiência, o conceito do rádio popular e mais estudos e debates produzidos no interior da ALER e por suas associadas.

⁷² No original em espanhol: “Esta es la razón porque nuestras emisoras han convertido sus programas informativos en avanzada de su trabajo radiofónico e informativo”.

⁷³ Ibidem. p. 3, tradução nossa. No original em espanhol: “Para nosotros la noticia se hace desde el punto de vista del pueblo y de nuestros países del Sur. Es una noticia que quiere educar el juicio crítico de nuestra gente. Y llevar a la acción transformadora de la historia”.

⁷⁴ No original em espanhol: “El primer requisito para que la comunidad (o la región, o los miembros de una organización) comience a involucrarse en la comunicación es que no vea lejanos y ajenos los mensajes que se le proponen sino que los sienta suyos, propios. Que se reconozca en ellos”.

No Brasil, onze Manuais de Comunicação da ALER foram traduzidos ao português e editados pelo Centro de Treinamento Audiovisual do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase/Ceta), pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase) e pelo Serviço à Pastoral da Comunicação das Edições Paulinas (Sepac/EP), este último ficando a cargo da impressão do material (MIANI, 2014, p. 2). Os títulos em português foram numerados e publicados da seguinte forma: 1 - A entrevista (1986); 2 - A notícia popular (1986); 3 - Rádio revista de educação popular (1986); 4 - Áudiodebate disco-debate (1987); 5 - A entrevista coletiva (1987); 6 - O noticiário popular (1987); 7 - Rádio revista de educação popular II (1988); 8 - O sociodrama (1989); 9 - O riso na rádio popular (1990); 10 - Adaptação de contos (1995); 11 - Mulher e rádio popular (1997).

Além dos manuais, nesse período, a Associação promoveu uma série de oficinas e cursos de capacitação em comunicação e jornalismo popular por diversas cidades da América Latina, uma “capacitação e formação em território, no próprio terreno, nas próprias emissoras, de suas associadas”⁷⁵, como conta Hugo Ramírez⁷⁶ (informação verbal), atual coordenador-geral da Associação. Em um desses cursos, realizado ao longo de um mês inteiro do ano de 1983, em Puno, no Peru, em que Ramírez participou, formando-se para exercer diversas tarefas da produção radiofônica. Na sólida equipe de capacitadores da ALER daquela época, constam nomes como o José Ignacio López Vigil – que posteriormente publicou o célebre *Manual Urgente para Radialistas Apaixonados*, de 1994 –, como conta Ramírez.

À margem do Lago Titicaca, a quase 4.500 metros de altura sobre o nível do mar, nos reunimos em 30 comunicadores. Eu era o pequenino desse grupo, junto com outro companheiro de Lima, que não entendíamos nada do que estavam falando, mas já aí eu estava me metendo neste mundo da comunicação, com um comunicador estrela que trabalhava para a ALER, que era José Ignacio López Vigil, que havia deixado de trabalhar na República Dominicana, que havia feito uma boa experiência ali, onde também estava uma sócia da ALER, e veio trabalhar aqui no Equador e formar uma equipe estupenda de formadores, que foi uma das épocas muito interessantes na ALER, porque era de por as bases para todo um trabalho posterior, para todo o movimento de rádios populares na América Latina. Ou seja, formar os futuros comunicadores populares da América Latina e do Caribe.⁷⁷

⁷⁵ No original em espanhol: “Capacitación y formación en territorio, en el propio terreno, en las propias emisoras, de sus asociadas”.

⁷⁶ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

⁷⁷ No original em espanhol: “Al borde del Lago Titicaca, a casi 4.500 metros de altura sobre el nivel del mar, nos reunimos, como, 30 comunicadores. Yo era el pequeñito de este grupo, junto con otro compañero de Lima que no entendíamos ni un carajo de lo que estaban ahí hablando, pero ya ahí yo me metiendo en este mundo de la

De acordo com Ramírez, esse processo de formação realizado pela rede de rádios durou até meados dos anos 1990, “quando decidem aqui na ALER dar força às coordenadoras nacionais de rádio, que as coordenadoras sejam de fato os pontos que comecem a formação e a ALER seja a instância continental que apoia as coordenadoras”. Contudo, houve um ponto negativo dessa decisão, segundo a avaliação do atual coordenador-geral da Associação, que seria a perda da “conexão mais direta que as sócias tinham com a ALER concretamente”⁷⁸ (informação verbal).

Outro marco da segunda fase da ALER é que, além de avançar na proposta de formação de comunicadores populares, a Associação põe força na produção de material jornalístico próprio, com o *Alerta*, uma produção impressa, e, posteriormente, o *Informativo Tercer Mundo*, distribuído por meio de fitas cassete enviadas por correio. Surgido inicialmente no Chile, pela agência Chasqui-Huasi, posteriormente produzido na sede da ALER, em Quito (Equador), o noticiário em áudio reunia notícias da Inter Press Service (IPS), uma agência internacional com linha editorial voltada às problemáticas do sul global.

Apesar de que frequentemente passavam entre três e quatro semanas entre o momento quando ocorria a notícia e o momento quando finalmente a gravação ia ao ar, o *Informativo Tercer Mundo* foi uma mudança "refrescante" frente às notícias internacionais da maioria das emissoras. Normalmente os noticiários consistiam na leitura de notícias dos periódicos que chegavam da capital (com muitos dias de atraso) ou pela retransmissão de notícias dos serviços de onda curta da Europa e dos Estados Unidos.⁷⁹ (GIRARD, 2004, tradução nossa)

comunicación, con un comunicador estrella que trabajaba para ALER que era José Ignacio López Vigil, que había dejado de trabajar en República Dominicana, que había hecho una muy buena experiencia ahí, que también estaba una socia de ALER, y vino a trabajar acá en Ecuador y formar un equipo estupendo de formadores, que fue una de las épocas muy interesantes en ALER, porque era de poner las bases para todo un trabajo posterior para todo el movimiento de las radios populares en América Latina. O sea, formar a los futuros comunicadores populares de América Latina y el Caribe”.

⁷⁸ No original em espanhol: “Cuando deciden más bien aquí en ALER darle fuerza a las coordinadoras nacionales de radio, que las coordinadoras sean más bien los puntos que empiezan a formar y más bien ALER como instancia continental apoya las coordinadoras”; e “conexión más directa de las socias que se tenía con ALER concretamente”.

⁷⁹ No original em espanhol: “A pesar de que a menudo pasaran entre tres a cuatro semanas entre el momento cuando ocurrió la noticia y el momento cuando finalmente la grabación saliera al aire, el *Informativo Tercer Mundo* fue un cambio "refrescante" frente a las noticias internacionales de la mayoría de las emisoras. Normalmente los noticieros consistían en la lectura de noticias de los periódicos que llegaban desde la capital (con muchos días de atraso) o por la retransmisión de noticias de los servicios de onda corta de Europa y los Estados Unidos”.

O *Informativo Tercer Mundo* foi também uma forma de a ALER se aproximar de novas emissoras de rádio, já com o caráter de produção jornalística, como relata o atual coordenador-geral da Associação, Hugo Ramírez⁸⁰, que por volta dos anos 1980 e 1990 atuava na rádio Ama Quella, na cidade peruana de Arequipa.

Chegava até nós, até a rádio, umas fitas cassete que se chamavam *Informativo Tercer Mundo*. Esse *Informativo Tercer Mundo* com notícias de toda a América Latina era uma novidade, porque era muito difícil obter informação naquela época, digamos, de caráter internacional, sobretudo informação que refletisse o outro lado da medalha, o outro lado da moeda, com os protagonistas que não necessariamente eram os que a grande imprensa costumava nos dar de maneira permanente. Então, esse boletim, esse *Informativo Tercer Mundo* chegava a cada 15 dias ou o tanto que demorasse o correio. É por aí onde eu fico sabendo, como nós todos ficamos sabendo, de todo o trabalho da ALER.⁸¹ (informação verbal)

Paralelo ao envio do informativo, começava a formar-se na Associação a Rede de Correspondentes, da qual Ramírez também fez parte, a partir de sua atuação no Peru, por volta do anos 1980, como ele recorda: “Eu comecei a fazer parte do que é a Rede de Correspondentes de ALER, da linha informativa, que já começou a se cimentar de fato, e é uma das redes com maior trajetória e com maior permanência ao longo do tempo, que tem essa rede aqui na ALER”⁸² (informação verbal).

Esses foram os passos iniciais do que seria uma atuação central da ALER nas décadas seguintes, a chamada rede satelital de rádios, a Alred, e uma série de outras produções construídas em cooperação com as emissoras associadas, entre redes temáticas e produtos informativos, como o *Contacto Sur*, o *Voces sobre la Mesa*, o *Voces de la Panamazonía*, entre outros; e também a partir da utilização de outras tecnologias, como a internet.

⁸⁰ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

⁸¹ No original em espanhol: “Nos llegaba ahí hasta la radio unos casetes que se llamaban Informativo Tercer Mundo. Este Informativo Tercer Mundo con noticias de toda Latinoamérica era una novedad porque era muy difícil obtener información de aquel entonces, digamos, de carácter internacional, sobretudo información que reflejara el otro lado de la medalla, el otro lado de la moneda, con los protagonistas que no necesariamente eran los que la gran prensa nos solía dar de manera permanente. Entonces ese boletín, ese Informativo del Tercer Mundo nos llegaba a cada 15 días o lo que demoraba el correo, no. Es por ahí donde yo me entero, como nos enteramos todos, de todo el trabajo de ALER.”

⁸² No original em espanhol: “Yo empecé a formar parte de lo que es la Red de Corresponsales de ALER, de la línea informativa, que ya empezó a cimentar de hecho, y es una de las redes con mayor trayectoria y con mayor permanencia en el tiempo que tiene esta red aquí en ALER”.

2.3. Terceira Fase: Redes informativas e novas tecnologias (1992-2001)

No compasso de expansão da formação, da produção noticiosa e da articulação de novas rádios, a ALER entra em sua terceira geração, que vai de 1992 a 2001, com cerca de 80 emissoras associadas, em um momento em que se fazia necessário avançar no nível de desenvolvimento tecnológico e, também, de balanço interno dessa articulação e das rádios dela participantes. Esse é o período em que o fortalecimento do trabalho articulado ocorre, com a criação de uma rede de correspondentes e também de uma formada pelos indígenas kichwas (do Equador) e quechuas (da Bolívia e do Peru), além da implementação de um sistema satelital, a América Latina em Rede (Alred), ou como definiram: “a rede das redes”, que viria a potencializar o trabalho das rádios populares.

Antes de entrar nos debates realizados pela ALER nesse período, retoma-se brevemente o contexto que marca essa fase, que, segundo levanta a própria Associação, era o de fortalecimento das democracias formais – após um período de ditaduras e de redemocratização nos países latino-americanos –, ao mesmo tempo em que se fortalece o projeto neoliberal. Na avaliação de Hugo Ramírez⁸³, coordenador-geral da ALER desde 2016, mas atuante na entidade desde as suas primeiras fases, a década de 1990 foi muito dura para os setores populares, por um lado com as políticas econômicas neoliberais de aprofundamento da pobreza e, por outro, a agudização dos conflitos sociais, o que puxou a Associação para que ela tivesse uma atuação precisa e combativa.

Os anos 90 foram os tempos, como dizemos, da longa noite escura do neoliberalismo, da imposição dos “pacotaços”, as políticas econômicas dos governos que chegaram em distintos países, em quase toda a América Latina, enfim, com tudo o que significou o aprofundamento da pobreza como consequência precisamente dessas políticas econômicas. Em alguns países com fortes conflitos sociais também. (...) Havíamos saído de uma etapa de ditadura, de finais dos 70, 80, para entrar nessa nova etapa (...). Então, aí a agenda também era bastante concisa e precisa, que íamos delimitando anualmente nas oficinas que tínhamos, marcando a linha do que tinha que ser feito, com o acompanhamento permanente que, a partir de Quito, também era feito por parte da Junta Diretiva e da Equipe de Imprensa. Todo um trabalho que desenvolvemos, na minha opinião, com muita firmeza e com clareza.⁸⁴ (informação verbal)

⁸³ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

⁸⁴ No original em espanhol: “Los años 90 fueron los tiempos ya, como decimos en la larga noche oscura del neoliberalismo, de la imposición de los paquetazos, las políticas económicas de los gobiernos que se

Também era a época em que toma forma com mais força a chamada “aldeia global” – de interconexão e redução de distâncias ao redor do mundo promovidas pelo avanço de novas tecnologias da informação e da comunicação –, bem como se acentua a concentração dos meios de comunicação (ALER, 2012a). Para alcançar seus objetivos, a ALER e suas dezenas de rádios associadas fizeram uso de ferramentas dessas novas tecnologias, por meio das quais a Associação “tem um serviço radiofônico de interconexão intercontinental, cujos suportes principais são o satélite e a internet”⁸⁵. A necessidade de troca de experiências e formação, além da produção de produtos e materiais radiofônicos em comum no interior da rede, levou com que, em 1997, fosse lançada a América Latina em Rede (Alred) Satelital, que também ganhou o nome de Sistema Intercontinental de Comunicação Radiofônica (SICR). Com seu início baseado na lógica satelital, a ALER também passou a fazer uso de plataformas da internet para seu funcionamento articulado. Nos anos iniciais da Alred, o cenário era:

Com uma audiência de mais de 12 milhões de ouvintes, tal serviço radiofônico de interconexão intercontinental permite a realização de programas e projetos conjuntos por intermédio da internet ou via satélite, contando com correspondentes em todas as pontas do continente. A SICR é considerada pela Aler como uma área institucional estratégica que pretende tornar-se um espaço de encontro das rádios educativas, populares, comunitárias e participativas de todo o continente para o fortalecimento político-social da região.

No momento, a SICR conta com oito estações terrestres que permite cobertura da América Central e América do Sul e parte da América do Norte, além de 187 receptores de satélites e outras 117 afiliadas. As que não dispõem de antena e receptor podem baixar parte da programação através de um servidor FTP da Aler e mediante sua página na web. (LUZ, 2011, p. 74)

A proposta de conexão via satélite surgiu na ALER como uma estratégia e uma metodologia de trabalho para compartilhar as produções radiofônicas das afiliadas, diante de um contexto em que muitas delas possuíam escassos recursos financeiros. Dessa maneira, o

imprimieron a distintos países, en casi toda Latinoamérica, en fin, con todo lo que significó la profundización de la pobreza como consecuencia precisamente de esas políticas económicas. En algunos países con fuertes conflictos sociales también. (...) Habíamos salido de una etapa de la dictadura, finales de 70, 80, para entrar en esa nueva etapa (...). Entonces que ahí también la agenda era bastante concisa y precisa, que lo delimitamos este anualmente en los talleres que teníamos marcando la línea de lo que se tenía que hacer, con el seguimiento permanente que, desde Quito, también se hacía por parte de la Junta Directiva y del Equipo de Imprensa. Todo un trabajo que lo desarrollamos me parece con mucha firmeza, y con claridad.

⁸⁵ No original em espanhol: “Así, desde 1997, ALER tiene un servicio radiofónico de interconexión intercontinental, cuyos soportes principales son el satélite y la Internet”. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/node/1>. Acesso em: 18 set. 2019.

objetivo era fazer com que essa rede fosse um “espaço de encontro das rádios educativas, populares, comunitárias e participativas” da América Latina e do Caribe, para que tivessem incidência política no continente e no mundo. Também para “construir em conjunto um novo sentido para uma nova rádio e, a partir daí, começar a empurrar uma nova utopia, projeto político ou modelo de sociedade, como queiramos chamar”⁸⁶ (ALER, 2012a, p. 4-5, tradução nossa).

Com os avanços tecnológicos da década de 1990, novos modelos de produção, emissão e recepção de áudio surgiram. Com a transição para o satélite e, posteriormente, de forma gradual e concomitante, para a rede mundial de computadores, outras características vão se somando ao universo radiofônico popular, não somente em termos técnicos e enquanto processos de organização da produção, de articulação e formativos, mas mais além, de constituição de práticas desse fazer comunicacional.

Em meio ao salto tecnológico que veio com a utilização do satélite, acontece a consolidação da Rede de Correspondentes, formada para a produção de conteúdos jornalísticos nacionais e internacionais, a qual já vinha se desenvolvendo na ALER em anos anteriores. Se, no princípio dessa rede, os boletins e informes eram transmitidos via telefone – na substituição das fitas cassetes enviadas por correio –, com uma equipe de jornalismo em funcionamento em Quito (Equador), sede da Associação, a ainda incipiente internet e o satélite passaram a ser utilizados, dando uma nova dinâmica à produção noticiosa entre as emissoras, como relata Hugo Ramírez⁸⁷, atual coordenador-geral da ALER e que acompanha a equipe de jornalismo e de correspondentes desde aquela época.

Eu me lembro também que era uma coisa complicada, trabalhosa, porque podia, segundo um cronograma, fazer um informe de dois minutos e ele ser colocado na internet, mas como era uma lentidão tal que passavam os dados via telefone e tudo isso, que podia demorar até dias ou três horas. Assim que eu começava a enviar meu despacho às oito da noite, e podia terminar doze ou uma da madrugada, se tivesse sorte, porque, de repente, às dez da noite, que já estava em 90%, caía [a internet] e tinha que começar de novo a enviar essa informação. Então eram esses tempos bem interessantes também de trabalho.⁸⁸ (informação verbal)

⁸⁶ No original em espanhol: “espacio de encuentro de las radios educativas, populares, comunitarias y participativas”; “construir en conjunto un nuevo sentido para una nueva radio y desde allí empezar a empujar una nueva utopía, proyecto político o modelo de sociedad, como queramos llamarle”.

⁸⁷ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

⁸⁸ No original em espanhol: “Yo me acuerdo también que era una cosa novedosa, pero trabajosa, porque podía según un cronograma hacer un informe de dos minutos y lo ponía en internet, pero como era una lentitud tal que

A dinâmica de funcionamento em rede ganha corpo com a tecnologia satelital, a partir dos anos 1990, contudo, Ramírez aponta também os percalços de utilização dessa tecnologia, tendo como destaque o alto custo para sua utilização.

Se tinha uma rede interessante de comunicadores populares que haviam conseguido desenvolver todo um trabalho jornalístico em rede, em toda a América Latina, em que podemos ter uma maior capacidade de incidência e aproveitamos das tecnologias para que isso acontecesse, é então quando sai todo o sistema de rede. A primeira rede que é a implementação do sistema satelital, uma experiência de comunicação popular, uma organização como a ALER que se atreve precisamente a dizer: “Montemos toda uma plataforma satelital com que se possa levantar o sinal desde diversos pontos, pelo menos quatro pontos da América Latina, para todas as suas sócias para que recebam em suas próprias plantas satelitais”. O atrevimento foi enorme ao que se visualizou concretizar essa proposta, esse projeto, ainda que os resultados não foram os que inicialmente se quis, sobretudo pelos custos, por isso de não se ter o conhecimento próprio da tecnologia, enfim, uma série de coisas que não tiveram seu correlato, ou seja, teve um efeito ao seu momento, mas que não teve sua validação no tempo, sua permanência no tempo. Mas foi um dos projetos muito importantes que a ALER também teve, já nos anos 90.⁸⁹ (informação verbal)

A formação de redes propiciada pela tecnologia satelital surtiu um grande impacto entre as associadas. Ainda que já em desenvolvimento, não foi a Rede de Correspondentes – com caráter de produção jornalística de temas gerais – a pioneira na utilização dessa nova tecnologia, mas sim a Rede Kiechwa Satelital (RKS)⁹⁰, que já em 1997 levou ao ar a sua programação, como relata Ramírez.

pasaba unos datos vía teléfono y todo eso, podía demorar hasta dos o tres horas. Así que yo empezaba a hacer mi despacho, y yo me acuerdo muchas veces, a las 8 de la noche, podría estar acabando doce o una de la madrugada, en cuanto tuviera suerte, porque de repente a las diez que ya estaba 90% se caía y tenía que volver a empezar a enviar esa información. Entonces eran esos tiempos bien interesantes también de trabajo”.

⁸⁹ No original em espanhol: “Si tenía una red interesante de comunicadores populares que habían logrado desarrollar todo un trabajo periodístico en red a lo largo y lo ancho de América Latina, hoy podemos tener una mayor capacidad de incidencia y aprovechemos de las tecnologías para que eso se suceda, es entonces cuando sale todo el sistema de red. La primera red que es la implementación del sistema satelital, una experiencia de comunicación popular, una organización como ALER que se atreve precisamente a decir: “Montemos toda una plataforma satelital con que permita levantar señal desde diversos puntos, por lo menos cuatro puntos de Latinoamérica, para todas sus socias que reciban en sus propias plantas satelitales”. El atrevimiento fue enorme que se miró concretar esa propuesta, ese proyecto, aunque los resultados no fueron los que inicialmente se hubiera querido, sobretudo por los costos, por esto no saber el conocimiento propio de la propia tecnología, en fin, una serie de cosas que no tuvieron su correlato, o sea, tuvo su efecto en su momento, pero que no tuvo su validación en el tiempo, su permanencia en su tiempo. Pero fue uno de los proyectos muy importantes que tuvo también ALER, ya en los años 90.”

⁹⁰ Mais informações e programas produzidos pela rede estão disponíveis na página web da ALER. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/rks>. Acesso em: 20 fev. 2020.

Os anos 90 foram a etapa de maior uso efetivamente do satélite. Acho que uma coisa bem interessante de ressaltar foi o trabalho também das outras redes. E uma das primeiras que se atreveu a subir ao satélite seus programas e produzir ao vivo utilizando seu satélite não foi necessariamente a rede informativa, foi a Rede Kiechwa Satelital. Ou seja, os quechuas peruanos e bolivianos, e os kichwas equatorianos. (...) Aí, como sempre, os mais organizados, os que tinham muito mais potência eram os bolivianos, sempre os bolivianos, nesse sentido, tiveram uma enorme presença aí, foram muito disciplinados, tudo era transmitido ao vivo, era muito interessante, realmente. Todo esse trabalho que era feito, copiaram depois os peruanos, os equatorianos, que através das coordenadoras nacionais também transmitiam os programas.⁹¹ (informação verbal)

O nome da rede, a palavra Kiechwa, é a junção entre kichwas, presentes no Equador, e quechuas, que se fincam na Bolívia e no Peru, o que, segundo apresenta a ALER, é uma solução linguística de identificação desses povos à rede⁹². Além de dezenas de comunicadores pela região, três associações compõem essa rede: a Coordenadora Nacional de Rádios (CNR) do Peru, a Educação Radiofônica da Bolívia (Erbol) e a Coordenadora de Meios Comunitários Populares e Educativos do Equador (CORAPE).

Com a vocação de valorizar a cultura dos povos originários e articular os movimentos indígenas do continente, a RKS tem como missão contribuir, por meio da comunicação, “à recuperação de seus valores culturais e à superação de sua situação de pobreza e exclusão social e política. Tudo isso na perspectiva de construir uma sociedade justa, solidária, equitativa, democrática e com desenvolvimento sustentável”⁹³. A atual programação da rede, apresentada no site da ALER, conta com um noticiário diário de 15 minutos (de segunda a sexta-feira), chamado *Qori K`entik Puriynin*; um programa de análise semanal de 30 minutos

⁹¹ No original em espanhol: “Los 90 fueron la etapa de mayor uso efectivamente del satélite. Creo que una cosa bien interesante de resaltar que ha sido el trabajo también de las otras redes. Y una de las primeras que se atrevió a subir al satélite sus programas y producir en vivo y en directo sus programas utilizando su satélite no fue necesariamente la red informativa, fue la Red Kiechwa Satelital. O sea, los quechuas peruanos y bolivianos, y los kichwas ecuatorianos. (...) Ahí como siempre los más organizados, los que tenían mucho mayor potencia eran los bolivianos, siempre los bolivianos en ese sentido han tenido una enorme presencia ahí, han sido muy disciplinados, todo se emitía en vivo, era muy interesante, realmente. Todo ese trabajo que hacían copiaron de eso los peruanos, los ecuatorianos, que a través de las coordinadoras nacionales también transmitían los programas.”

⁹² Apresentação da Rede Kiechwa Satelital no site da ALER. Disponível em: <https://aler.org/rks>. Acesso em: 5 jan. 2020.

⁹³ *Ibidem*. No original em espanhol: “a la recuperación de sus valores culturales y a la superación de su situación de pobreza y exclusión social y política. Todo ello en la perspectiva de construir una sociedad justa, solidaria, equitativa, democrática y con desarrollo sostenible”.

(sexta-feira), o *Hatun Llaqta Mishki Simi*; e um programa analítico mensal de uma hora (última quinta-feira do mês), o *Kausayta Rikuchispa*.

Ainda que com o crescimento propiciado pelas novas tecnologias, havia pontos de crise no interior da ALER durante essa terceira fase (1992-2001), o que fez com que a Associação desenvolvesse um estudo pormenorizado sobre qual era o funcionamento, quais os dilemas e os problemas, e quais seriam os desafios e o futuro dessa rede de rádios e das emissoras populares do continente. Entendendo as crises como momentos propícios para se desenvolver uma reflexão crítica e caminhar adiante, como já tinha ocorrido em outros momentos da articulação, desenvolveu-se um processo que culminou com a publicação do livro *La Radio Popular frente al Nuevo Siglo: Estudio de Vigencia e Incidencia* (2001), dos capacitadores da ALER Andrés Geerts, com a tarefa de redação e edição final do documento, e Víctor van Oeyen, responsável pela coordenação da pesquisa. Como momento anterior à publicação e que contribuiu para a síntese dessa obra, foi realizado o “Seminário Internacional Vigência e Incidência do Rádio Popular 2000 - Realidade e Perspectivas”, em Quito, Equador, em maio de 2000; seguido pela XI Assembleia Geral da ALER, que tirou estratégias e linhas de trabalho com base no que foi discutido na atividade anterior.

A pesquisa apresentada no livro reuniu levantamentos, relatos, práticas e visitas feitas nas rádios populares – e também as autodenominadas comunitárias –, os centros de produção de conteúdo, as coordenadoras nacionais e continentais, além de pesquisadores de doze países da América Latina. O Brasil não foi incluído na amostra, sob a justificativa da dificuldade para elaborar instrumentos de análise e de se realizar os informes na língua portuguesa, além da dimensão continental do país, seja em extensão ou em diversidade regional e cultural (Geerts; Oeyen, 2001, p. 21).

Assim, três grupos de países foram definidos: aqueles com maior desenvolvimento de rádios populares e de coordenações nacionais (Bolívia, Equador, El Salvador, República Dominicana e Venezuela); os com presença de rádios populares em desenvolvimento e formas incipientes de coordenações nacionais (Argentina, Colômbia, Guatemala e Paraguai, ficando de fora Brasil e Costa Rica); e o terceiro grupo com uma presença pequena de rádios populares e sem articulações nacionais (Chile e México, mas sem recursos para abarcar Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá e Uruguai). Os representantes das emissoras, dos centros de produção e das articulações entrevistados no estudo partiram de um universo em que 500 experiências foram listadas, não só da ALER, mas também de outros espaços que tinham

relação com a Organização Católica Latino-Americana e Caribenha de Comunicação (OCLACC) e com a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC).

A seleção foi refinada para pouco mais de 70 experiências, que responderam a um questionário e, em parte delas, foram realizadas visitas de campo. As análises se alinharam em torno da incidência político-institucional, de gestão e do uso de novas tecnologias. Com a primeira versão do relatório elaborada, o seminário internacional foi realizado em Quito, em 2000, quando os resultados foram debatidos e analisados, com a participação de 115 pessoas de 75 emissoras, mais representantes de organizações internacionais e não governamentais. Na sequência, a Assembleia Geral da ALER definiu metas e ações para o próximo período. Ambas as discussões também estão presentes no livro de 2001.

Como um primeiro desafio, foi reavaliado o uso do termo rádio popular como a identidade da ALER, para demarcar seu alinhamento político-ideológico. Ainda que muitas rádios se identificassem como populares, outras emissoras ou associações fizeram a escolha de definir seu projeto comunicacional como comunitário, alternativo, cidadão, participativo ou educativo. Ao diferenciar histórica e conceitualmente essas experiências, a ALER (GEERTS; OEYEN, 2001) reafirmou seu entendimento do que é o rádio popular:

Tomando como ponto de partida que os processos de comunicação se desenvolvem dentro de um determinado contexto social, e que este contexto, para os setores populares, se caracteriza por fortes injustiças e desigualdades, o rádio popular é fundamentalmente um projeto de comunicação dentro de um projeto de transformação política.⁹⁴ (p. 32, tradução nossa)

Ainda no resgate histórico da origem do termo, duas vertentes são apontadas, uma que deriva dos processos educativos promovidos por setores da Igreja Católica, e outra de um universo sindical dos trabalhadores bolivianos da mineração, com suas rádios mineiras, ambas por volta dos anos 1950 e 1960. Comprometidas com ideais de justiça e paz, a primeira bebe na fonte da Teologia da Libertação e da educação libertadora de Paulo Freire, e a segunda de premissas socialistas. “O encontro entre ambas vertentes se dá até o final dos anos 70 e começo dos 80, quando, de fato, tem origem o termo ‘Rádio Popular’”⁹⁵, rememora a ALER;

⁹⁴ No original em espanhol: “Tomando como punto de partida que los procesos de comunicación se desarrollan dentro de un determinado contexto social, y que este contexto para los sectores populares se caracteriza por fuertes injusticias y desigualdades, la radio popular es fundamentalmente un proyecto de comunicación dentro de un proyecto de cambio político”.

⁹⁵ Ibidem, p. 34, tradução nossa. No original em espanhol: “El encuentro entre ambas vertientes se da hacia fines de los años 70 y principios de los 80, cuando de hecho se acuña el término ‘Radio Popular’”.

e complementa que, de sua origem educativa, a Associação assume, menos de uma década mais tarde, o termo popular para identificar-se.

Como evocava Mario Kaplún (2002), a comunicação popular é oriunda da educação popular, com forte participação de todos os envolvidos no processo comunicativo em comunhão e em diálogo. E assim também o vê a ALER, que em meados dos anos 1980, utilizava as seguintes características para demarcar o que seria o rádio popular: conteúdos que têm como base os interesses do povo e que apontem para o seu desenvolvimento; conteúdos com linguagem popular, que priorizem a narratividade, coloquialidade, humor e liberdade de construção (como ensinavam suas cartilhas); e comunicadores e produtores que representem a identidade popular e garantam a participação do povo na construção da emissora. Na continuidade desse entendimento, se somam ainda, a massividade e a popularidade que devem estar presentes no horizonte dessas rádios, além do protagonismo do povo em sua condução, a identificação com os interesses e o fortalecimento de práticas culturais, produtivas, políticas e sociais dos setores populares. (GEERTS; OEYEN, 2001, p. 33-34, tradução nossa).

Os questionamentos vindos nos anos 1990 sobre o que se queria dizer com o popular, a Associação o explica apontando que se trata das maiorias, em que estão a classe trabalhadora, os camponeses e os marginalizados, mas também identificações que vêm pela exclusão de direitos sociais, econômicos e políticos, em função de gênero, etnia, localização geográfica, no sistema produtivo ou na distribuição de riqueza; os que são alvos de discriminação e desigualdade. Essa reflexão, que foi rememorada ao longo das discussões desse período, está presente no livro *Un Nuevo Horizonte Teórico para la Radio Popular en América Latina* (Quito, 1996) – que foi um marco da ALER.

Buscando analisar uma série de eixos dentro do que constitui o cenário de rádios populares e comunitárias na região, a sistematização de 2001 mostrou que há uma grande diversidade de experiências no que tange missão, objetivos, estratégia, divulgação e participação nessas emissoras, bem como qual o nível de inserção e articulação com outros atores sociais. Um elemento que chama a atenção é que, ainda que muitos veículos tenham mudado seu perfil de atuação, fruto do contexto político e social de seus países, o eixo de pensar formas de participação ainda se faz presente. Porém, já fruto de mudanças culturais a partir da popularização de certas tecnologias, grande parte do fluxo de participação se dá por meio do uso de telefone, e não mais com os comunicadores indo até os ouvintes ou estes indo até as emissoras. O fato de não se sair do estúdio e ir até a rua, é lido de forma negativa no

interior da ALER, pois existe a falta do contato humano e próximo entre comunicador e realidade; mas ainda assim aponta-se que é garantida uma pluralidade da participação por meio da via telefônica.

Nas rádios populares seguem soando muitas vozes. Possivelmente mais vozes que antes e em novas modalidades, por exemplo os programas interativos por telefone. Além disso, soam novas vozes: as vozes de muitos novos atores sociais, mas também vozes que antes dificilmente se escutavam em uma rádio popular. No geral, as rádios populares se fizeram mais plurais e menos sectárias.

Mas a tônica geral em todos os países, sem exceção, é que a rádio saia muito menos de casa. As portas da rádio estão abertas, as pessoas ainda visitam a rádio e falam direto dos estúdios. Mas não é mais o mesmo.⁹⁶ (GEERTS; OEYEN, 2001, p. 77, tradução nossa)

A interação com a rádio passou a depender muito mais da iniciativa de alguns ouvintes ou condutores de buscar criar essa ponte, essa relação, do que como uma cultura de funcionamento cotidiano. Para muitas rádios regionais, de grandes cidades e massivas (de maior alcance de público), estar concretamente em distintos locais e em contato presencial é apontado como uma tarefa mais árdua e rara de ser concretizada, muitas vezes sob uma justificativa financeira, de falta de recursos.

No entanto, uma iniciativa interessante de buscar trazer a comunidade para a interação com a rádio foi demonstrada por experiências argentinas, como a Rádio Aire Libre, da cidade de Rosário, e a La Tribu FM, de Buenos Aires⁹⁷. Em emissoras desse tipo, a sede ou espaço próprio da emissora foi ampliado para se tornar um centro comunitário, com biblioteca, espaços educativos e culturais, entre outros.

Na Argentina, várias das rádios comunitárias urbanas (La Tribu, Aire Libre, La Ranchada, Sur, Latinoamericana) converteram o seu local em um espaço cultural e de encontro. O espaço físico da rádio se transformou em auditório, biblioteca popular, lugar de exposições, bar-refeitório, espaço de capacitação, pátio de encontro para os vizinhos e os atores sociais em suas múltiplas atividades comunitárias... Algumas rádios até se redefiniram como

⁹⁶ No original em espanhol: “En las radios populares siguen sonando muchas voces. Posiblemente más voces que antes y en nuevas modalidades, por ejemplo los programas interactivos por teléfono. Además suenan nuevas voces: las voces de muchos nuevos actores sociales, pero también voces que antes dificilmente se oían en una radio popular. En general, las radios populares se han hecho más plurales y menos sectarias.

Pero, la tónica general en todos los países sin excepción, es que la radio sale mucho menos de casa. Las puertas de la radio están abiertas, la gente todavía visita la radio y habla desde los estudios. Pero no es lo mismo”.

⁹⁷ Mais informações nas páginas oficiais dessas emissoras: Rádio Aire Libre - <https://airelibre.org.ar/>, e La Tribu FM - <https://fmlatribu.com/radio/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

'Espaços Culturais' que também fazem rádio. Na realidade, a casa da rádio se converteu na 'Casa do Povo' da tradição que os velhos sindicatos e partidos socialistas importaram da Europa. De tempos em tempos, estas rádios levam seus microfones para a rua e fazem suas festas e bailes multitudinários.⁹⁸ (GEERTS; OEYEN, 2001, p. 80, tradução nossa)

Se por um lado há iniciativas por parte de algumas rádios de envolver a comunidade pela presença em seu espaço físico, de maneira geral as emissoras latino-americanas e caribenhas viam na produção informativa um dos eixos estratégicos de sua atuação. No que tange o aspecto informativo e de produção noticiosa na programação, foi levantado que, nos anos 1990 e início dos anos 2000, os principais temas de interesse eram aqueles relativos às mulheres, ao meio ambiente, à democracia e à participação cidadã. Na sequência, estariam os temas de desenvolvimento local e produção, direitos humanos e cultura própria.

Para estimular e dar um suporte à produção informativa em diversos países, as coordenações e redes nacionais de rádio estimularam o trabalho noticioso e também criaram redes de troca de conteúdo ou mesmo passaram a produzir esse tipo de materiais para veiculação, por meio de centros de produção de conteúdo. Um elemento que contribuiu no alcance de novos públicos e na competitividade das emissoras – sejam elas as AMs e FMs locais ou grandes cadeias de informação nacional e internacional – foi a formação de redes: “Cada vez mais as rádios estão caindo a ficha que não há futuro, não há sobrevivência, se não começam a trabalhar como redes nos diferentes âmbitos do fazer radiofônico: o informativo, a tecnologia, a publicidade, etc”⁹⁹.

Quanto às novas tecnologias, o estudo em questão tratou apenas de três elementos: o uso do computador, o uso da internet e o uso do satélite. No período investigado, entre as 71 experiências que responderam a essa questão do questionário (60 emissoras, 5 associações nacionais e 2 internacionais, além de 4 centros de produção), se chegou à conclusão de que não era uniforme o uso de novas tecnologias. A dificuldade financeira fazia com que as

⁹⁸ No original em espanhol: “En Argentina, varias de las radios comunitarias urbanas (La Tribu, Aire Libre, La Ranchada, Sur, Latinoamericana) han convertido su local en un espacio cultural y de encuentro. El espacio físico de la radio se ha transformado en auditorio, biblioteca popular, lugar de exposiciones, bar-comedor, espacio de capacitación, patio de encuentro para los vecinos y los actores sociales para sus múltiples actividades comunitarias... Algunas radios hasta se redefinieron como 'Espacios Culturales' que también hacen radio. En realidad, la casa de la radio se convirtió en la 'Casa del Pueblo' en la tradición que los viejos sindicatos y partidos socialistas importaron desde Europa. A cada rato estas radios sacan sus micrófonos a la calle y hasta la cierran para sus fiestas y bailes multitudinarios”.

⁹⁹ Ibidem, p. 111, tradução nossa. No original em espanhol: “Cada vez más las radios están cayendo en la cuenta que no hay futuro, no hay supervivencia, si no comienzan a trabajar como redes en los diferentes ámbitos del quehacer radiofónico: lo informativo, la tecnología, la publicidad, etc”.

experiências menores tivessem baixo uso de tecnologia de maneira geral. Alguns dados obtidos no período demonstraram que estava na casa dos 70% tanto o uso de correio eletrônico quanto o acesso à internet; já a utilização de programas eletrônicos para edição de áudio era de 65%; a automatização da programação nas emissoras alcançava 42% das rádios participantes do levantamento; a conexão por satélite chegava a 54% das experiências, sendo que todas as associações nacionais e continentais e um centro de produção recebiam sinais de satélite mediante um módulo de recepção (antena parabólica e receptor). Sobre o uso da internet, o questionário, que foi aplicado em 2000 e sistematizado em 2001, aponta que 30% das instituições tinham um site, sendo que nenhuma delas estava na Colômbia, em El Salvador, no Peru ou na Venezuela; e o único país em que a maioria das experiências tinham uma página na internet era o México (três de quatro entrevistadas).

O ano de 1997 foi um marco para os avanços tecnológicos nas emissoras populares e comunitárias da América Latina, já que eram incipientes em períodos anteriores, mas havia muito por avançar. Naquele ano, a ALER havia lançado o seu sistema satelital de transmissão, o América Latina em Rede (Alred), e um total de 32 instituições estavam conectadas – dentro de um universo de cerca de 70 pesquisadas entre os anos de 2000 e 2001. A rede satelital facilitou o intercâmbio entre as regiões e o uso de informativos externos à programação local; e também “para muitas rádios, uma das grandes vantagens do satélite – e das novas tecnologias no geral – é o prestígio. A antena parabólica é exibida como um troféu. A dimensão latino-americana forma parte da nova imagem da rádio”¹⁰⁰ (GEERTS; OEYEN, 2001, p. 153, tradução nossa). As novas tecnologias foram encaradas pelas rádios visitadas pelo estudo como tendo muito mais efeitos positivos que negativos para seu trabalho, mas isso depende do projeto próprio que tem cada emissora, para que acumule para sua missão e seus objetivos, e não seja meramente uma mudança técnica.

Assim, a terceira geração da ALER consolida o seu entendimento do rádio popular como ente ativo da sociedade para transformações populares em benefício das maiorias da América Latina, ao passo que inicia a implementação de novas tecnologias na sua dinâmica. Estes dois elementos foram cruciais para o desenvolvimento de redes informativas nacionais e internacionais. Em um contexto de avanço cada vez mais acelerado de inovações tecnológicas, e também de fluxo migratório – seja no já percorrido do campo até a cidade ou

¹⁰⁰ No original em espanhol: “para muchas radios una de las grandes ventajas del satélite -y de las nuevas tecnologías en general- es el prestigio. La antena parabólica se exhibe como un trofeo. La dimensión latinoamericana forma parte de la nueva imagen de la radio”.

entre os países –, a permanência da esfera local (base fundante e identitária das rádios populares e comunitárias latino-americanas) foi vista não em um patamar de ilhar-se, mas de articular-se entre distintos atores sociais e de forma nacional e continental, dentro disso, “este é um dos desafios mais atuais que está em jogo a vigência das rádios populares”¹⁰¹ (GEERTS; OEYEN, 2001, p. 184, tradução nossa).

2.4. Quarta Fase: Projetos Políticos Comunicativos (2001-2011)

O ponto de virada da ALER da terceira para a sua quarta geração ocorreu no ano de 2001, período entre a realização de sua XI Assembleia Geral e a publicação dos resultados da pesquisa Vigência e Incidência do Rádio Popular na América Latina. O que se segue entre aquele ano e o de 2011 é o desenrolar de um conjunto de discussões e apontamentos, e mesmo práticas e mudanças fruto do acúmulo realizado no período anterior. Já com cerca de 100 sócias e mil parceiras, a Associação se coloca na busca por presença, incidência e identidade no continente (ALER, 2012a).

O contexto da década é uma intensificação do neoliberalismo e da lógica de mercado, gerando ainda mais pobreza, exclusão e desigualdade. A crise econômica mundial de 2008, a partir de uma quebra no sistema financeiro e imobiliário estadunidense, provocou um agravamento das condições de vida da população pobre e dos setores médios em todo o mundo. Ao mesmo tempo, havia “fissuras na visão hegemônica” (ALER, 2008) e novas propostas e cenários políticos despontaram, em especial na América Latina. O início de novos ventos na região se deu ainda nos últimos anos do período anterior, com a interrupção de um ciclo conservador e a vitória de um governo de perfil socialista na Venezuela, com a chegada de Hugo Chávez à Presidência do país, em 1999. Nos anos 2000, se intensificou a onda de governos progressistas (caracterização ampla, mas que apresenta contradições internas), chegando a nações como Brasil, Argentina, Bolívia, Equador, Uruguai, Paraguai, Chile, Honduras, Nicarágua e El Salvador. “Pela primeira vez na história do continente, temos vários

¹⁰¹ No original em espanhol: “Este es uno de los desafíos más actuales en que se juega la vigencia de las radios populares”.

governantes eleitos democraticamente, surgidos das lutas populares. Começam a surgir discursos que haviam sido silenciados no continente”.¹⁰²

Nos anos seguintes, alguns desses governos foram derrubados por golpes de Estado, outros por derrotas eleitorais ou traições internas, ou ainda aqueles que tiveram que reformular sua atuação mais revolucionária em vista dos ataques de grandes potências (países ou capital) e devido ao quase isolamento político a que foram submetidos por novos poderes institucionais na região. Ainda que por mudanças na correlação de forças, entre conservadores e progressistas, o cenário de desigualdades, discriminações e guerras permanecia em nível regional e global, dentre outras questões, com graves reflexos no meio ambiente.

O projeto imperial quer nos impor um mundo unipolar, um modelo de acumulação que não é sustentável nem social, nem cultural, nem econômica e politicamente. Muito menos humanamente.

No entanto, vemos com otimismo que cresce a consciência dos povos em torno ao respeito aos Direitos Humanos, o cuidado do ambiente, a necessidade de respeitar a diversidade e a pluralidade cultural, étnica, racial, de gênero, de crenças religiosas, etc.¹⁰³ (ALER, 2008, tradução nossa)

Na leitura feita pela ALER desse período, cumpre um papel essencial os meios de comunicação. Nessa análise, os grandes veículos empresariais são tidos como um campo estratégico de ação das classes dominantes, que encontram neles o sustento e a expressão de seus modelos socioeconômicos. Por meio deles, são moldadas relações sociais e políticas, são criadas identidades individuais e coletivas, que promovem a competitividade, o individualismo, o pragmatismo, baixo uma linguagem e valores de mercado. A partir de um sistema monopolizado ou oligopolizado em suas diferentes expressões de concentração (de propriedade, da pauta publicitária, geograficamente ou do acesso e uso de novas tecnologias), impedem cada vez mais a liberdade de expressão e o acesso à informação, e, conseqüente, o direito à comunicação (formas negadas à classe trabalhadora há tempos). E “esta negação à livre expressão e ao acesso à informação não só é efeito, mas também uma das causas da

¹⁰² Ibidem. No original em espanhol: “Por primera vez en la historia del continente tenemos varios gobernantes electos democráticamente, surgidos de las luchas populares. Comienzan a surgir discursos que habían sido silenciados en el continente”.

¹⁰³ No original em espanhol: “El proyecto imperial quiere imponernos un mundo unipolar, un modelo de acumulación que no es sustentable ni social, ni cultural, ni económica y políticamente. Mucho menos, humanamente.

Sin embargo vemos con optimismo que crece la conciencia de los pueblos en torno al respeto a los Derechos Humanos, el cuidado del ambiente, la necesidad de respetar la diversidad y pluralidad cultural, étnica, racial, de género, de creencias religiosas, etc”.

pobreza estrutural e da exclusão que sofre a maioria da população”¹⁰⁴. Frente a projetos de mudanças, sejam eles populares ou por meio de governos, a análise feita pela ALER é a de que:

Os grandes meios de difusão se converteram na principal força política que tenta frear as transformações que se dão em nosso continente. São quem aglutinam a oposição aos governos que propõe uma redistribuição de riqueza e não se submetem ao projeto imperial.¹⁰⁵

Internamente, a ALER vivia um momento de reposicionar sua estratégia diante do Estado e de outros atores políticos, desde atuar em políticas públicas como participar em redes, alianças e plataformas amplas em diversos campos da sociedade (ALER, 2012a). Se a primeira formulação da Associação sobre seu papel social e político era chamada de Marco Doutrinário; nos anos 1990 se estabeleceu um Novo Horizonte Teórico; e, a partir dos 2000, a Associação passou à sua formulação de Projetos Políticos Comunicativos, para si e como um estímulo às associadas.

Pistas para o que veio a tomar forma nessa nova fase encontravam-se na geração anterior. Na sistematização sobre a vigência e a incidência do rádio popular no novo século, Geerts e Oeyen (2001), que sistematizaram e redigiram o estudo encomendado pela ALER e outras entidades, apresentaram que a relação das rádios populares com outros atores da sociedade civil se dava, até então, de uma forma utilitária, seja com apoio econômico a partir de publicidade ou cofinanciamento, ou seja com apoio político na luta pelas emissoras comunitárias por receberem concessões de funcionamento e se legalizarem (p.102). Se por um lado os laços das rádios com outros atores era fraco, por outro elas também não possuíam projetos próprios e claros para si e na relação com a sociedade (salvo algumas exceções); e quando o tinham, ou estavam desatualizados ou os haviam abandonado e já não era um direcionador de como se construía.

Uma primeira constatação é que são poucas as rádios que têm propostas claras em relação a um projeto de sociedade, compartilhado ou não com

¹⁰⁴ Ibidem. No original em espanhol: “esta negación a la libre expresión y acceso a la información no solo es efecto sino también una de las causas de la pobreza estructural y de la exclusión que sufre la mayoría de la población”.

¹⁰⁵ Ibidem. No original em espanhol: “Los grandes medios de difusión se han convertido en la principal fuerza política que intenta frenar los cambios que se dan en nuestro continente. Son quienes aglutinan la oposición a los gobiernos que proponen una redistribución de riqueza y no se someten al proyecto imperial”.

outros. Frente ao projeto hegemônico neoliberal que se apresenta com muita claridade, as rádios não parecem encontrar alternativas claras e coerentes em função das quais se define também seu projeto radiofônico. A claridade de antes se sustentava porque as rádios populares se moviam em uma corrente com opções mais definidas (os projetos de libertação de inspiração cristã e/ou socialista). Hoje, os setores populares e os atores sociais de transformações tampouco têm propostas claras e as rádios têm grande dificuldade de se vincular com esses atores para construir juntos alternativas, desde o âmbito em que se encontram. Hoje a rádio parece responder a situações mais imediatas.¹⁰⁶ (GEERTS; OEYEN, 2001, p.112, tradução nossa)

Essa pesquisa demonstrou também como isso se dava nas contradições do discurso das emissoras com as suas práticas informativas. Entre as perguntas feitas a elas, uma era sobre a leitura da realidade que era feita, no que na resposta da maioria delas surgiam questões de desemprego e desânimo da população frente aos problemas de primeira categoria. Mas quando se fazia o levantamento dos objetivos prioritários das rádios, poucas indicavam para a luta contra a pobreza e o desemprego, com vistas a elevar a consciência e trazer novo ânimo aos setores populares. Outro exemplo é quando se analisavam os principais conteúdos informativos da grade de programação, na maioria das emissoras também não eram mencionadas essas questões, aparecendo temas como “mulher, meio ambiente e democracia” como os primeiros, já “desenvolvimento (luta integral contra a pobreza)” vinha logo em seguida, mas não com a força do que parecia ser a leitura da realidade que as emissoras faziam. “Em outras palavras, não há sempre concordância entre a leitura que se faz da realidade e se tornar concreto nos projetos das rádios”¹⁰⁷.

Em um método que toma forma com a conformação de uma Equipe Latino-Americana de Formação (ELFO), na primeira metade dos anos 2000, é implementada uma visão de construir estratégias junto às sócias para definição de Projetos Políticos Comunicativos nas emissoras, ampliando a presença e o alcance das mesmas. A metodologia, descrita em 2004, parte de ir das experiências até os conceitos, e desses até as experiências, com a finalidade de

¹⁰⁶ No original em espanhol: “Una primera constatación es que son pocas las radios que tienen propuestas claras alrededor de un proyecto de sociedad, compartido o no con otros. Frente al proyecto hegemónico neoliberal que se presenta con mucha claridad, las radios no parecen encontrar alternativas claras y coherentes en función de las cuales se define también su proyecto radiofónico. La claridad de antes se sustentaba porque las radios populares se movían en una corriente con opciones más definidas (los proyectos de liberación de inspiración cristiana y/ o socialista). Hoy los sectores populares o los actores sociales de cambio tampoco tienen propuestas claras y las radios tienen gran dificultad de vincularse con estos actores para construir juntos alternativas, desde los ámbitos en que se encuentran. Hoy la radio parece responder a situaciones más inmediatas”.

¹⁰⁷ Ibidem, tradução nossa. No original em espanhol: “En otras palabras, no hay siempre concordancia entre la lectura que se hace de la realidad y la concreción en los proyectos de las radios”.

transformá-los, “mediante dinâmicas que envolvem, problematizam, ajudam a pesquisar, a fazer perguntas e buscar respostas que nos permitam chegar a uma aprendizagem inovadora”. Como informe final da Junta Diretiva e da equipe executiva, para a XII Assembleia Geral da ALER, de 2005, apontaram: “Vive-se outra época, a qual implica, além de ter outro olhar sobre o comunicacional, nos dotar de outra forma de nos organizarmos, de mudar nossos métodos de gestão, de nos relacionarmos com novos atores e de diferentes maneiras.”¹⁰⁸ (ALER, 2012a, p. 5-6, tradução nossa).

O quadro feito na época era de que a gestão da ALER entre 2005 e 2009 deu um grande salto na formação e na consolidação de coordenações nacionais, que fortaleceram o projeto continental da Associação, que era vista como um forte fator de criação de unidade e identidade latino-americanas. Contudo, como ponto crítico, era necessário fortalecer também o vínculo entre as rádios individualmente com a ALER e não só com as instâncias nacionais.

Esse momento também representou um modelo de transição entre uma Secretaria Executiva centralizada para dinâmicas mais participativas. Ou seja, o papel da Secretaria Executiva e da Junta Diretiva, visto pelas afiliadas, era o de animadoras, facilitadoras, dinamizadoras, de acompanhamento e promotoras de intercâmbios com o conjunto da Associação, seja do ponto de vista técnico ou mesmo político, e como um espaço de diálogo. As premissas para o futuro, nessa ótica, eram de a Associação ser mais universal, mais aberta, envolvida na inter-relação com o mundo. Tal abordagem desembocou em se ter um projeto mais claro ao qual se vincular e, também, no fortalecimento de redes de produção de conteúdos noticiosos e formativos, de fortalecimento de uma identidade comum.

No âmbito das redes temáticas no interior da ALER, se no período anterior se fortaleceram a Rede de Correspondentes e a Rede Kiechwa Satelital, a partir daí surgem novas experiências, como a Rede de Migração e a América Indígena em Rede, como relata Hugo Ramírez¹⁰⁹, atual coordenador-geral da Associação.

A Rede de Migração, pela forte migração que ocorreu em nossos países em direção aos países do Norte, sobretudo o que influenciou muito foi o tema equatoriano, cujos habitantes foram, uma boa porcentagem, para a Espanha;

¹⁰⁸ No original em espanhol: “Mediante dinámicas que involucran, problematizan, ayudan a investigar, a hacer preguntas y buscar respuestas que nos permitan llegar a un aprendizaje innovador”; “Se vive otra época, lo cual implica, además de tener otra mirada sobre lo comunicativo, dotarnos de otra forma de organizarnos, de cambiar nuestros métodos de gestión, de relacionarnos con nuevos actores y de distintas maneras...”

¹⁰⁹ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

ou na América do Sul e o sonho dos Estados Unidos. Então, essa foi também uma rede muito importante e foram feitos também muitos programas sobre o [tema em] particular e, desde então, esta rede de migração e comunicação permanece aqui na ALER. Depois, também no tema indígena tivemos, posterior à RKS (Rede Kiechwa Satelital), [a análise de] que o mundo indígena não se centra unicamente nos quechuas e nos kichwas, o mundo indígena vai além dos quechuas e dos kichwas, portanto tínhamos que gerar uma rede maior que agrupasse, que articulasse a tantos povos da Abya Yala. Então, foi criada também a América Indígena em Rede.¹¹⁰ (informação verbal)

Na sequência, foram se articulando outras redes temáticas, como a Rede Pan-Amazônica de Comunicação, no ano de 2006. Com duração mais efêmera, a ALER também abrigou redes de jovens – que já não existe mais –, uma rede de educação – que, segundo Ramírez, funciona de forma “intermitente” –, e uma rede de evangelização – que teve seu funcionamento mais ativo até meados de 2016. Sobre essa última, o coordenador-geral da Associação comenta que são as características fundantes e que permanecem até hoje na entidade que dão sentido a ter uma rede como essa; e que, por mais que ela já tenha deixado de existir, os temas de disputa de uma “Igreja mais progressista, isso transversalmente vai se colocando na informação e, também, nos diferentes programas que as redes têm, o tema da evangelização, da espiritualidade, que é parte também do ‘que fazer’ da ALER”¹¹¹.

Um dos fatores que levou ao estímulo de mais redes no interior da articulação continental é o avanço de novas tecnologias e o aumento do acesso à internet por parte das rádios e dos comunicadores, como indica Ramírez (informação verbal), da coordenação da Associação: “E nos anos 2000 foi dada mais ênfase ao trabalho de redes temáticas

¹¹⁰ No original em espanhol: “La Red de Migración por la fuerte migración que hubo desde nuestros países hacia los países del Norte, sobre todo influenció mucho por el tema ecuatoriano, cuyos habitantes se fueron, un buen porcentaje, a España; o en Sudamérica el sueño de los Estados Unidos. Entonces esa fue también una red muy importante y se realizaron también muchos programas sobre el particular, y desde entonces permanece también esta red de migración y comunicación aquí en ALER. Después también en el tema indígena tuvimos este, posterior al RKS (Red Kiechwa Satelital), que el mundo indígena no se centra únicamente en los quechuas y los kichwas, el mundo indígena es más allá de los quechuas y los kichwas, por lo tanto tendríamos que generar una red mayor que agrupe, que articule a tantos pueblos del Abya Yala. Entonces se generó también América Indígena en Red”.

¹¹¹ Ibidem. No original em espanhol: “Iglesia más progresista, y eso transversalmente se va colocando información y también en los diferentes programas que se tiene en las redes, el tema de la evangelización, de la espiritualidad, que es parte también del que hacer de ALER”.

radiofônicas da ALER, e regresso, já deixando também o satélite, e potencializando tudo o que significa a internet”¹¹² (informação verbal, tradução nossa).

Do ponto de vista da participação e da relevância da ALER, havia um entendimento das consequências objetivas da exclusão do povo a instrumentos e espaços participativos:

Uma das manifestações de desigualdade é a ausência de participação popular nas decisões, ou sua redução à mínima expressão eleitoral. Fora desse instante de seleção entre opções pré-determinadas, o povo se torna objeto de políticas, doações ou estudos; é um destinatário mudo.¹¹³ (ALER, 2008, tradução nossa)

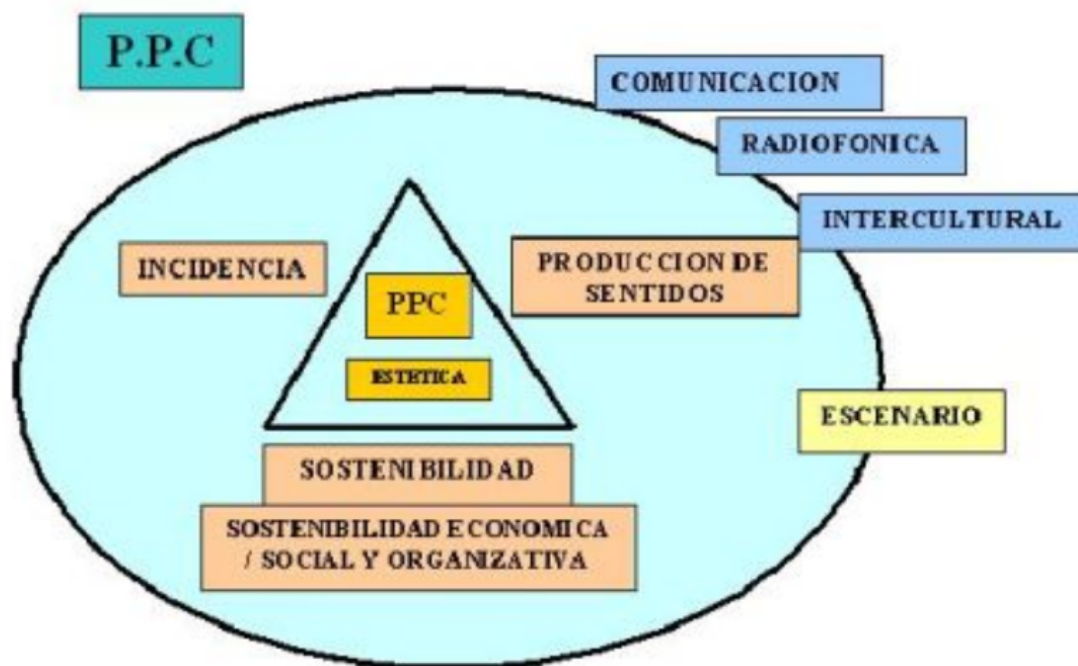
Dessa forma, a maneira das emissoras garantirem a participação dos setores excluídos da sociedade é garantido-lhes o direito à voz, a expressar-se. Assim, soma-se ao conceito do rádio popular formulado pela ALER o adjetivo participativo, recuperando a palavra do povo como sua expressão de poder, que abre ao povo o caminho para transformar sua realidade e a sociedade como um todo. Por isso, a participação de distintos setores foi imprescindível para garantir a pluralidade, seja nas diferentes esferas de atuação de uma rádio, do administrativo, à produção de conteúdo, diante dos microfones, como fontes, na avaliação e definição estratégica, todos como entes políticos. O povo e suas formas organizativas passaram a ser vistos como necessidades para estar presentes nos projetos das rádios.

Efetivamente, para se construir um Projeto Político Comunicativo (PPC), a ALER, por meio de sua equipe de formadores, a ELFO, elaborou uma proposta de trabalho que visava refletir e construir nas áreas de produção de sentidos, incidência e sustentabilidade. Por esses três eixos se chega a um projeto e uma estética próprios:

¹¹² No original em espanhol: “Y en los 2000 se dio más énfasis al trabajo de redes temáticas radiales de ALER, y regreso, ya dejando también el satélite, y potenciando todo lo que significa la internet”.

¹¹³ No original em espanhol: “Una de las manifestaciones de desigualdad es la ausencia de participación popular en las decisiones, o su reducción a la mínima expresión electoral. Fuera de ese instante de selección entre opciones predeterminadas, el pueblo se vuelve objeto de políticas, donaciones o estudios; es un destinatario mudo”.

ESTRUCTURA Y ELEMENTOS DEL PPC



[Desenho ilustrativo retirado do documento da ALER: Un camino a recorrer. Proyecto político comunicativo de la radio popular latinoamericana (2008)]

Os três ângulos na figura coincidem no PPC, e junto com eles surgem outros temas a abordar, como as audiências, o que desenvolver nos três eixos para alcançá-las. Um adendo importante trazido pela Associação é que tal projeto deveria ser visto como uma reflexão constante, que deveria se desenvolver na medida em que as práticas e avaliações do que fazer comunicacional vão avançando; não deveria estar, portanto, preso a páginas de papel como algo estático e imutável. O PPC traz bases ideológicas, políticas e conceituais que serviriam para orientar os passos concretos da experiência radiofônica e enriquecê-los, num ir e vir da teoria e da prática.

No eixo da sustentabilidade, o PPC trouxe que tão importante quanto garantir a sobrevivência financeira do projeto – manter a rádio, os equipamentos e o pessoal encarregado –, também o era na questão organizativa, ambos em uma projeção no tempo, pensando a longevidade da experiência. Portanto, envolveria organizar o trabalho, estipular funções de acordo com o perfil de cada construtor da rádio, destinar e usar o dinheiro de maneira mais eficaz, utilizar os recursos tecnológicos da melhor maneira, e, acima de tudo, construir uma identificação interna e externa com a emissora para que as pessoas se

relacionassem com o projeto e buscassem construí-lo. Ou seja, uma sustentabilidade econômica, organizativa e também social passaram a ser uma das bases sólidas que necessitaria um projeto comunicativo.

No caminho de garantir pertencimento da população junto à rádio, formas de propiciar a pluralidade na formação de sentidos foram importantes. O conjunto de ideias, representações e sentimentos que constroem o local, mas também realidades distantes, são construções coletivas de se ver e entender o mundo. Esse compartilhar de sentidos passa a se dar, também, nas estruturas de diálogo e participação propiciadas pela própria emissora.

“Alcançar mudanças pequenas ou grandes, profundas ou superficiais, na situação das nossas comunidades, e mudanças que contribuam na construção desse mundo que nós imaginamos, isso é incidir”¹¹⁴, define a ALER (2008), entendendo que a rádio como um ator político e social não é capaz de sozinha provocar mudanças, mas o faz junto com o povo e outras instituições. Além de ter presença e audiência, incidir também é o exercício da construção de poder.

Construir estratégias que contribuam a nos posicionarmos como atores sociais, e trabalhar com nossas comunidades para realizar críticas e propostas coletivas, abrir espaços para que dialoguem comunidades e autoridades em prol do *buen vivir* de nossa gente, fazer denúncias sobre a violação de direitos e liberdades das pessoas, e aplaudir, dar continuidade a atitudes e práticas que contribuam para a comunidade, tudo isso é incidir.¹¹⁵

Ainda nesse período, começam as primeiras discussões do que viria a se concretizar, logo depois, como o alicerce do projeto político da ALER para um novo tempo: o *Buen Vivir*. Hugo Ramírez¹¹⁶, da coordenação-geral da Associação, sintetiza o que foram as primeiras discussões em torno dessa nova aposta que toma forma na quinta etapa da trajetória da ALER.

Desde o ano de 2009, quando já se começa também a dizer o que vai ser a ALER na próxima década, em que direção vai a ALER, qual o norte da ALER, que é o que vai encorajar a ALER nos próximos anos e em tudo, é aí

¹¹⁴ No original em espanhol: “Lograr cambios pequeños o grandes, profundos o superficiales, en la situación de nuestras comunidades, y cambios que aporten para construir ese mundo que nos imaginamos, eso es incidir”.

¹¹⁵ Ibidem. No original em espanhol: “Construir estrategias que contribuyan a posicionarnos como actores sociales, y trabajar con nuestras comunidades para realizar críticas y propuestas colectivas, abrir espacios para que dialoguen las comunidades y las autoridades en pro de el buen vivir de nuestra gente, hacer denuncias sobre la violación de los derechos y liberdades de las personas, y aplaudir, dar seguimiento a actitudes y prácticas que aporten a la comunidad, todo ello es incidir”.

¹¹⁶ Hugo Anaclito Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

quando começa a se fazer todo o questionamento ao tema de desenvolvimento e começa a reivindicar o horizonte que vamos construir do *Buen Vivir* e todo este paradigma de um modelo civilizatório por fora do desenvolvimentismo, foi quando se diz: “Bom, no marco disso é onde também temos que nos renovar”. Por isso, a partir da Assembleia de 2012, é quando, em realidade desde 2009 que se encaminha toda essa discussão em direção ao *Buen Vivir*, e em 2012 se ratifica tudo isso e se diz: “Temos que fazer todo um processo de inovação institucional também na ALER, no marco do que significa esta regeneração de esta ordem civilizatória do *Buen Vivir*”. Então, em função disso, se fez todo um processo de inovação institucional, que se chamou ALER 2020.¹¹⁷ (informação verbal, tradução nossa)

A aposta pelo *Buen Vivir* como caminho de unidade político-programática interna da ALER e, também, para e com a sociedade demonstra a capacidade de reinvenção e resposta aos dilemas no interior da própria articulação e mais além, no sentido de discutir e propor projetos de sociedade. O caminho do diálogo e da participação junto às rádios associadas e outros atores da sociedade civil, em processos horizontais e por meio de distintos nós que formam parte dessa rede, se somam a ideais e práticas democráticas, fortalecendo o processo interno e somando-se a um debate mundial na atualidade, que é como garantir o futuro da humanidade em um cenário de destruição e grave crise ambiental.

Os debates, entendimentos e formulações construídos ao longo dos anos que vão de 1972 até 2011, os quais abarcam quatro gerações da trajetória da ALER – abordados nesta seção da tese – são importantes para se compreender a dimensão histórica e de prática e teoria com que foi se consolidando a ALER até chegar à sua quinta fase, de aposta pelo *Buen Vivir*, seja em sua dimensão societária e ecossistêmica, e mesmo em processos comunicacionais. Para discutir e analisar a Associação em seu momento presente, dedica-se o seguinte capítulo, que põe em diálogo o *Buen Vivir* com outras abordagens alternativas de pensamento. Após a apresentação desses elementos, o texto centra-se nas elaborações em torno do conceito de *Buen Vivir*, para, então, posicionar a ALER nos dias de hoje, ou seja, a quinta geração da

¹¹⁷ No original em espanhol: “Desde el año 2009 cuando ya se empieza también a decir que va ser de ALER en la próxima década, hacia dónde va ALER, cuál es el norte de ALER, qué es lo que va alentar ALER en los próximos años y en todo, es ahí cuando empieza a hacer todo su cuestionamiento al tema del desarrollo y empieza a reivindicar todo el horizonte que lo vamos a sacar del Buen Vivir, y todo este paradigma de un modelo civilizatorio por fuera del desarrollismo, fue cuando se dice: ‘Bueno, en el marco de esto es también tenemos que renovarnos’. Por eso, desde la Asamblea de 2012 es cuando, en realidad es desde 2009 que se encamina ya toda esa discusión hacia el Buen Vivir, y en 2012 se ratifica todo ello y se dice: ‘Hay que hacer todo un proceso de innovación institucional también en ALER, en el marco de lo que significa esta regeneración de este orden civilizatorio del Buen Vivir’. Entonces, en función de eso se hizo todo un proceso de innovación institucional, que se llamó el ALER 2020”.

articulação, que foi iniciada em 2012 e que teve como projeção inicial até 2020, seguindo o caminho de sempre retornar para si e suas associadas uma avaliação do período que possibilitem abrir perspectivas para um novo momento. Vale ressaltar que ainda atualmente, início de 2022, a ALER encontra-se nessa fase, pois devido à pandemia de covid-19, a Assembleia Geral da Associação, marcada inicialmente para abril de 2020, foi adiada e não ocorreu naquele ano e no subsequente, 2021. Como demonstrado neste capítulo, é no processo assemblear em que se busca avaliar a construção da ALER e apontar novos desafios, ou seja, isso seria realizado para o período 2012-2020 e a sua construção para o *Buen Vivir*. Ainda que isso não tenha sido possível, compreende-se que a busca por respostas e alternativas ao modelo de desenvolvimento capitalista e a construção de uma relação mais harmônica entre seres humanos e natureza segue vigente e, de certa forma, se aprofunda neste momento de crise planetária.

3. A ALER na fase atual: horizonte do *Buen Vivir*

Para onde a humanidade está levando o Planeta Terra? Para onde a humanidade está levando a si mesma? Com essas inquietações, se inicia este capítulo, que busca refletir sobre a crise sistêmica que o mundo vive hoje e quais as saídas para superar esse momento¹¹⁸. Para isso, e em consonância com o tema abordado nesta tese – sobre a articulação em rede de rádios populares na América Latina, a partir da experiência do Brasil –, busca-se relacionar autores que tratam de alternativas de pensamento e suas interfaces com a ideia de ecossistema, com o próprio conceito de *Buen Vivir* e as discussões em torno desse eixo na Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER), sujeito de estudo desta investigação.

Como forma de iniciar o debate, recupera-se uma importante formulação trazida pelo Papa Francisco acerca do momento atual, na encíclica *Laudato Si' (Louvado Seja) - Sobre o Cuidado da Casa Comum*¹¹⁹, publicada em junho de 2015. No texto, o pontífice afirma: “O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos”. Retomar essa reflexão de uma das principais autoridades religiosas mundiais demonstra a centralidade do tema ambiental hoje e o poder de influência que a questão tem para inúmeros pensadores, ativistas e organizações, como a própria ALER, que possui forte influência católica desde sua criação até a atualidade, como abordado na seção anterior desta tese.

A importância desse documento é central para as emissoras católicas e aquelas populares que se alinham a suas doutrinas, em especial aquelas ligadas à Teologia da Libertação, como aponta, em entrevista a esta pesquisa¹²⁰, a Irmã Helena Corazza, pertencente à congregação das Irmãs Paulinas e diretora do Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC/Paulinas), além de doutora em Ciências da Comunicação. Para ela, ainda que haja

¹¹⁸ Convém destacar que no momento de pesquisa e escrita desta tese, o mundo encontra-se em meio à pandemia da covid-19, ou do novo coronavírus, que notificada pela primeira vez na China em dezembro de 2019, atinge todos os países do globo. Os impactos da pandemia, além de mortes, crises sanitárias e econômica, incide também na forma de convívio entre os seres humanos e coloca em xeque a maneira como a humanidade se relaciona e reflete sobre a natureza.

¹¹⁹ Carta Encíclica *Laudato Si'* do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 12 jan. 2020.

¹²⁰ Helena Corazza, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA USP, pertencente à congregação das Irmãs Paulinas e diretora do Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC/Paulinas), concedeu uma entrevista a esta tese em 02 de fevereiro de 2021.

visões e leituras distintas e conflitantes no interior do catolicismo, o compromisso que o Papa Francisco apresenta com o social, a natureza, a educação, com uma nova economia, entre outros, são fundamentais para aquelas pessoas comprometidas com a realidade e sua transformação em benefício dos setores populares.

Nós continuamos com grupos muito empenhados em fazer uma comunicação transformadora para dentro do contexto atual, que é adverso. Dentro da Igreja Católica são grupos com opiniões diferentes, políticas religiosas que vão indo junto. Mas se a gente segue o magistério do Papa Francisco, hoje com as cartas, as encíclicas sociais do Papa Francisco – *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, as propostas dele para a nova economia, [*Economia*] de Francisco e Clara, e o *Pacto Educativo Global* –, Francisco não divide o social. (...) Os meios de comunicação católicos precisam ler a mesma cartilha. (...) Nós sabemos também que os meios de comunicação católicos, digamos assim, têm faces, rostos diferentes. Mas há, sim, um grupo comprometido com a realidade. (...) Então, digamos, há um compromisso nesse sentido de resposta, e esse compromisso vem do Evangelho. (CORAZZA, informação verbal)

Nesse sentido, repensar as relações entre seres humanos e natureza é uma das questões centrais para muitas organizações e intelectuais, como a rede de rádios ALER, que, além da influência católica em si mesma e em muitas de suas associadas, também dialoga com outras vertentes de pensamento e oficializa a aposta na centralidade do *Buen Vivir* para a construção de uma nova forma de estar no mundo em suas formulações e práticas. Além disso, a encíclica *Laudato Si'* não atinge apenas as entidades e os sujeitos com influência católica, alcançando também cientistas e outros setores, como é o caso do físico austríaco Fritjof Capra (1986; 1989; 1991; 1996; 2002; 2014), promotor da abordagem de um pensamento sistêmico da realidade, que despontou nos anos 1970 e que tem como uma das pautas centrais a relação intrínseca entre humanidade e meio ambiente. Capra cita a encíclica sobre temas ambientais da Igreja Católica como um documento importante da discussão sobre a relação entre seres humanos, ecossistema e novas elaborações do pensamento. Em sua passagem pelo Brasil em 2015, ele abordou o documento papal para reforçar sua argumentação de que outro modelo de desenvolvimento se faz necessário.

Crescer é uma característica da natureza. Mas precisamos que esse crescimento seja limitado. Alguns sistemas precisam parar de crescer para que outros floresçam, em um ciclo de geração e regeneração, como em uma floresta. Mas, essa autorregulação não virá do atual sistema econômico, e sim dos governos, que só vão trilhar esse caminho se forem pressionados

pela sociedade. Como disse o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, o cuidado com a nossa casa comum, o planeta, é uma responsabilidade de todos.¹²¹

Assim, a partir dessa conexão trazida pelo “Cuidado da Casa Comum” de Papa Francisco, neste capítulo se visa interligar pensamentos como o de Capra e de outros intelectuais – Edgar Morin (2003; 2005) e Boaventura de Sousa Santos (2002; 2009) – às formulações sobre o *Buen Vivir* (conceito oriundo dos povos originários da América Latina) e o seu desenrolar dentro da rede de rádios da ALER. É nessa teia de relações que esta seção da tese procura transitar, buscando uma complexidade na abordagem sobre a área de interação entre seres humanos e natureza, promovida por autores ocidentais como os listados acima, mas também com formulações levantadas ao redor do *Buen Vivir* e suas inter-relações com a comunicação popular.

Ainda que diferentes, essas abordagens de acadêmicos ocidentais guardam aproximações com o conceito milenar andino de *Buen Vivir*, que ganhou luz nas últimas décadas a partir da mudança de governos na América Latina, que optaram por resgatar o pensamento originário da América indígena e trazer esses sujeitos para a participação em processos constitucionais e do Estado.

Com essas reflexões em pauta, em resumo, este capítulo se centra em torno das discussões de alternativas de pensamento, meio ambiente e *Buen Vivir*, e como elas refletem nas formulações e práticas comunicacionais. Nesse sentido, retoma-se o conceito de *Buen Vivir* e como a ALER, o sujeito desta pesquisa, trata da questão em sua quinta fase de trajetória histórica. Como a própria entidade apresenta em uma de suas formulações mais recentes, o livro *Por el sendero del Buen (con)Vivir - 40 experiencias de comunicación popular en el continente* (ALER, 2020), desde meados dos anos 2010, a rede de rádios assume “um projeto estratégico, a partir de uma visão em perspectiva e tendo como horizonte a construção do paradigma do *Buen Vivir*, entendido como uma alternativa radical ao modelo de produção capitalista e ao estilo de vida consumista”¹²² (p. 3, tradução nossa).

¹²¹ Notícia publicada pela Agência Envolverde de Jornalismo, em 6 de julho de 2017, pela repórter Juliana Arini. Disponível em: <https://envolverde.com.br/fritjof-capra-o-universo-nao-pode-mais-ser-visto-como-uma-maquina/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

¹²² No original em espanhol: “Un proyecto estratégico, desde una visión prospectiva y teniendo como horizonte la construcción del paradigma del Buen Vivir, entendido como una alternativa radical al modelo de producción capitalista y al estilo de vida consumista”.

Por fim, antes de dar início às abordagens sobre esses temas, vale destacar a opção desta tese por manter no espanhol a grafia de *Buen Vivir*. Sendo um termo ainda pouco difundido e com uma tradução a se consolidar em português, ainda que já existam publicações que o façam, opta-se por utilizar a forma como a ALER se refere ao conceito, buscando se manter fiel ao sujeito do qual esta investigação parte. O próprio termo *Buen Vivir* já é uma opção de tradução ao espanhol de *sumak kawsay*, da língua indígena kichwa, mais difundida no Equador, onde atualmente é a sede da Associação. “De acordo com o *Shimiyukkamu Dicionario Kichwa-Español*, publicado pela Casa de Cultura de Ecuador em 2007, *sumak* se traduz como *hermoso, bello, bonito, precioso, primoroso, excelente; kawsay*, como *vida*”¹²³. Há ainda a expressão *Vivir Bien*, tradução ao espanhol de *suma qamaña*, marcadamente presente entre os indígenas aymara da Bolívia; e também o termo entre os indígenas guarani, que seria *nhandereko*¹²⁴.

3.1. Pensamentos alternativos e ecossistema

A provocação trazida pelo pensamento sistêmico, em que a linearidade do pensamento humano se relaciona (por vezes de forma conflituosa) com a não-linearidade da natureza faz do físico Fritjof Capra (1986; 1989; 1991; 1996; 2002; 2014) um dos autores necessários para a compreensão do que, em suas palavras, seria a Gaia – ou o “planeta vivo”. Contudo, Capra não está sozinho, e suas formulações podem ser colocadas em diálogo com as de outros intelectuais, como Edgar Morin (2003; 2005) e Boaventura de Sousa Santos (2002; 2009). A pista para esse percurso foi indicada pelo professor de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Jorge Kanehide Ijuim, que em entrevista a esta tese¹²⁵ afirmou que: “A questão do pensamento sistêmico dialoga com outras epistemologias que, por detalhes, por caminhos um pouquinho diferentes atingem o mesmo objetivo, como por exemplo a teoria da complexidade, e aí o maior nome é Morin”.

¹²³ Nota do tradutor Tadeu Breda do livro *O Bem Viver*, de Alberto Acosta (2016, p. 10).

¹²⁴ Também grafado como *yande reko* ou *nhandereko*, este é o termo utilizado por Alberto Acosta para se referir ao *Buen Vivir* no guarani, como explica nota do tradutor Tadeu Breda, do livro *O Bem Viver* (2016), e, segundo ele o sentido dessa expressão é o de “nossa forma de vida” e “encerra um conjunto de valores específicos dos povos guaranis que resistem no que resta de seus territórios no Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai (p. 14).

¹²⁵ Jorge Kanehide Ijuim, pesquisador e professor da graduação e da Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concedeu uma entrevista a esta tese em 23 de dezembro de 2020.

A partir dessas referências que esta seção segue, iniciando por Capra e construindo elos com os demais autores e com o *Buen Vivir*. Esse conceito andino e a teoria de Capra e de Boaventura, especialmente, possuem pontes que buscam repensar as atuais relações sociais, políticas, econômicas e culturais, propondo novos paradigmas em que, vistos de forma integral e em rede, podem gerar uma convivência harmoniosa entre os seres humanos e o meio ambiente. Para isso, um novo modelo de desenvolvimento é necessário, bem como um afastamento do atual sistema hegemônico capitalista.

“O conhecimento vem sendo dominado por grandes corporações mais interessadas em retornos financeiros do que no bem-estar da humanidade”, disse o físico Fritjof Capra em entrevista à mídia brasileira¹²⁶, complementando: “Sendo assim, precisamos urgentemente de uma ciência e uma tecnologia que respeitem a unidade de toda a vida, reconheçam a fundamental interdependência de todo fenômeno natural e nos reconectem com a Terra”. Atualmente, ele também é diretor do Centro de Alfabetização Ecológica, com sede em Berkeley, na Califórnia (Estados Unidos).

Autor de obras como *O Ponto de Mutação* (1986), *O Tao da Física* (1989), *A teia da vida* (1996) e *As Conexões Ocultas - Ciência para uma vida sustentável* (2002), Capra possui uma importante contribuição nos debates sobre ciência, tecnologia e novas formas de vida necessárias para o atual momento – de conflitos entre projetos que incluem ou excluem seres humanos e natureza de um mesmo ecossistema. A partir do questionamento ao pensamento dominante ocidental, o qual Capra caracteriza como tendo uma concepção cartesiana, racional e linear de compreensão do mundo, o físico busca resgatar as formas de apreensão orientais de ler a realidade para dar respostas necessárias às crises em voga atualmente, crises essas de caráter ambiental, econômico, social, cultural e científico – que somadas seriam o que ele chama de “crise de percepção” (1986, p. 8). O modelo sobre o qual as sociedades ocidentais se estruturam gerou um quadro de colapso do ecossistema, que coloca em xeque a continuidade da comunidade humana global; portanto, repensá-lo a partir de outros moldes se faz necessário. Nesse sentido, a polarização entre seres humanos e biosfera, ou natureza, precisa ser superada para a resolução de conflitos, passando a uma construção baixo uma visão sistêmica de mundo.

¹²⁶ Entrevista publicada no portal Ideia Sustentável, em 21 de dezembro de 2011, pela repórter Juliana Lopes. Disponível em: <https://ideiasustentavel.com.br/entrevistas-abaixo-o-humanismo-individualista/>. Acesso em: 25 jan. 2020.

Na sua obra inaugural dessa linha de pensamento, *O Tao da Física*, publicada em inglês em 1975, mas que nesta tese utiliza-se a versão em português de 1989, Capra constrói uma análise histórico-crítica da física clássica à moderna, e a insuficiência da leitura a partir somente dela para compreender o mundo atualmente. O teórico austríaco defende que a construção cartesiana e mecanicista tornou a leitura do mundo fragmentária, seja do homem em relação ao meio ambiente, ou mesmo entre países, raças, religiões e grupos políticos.

A convicção de que todos estes fragmentos — em nós próprios, no nosso meio ambiente e na nossa sociedade — estão, de facto, separados pode ser tomada como a razão fundamental para as presentes séries de crises sociais, ecológicas e culturais. Tem-nos afastado da natureza e dos seres humanos nossos semelhantes. Acarretou uma grosseiramente injusta distribuição das riquezas naturais, criando conflitos económicos e políticos; uma onda de violência crescente e imparável, espontânea e institucionalizada, e um meio ambiente feio e poluído, onde a vida se tornou muitas vezes física e mentalmente pouco saudável. (CAPRA, 1989, p. 26)

Após a análise da construção de pensamento na física clássica e moderna, o autor apresenta escolas do pensamento oriental, como o taoísmo, o confucionismo, o hinduísmo e o budismo. Nessas, há em comum a leitura do mundo a partir de uma visão de unidade básica do universo, com a não separação dos seres humanos do meio que os cerca, em uma perspectiva não-linear, mas, sim, mutável e interdependente, como um processo ou caminho, ou o *Tao*, como chamado originalmente no pensamento chinês, e, posteriormente, definido como a “essência do universo”, em que viver em “harmonia com a natureza” é essencial¹²⁷. No taoísmo, em específico, a sabedoria intuitiva está acima do saber racional, segundo Capra (1989), em que se pode afirmar que “a cuidadosa observação da natureza, combinada com uma forte intuição mítica, levou os sábios taoístas a discernimentos profundos, os quais são confirmados pelas modernas teorias científicas” (p. 95).

A característica mais importante da visão oriental do mundo — quase que se pode dizer a sua essência — é a consciência da harmonia e inter-relação mútua de todas as coisas e acontecimentos, o sentir todos os fenómenos do mundo como manifestações de um carácter único. Todas as coisas são vistas como partes interdependentes e inseparáveis de um todo cósmico, diferentes manifestações de uma última realidade definitiva.¹²⁸

¹²⁷ Ibidem, p. 88-89.

¹²⁸ Ibidem, p. 107.

Como uma revelação importante trazida pela física moderna, em distinção à visão fragmentária anterior nessa ciência, é o caráter único do universo, conforme aponta Capra, que o descreve em manifestações da teoria quântica, em teias de relações de um todo unificado, como uma rede de relações mútuas.

A teoria quântica veio mostrar que as partículas não são grãos isolados de matéria, mas sim padrões de probabilidade, interconexões numa teia cósmica inseparável. A teoria da relatividade, por assim dizer, veio dar vida a estes padrões ao revelar o seu caráter intrinsecamente dinâmico. Veio mostrar que a actividade, a matéria é a própria essência da sua existência.¹²⁹

A aproximação do pensamento místico oriental à física moderna se centra, sobretudo, na visão dinâmica do universo ou uma espécie de “dança cósmica”, com presença da intuição e da natureza, da mudança e da transformação como aspectos primários. Contudo, no final da obra, o autor ressalta que a física moderna é insuficiente para dar as respostas que a humanidade necessita, sendo necessário um pensamento e uma estrutura social e econômica radicalmente diferentes.

Em uma linha paralela, mas que encontra similaridades, o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin, em *Introdução ao Pensamento Complexo* (2005), também depreende uma crítica ao pensamento cartesiano, apresentando o que ele chama de “princípios de *disjunção, de redução e de abstração*” (p. 11, itálico do autor); e também considera que Descartes coloca um paradigma que prevaleceu no Ocidente de separação entre o “sujeito pensante” e a “coisa entendida”, o que seria o “próprio pensamento disjuntivo”. Com isso, há o isolamento dos campos científicos, apartando ciências exatas das humanas, além da redução do complexo ao simples, ou até uma “hiperespecialização” e a busca por uma ordem perfeita das coisas. “Assim, chega-se à inteligência cega. A inteligência cega destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente” (p. 12).

Retomando Capra, em sua obra seguinte, *O Ponto de Mutação* (1986), o físico austríaco resgata do livro anterior uma série de conexões entre a formulação ao longo do pensamento histórico da própria física e a sua consequente crise no século XX. Em um mundo globalmente interligado, “no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes” se faz necessária “uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece” (p.8).

¹²⁹ Ibidem, p. 169.

Para essa “nova visão da realidade”, a inter-relação e a interdependência dos diversos fenômenos sejam eles físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais se tornam relevantes. Algo que, do ponto de vista da produção de conhecimento e da ciência, deverá ultrapassar os limites disciplinares e conceituais. Na defesa dessa visão sistêmica para compreender a realidade, Capra lança mão da discussão sobre a relação entre organismos vivos e inanimados dentro de ecossistemas, em que o equilíbrio, a associação e a cooperação são elementos essenciais. Contudo, desequilíbrios em ecossistemas são geradores de distúrbios e extermínios em espécies, ou mesmo, do ponto de vista individual, patologias e doenças.

O estudo detalhado dos ecossistemas nestas últimas décadas mostrou com muita clareza que a maioria das relações entre organismos vivos são essencialmente cooperativas, caracterizadas pela coexistência e a interdependência, e simbióticas em vários graus. Embora haja competição, esta ocorre usualmente num contexto mais amplo de cooperação, de modo que o sistema maior é mantido em equilíbrio. Até mesmo as relações predador-presa, destrutivas para a presa imediata, são geralmente benéficas para ambas as espécies. Esse insight está em profundo contraste com os pontos de vista dos darwinistas sociais, que viam a vida exclusivamente em termos de competição, luta e destruição. A concepção que eles tinham da natureza ajudou a criar uma filosofia que legitima a exploração e o impacto desastroso de nossa tecnologia sobre o meio ambiente natural. Mas tal concepção não possui qualquer justificação científica, porque não leva em conta os princípios integrativos e cooperativos que são os aspectos essenciais do modo como os sistemas vivos se organizam em todos os níveis. (CAPRA, 1986, p. 258-259)

Com relação à departamentalização do pensamento, uma das intelectuais no Brasil que trouxe Capra e suas ideias para a discussão e estudo é Cremilda Celeste de Araújo Medina, professora da Escola de Comunicações e Artes da USP, que, na virada da década de 1980 para a de 1990, acolheu a obra do físico austríaco para os debates no interior da universidade brasileira, na busca por dar ênfase a um debate transdisciplinar na academia. Por meio de uma entrevista para esta pesquisa¹³⁰, Cremilda rememora o 1º Seminário Transdisciplinar da USP, em 1990, do qual participaram diversos docentes e pesquisadores de distintos campos do conhecimento (das ciências exatas, biológicas e humanas) e que gerou uma série de publicações chamada *Novo Pacto da Ciência* (1990-1991), em que a mesma foi organizadora.

¹³⁰ Cremilda Celeste de Araújo Medina, pesquisadora e professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), concedeu uma entrevista a esta tese em 06 de janeiro de 2021.

Por influência de pensadores como Capra e outros, promoveu-se a ideia de ultrapassar os limites disciplinares e conceituais e também uma nova perspectiva para a relação sujeito-objeto, como relembra na entrevista.

É nesse seminário que rompe definitivamente, na nossa oficina de pós-graduação e de graduação, e de todos os ambientes por onde eu passei, com a proposta do estudo sujeito-objeto. Isso, para nós, era uma heresia que foi superada, essa mecânica que foi superada pela nova física quando a nova física nos traz, e o Capra é um deles, a mensagem de que o que nós tentamos estudar ou conhecer ou compreender é a relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto. Há décadas, se alguém vem me dizer “o meu objeto de pesquisa”, eu digo assim: “diga lá quem é o seu objeto, é uma coisa” (risos). Em geral, se os físicos consideram a natureza e a matéria [como] sujeito, imagina nós humanos na sociologia, nas ciências sociais, nas ciências da comunicação, considerando as pessoas objetos. (MEDINA, informação verbal)

Também em consonância com essa perspectiva, ao tratar do tema da Teoria Sistêmica, Morin (2005) apresenta como uma das virtudes dessa vertente justamente a transdisciplinaridade. “Situarse a um nível transdisciplinar, que permite ao mesmo tempo conceber a unidade da ciência e a diferenciação das ciências, não apenas segundo a natureza material de seu objeto, mas também segundo os tipos e as complexidades dos fenômenos de associação/organização” (p. 20).

Avançando na compreensão sistêmica da sociedade e do pensamento, Capra (1986) aponta que, em nível maior, há a biosfera ou o ecossistema do mundo inteiro, em relação ao qual todos os seres humanos são dependentes. Resgatando outros estudos na área, Capra sinaliza que essa concepção considera o planeta como um único organismo vivo, e que a essa hipótese deram-lhe o nome de Gaia, em referência à forma que os gregos antigos chamavam a deusa da Terra.

A Terra é, pois, um sistema vivo; ela funciona não apenas como um organismo, mas, na realidade, parece ser um organismo Gaia, um ser planetário vivo. Suas propriedades e atividades não podem ser previstas com base na soma de suas partes; cada um de seus tecidos está ligado aos demais, todos eles interdependentes; suas muitas vias de comunicação são altamente complexas e não-lineares; sua forma evoluiu durante bilhões de anos e continua evoluindo. Essas observações foram feitas num contexto científico, porém transcendem largamente o âmbito da ciência. À semelhança de muitos

outros aspectos do novo paradigma, elas refletem uma profunda consciência ecológica, que é, em última instância, espiritual.¹³¹

A partir dessa compreensão da Terra como uma unidade total, surge a defesa por uma visão sistêmica da vida, que seria uma base comum para todas as ciências. Capra chama a atenção, em especial, para o entendimento da economia nesse processo, sob o argumento de que os problemas econômicos atuais só terão soluções a partir de um olhar sistêmico sobre eles. Nesse sentido, ele faz uma crítica aos valores que regiam (e pode-se falar que ainda regem) os modelos econômicos dominantes, que contam com “exagerada ênfase na tecnologia pesada, no consumo perdulário e na rápida exploração dos recursos naturais, tudo motivado pela persistente obsessão com o crescimento”¹³². Na formação dos profissionais da área, de acordo com o autor, o termo “saudável” para adjetivar economias é entendido a partir do crescimento econômico, tecnológico e institucional, negligenciando efeitos ecológicos, crimes empresariais, desintegração social e guerras que venham a causar. “As teorias econômicas de hoje perpetuam configurações passadas de poder e distribuição desigual de riqueza (...). As companhias gigantescas dominam as cenas nacionais e global, seu poderio econômico e político impregna virtualmente todas as facetas da vida pública”¹³³.

Capra aborda ainda que o pensamento sistêmico, da natureza não-linear, não seria uma novidade, mas estaria presente em culturas tradicionais, que foram negadas pela hegemonia da “sociedade super-racional e mecanizada”¹³⁴. O apagamento das culturas originárias, como é o conceito andino de *Buen Vivir* e tantos outros pelo mundo, guarda uma relação também com um processo parte da mesma história, o das grandes navegações e colonização, em especial a europeia, em distintas partes do globo, a partir do século XV. Edgar Morin, em seu livro *Terra-Pátria* (2003), demarca o ano de 1492, com a chegada dos europeus às Américas, como o início da Era Planetária: “Da conquista das Américas à revolução copernicana, um planeta surgiu e um cosmos se desfez” (p. 21).

A ocidentalização do mundo começa tanto pela imigração de europeus nas Américas e na Austrália quanto pela implantação da civilização europeia, de suas armas, de suas técnicas, de suas concepções, em todos os seus escritórios, postos avançados, zonas de penetração.

¹³¹ Ibidem, p. 264.

¹³² Ibidem, p. 367.

¹³³ Ibidem, p. 367.

¹³⁴ Ibidem, p. 368.

A era planetária se inaugura e se desenvolve na e através da violência, da destruição, da escravidão, da exploração feroz das Américas e da África. É a idade de ferro planetária, na qual estamos ainda. (MORIN, 2003, p. 23)

Boaventura de Sousa Santos, sociólogo português e professor na Universidade de Coimbra, no texto *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências* (2002), caminha no mesmo sentido ao apontar que: “Sem uma crítica do modelo de racionalidade ocidental dominante pelo menos durante duzentos anos, todas as propostas apresentadas pela nova análise social, por mais alternativas que se julguem, tenderão a reproduzir o mesmo efeito de ocultação e descrédito” (p. 238).

Por sua vez, Capra (1986) caminha no sentido de compreender que “a sabedoria sistêmica baseia-se num profundo respeito pela sabedoria da natureza, a qual é totalmente compatível com os insights da ecologia moderna” (p. 368). E em uma sequência desta ideia, Capra segue suas formulações com o livro *A Teia da Vida - Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (1996), que deriva como uma prolongação do capítulo “A Concepção Sistêmica da Vida”, de *O Ponto de Mutação*. No novo livro, o termo ecológico é usado como sinônimo de sistêmico, sendo este último apenas uma expressão científica mais técnica. Na proposta de discutir uma “ecologia profunda”, a distanciando de um “ambientalismo superficial”, a nova obra se insere. Ao tratar a ecologia profunda como um novo paradigma, o autor rompe com aquele anterior, que, em suas palavras, seria:

O paradigma que está agora retrocedendo dominou a nossa cultura por várias centenas de anos, durante as quais modelou nossa moderna sociedade ocidental e influenciou significativamente o restante do mundo. Esse paradigma consiste em várias idéias e valores entrincheirados, entre os quais a visão do universo como um sistema mecânico composto de blocos de construção elementares, a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença no progresso material ilimitado, a ser obtido por intermédio de crescimento econômico e tecnológico, e — por fim, mas não menos importante — a crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda a parte, classificada em posição inferior à do homem é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza. (p.16)

Diante disso, a ecologia profunda – ou visão ecológica – é encarada como parte de uma abordagem holística de mundo, ou seja, um todo integrado, que “reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e

sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza” (CAPRA, 1996, p. 16).

Um exemplo de como isso se manifesta em interpretações a respeito de como as construções e os comportamentos humanos estão intimamente ligadas aos fenômenos naturais, para o bem ou para o mal, são representadas no documentário *Uma Verdade Inconveniente* (2006), dirigido por Davis Guggenheim e apresentado pelo ambientalista e ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore. O filme analisa a problemática do aquecimento global, trazendo uma série de dados para comprovar a correlação entre comportamento humano e emissão de gases na atmosfera (decorrentes majoritariamente da queima de combustíveis fósseis e do desmatamento), o que, posteriormente, acarreta no aumento de temperaturas e em uma série de fenômenos extremos, como elevação dos oceanos e desaparecimento de ilhas e territórios litorâneos, furacões, enchentes, secas, entre outros, colocando em risco milhões de vidas ao redor do mundo.

O debate proposto no documentário de Guggenheim e Al Gore vem na toada de debates sobre temas ambientais desde os anos 1970, como retrata Morin, em *Terra-Pátria* (2003):

A potencialidade de auto-aniquilamento acompanha doravante a marcha da humanidade. Uma outra ameaça damocleana ergueu-se após o alerta ecológico de 1970-1972; progressivamente fomos nos dando conta, nos anos 1980, que o desenvolvimento tecno-industrial determina degradações e poluições múltiplas, e hoje a morte paira na atmosfera, prometida no aquecimento devido ao efeito estufa. Assim, uma morte de um novo tipo se introduziu na esfera de vida da qual faz parte a humanidade. (p. 33)

A complexidade em torno de debates como esse busca ser melhor compreendida por Capra (1996) a partir do termo “profunda” junto ao de ecologia. O físico austríaco aponta que essa ideia se ampara tanto em um movimento popular global em torno do tema quanto na escola filosófica fundada pelo norueguês Arne Naess, nos anos de 1970. A distinção de profunda se dá em relação ao de “rasa”, que seria uma visão centrada no homem, antropocêntrica, que “vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de ‘uso’, à natureza”¹³⁵. Por sua vez, a ecologia profunda nega essa formulação ao inserir os seres humanos, e

¹³⁵ Ibidem, p. 17.

qualquer outro elemento, como um todo do ambiente natural, como sendo parte de uma mesma rede de fenômenos interconectados e interdependentes.

A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. Em última análise, a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda.¹³⁶

Dois elementos a mais a se trazer nessa formulação, seria o de ecologia social e ecofeminismo. O primeiro, tem o foco nos “padrões culturais de organização social que produziram a atual crise ecológica”, centrando-se no reconhecimento de que a raiz do pensamento dominante do tempo atual é fundamentalmente antiecológico, que se manifesta nas estruturas sociais e econômicas de dominação. Como exemplos disso, Capra cita o patriarcado, o imperialismo, o capitalismo e o racismo, que seriam também faces da dominação exploradora e antiecológica. A presença de marxistas e anarquistas nas leituras dentro da ecologia social também é citada pelo autor para se analisar as formas de dominação.

Já o ecofeminismo seria uma escola especial dentro da ecologia social e que vai além da mesma, segundo Capra (1996), ao trazer o patriarcado no foco das relações. A dominação dos homens sobre as mulheres, de acordo com esse pensamento, seria “o protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista”, nesse sentido, a exploração da natureza e das mulheres parte do mesmo ponto em comum, até porque através dos séculos a natureza foi identificada com o feminino (p. 18).

Na superação do paradigma vigente para um novo paradigma, além da conceitualização, ou seja, uma abertura e uma mudança das maneiras de pensar, Capra sinaliza para a importância dos valores e da ética. Nesse âmbito, a atual cultura valoriza os valores individualistas ou autoafirmativos sobre os integrativos, colocando-os como opostos. Seguindo esse raciocínio, os valores associados ao autoafirmativo, normalmente, são os de competição, expansão, dominação – também comumente associados a homens. Logo, em uma sociedade patriarcal, ao se exercer esses valores, comumente se alcança recompensas econômicas e de poder político. “Essa é uma das razões pelas quais a mudança para um

¹³⁶ Ibidem, p. 17.

sistema de valores mais equilibrados é tão difícil para a maioria das pessoas, e especialmente para os homens”, afirma Capra (1996, p. 19).

Para se construir novas relações, é necessário reduzir o poder – a dominação sobre os outros –, ou seja, a autoafirmação exacerbada, e equilibrá-la com o valor integrativo. Da dominação dentro de uma estrutura hierárquica rígida, o autor austríaco defende, dentro de um novo paradigma, o poder da influência sobre os outros em uma estrutura de rede, que seria, para ele, a metáfora central da ecologia.

No campo da ética, seria um passo adiante da discussão de valores, sendo que essa já passaria a estabelecer uma compreensão não mais antropocêntrica para uma ecocêntrica, aquela que reconhece também o valor da vida não-humana. Nesse sentido, “todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências. Quando essa percepção ecológica profunda torna-se parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema de ética radicalmente novo”¹³⁷.

Um outro termo que também evoca a esse debate e reflexões de mesmo tipo é de “solidariedade ecológica”, que Morin (2003) utiliza em *Terra-Pátria* para explicar sua visão a partir de uma metáfora para representar a biosfera que seria “árvore da vida”, ou “esfera da vida”, que conjuga múltiplos nichos de formação, e sendo o homem o último ramo de sua construção e ao mesmo tempo desviante. Portanto, os seres humanos ao mesmo tempo que são responsáveis por interligar diversos ecossistemas precisam compreender que fazem parte dos mesmos, os dividindo com outros seres vivos se faz necessário estar atento a uma postura solidária para garantir a continuidade da vida. “A descoberta da solidariedade ecológica é uma grande e recente descoberta. Nenhum ser vivo, mesmo humano, pode libertar-se da biosfera” (p. 53)

A Terra não é a adição de um planeta físico, mais a biosfera, mais a humanidade. A Terra é uma totalidade complexa física/biológica/antropológica, em que a vida é uma emergência da história da terra, e o homem uma emergência da história da vida terrestre.

A vida é uma força organizadora biofísica em ação na atmosfera que ela criou, sobre a terra, debaixo da terra, nos mares, onde ela se espalhou e se desenvolveu.

A humanidade é uma entidade planetária e biosférica.

Estamos a milhões de anos-luz de uma centralidade humana no cosmos e, ao mesmo tempo, não podemos mais considerar como entidades claramente

¹³⁷ Ibidem, p. 19.

separadas, impermeáveis umas às outras, homem, natureza, vida, cosmos. (MORIN, 2003, p. 63)

Em sua leitura a respeito dessa obra de Morin, o professor Jorge Ijuim, da UFSC,¹³⁸, ressalta a forma como o filósofo francês apresenta o ser humano como filho do universo, da própria Terra, abordando que todas as grandes transformações que deram origem à Terra também compõem o ser humano, além de diversas combinações complexas de todos os elementos da natureza. Em um cruzamento com a análise em torno do conceito de *Buen Vivir*, ou do Bom Viver, como prefere Ijuim, essa compreensão sistêmica e interligada da vida está presente em certas culturas indígenas, mas que ainda está em disputa nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Então, tanto nós seres humanos como uma pedra temos uma mesma origem, uma árvore tem uma mesma origem, um pássaro tem a mesma origem que nós. E nós somos seres puramente biológicos? Não. Nós somos seres vivos biológicos, físicos, químicos, temos uma parte material, e somos seres sociais. Qual é a grande diferença de uma visão ocidental europeia e um Bom Viver? A grande diferença é que o Bom Viver entende muito melhor que o ocidental europeu que nós somos esses seres biológicos, físicos, químicos, sociais, e nossa mãe é a Terra. Para o Bom Viver, a Terra não está aqui para ser explorada e dominada, ela está aqui para nós estarmos em comunhão com essa Terra. Eu tenho a Terra para plantar, ter os alimentos, sim, mas eu tenho que conviver, eu tenho que viver dela e, para ela, conservar. (IJUIM, informação verbal)

Em sentido consonante, no livro *Epistemologias do Sul* (2009), organizado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos e pela antropóloga moçambicana Maria Paula Meneses, o central é a defesa de que não há epistemologias¹³⁹ neutras e que esse tema não deve ser pautado por abstrações, mas práticas de conhecimento e seus impactos nas práticas sociais. A partir disso, geram-se reflexões de como as epistemologias dominantes construídas no colonialismo e no capitalismo silenciaram “muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade” (p. 7), em função de relações desiguais de saber-poder.

¹³⁸ Jorge Kanehide Ijuim, pesquisador e professor da graduação e da Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concedeu uma entrevista a esta tese em 23 de dezembro de 2020.

¹³⁹ Para Santos e Meneses, “epistemologia é toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido” (2009, p. 9).

Um outro tópico que parte desse conjunto de reflexões é o padrão em rede como uma nova proposta de paradigma para a estrutura social, e este é um dos focos da obra *As Conexões Ocultas - Ciência para uma vida sustentável*, de Capra (2002). Junto a esse tema, também há uma discussão sobre a estrutura conceitual da vida, que integra as dimensões biológica, cognitiva e social; e, na sequência, o autor busca apresentar uma forma de tratar as principais questões críticas da atualidade, como nos campos econômico, científico e de articulação social.

Na busca por dialogar com o exposto na obra anteriormente mencionada de Capra, destaca-se a compreensão de que: “As redes sociais são antes de mais nada redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder e assim por diante” (p. 85). Desse modo, as redes sociais atuam no sentido de comunicar, modificar ou preservar a cultura – na perspectiva antropológica, como um sistema de valores, crenças e regras vindas do convívio social –, além de conhecimentos comuns em termos de informações, ideias e práticas, com modos de vida específicos. Ler o mundo a partir de uma lente comum também cria um sentimento de pertencimento e identidade, com a sensação de fazer parte de um grupo maior.

Contudo, as contradições nessas relações devem ser encaradas por meio de conflitos de poder. Quando os interesses não são comuns e partilhados, a forma de resolução muitas vezes se dá por meio do exercício do poder e da dominação, tanto pelo uso de ameaças e violência como outras formas baseadas em relações de convencimento, persuasão ou de incentivos e recompensas. “No decorrer da longa história da civilização humana, numerosas formas de organização social foram geradas por essa necessidade de organizar a distribuição de poder. Assim, o poder desempenha papel de destaque no surgimento das estruturas sociais”, explica Capra (2002, p. 93).

E dentro dessa estrutura de dominação e poder dos tempos atuais, a tecnologia cumpre um papel importante. “Uma tecnologia específica sempre há de moldar a natureza humana de maneira igualmente específica, pelo fato de o uso da tecnologia ser um aspecto fundamental da existência humana”¹⁴⁰, ou seja, não há neutralidade na tecnologia, bem como não há na ciência, logo, ela faz parte das escolhas humanas, de formulação e uso, interagindo com a cultura. Assim, “a questão principal não é a tecnologia, mas a política”, defende Capra (2002, p. 259). Segundo ele, a humanidade já possui conhecimento, ciência e tecnologia para superar

¹⁴⁰ Ibidem, p. 97.

uma série de problemas hoje (e aqueles em que ainda não há respostas tecnológicas ou científicas, dependem apenas de um esforço humano em sua formulação e de um esforço político e de tempo para serem alcançados¹⁴¹), mas a principal escolha é a política para se realizar as mudanças. “A transição para um futuro sustentável já não é um problema técnico nem um problema conceitual, mas um problema de valores e de vontade política” (p. 254).

Com reflexões em torno da globalização, da economia, do mundo do trabalho, do debate ecológico, de mudanças climáticas, entre outros, Capra vai formulando sua análise sobre a importância do olhar ecológico e sistêmico para garantir a manutenção da vida. Para ele, “o capitalismo global não alivia a pobreza e a exclusão social; muito pelo contrário, agrava-as”¹⁴². Nesse sentido, “a meta central da teoria e da prática econômicas atuais - a busca de um crescimento econômico contínuo e indiferenciado - é claramente insustentável, pois a expansão ilimitada num planeta finito só pode levar à catástrofe”¹⁴³. Ao mesmo tempo, como criações projetadas e conscientes do próprio homem, o sistema capitalista e a globalização econômica também podem ser modificadas¹⁴⁴. Para isso, Capra acredita na atuação de uma série de atores, como ONGs, movimentos populares, líderes comunitários, cientistas sociais e até mesmo especuladores financeiros que atuam com valores diferentes.

A alfabetização ecológica, foco do trabalho desenvolvido atualmente por Capra, no Centro de Alfabetização Ecológica, com sede em Berkeley, na Califórnia (Estados Unidos), é um dos caminhos que o autor toma para esse processo de conscientização.

A alfabetização ecológica - a compreensão dos princípios de organização que os ecossistemas desenvolveram para sustentar a vida - o primeiro passo no caminho para a sustentabilidade. O segundo passo é o projeto ecológico. Precisamos aplicar nossos conhecimentos ecológicos a uma reformulação fundamental de nossas tecnologias e instituições sociais, de modo a transpor o abismo que atualmente separa as criações do ser humano dos sistemas ecologicamente sustentáveis da natureza. (CAPRA, 2002, p. 229-230)

¹⁴¹ No momento de escrita desta tese, o mundo encontra-se diante da pandemia do novo coronavírus, e, sobre o tema, Fritjof Capra concedeu uma entrevista ao jornal Folha de São Paulo em que afirma que a pandemia é uma “resposta biológica do planeta” como consequência da destruição ambiental e modelo econômico dos homens, e que o interesse político para operar as transformações necessárias no mundo ainda estão pendentes. Entrevista “‘Pandemia é resposta biológica do planeta’, diz físico Fritjof Capra”, ao jornal Folha de São Paulo, publicada em 9 de agosto de 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fronteiras-do-pensamento/2020/08/pandemia-e-resposta-biologica-do-planeta-diz-fisico-fritjof-capra.shtml>. Acesso em: 12 out. 2020.

¹⁴² Ibidem, p. 144.

¹⁴³ Ibidem, p. 144-145.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 209.

Quanto à comunicação, fruto de interesse desta tese, retoma-se Capra em seu resgate do papel da cultura difundida por meio de redes de comunicação para a construção de valores, crenças, regras de conduta e percepção da realidade, tecidos em um contexto de linguagem e de comportamentos em que são criados o mundo (p. 154). Em uma obra anterior do físico austríaco, *O Ponto de Mutação* (1986), se faz presente, também, a reflexão de que para uma transformação cultural é preciso reestruturar os sistemas de educação e informação, abrindo caminho para apresentação e discussão dos temas ecológicos. Ainda que já existam pequenas iniciativas nesse sentido, é preciso alcançar o que Capra chama de “meios de comunicação de massa”, contudo, ele aponta que esses estão sob o domínio do “mundo dos negócios”, o que provoca a censura de certos conteúdos. “O direito de acesso do público aos veículos de comunicação de massa será, por conseguinte, um aspecto importante da mudança social em curso”, defende Capra (1986, p. 387). A isso, ele soma que uma vez tenha ocorrido essa reforma da comunicação (o que pode-se criar um paralelo com as reivindicações de democratização e direito à comunicação), os próprios jornalistas e comunicadores precisarão ter um olhar holístico e sistêmico da realidade, e não mais a visão fragmentária, “desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica” (p. 387).

A partir do percurso por essas teorias, surgem aspectos que intercruzam com a proposta trazida pelo *Buen Vivir*, entre elas uma visão integral das relações entre seres humanos e natureza, com respeito às diversas manifestações tanto intelectuais quanto espirituais; a necessidade de uma ordem de desenvolvimento não predatória e desigual, em que a dominação seja substituída por relações mais harmônicas; a denúncia do patriarcado, do capitalismo, do imperialismo, das injustiças sociais e das desigualdades; e, também, o papel transformador da educação e da comunicação nesse processo de construção de um novo olhar sobre a realidade, projetando novas formas de convivência.

3.2. *Buen Vivir* e sua interface com a comunicação

O conceito andino de *Buen Vivir* ou *Vivir Bien* – em kichwa¹⁴⁵, *sumak kawsay*, e em aymara, *sumaj qamaña*, – se tornou mais difundido no contexto atual e ficou mais

¹⁴⁵ Kichwa é a forma de escrita mais comumente usada entre os indígenas do Equador; mas há também a grafia quichua usada em espanhol e em outros países, como o Peru, ou mesmo quechua, como na Bolívia.

proeminente na sociedade e na academia latino-americanas a partir da aprovação das novas constituições do Equador, em 2008, e da Bolívia, em 2009. Ambos os países tornaram relevante essa concepção, mas sua origem é ancestral, vinda dos povos originários da região andina, da América Latina. Uma das histórias sobre o surgimento desse conceito é contada por Ariruma Kowii, escritor, poeta e dirigente indígena equatoriano de nacionalidade kichwa, além de professor da Universidade Andina Simón Bolívar, em Quito, no Equador.

No sentido de reconstruir as formas de pensamento dos povos kichwa, que também guardam relação com outras comunidades dos Andes, Kowii, no texto *El Sumak Kawsay* (2008), retoma como se constituiu o conceito de *sumak kawsay* em sua região, Otavalo, na província de Imbabura, no Equador. Ele relata que a mitologia fundacional aponta que o seu povo caminhou longas jornadas até encontrar o lugar ideal para se viver, pois, para escolhê-lo, era necessário sentir a energia – positiva ou negativa – que desprendia dele. Assim, o local e a energia que ele emana possuíam uma profunda relação com a forma de se organizar dos ancestrais kichwa. Nas palavras de Kowii (2008): “A importância que colocavam nossos ancestrais em garantir que o entorno se convertesse em um todo, em uma razão de ser do indivíduo, da natureza e da população, para que este se complemente com o ser dos indivíduos e da coletividade”¹⁴⁶ (p. 01, tradução nossa).

Em especial, a relação com o lugar energético era muito forte até a década de 1980 nas comunidades kichwa, desde crianças até idosos. Inclusive, havia práticas entre os anciãos de que se um lugar era tido com uma energia negativa, ao passar por ele, era preciso cumprir certos rituais, como uma oração ou fumar um cigarro, até se afastar do mesmo. A relação da escolha do local também tinha a ver com a estética, a beleza do mesmo, no caso do povo kichwa-otavalo, como descrito por Kowii. A presença de lagos, colinas, montanhas, entre outros, era tida como importante para respirar ar puro e renovar as energias para enfrentar o dia a dia. Os mirantes, em que era possível ver toda a paisagem do alto, também eram tidos como lugares especiais, onde se levavam oferendas ou se faziam fogueiras e acendiam incensos para purificação. Na descrição do autor, “após as orações, os ritmos que dedicavam, foram se incorporando, respiravam fundo e olhavam para a majestuosidade do horizonte, mergulhavam nele e meditavam em meio à dita paz, neste exercício a frase se tornou

¹⁴⁶ No original em espanhol: “la importancia que ponían nuestros ancestros en garantizar que el entorno se convierta en un todo, en una razón de ser del individuo, de la naturaleza y de la población, para que éste se complemente con el ser de los individuos y de la colectividad”.

realidade, *kawsarishkanimi*, estavam de volta à vida” (KOWII, 2008, p. 1, tradução nossa)¹⁴⁷. Diversas outras interpretações e rituais sagrados marcavam a cultura do povo otavalo, parte da grande cultura kichwa, e essas interpretações e ações se uniam aos valores e conhecimentos da relação entre seres humanos e natureza, a fim de manter um equilíbrio entre eles.

Outro valor importante da mitologia kichwa era o de buscar, selecionar, definir e persistir em um casal, sendo isso um significado de determinação e constância, bem como a escolha do lugar; também possuía o significado de dualidade, também manifesta em diversos elementos naturais. A mensagem presente na ideia de dualidade era a de estar e avançar juntos; ao mesmo tempo em que há diferença, há respeito, amor e igualdade, que se veem refletidos nos conceitos de complementaridade, igualdade e equidade, segundo Kowii.

Faço referência a estes pontos, porque o entorno constituído e compreendido como uma entidade dotada de energias nos lembra que somos parte complementar da natureza, nos convida, nos desafia e inspira o indivíduo a se reconstruir permanentemente em sua realização individual e coletiva. (...) A natureza em si se constituía em uma motivação que convidava a se agarrar à vida e a lutar por ela, a lutar por dias melhores.

(...) Em resumo, os lugares e os indivíduos estão intimamente relacionados, o nível de influência é mútuo e são elementos que permanentemente relembram a relação espiritual que conseguiram desenvolver entre as pessoas e a natureza. Por essa mesma razão, as comunidades kichwa constantemente se referem à *pacha mama*, ou seja, ao universo.¹⁴⁸

Assim, o povo kichwa se relacionava com a natureza, a considerando também como elemento vivo e, muitas vezes, como deuses e deusas, sendo vista como sagrada e na qual é possível interagir com ela e se desenvolver a partir dela, mas sempre pedindo permissão para isso.

Para melhor compreender a cultura kichwa, Kowii (2008) listou alguns conceitos que se desenvolvem por meio de valores e práticas. Alguns deles são: a *minka*, ou *minga*, uma

¹⁴⁷ No original em espanhol: “luego de las plegarias los ritmos que dedicaban, se incorporaban, respiraban profundo y contemplaban la majestuosidad del horizonte, se sumían en el y meditaban en medio de dicha paz, en este ejercicio se hacía realidad la frase, *kawsarishkanimi*, nuevamente he vuelto a vivir”.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 2, tradução nossa. No original em espanhol: “Hago referencia a estos puntos porque el entorno constituido y comprendido como una entidad dotada de energías nos recuerda que somos parte complementaria de la naturaleza, nos invita, nos reta e inspira al individuo a reconstruirse permanentemente en su realización individual y colectiva. (...) La naturaleza en sí se constituía en una motivación que invitaba a aferrarse a la vida y a luchar por ella, a luchar por mejores días.

(...) En suma, los lugares y los individuos están íntimamente relacionados, el nivel de influencia es mutuo y son elementos que permanentemente rememoran la relación espiritual que ha logrado desarrollarse entre las personas y la naturaleza, por esa misma razón las comunidad kichwa, constantemente se refiere a la *pacha mama*, es decir al universo”.

forma de trabalho coletivo baseado na produção e na economia de reservas; o *ayni*, solidariedade e reciprocidade da família e da comunidade; o *maki purarina*, ou *maki mano*, no sentido de se aproximar, dar as mãos, ajudar-se mutuamente; o *yanaparina*, a solidariedade como um valor fundamental, no sentido de que sem o apoio dos demais não seria possível superar certas dificuldades (p. 3-4).

Destrinchando os princípios presentes no *sumak kawsay*, ou entre os kichwa o que seria o *Buen Vivir*, Kowii (2008) apresenta os valores do *ama killa*, não à preguiça; *ama llulla*, não à mentira; *ama shua*, não ao roubo; que reunidos trazem o sentido de que o trabalho é o eixo fundamental para garantir o bem estar individual, familiar e coletivo. Algumas das outras ideias associadas são: *alli kausay*, a harmonia para garantir a fluidez de energia; *wiñak kausay*, a criatividade para se buscar constantemente inovações; o *samak kausay*, a serenidade, no sentido de perseverança e disciplina, para que cada se desenvolva em paz e com respeito ao outro; o *runakay*, o saber ser, uma soma de todos os elementos anteriores. Por fim, o *sumak kawsay*, ou *Buen Vivir*.

É uma concepção andina ancestral da vida que se manteve vigente em muitas comunidades indígenas até a atualidade. *Sumak* significa o ideal, o bonito, o bom, a realização; e *kawsay*, é a vida, em referência a uma vida digna, em harmonia e equilíbrio com o universo e o ser humano, em síntese, o *sumak kawsay* significa a plenitude da vida.¹⁴⁹

Na ocasião da escrita desse texto, Kowii era subsecretário de Educação dos Povos Indígenas do Equador, no Ministério de Educação, responsável pelo Diálogo Intercultural no governo de Rafael Correa (2007-2017). E é no seio dessas formulações que a presença e a importância do termo se tornam marcantes nos textos constitucionais do Equador e da Bolívia, e dialogam com um plano econômico e de se pensar um modelo de desenvolvimento distinto ao capitalista.

O conceito de Plurinacional também se destaca, junto a debates em torno de etnicidade e de “formas institucionais a partir de uma alternativa política ao desenvolvimento”¹⁵⁰, indica o antropólogo argentino e professor de Pós Graduação em Estudos Culturais da Universidade

¹⁴⁹ Ibidem, p. 6, tradução nossa. No original em espanhol: “Es una concepción andina ancestral de la vida que se ha mantenido vigente en muchas comunidades indígenas hasta la actualidad. Sumak significa lo ideal, lo hermoso, lo bueno, la realización; y kawsay, es la vida, en referencia a una vida digna, en armonía y equilibrio con el universo y el ser humano, en síntesis el *sumak kawsay* significa la plenitud de la vida”.

¹⁵⁰ No original em espanhol: “Formas institucionales desde una alternativa política al desarrollo”.

de São Paulo (USP-Leste), Salvador Schavelzon, no livro *Plurinacionalidad y Vivir Bien/Buen Vivir - Dos conceptos leídos desde Bolivia y Ecuador post-constituyente* (2015, p. 182, tradução nossa). Frutos de lutas sociais e políticas populares e da chegada à Presidência de governos progressistas, como o do próprio Correa, no Equador, e também de Evo Morales (2006-2019), na Bolívia, esses processos constituintes marcaram um momento distinto na América Latina, no que foi chamado de Novo Constitucionalismo Latino-Americano, e, a partir disso, um salto na sistematização do conceito de *Buen Vivir*.

Esse novo constitucionalismo é entendido como a superação da herança constitucional hegemônica: eurocêntrico-estadunidense, liberal, colonizadora e monista. Nesse sentido, “na realidade da América Latina, as novas Constituições podem marcar a possibilidade de transição de projetos em que grupos historicamente marginalizados assumem um protagonismo político”, se diferenciando de um passado de exclusão de “populações indígenas, negras e pobres”, aponta em sua tese de doutorado *A Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia como um instrumento de hegemonia de um Projeto Popular na América Latina*, o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Gladstone Leonel da Silva Júnior (2014, p. 152-156).

Dessa forma, esse constitucionalismo tem sua origem na busca por garantir a participação democrática do povo em sua construção e rompe com as fundamentações constitucionais anteriores. Assim, com a introdução do conceito *Vivir Bien* na Constituição da Bolívia, por exemplo – mas podendo ser estendida ao processo equatoriano –, “a estrutura político-institucional passa a se reconfigurar conjugando o ser humano aos elementos relacionados à vida como um todo, seja ela humana ou não, considerando em certas situações elementos da Pachamama e prezando o ‘vivir bien’”¹⁵¹.

Tomando especificamente o caso boliviano para ilustrar como se deu a relação do Estado com esse novo conceito, a partir de um percurso de tensões e embates entre as forças populares e conservadoras na disputa constituinte, ao fim firmaram-se alguns entendimentos manifestos no texto constitucional.

Essas mudanças paradigmáticas serão fundamentais para que o Estado trilhe um caminho que considere e paute o *vivir bien* ou *Sumaj qamaña* na Bolívia. Esse conceito andino, crítico ao capitalismo e ao núcleo irracional da modernidade, traz valores comunitários da cosmovisão indígena, além de ressaltar a relação harmônica do homem-mulher com a ‘mãe terra’. Logo, o

¹⁵¹ Ibidem, p. 171.

vivir bien manifesta-se no modelo de Estado Plurinacional, no novo modelo territorial autônomo e no novo modelo econômico plural e comunitário. (SILVA JÚNIOR, p. 216-217)

Na ideia de concretizar o *Buen Vivir* no modelo econômico, se fazem necessárias “mudanças em relação às forças produtivas e à lógica de atuação diante da Pachamama”¹⁵², como no caso boliviano da regulamentação sobre transgênicos. Está presente também em uma “economia plural” (da privada à comunitária, passando pela cooperativada e estatal), que no artigo 306 da Constituição da Bolívia define que ela está orientada “a melhorar a qualidade de vida e o *vivir bien* de todas as bolivianas e os bolivianos”¹⁵³.

Com essa proposta de reestruturação do modelo econômico da Bolívia a partir de uma vocação que inclua o protagonismo popular e indígena e a retomada de setores estratégicos pelo Estado, para reinvesti-los em políticas públicas, algumas medidas foram fundamentais, junto ao processo de aprovação do novo texto constitucional: controle e gerência sobre a atuação das transnacionais; nacionalização dos hidrocarbonetos; e combate ao latifúndio (retomando a reforma agrária de 1953 e colocando o trabalho como determinante para aquisição e conservação da propriedade agrária, ou seja, cumprindo sua função social).

Seguindo com a busca por um entendimento do *Vivir Bien*, o Estado Plurinacional da Bolívia, por meio do Ministério de Culturas, define:

Em princípio, há um certo consenso de que é um novo paradigma que nos permite repensar o desenvolvimento, ou melhor, buscar alternativas a partir de valores que nos trazem o mundo indígena, como a complementaridade e a reciprocidade, assim como a harmonia com a Mãe Terra. Uma nova visão do comum, na qual a reprodução da vida, da comunidade, tem um papel principal que nos permite olhar o mundo sob outros parâmetros.¹⁵⁴ (MINISTERIO DE CULTURAS, 2012, p. 07, tradução nossa)

¹⁵² Ibidem, p. 218.

¹⁵³ No original em espanhol: “a mejorar la calidad de vida y el vivir bien de todas las bolivianas y los bolivianos”. Trecho da Nueva Constitución Política del Estado Boliviano. Disponível em: <http://www.comunicacion.gob.bo/?q=20130725/nueva-constitucion-politica-del-estado-boliviano>. Acesso em: 09 dez. 2018.

¹⁵⁴ No original em espanhol: “En principio hay un cierto consenso de que es un nuevo paradigma que nos permite repensar el desarrollo, o más bien buscar alternativas desde valores que nos trae el mundo indígena como la complementariedad y reciprocidad, así como la armonía con la Madre Tierra. Una nueva visión de lo común, en la que la reproducción de la vida, la comunidad, tienen un rol principal que nos permiten mirar el mundo bajo otros parámetros”.

Compreender o *Vivir Bien* a partir de uma perspectiva estratégica, com ênfase maior ao que é prático do que ao conceitual, é o que defende o Ministério de Culturas do Estado Plurinacional da Bolívia: “Na medida em que a necessidade de sua explicação provém da necessidade de potencializar o horizonte histórico dos setores que levam adiante a Bolívia”¹⁵⁵ (MINISTERIO DE CULTURAS, 2012, p. 08, tradução nossa).

De outro ponto de vista, cercando esse conceito para melhor compreendê-lo, na tradução de *sumaj qamaña* e *sumak kawsay* para *Vivir Bien* e *Buen Vivir*, é importante destacar o que traz o sociólogo e docente boliviano Raúl Prada:

O *sumak kawsay* não é, pois, somente um conceito quechua, mas define um modo de vida, perdido, buscado, latente, recuperável. A partir deste ponto de vista, o modo de vida se opõe ao modo de produção; a Mãe Terra não pode ser reduzida à condição de possibilidade da produção, não pode ser reduzida a meio de produção; a Mãe Terra é criação, recriação, reprodução da vida, na manifestação de seus múltiplos ciclos vitais. A vida não é produção, mas invenção, é acontecimento da energia “cósmica”. A relação com esta energia.¹⁵⁶ (PRADA, 2013: s/n; In.: SCHAVELZON, 2015, p. 33, tradução nossa)

Um importante divulgador desse paradigma ao redor do mundo é o ex-chanceler e atual vice-presidente da Bolívia (com mandato iniciado em 2020), David Choquehuanca. De origem aymara, ele é o primeiro ministro reconhecidamente indígena do país e, passando também pelo Ministério da Economia, foi o único que se manteve como membro do gabinete ministerial ao longo dos anos de Presidência de Evo Morales (2006-2019), integrando o Movimento ao Socialismo (MAS). Enquanto ministro de Relações Exteriores, Choquehuanca propagou pelo mundo um discurso de mudança da visão de acumulação ocidental, individualista e antropocêntrica. Nesse sentido, ele apresentava que o *Buen Vivir* “dá prioridade à natureza e postula que todos os seres que vivem no planeta se complementam uns aos outros”¹⁵⁷, relacionando-o também com a unidade de todos os povos, com a proteção das

¹⁵⁵ No original em espanhol: “En la medida en que la necesidad de su aclaración proviene de la necesidad de potenciar el horizonte histórico de los sectores que llevan adelante en Bolivia”.

¹⁵⁶ No original em espanhol: “El *sumak kawsay* no es pues sólo un concepto quechua, sino define un modo de vida, perdido, buscado, latente, recuperable. Desde este punto de vista el modo de vida se opone al modo de producción; la Madre Tierra no puede ser reducida a condición de posibilidad de la producción, no puede ser reducida a medio de producción; la Madre Tierra es creación, recreación, reproducción de vida, en la manifestación de sus múltiples ciclos vitales. La vida no es producción sino invención, es acontecimiento de la energía “cósmica”. La relación con esta energía”.

¹⁵⁷ No original em espanhol: “Da prioridad a la naturaleza y postula que todos los seres que viven en el planeta se complementan unos con otros”.

sementes e recuperação dos bens naturais de um país para o benefício de todos. Alguns outros pontos abordados por ele tratam de se viver em complementaridade e equilíbrio com a natureza, a defesa da identidade e o respeito à mulher (2010, In: SCHAVELZON, 2015, p. 215, tradução nossa).

O processo de mudança que viveu a Bolívia naquelas décadas, e que teve seus contornos por meio de uma reforma constitucional, também se baseou em uma valorização dos povos indígenas e da natureza enquanto sujeito político de direitos. Contra essa visão e projeto societário em construção, setores da oligarquia e elite bolivianas, bem como do capital transnacional, executaram um golpe de Estado no país no ano de 2019, quando Evo Morales tinha sido reeleito mais uma vez presidente. Naquele momento, ocorreram intensos atos violentos contra indígenas e partidários do Movimento ao Socialismo (MAS), que deixaram um saldo de dezenas de mortos e centenas de presos políticos; na ocasião, o Exército e outros políticos bolivianos recomendaram a Morales que renunciasse ao governo, o que foi feito; logo após seu vice, Álvaro Garcia Linera, também renunciou junto a outros ministros e parlamentares. Um ano após o golpe, em outubro de 2020, novas eleições foram realizadas e saíram vitoriosos, com ampla margem, Luis Arce, ex-ministro da Economia, como presidente, e David Choquehuanca, ex-chanceler, como vice, ambos pelo MAS. Poucos dias após a posse dos novos mandatários e do novo Congresso, Evo Morales retornou do exílio político na Argentina, cruzando a fronteira entre os países e adentrando em solo boliviano em 9 de novembro, acompanhado por uma manifestação popular que o saudava.

Outro intelectual que fez parte de um governo que pautou o *Buen Vivir*, no caso o de Rafael Correa, no Equador, foi o político e economista Alberto Acosta, que ocupou a chefia do Ministério de Minas e Energia do país por cinco meses, sendo depois eleito presidente da Assembleia Constituinte do Equador; posteriormente Acosta rompeu com o correísmo (movimento de apoio ao presidente Correa). Em seu livro *O Bem Viver* (2016), Acosta destaca um elemento a se considerar no debate desse conceito: “Apenas colocar o Bem Viver na Constituição não será suficiente para superar um sistema que é, em essência, a civilização da desigualdade e da devastação. Isso, no entanto, não significa que o capitalismo deve ser totalmente superado para que, só depois, o Bem Viver possa se tornar realidade” (p. 25). Decorrente disso, aponta o político equatoriano, a busca pelo seu sentido ganha contorno em diferentes esferas da vida e é um passo importante em direção à construção de práticas e valores em torno dessa concepção. Para isso, Acosta defende que é necessário repensar as

estruturas dos Estados, em sua construção institucional, para que se realize o exercício horizontal do poder, incentive e garanta a participação da cidadania, em um sentido de estímulo a espaços comunitários de organização social. Pautar e construir, “comunitariamente, os Direitos Humanos – políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais dos indivíduos, das famílias e dos povos – e dos Direitos da Natureza” (ACOSTA, 2016, p. 26). Sendo esses últimos incluídos na Constituição equatoriana de 2008, no sentido de encarar a natureza também como sujeito de direitos: “Esta é uma postura biocêntrica que se baseia em uma perspectiva ética alternativa, ao aceitar o meio ambiente – todos os ecossistemas e seres vivos”¹⁵⁸. Já na Constituição boliviana não está prevista a mesma construção textual, mas se centra em dar destaque à *pacha mama* ou à “mãe terra”.

O conceito de *Buen Vivir*, em meio à ação de pensar uma nova forma de relações entre os seres humanos e o meio ambiente, segue inspirando e crescendo nos debates em distintas áreas e países, como é o caso de se refletir e construir novos pensamentos e práticas comunicacionais, em especial na América Latina. A discussão do que seria uma comunicação para o *Buen Vivir* conta com algumas reflexões teóricas em espaços acadêmicos e revistas, também com elementos práticos em experiências de comunicação, mas ainda são escassos e sem necessariamente uma visão uníssona entre eles.

Uma das abordagens parte da historização das teorias do desenvolvimento do século XX, no pós-Segunda Guerra Mundial, que geraram impactos na formulação de políticas e programas comunicacionais por organismos internacionais e Estados, no que ficou conhecido como “comunicação para o desenvolvimento”; assim identifica-se o que viria posteriormente com a ideia emergente de “comunicação para o *Buen Vivir*” (COGO, et. al, 2013). Nessa vertente, pontua-se que na “comunicação para o desenvolvimento” fazia-se uso da comunicação baixo a ideia de que a informação e o conhecimento são elementos importantes para a expansão do desenvolvimento capitalista no “Terceiro Mundo”, sobrepondo-se às tradições e culturas locais. Ou seja, visava-se o fortalecimento do capitalismo, suas empresas e seus produtos em novos mercados consumidores, bem como manter a influência dos países “mais desenvolvidos” em direção aos “subdesenvolvidos”.

Neste sentido, algumas teorias tentam dar conta da comunicação em uma perspectiva funcional, pensado basicamente a partir de um modelo simplista e linear centrado em aspectos como fonte, codificador ou transmissor,

¹⁵⁸ Ibidem, p. 28.

mensagem, canal, decodificador ou receptor e destinatário. (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 11)

Nesse percurso, surgiram construções para compreender e propor outro paradigma no que tange a ideia de desenvolvimento, como a Teoria da Dependência (que tem como nomes importantes os economistas brasileiros Ruy Mauro Marini, Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra) e a de “um outro desenvolvimento” (articulado pela Fundação Dag Hammarskjold, na Suécia). “Desenvolvimento participativo, sustentável, humano, local, comunitário, integrado, dentre outros, foram alguns dos termos e vertentes que surgiram, trazendo novas propostas, numa tentativa de se promover um desenvolvimento de fato equitativo” (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 6).

No campo da comunicação, as críticas ao modelo difusionista e de “comunicação para o desenvolvimento” também surgiram com pensadores como Luis Ramiro Beltrán (2005) e Paulo Freire (1997) – com propostas de comunicação horizontal e dialógica –, e Mario Kaplún (2002) e seu trabalho de comunicação em comunidades com a premissa de “ação-reflexão-ação”; ou seja, essas preveem modelos mais participativos e preocupados com o processo e não tão somente com o resultado final.

Aos poucos, portanto, acontece um processo de ressignificação – ou, ao menos, de ampliação de significado – da palavra “desenvolvimento”, relacionando-o à comunicação. E, para se buscar essa diferenciação, novas expressões também são usadas na expectativa de se melhor refletir uma proposta sustentável e apoiada no ser humano, tais como, comunicação para a mudança social, comunicação para a cidadania, comunicação participativa, comunicação para a transformação social. A partir da concepção deste “outro desenvolvimento”, o modelo participativo incorpora noções como horizontalidade e democratização de acesso, no sentido da liberdade de comunicação e do direito à comunicação enquanto poder de comunicar. (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 13).

Ainda assim, essa superação do sentido da comunicação “para o desenvolvimento” passando à comunicação “para a transformação social” ou “para a cidadania” não parece dar conta das mudanças paradigmáticas a que se propõem as construções em torno do *Buen Vivir*. Críticas nesse sentido foram levantadas por Alejandro Barranquero (2012a), como a da persistência da visão instrumental da comunicação, no sentido de seu uso “para” algum objetivo, e a ideia ainda mantida de desenvolvimento e transformação como “progresso” ou “evolução”, não levando em consideração outros seres e culturas. “A comunicação na

perspectiva do buen vivir traz, portanto, uma oportunidade de se repensar concepções” (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 17), como “parte constituinte e constitutiva de uma nova cosmovisão que ajude a integrar as dimensões da cultura e da natureza” (BARRANQUERO, 2012b, p. 9).

No entanto, ainda que em construção, essa inter-relação entre comunicação e *Buen Vivir* requer maior percurso prático para que se possa compreender melhor como esse postulado passa a ser vivenciado, apropriado e refletido por comunidades e comunicadores/as, e também em nível societário amplo, como um novo paradigma.

Em termos teóricos, estão presentes na filosofia do Buen Vivir necessidades de mudanças estruturais no sistema, mas, também, são necessárias a esta filosofia encaminhamentos práticos para que esta transformação possa se efetivar. Se as mudanças permanecerem apenas ligadas às lutas ofensivas e defensivas pela comunicação de caráter mais micro e comunitário, isso parece relevante, mas não suficiente. É preciso que haja uma transformação maior em termos de políticas de comunicação e de estrutura social do sistema capitalista, que amplie o aprendizado micro de participação gerado pelos movimentos sociais populares para experiências de comunicação macro que possam ser experimentadas e acessadas pela sociedade de forma plural. (COGO; et. al., 2013, p. 15-16).

O anseio por racionalizar essa nova prática comunicacional do *Buen Vivir* merece atenção e cuidado para que não se leve a um bloqueio de visualizar e entender os caminhos que ela já aponta, e que são de grande importância. Nesse sentido, vale retomar uma entrevista do vice-presidente boliviano e especialista em cosmovisão andina, David Choquehuanca, na qual ele comenta os postulados para o *Vivir Bien*, entre eles, o “saber comunicar-se”, que tem como base a comunicação das comunidades ancestrais e o diálogo: “Temos que nos comunicar como nossos pais o faziam antes, e resolviam os problemas sem que se apresentassem conflitos, isso não temos que perder”¹⁵⁹.

Outro pensador boliviano, Adalid Contreras Baspineiro, sociólogo, comunicólogo e ex-secretário-geral da Comunidade Andina (CAN), retoma mais um ponto importante que fundamenta essa nova perspectiva comunicacional, dentro de sua reconstrução de sentidos:

¹⁵⁹ Entrevista originalmente publicada no site La Razón, em 08 de fevereiro de 2010. Tradução nossa. Disponível em: <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=100068>. Acesso em: 09 dez. 2018. No original em espanhol: “Tenemos que comunicarnos como antes nuestros padres lo hacían,y resolvían los problemas sin que se presenten conflictos, eso no lo tenemos que perder”.

Se o *Buen Vivir* é uma resposta civilizatória à desumanização capitalista - (neo)colonial, a Comunicação para o *Buen Vivir* é a resposta à funcionalização dos processos de comunicação a esses sistemas, posto que não é possível uma nova era com sistemas sequestrados por um sentido empresarial-utilitário da liberdade de expressão, ou com meios que tornam opacas as identidades múltiplas, exaltam o individualismo, fomentam o culto ao medo, e banalizam a vida escondendo midiaticamente golpes brancos e duros à democracia.

[...]

Para construir a sociedade do *Buen Vivir* necessitamos de uma comunicação que construa a cultura da convivência. Necessitamos potencializar a comunicação popular que trava batalhas pelos significados de um mundo justo, incluyente, promovendo as expressões dos povos que rompem seus silêncios, que se visibilizam a partir de suas próprias identidades, e irrompem com sua palavra interpeladora, impugnadora, contra-hegemônica e expressiva da construção de uma nova sociedade.¹⁶⁰

Uma das vertentes dessa discussão é a interface entre o *Buen Vivir* e o direito à comunicação, sendo este um direito humano que deve ser garantido a todos e todas que desejam participar da esfera pública midiática para enviar suas mensagens, debater e participar da produção de conteúdo comunicacional. Nesse sentido, há a ideia de ampliação de emissores midiáticos, por meio de uma participação equilibrada entre os diversos atores sociais e as distintas opiniões presentes na sociedade. Um marco na discussão pelo direito à comunicação é o Relatório MacBride, formulado no interior da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), nos anos 1980, e que propôs uma Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (NOMIC).

O contexto em que evolui a comunicação vem definido pelas lutas políticas e sociais que configuram o consenso social predominante em cada sociedade. A organização da comunicação numa sociedade democrática deriva essencialmente de uma decisão política, que traduz os valores do sistema

¹⁶⁰ Artigo La comunicación y el paradigma del Vivir Bien/Buen Vivir, publicado no portal América Latina en Movimiento (ALAI). Tradução nossa. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/articulo/178010>. Acesso em: 09 dez. 2018. No original em espanhol: “Ahora bien, si el Vivir Bien/Buen Vivir es una respuesta civilizatoria a la deshumanización capitalista - (neo)colonial, la Comunicación para el Vivir Bien/Buen Vivir es la respuesta a la funcionalización de los procesos de comunicación a estos sistemas, puesto que no es posible una nueva era con sistemas secuestrados por un sentido empresarial-utilitario de la libertad de expresión, o con medios que opacan las identidades múltiples, exaltan el individualismo, fomentan el culto al miedo, y banalizan la vida socavando mediáticamente golpes blandos y duros a la democracia.

[...]

Para construir la sociedad del Vivir Bien/Buen Vivir necesitamos una comunicación que construya la cultura de la convivencia. Necesitamos potenciar la comunicación popular que desarrolla batallas por las significaciones de un mundo justo, incluyente, promoviendo las expresiones de los pueblos que rompen sus silencios, que se visibilizan desde sus propias identidades, e irrumpen con su palabra interpeladora, impugnadora, contrahegemónica y expresiva de la construcción de una nueva sociedad”.

social existente. Assim, a solução para o problema político da comunicação deve ser procurada no sentido de um equilíbrio entre a parte legítima que corresponde ao poder, na utilização dos meios de comunicação social, e a possibilidade de acesso a eles que se ofereça às diversas tendências e forças vivas da comunidade. (UNESCO, 1983, p. 33).

Avanços no sentido de garantir o direito à comunicação ocorreram em alguns países da América Latina nos anos 2000, em meio aos chamados governos progressistas, que podem ser vistos a partir de mudanças constitucionais – na Bolívia, no Equador e na Venezuela – ou por meio de Leis de Meios – como foi o caso da Argentina e o do Uruguai –, que buscaram alterar a perspectiva de concentração midiática nessas nações, ampliando o acesso aos meios de comunicação por setores antes marginalizados.

No caso da Constituição equatoriana de 2008, dentro do capítulo 2, de Direitos do *Buen Vivir*, a terceira seção versa sobre Comunicação e Informação. Nela, está expresso, entre outros pontos:

Art. 16.- Todas as pessoas, de forma individual ou coletiva, têm direito a:

1. Uma comunicação livre, intercultural, incluyente, diversa e participativa, em todos os âmbitos da interação social, por qualquer meio e forma, em sua própria língua e com seus próprios símbolos.
2. O acesso universal às tecnologias de informação e comunicação.
3. A criação de meios de comunicação social, e o acesso em igualdade de condições ao uso das frequências do espectro radioelétrico para a gestão de estações de rádio e televisão públicas, privadas e comunitárias, e a bandas livres para a exploração de redes sem fio.¹⁶¹

No texto constitucional boliviano, no sétimo capítulo, que diz respeito à Comunicação Social, está presente que o Estado é o garantidor do direito à comunicação e que apoiará a criação de meios comunitários, além de que não será permitida a conformação direta ou indireta de monopólios ou oligopólios nos meios de comunicação. Também está indicado que os veículos de comunicação “deverão contribuir para a promoção dos valores éticos, morais e cívicos das diferentes culturas do país, com a produção e difusão de programas educativos

¹⁶¹ Constituição do Equador de 2008. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.cec-epn.edu.ec/wp-content/uploads/2016/03/Constitucion.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020. No original em espanhol: “Art. 16.- Todas las personas, en forma individual o colectiva, tienen derecho a:

1. Una comunicación libre, intercultural, incluyente, diversa y participativa, en todos los ámbitos de la interacción social, por cualquier medio y forma, en su propia lengua y con sus propios símbolos.
2. El acceso universal a las tecnologías de información y comunicación.
3. La creación de medios de comunicación social, y al acceso en igualdad de condiciones al uso de las frecuencias del espectro radioeléctrico para la gestión de estaciones de radio y televisión públicas, privadas y comunitarias, y a bandas libres para la explotación de redes inalámbricas.”

plurilingues e em linguagem alternativa para pessoas com deficiência”.¹⁶² Assim, reforça-se o caráter plurinacional do Estado boliviano, que reconhece constitucionalmente 36 idiomas, entre línguas dos povos originários e o castelhano.

Logo, a aproximação entre *Buen Vivir* e direito à comunicação está garantida em processos constitucionais, uma vez que o Estado é o regulador da vida em sociedade, contudo, deve ir mais além, sendo pensada a partir de práticas comunicacionais.

Essa é uma linha defendida por diversas organizações populares do campo da comunicação, como a ALER, que tem nesse conceito andino a base para construção de seu atual Projeto Político Comunicativo. Na articulação, o debate se dá a partir da reflexão de que para a construção de um novo modelo de desenvolvimento, como é o *Buen Vivir*, é necessária uma prática social que altere estilos de vida e se converta em um imaginário coletivo. Nesse sentido, são necessárias novas práticas comunicacionais baseadas em um projeto de sociedade que seja democrático e que acredite no pluralismo e na diversidade de vozes, como defende o atual presidente da ALER, Leonel Herrera Lemus (2016, p. 89, tradução nossa).

O *Buen Vivir* necessita de modelos midiáticos baseados na perspectiva que põe todas as pessoas como sujeitos da comunicação e recupera o caráter dialógico, interativo e horizontal da prática comunicativa, a qual é impossível no contexto da visão tradicional da comunicação e dos modelos midiáticos hegemônicos.¹⁶³

Ainda que, para muitos países, realizar a luta pelo direito à comunicação e por um modelo de desenvolvimento baseado no *Buen Vivir* seja um horizonte distante atualmente – devido a um contexto de avanço de forças neoliberais e conservadoras –, há práticas comunicacionais que podem ser materializadas dentro de experiências populares, alternativas e comunitárias de comunicação, em projetos orientados não para interesses de lucratividade e

¹⁶² Constituição da Bolívia de 2009. tradução nossa. Disponível em: <https://sea.gob.bo/digesto/CompendioNormativo/01.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020. No original em espanhol: “deberán contribuir a la promoción de los valores éticos, morales y cívicos de las diferentes culturas del país, con la producción y difusión de programas educativos plurilingües y en lenguaje alternativo para discapacitados.”

¹⁶³ Ibidem, p. 87-88. No original em espanhol: “El Buen Vivir necesita modelos mediáticos basados en la perspectiva que pone a todas las personas como sujetos de la comunicación y recupera el carácter dialógico, interactivo y horizontal de la práctica comunicativa, lo cual es imposible en el contexto de la visión tradicional de la comunicación y los modelos mediáticos hegemónicos”.

manutenção do modelo capitalista, como explica a pesquisadora e docente em Comunicação, Cicilia Maria Krohling Peruzzo¹⁶⁴, em entrevista a esta tese.

No contexto do *Buen Vivir*, a comunicação necessária condiz com aquela guiada por processos participativos ativos dos membros da comunidade em toda sua dinâmica coletiva de planejamento, difusão e gestão. A comunicação popular, comunitária e alternativa, quando realmente imbuída de caráter coletivo e libertador, é a que mais coaduna com o desenvolvimento no contexto do Bem Viver. Contudo, mesmo sem estar debaixo da nomenclatura conceitual do *Buen Vivir*, muitas experiências de comunicação popular e comunitária na América Latina já fazem jus ao caráter emancipador dessa proposta estratégica de um novo desenvolvimento. (PERUZZO, informação verbal)

A construção do direito à comunicação e do *Buen Vivir* são apostas de construção de um novo modelo de sociedade mais democrático, participativo, em que cabem diversas culturas, povos e a natureza. Ainda que não estejam presentes em marcos constitucionais e implementados em sua plenitude são importantes guias para a construção de novos modelos de sociedade e de práticas comunicacionais.

3.3. A aposta da ALER pelo *Buen Vivir*

Em seu processo de recriação e elaboração constantes, para manter-se viva e incidindo na sociedade por meio de debates e da atuação na América Latina e no mundo, a ALER, como foi apresentado e discutido no capítulo anterior, completa cinco décadas de construção em 2022 e vive hoje a sua quinta fase, iniciada em 2012 e com projeção inicial até 2020¹⁶⁵, mas que se mantém, com a aposta na construção de processos para o *Buen Vivir*.

O *Buen Vivir* faz a relação entre a harmonia com todos/as nossos/as irmãos/ãs, com as diferentes culturas, com Deus e com a natureza.

O *Buen Vivir* motiva a viver com abertura a todo mundo e a todas as pessoas em sua diversidade, em busca de uma sociedade mais fraterna, igualitária e justa, ou seja, a grande utopia da fraternidade universal entre todos os povos e raças.

¹⁶⁴ Cicilia Maria Krohling Peruzzo, pesquisadora brasileira da comunicação e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, concedeu uma entrevista por e-mail em 08 de agosto de 2019.

¹⁶⁵ Em função da pandemia de covid-19, a Assembleia Geral da Associação, marcada para abril de 2020, foi adiada e não ocorreu nesse ano e no subsequente, 2021. Nesse espaço, seria avaliado o processo de construção da fase da ALER que compreende 2012-2020 e a construção pelo *Buen Vivir*.

“Vivir bien” se traduz em um imperativo ético e em uma rede de solidariedade para superar as desigualdades, devolver a dignidade a todas as pessoas e elevar a autoestima dos que se encontram deprimidos/as. Promove uma sociedade onde estejam presentes o bem comum, a solidariedade, a colaboração, a equidade, a pacífica convivência. É um convite a nos relacionarmos de um modo distinto com o “outro”, aceitando e respeitando tanto a igualdade como as diferenças.¹⁶⁶ (ALER, 2012a, p. 2, tradução nossa)

Essas são algumas das formulações produzidas no interior da Associação e junto às emissoras associadas, no processo chamado ALER 2020, que apontou um novo horizonte para a rede de rádios populares. O *Buen Vivir* ganhou espaço dentro da rede a partir de 2009, com inspiração nos debates constitucionais de Equador e Bolívia. “O desafio que apresenta [o projeto] ALER 2020 às rádios é repensar o ‘para que’ da comunicação e da educação popular hoje e em que medida pode ser relevante para contribuir para a construção de comunidades felizes, com modos de vida sustentáveis”¹⁶⁷, afirma María Cristina Cabral (2013, p. 123, tradução nossa), docente e pesquisadora da Universidade Nacional de Comahue (Argentina) e que naquele momento integrava a equipe de formadores do Fórum Argentino de Rádios Comunitárias (FARCO) e da ALER.

Ainda que formalmente esse processo tenha iniciado em 2011, a semente que motivou o debate foi plantada em 2009, quando surgiram os primeiros questionamentos em torno do que a Associação iria construir na década seguinte, ou, nas palavras do coordenador-geral da ALER, Hugo Ramírez, em entrevista a esta tese¹⁶⁸:

Até onde vai a ALER, qual é o norte da ALER, o que a ALER vai encorajar nos próximos anos e em tudo? É aí quando começa a fazer todo o questionamento no tema de desenvolvimento e começa a se reivindicar todo o horizonte que vamos apontar para o *Buen Vivir*, e todo esse paradigma de

¹⁶⁶ No original em espanhol: “El Buen Vivir hace relación a la armonía con todos/as nuestros/as hermanos/as, con las diferentes culturas, con Dios y con la naturaleza.

El Buen Vivir motiva a vivir con apertura a todo el mundo y a todas las personas en su diversidad, en busca de una sociedad más fraternal, igualitaria y justa, es decir, la gran utopía de la fraternidad universal entre todos los pueblos y razas.

‘Vivir bien’ se traduce en un imperativo ético y en una red de solidaridad para superar las desigualdades, devolver la dignidad a todas las personas y elevar la autoestima de los que se encuentran deprimidos/as. Promueve una sociedad donde estén presentes el bien común, la solidaridad, las subsidiaridad, la equidad, la pacífica convivencia. Es una invitación a relacionarnos de un modo distinto con el ‘otro’, aceptando y respetando tanto la igualdad como las diferencias”.

¹⁶⁷ No original em espanhol: “El desafío que le plantea ALER 2020 a las radios es repensar el ‘para qué’ de la comunicación y la educación popular hoy y en qué medida puede ser relevante para contribuir a la construcción de comunidades felices, con modos de vida sostenibles”.

¹⁶⁸ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020.

um modelo civilizatório por fora do desenvolvimentismo. Foi quando se diz: “Bom, no marco disto é que também temos que nos renovar”. Por isso, a partir da Assembleia de 2012, é quando, na realidade, é desde 2009, que se encaminha toda essa discussão em direção ao *Buen Vivir*. E, em 2012, se ratifica tudo isso e se diz: Temos que fazer todo um processo de inovação institucional também na ALER, no marco do que significa essa regeneração da ordem civilizatória do *Buen Vivir*. Então, em função disso, se fez todo um processo de inovação institucional que se chamou ALER 2020.¹⁶⁹ (RAMÍREZ, informação verbal)

A iniciativa do ALER 2020 surgiu em meio a uma crise identitária, de articulação e de participação em diversos níveis na Associação. Assim, a busca por debater com as associadas esse conceito que inspira novas relações e uma maneira de ser e participar no mundo fez com que levasse adiante essa empreitada. O ponto de partida foi a avaliação de que o modelo de desenvolvimento capitalista se encontrava em uma profunda crise no início do século XXI, “por isso estas são épocas de criatividade e buscas de formas de vida que não estejam centradas no consumo e na exploração indiscriminada dos recursos do planeta”; e, baseando-se na comunicação e na educação para a vida, foi feita a pergunta: “Qual é o lugar e o compromisso que assumem as rádios como projetos político-comunicacionais nessa construção?”¹⁷⁰ (CABRAL, p. 126, tradução nossa).

Um longo processo metodológico e formativo, com a mobilização por meio de facilitadores e da Junta Diretiva da ALER, foi realizado em 12 países com 75 rádios. A finalização do projeto ALER 2020 ocorreu por meio da apresentação da síntese final na Assembleia de 40 anos da Associação, celebrada em Quito, Equador, junto com o Encontro

¹⁶⁹ No original em espanhol: “¿Hacia dónde va ALER, cuál es el norte de ALER, qué es lo que va alentar ALER en los próximos años y en todo? Es ahí cuando empieza a hacer todo su cuestionamiento al tema del desarrollo y empieza a reivindicar todo el horizonte que lo vamos a sacar del Buen Vivir, y todo este paradigma de un modelo civilizatorio por fuera del desarrollismo, fue cuando se dice: Bueno, en el marco de esto es también tenemos que renovarnos. Por eso, desde la Asamblea de 2012 es cuando, en realidad, es desde 2009 que se encamina ya toda esa discusión hacia el Buen Vivir. Y en 2012 se ratifica todo ello y se dice: Hay que hacer todo un proceso de innovación institucional también en ALER, en el marco de lo que significa esta regeneración de este orden civilizatorio del Buen Vivir. Entonces en función de eso se hizo todo un proceso de innovación institucional que se llamó el ALER 2020”.

¹⁷⁰ No original em espanhol: “por eso éstas son épocas de creatividad y búsquedas de formas de vida que no estén centradas en el consumo y la explotación indiscriminada de los recursos del planeta”; “¿Cuál es el lugar y el compromiso que asumen las radios como proyectos político-comunicacionales en esa construcción?”.

Latino-americano de Comunicação Popular e *Buen Vivir*¹⁷¹, em 2012. Como acúmulo apresentado do encontro, está o seguinte relato de Cabral (2013):

A comunicação e a educação que contribuam para a decolonização, e construção a partir de um paradigma vinculado ao *Buen Vivir*, pode contribuir na geração de outras relações – sociais, políticas, culturais, éticas – que as outorguem um poder diferente aos povos latino-americanos. Para estar em correspondência com a visão contextual de mundo – biocêntrica –, certos compromissos emergem como relevantes para a ALER e as organizações de educação e comunicação:

- rechaçar a universalidade da ideia de desenvolvimento;
- eliminar a dicotomia superior-inferior na educação e na comunicação;
- realizar a decolonização da educação e a comunicação na América Latina;
- assumir o contexto como referência, a interação como chave e a ética como garantidor da sustentabilidade de nossos modos de vida;
- privilegiar as perguntas locais sobre as respostas universais;
- preferir as histórias locais sobre os desenhos globais como fonte de inspiração;
- aprender inventando a partir do local (para não perecer imitando o global).

¹⁷² (p. 127, tradução nossa)

A partir disso, foram reformuladas a missão, a visão, os valores e os princípios da ALER, que passaram a ser a base de sua orientação junto às associadas até o presente momento, que, entre outros pontos, destaca que a organização “trabalha pela democratização da comunicação e participa na construção de processos para o *Buen Vivir*”¹⁷³.

¹⁷¹ A memória deste Encontro foi organizada e publicada pela ALER como “COMUNICACIÓN POPULAR Y BUEN VIVIR. Memorias del Encuentro Latinoamericano -ALER 40 años Quito, septiembre 2012. Disponível em:

<http://www.democraciaycooperacion.net/IMG/pdf/133830222-Memorias-del-Encuentro-Comunicacion-Popular-y-Buen-Vivir-En-el-mundo-desde-nuestro-mundo.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2018.

¹⁷² No original em espanhol: “La comunicación y la educación que contribuya a la descolonización, a la construcción desde un paradigma vinculado al Buen Vivir, puede aportar a generar otras relaciones –sociales, políticas, culturales, éticas– que les otorguen un poder diferente a los pueblos latinoamericanos. Para estar en correspondencia con la visión contextual de mundo –biocéntrica–, ciertos compromisos emergem como relevantes para ALER y las organizaciones de educación y comunicación:

- rechazar la universalidad de la idea de desarrollo;
- eliminar la dicotomía superior-inferior en la educación y la comunicación;
- realizar la descolonización de la educación y la comunicación en América Latina;
- asumir el contexto como referencia, la interacción como clave y la ética como garante de la sostenibilidad de nuestros modos de vida;
- privilegiar las preguntas locales sobre las respuestas universales;
- preferir las historias locales sobre los diseños globales como fuente de inspiración;
- aprender inventando desde lo local (para no perecer imitando desde lo global)”.

¹⁷³ Trecho presente na visão da ALER. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/node/1>. Acesso em: 25 fev. 2020. No original em espanhol: “trabaja por la democratización de la comunicación y participa en la construcción de procesos para el Buen Vivir”.

O que leva a ALER a fazer essa escolha, segundo o atual coordenador-geral da Associação, Hugo Ramírez, se dá a partir do questionamento em torno do que significa progresso e desenvolvimento dentro do sistema dominante, e quão disfuncional isso pode ser para a sociedade. “Porque com esse refrão [capitalista], a pobreza continuava, as condições de desigualdade seguiam na América Latina e as crises que ocorriam tinham seu correlato com o modo de ver o mundo, esta visão de mundo mais ocidental”, explica Ramírez, em entrevista para esta tese¹⁷⁴. A partir dessa análise, dentro da ALER buscou-se resgatar o pensamento dos povos originários, suas formas de ler e encarar a vida, como trazido pelo *Buen Vivir*, e dar alguns passos na construção de linhas de ação e práticas que apontem nessa direção, sendo uma “aspiração, como uma coisa a se construir”, para outro mundo e outro modelo civilizatório.

Tidas como algo ainda em construção, as práticas e a materialização em si do *Buen Vivir* dentro da ALER não estão nítidas, inclusive por se tratar de uma disputa discursiva e opção de uma leitura de mundo que são feitas no interior da organização – com as associadas – e também da articulação para fora, com a sociedade. Como uma ideia geral, um conceito amplo, uma visão de mundo que orienta o sentido geral do pensamento e das ações, assim é entendido o *Buen Vivir* dentro da Associação, como explica Ángel José “Pepe” Frutos, do Fórum Argentino de Rádios Comunitárias (FARCO) e responsável pelo nó dos países do Cone Sul para o informativo ALER Satelital, em entrevista concedida a esta pesquisa¹⁷⁵.

O *Buen Vivir* é, institucionalmente, a visão da ALER, a aposta, a alternativa. Nesse sentido, eu vejo que também há diferenças, que às vezes conseguindo mais, ou outras vezes conseguindo menos, tratamos de sempre oferecer alternativas, oferecer esperança. Não é se tratando de trazer soluções nos programas [informativos] que fazemos, mas sim tratando que, em algum momento, isso [as alternativas] apareçam. Se estamos criticando o neoliberalismo, qual a saída. Se estamos criticando o extrativismo, se não é ele, o que é.¹⁷⁶ (FRUTOS, informação verbal, tradução nossa)

¹⁷⁴ Hugo Anacleto Ramírez Huamán, comunicador popular peruano que, desde 2016, é coordenador-geral da ALER, com sede em Quito (Equador), concedeu uma entrevista a esta tese em 13 de janeiro de 2020. Tradução nossa. No original em espanhol: “Porque con este estribillo la pobreza continuaba, las condiciones de desigualdad en América Latina seguían siendo, y las crisis que se iban dando tenían su correlato con todo este modo de ver el mundo, esta visión de mundo más occidental”.

¹⁷⁵ Ángel José “Pepe” Frutos, comunicador popular argentino que, desde 2015, é coordenador para produção informativa do Cone Sul da ALER, em Rosário (Argentina), no Centro de Produção da FARCO, concedeu uma entrevista a esta tese em 26 de novembro de 2018.

¹⁷⁶ No original em espanhol: “El Buen Vivir es institucionalmente la mirada de ALER, la apuesta, la alternativa. Por ahí hay otra cosa, yo veo que también hay diferencias, es que a veces logrando lo más o logrando menos otras veces, tratamos de siempre ofrecer alternativas, ofrecer esperanza. No tratando de traer soluciones en los

No entanto, ainda que a defesa do *Buen Vivir* esteja clara nos documentos, publicações e formulações da ALER, bem como para o corpo da direção da rede e os comunicadores das rádios mais ativas na associação, não é uma disputa fácil e simples de ocorrer. De acordo com Frutos, ainda não está arraigado o debate do que é o *Buen Vivir* junto às associadas e também às suas audiências. Ele relata que, muitas vezes, esse conceito é confundido como sendo algo em torno de viver bem, com o sentido de confortável nos marcos do capitalismo, de bem estar material, aproveitar a vida tendo tudo o que se deseja consumir, “atender suas vontades”, porém, ele retoma que o *Buen Vivir* é o contrário dessa visão, pois traz a proposta de pensar o futuro em equilíbrio entre os seres humanos e o meio ambiente, e não somente o conforto do agora.

Outro elemento a se refletir no trabalho da ALER junto às associadas em torno desse eixo, como apontado pelo comunicador argentino, é que muitas rádios ainda não utilizam a expressão “comunicação para o *Buen Vivir*”, mas, na realidade, estão construindo sua linha político-editorial e sua programação marcadas pelos ideais presentes nesse conceito, como alternativas de desenvolvimento, de relações entre os seres e de uma visão de mundo biocêntrica.

O *Buen Vivir* como filosofia, como opção política, como uma ideia-força que marque a política e a economia em nossos países, isto é, como uma ideia ampla, geral, é a que estamos dia a dia construindo, e que também tem suas dificuldades, porque talvez em muitos de nossos trabalhos cotidianos, em cada um dos países que integram a ALER, nossas rádios comunitárias estejam trabalhando nesse sentido, sejam coerentes com o *Buen Vivir*, mas nem sempre apresentam o que estão fazendo comunicação para o *Buen Vivir*. Quando apresentam alternativas, quando resgatam as saídas que querem as organizações sociais, projetos populares que encontram saídas para os direitos violados, projetos para construir moradia, para saúde, para proteger a água, para produzir alimentos saudáveis. Talvez em muitos países estamos fazendo isso, mas não chamamos de comunicação para o *Buen Vivir*. A aposta da ALER é trabalhar isso, dar solidez e levantá-la como uma bandeira, a levantamos como uma bandeira: a comunicação para o *Buen Vivir*.¹⁷⁷ (FRUTOS, informação verbal, tradução nossa)

programas que hacemos, sino, tratando que en algún momento eso [las alternativas] aparezca. Si estamos criticando el neoliberalismo, que saldrá. Si estamos criticando el extractivismo, si no él, qué”.

¹⁷⁷ No original em espanhol: “El Buen Vivir como filosofía, como opción política, como una idea-fuerza que marque la política y la economía en nuestros países, eso es como una idea amplia, general, es la que estamos día a día construyendo, y que también tiene sus dificultades, porque tal vez en muchos de nuestros trabajos cotidianos, en cada uno de los países que integran ALER, nuestras radios comunitarias estén trabajando en ese sentido, sean coherentes con el Buen Vivir, pero ni siempre se plantea que lo que están haciendo es

Na sequência, Pepe Frutos, em suas declarações para esta tese, conta que buscar respostas sobre o como trabalhar e seguir na construção da comunicação para o *Buen Vivir* é algo presente nas discussões da coordenação da ALER, além de ser uma fonte para animar e envolver as rádios populares nos processos em rede, sejam de produção noticiosa ou formativos, com temas de programas radiofônicos, debates e documentos.

Reconhecida por suas formulações em torno do *Buen Vivir*, a ALER já publicou diversos materiais sobre o tema, entre programas radiofônicos, palestras online, artigos e livros. Entre as obras que se destacam, estão *La palabra que caminha - Comunicación popular para el Vivir Bien/Buen Vivir* (2016), de autoria do comunicólogo boliviano e professor da Universidade Andina Simón Bolívar, no Equador, Adalid Contreras Baspineiro, e publicado pela Ciespal; *Siembras del buen vivir - Entre utopías y dilemas posibles* (2016), com um conjunto de artigos de destacados intelectuais latino-americanos; e *Comunicar la Esperanza - Camino al Buen (con)Vivir* (2017), de Humberto Vandembulcke, comunicador belga radicado na República Dominicana, que entre 1983 e 1995 foi secretário-executivo da ALER.

Em seu livro, Baspineiro (2016) percorre desde a origem até os significados e enfrentamentos que abarcam o conceito do *Buen Vivir/Vivir Bien*, mas é no segundo e no terceiro capítulos que o autor se centra na concepção de comunicação para o *Buen Vivir* e nas metodologias possíveis nesse sentido. Como uma resposta à comunicação elaborada no interior do sistema capitalista, neoliberal, patriarcal e depredador da natureza, surge a proposta defendida pelo comunicólogo boliviano. O processo histórico e a ideia de cidadania, são peças-chave para entender a conceituação proposta, que, segundo ele, parte tanto do campo de conhecimento trilhado pelas formulações em torno de comunicação popular, alternativa, participativa, cidadã, a economia política da comunicação, comunicação e mediações, entre outros; como também possuem grande valor as iniciativas construídas pelos povos que vivem em comunidade, por meio de uma sistematização de suas experiências.

comunicación para el Buen Vivir. Cuando plantean alternativas, cuando rescatan las salidas que queremos las organizaciones sociales, proyectos populares que encuentran salidas para los derechos vulnerados, proyectos para construir viviendas, para salud, para proteger el agua, para producir sano. Tal vez en muchos países estamos haciendo eso, pero no le decimos comunicación para el Buen Vivir. La apuesta de ALER es trabajar esto, afianzarlo y tomarlo como una bandera, lo tomamos como una bandera la comunicación para el Buen Vivir”.

Dessa forma, Baspineiro (2016) apresenta o que seria sua definição para essa linha de pensamento:

A Comunicação para o *Vivir Bien/Buen Vivir* é um processo de construção, de/construção e re/construção de sentidos sociais, culturais, políticos e espirituais de convivência intercultural e comunitária com reciprocidade, complementaridades e solidariedade; no marco de uma relação harmônica pessoal, social e com a natureza; para uma vida boa em plenitude que permita a superação do viver melhor competitivo, assimétrico, que exclui e individualizante coisificados no capitalismo e no (neo)colonialismo.

Nesse processo, a construção do discurso promove uma interação participativa a partir das diversidades e alteridades; colocando em relação enunciados vindos do espaço público e privado, estatal e cidadão, real e virtual; compartilhando signos e significados para a construção do *Vivir Bien/Buen Vivir* através de múltiplos recursos e meios de comunicação, em sistemas plurais marcados no exercício do Direito à Comunicação.¹⁷⁸ (p. 76, tradução nossa)

O tema do direito à comunicação é caro à ALER e, na forma da bandeira da “democratização da comunicação”, aparece na atual visão da Associação ao lado das iniciativas pelo *Buen Vivir*, participação e inclusão populares, conquista de direitos dos povos e da convivência em harmonia com a natureza¹⁷⁹. O assunto também surge no artigo *Derecho a la comunicación y modelos de medios democráticos para el buen vivir*, escrito pelo comunicador salvadoreño e atual presidente da ALER, Leonel Herrera Lemus, no livro *Siembras del buen vivir* (2016). No texto, ele defende que para se pensar um modelo de sociedade de superação do sistema capitalista neoliberal, que conduz a um processo de destruição ambiental, é preciso ter em conta o debate do direito à comunicação associado ao *Buen Vivir*, pois ambos representam um novo modelo de práticas sociais. A partir de aspectos que fundamentam os dois temas, passando pelos debates constitucionais presentes nas cartas

¹⁷⁸ No original em espanhol: “La Comunicación para el Vivir Bien/Buen Vivir es un proceso de construcción, de/construcción y re/construcción de sentidos sociales, culturales, políticos y espirituales de convivencia intercultural y comunitaria con reciprocidad, complementariedades y solidaridad; en el marco de una relación armónica personal, social y con la naturaleza; para una vida buena en plenitud que permita la superación del vivir mejor competitivo, asimétrico, excluyente e individualizante coisificados en el capitalismo y el (neo)colonialismo.

En este proceso, la construcción del discurso promueve una interacción participativa desde las diversidades y alteridades; poniendo en relación enunciaciones desde el espacio público y privado, estatal y ciudadano, real y virtual; compartiendo signos y significados para la construcción del Vivir Bien/Buen Vivir a través de múltiples recursos y medios de comunicación, en sistemas plurales enmarcados en el ejercicio del Derecho a la Comunicación”.

¹⁷⁹ Visão da ALER expressa na seção de Quem Somos do site da Associação. Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/node/1>. Acesso em: 22 nov. 2020.

magnas de Bolívia e Equador, Lemus (2016) defende que para que, de fato, o *Buen Vivir* ganhe forma é necessária uma estrutura da comunicação na sociedade que garanta a participação democrática, ou, em suas palavras, que coloque “todas as pessoas como sujeitos da comunicação e recupere o caráter dialógico, interativo e horizontal da prática comunicativa”¹⁸⁰ (p. 87-88, tradução nossa); preocupação esta que ele afirma estar presente no cotidiano da ALER.

Abordando além dos temas conceituais, mas também práticas no âmbito da economia solidária e de organizações internacionais que são de resistência ao neoliberalismo e dialogam com o *Buen Vivir*, Humberto Vandembulcke, ex-secretário-executivo da ALER, no livro *Comunicar la Esperanza* (2017), traz uma importante reflexão em torno do rádio popular com o *Buen Vivir*, em especial no diálogo com as associadas da ALER. Para ele, a “ALER e suas sócias formam parte desse amplo movimento de trânsito mundial em direção a outros modos de vida, mais participativos, mais solidários e em harmonia planetária”¹⁸¹ (p. 133, tradução nossa). Como parte do processo de compreensão e construção em direção ao *Buen Vivir*, o comunicador também cita que as rádios populares que fazem parte dessa rede já caminham nesse sentido, com a realização de processos de reelaboração dos seus projetos políticos comunicativos, em que seus valores, missão, objetivos e planos operacionais apontam para esse horizonte. Essa iniciativa de reformulação também se dá em uma dinâmica de inovação do próprio conceito do rádio popular na ALER, que segue “com um compromisso político, social, cultural e ético, mas agora com a consciência mais nítida de seu papel transformador nas dinâmicas oscilantes das realidades em suas localidades, países, no continente e no mundo”¹⁸².

A fim de estabelecer com maior nitidez eixos para a construção do *Buen Vivir* no interior da rede de rádios, foi elaborado um Plano Estratégico da ALER para o período 2012-2020. Em seu roteiro, são apontados quatro objetivos institucionais:

a) promover iniciativas de economia solidária, ética e biocêntrica, a partir de modos de vida sustentáveis;

¹⁸⁰ No original em espanhol: “todas las personas como sujetos de la comunicación y recupera el carácter dialógico, interactivo y horizontal de la práctica comunicativa”.

¹⁸¹ No original em espanhol: “ALER y sus socias forman parte de ese amplio movimiento de tránsito mundial hacia otros modos de vida, más participativa, más solidaria y en armonía planetaria”.

¹⁸² Ibidem, p. 134, tradução nossa. No original em espanhol: “con un compromiso político, social, cultural y ético, pero ahora con la conciencia más nítida de su rol transformador en las dinámicas oscilantes de las realidades en sus localidades, países, el continente y el mundo”.

- b) celebrar a espiritualidade do *Buen Vivir* e a fé;
- c) identificar e se comprometer com as lutas dos direitos da natureza, à água, à terra e aos territórios dos povos da América Latina e Caribe;
- d) desenvolver com novos parceiros agendas regionais, nacionais e continentais em direção ao *Buen Vivir*.

As reflexões, ações, produções e articulações passariam, ao final do período, por uma avaliação que levaria a novos desafios para a década seguinte, 2020-2030. Porém, como mencionado anteriormente, em função da pandemia de covid-19, a Assembleia Geral da ALER prevista para abril de 2020 foi adiada e acabou não ocorrendo naquele ano nem em 2021.

Como um exemplo de iniciativa que joga luz à perspectiva de trabalho com temas sobre o *Buen Vivir*, a ALER desenvolveu o concurso radiofônico *Buen Vivir y cuidado de la casa común*, lançado em maio de 2018 e com resultado em setembro do mesmo ano. Com eixos temáticos e formatos específicos para participação, emissoras sócias ou não da ALER, bem como comunicadores, redes, centros de educação e comunicação, desde que sediadas na América Latina e no Caribe, foram convidados a participar da iniciativa, que premiava os ganhadores com uma recompensa em dinheiro e também a veiculação dos materiais na página web da ALER e entre suas sócias. Saíram como vencedoras, em primeiro lugar, a produção “Tierra para la lombriz - Una fábula narrada por la gallina del solar”, da Esquina Rádio, de Medellín, Antioquia, na Colômbia; em segundo lugar, a reportagem “Crianza del agua”, da Rádio Quispillaccta, da província de Ayacucho, no Peru; e o áudio-conto “La conspiración de los niños y niñas por el Buen Vivir”, da rádio comunitária Tu voz en Granizal, também de Medellín, desenvolvido junto a crianças que foram vítimas de deslocamento forçado da comunidade de Granizal, que é o segundo maior assentamento de população deslocada em função da guerra na Colômbia.¹⁸³

¹⁸³ As produções podem ser ouvidas nos seguintes links: Tierra para la lombriz: una fábula narrada por la gallina del solar, disponível em: https://www.ivoox.com/pt/tierra-para-lombriz-fabula-narrada-por-audios-mp3_rf_30023803_1.html; Reportaje "La crianza del agua", disponível em: https://www.ivoox.com/pt/reportaje-la-crianza-del-agua-audios-mp3_rf_30023956_1.html; Audio-cuento: “La conspiración de los niños y niñas por el buen vivir”, disponível em: https://www.ivoox.com/pt/audio-cuento-la-conspiracion-ninos-ninas-audios-mp3_rf_30024263_1.html. Acesso em: 25 nov. 2020.

Na continuidade do mesmo tema, a ALER lançou, em março de 2019, a Campanha *Buen Vivir y Cuidado de la Casa Común*¹⁸⁴, de mesmo nome do concurso anterior. Da iniciativa, construída de maneira descentralizada e colaborativa, participam a Rádio Pio XII, de Cochabamba e a Rede Quechua da Bolívia; a Rádio Onda Azul e a Rede Quechua Peruana; a Coordenadora de Meios Comunitários Populares e Educativos (CORAPE) e a Rede Kiechwa de Ecuador; e a Federação Guatemalteca de Escolas Radiofônicas (FGER). Com uma série de vinhetas de cerca de 30 segundos para que as rádios pudessem inserir ao longo de sua programação, a campanha também ofereceu miniprogramas (que variam entre 2 minutos e 30 segundos, e 6 minutos) de temáticas relacionadas ao *Buen Vivir*. Um dos aspectos interessantes é que muitos dos materiais estão, além do espanhol (castelhano), também em línguas de povos originários: quechua, kichwa e maya Q'eqhil. Para além dos materiais presentes na campanha, faz-se importante destacar que a ALER também reservou uma seção de sua página web para reunir todas as publicações relacionadas ao *Buen Vivir* (<https://www.aler.org/buen-vivir>), atualizada periodicamente.

A inspiração que motivou a escolha do nome do concurso radiofônico e da campanha, *Buen Vivir y cuidado de la casa común*, remete a um dos mais importantes documentos do papado de Francisco, a encíclica *Laudato Si'*, com referência a qual também se inicia este capítulo. Em citação retomada pela ALER ao apresentar a campanha: “A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo. (...) Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos” (*Laudato Si'* 21, 53). Com esse convite à reflexão e à ação, atualizado para os desafios que os povos latino-americanos e caribenhos, mas também de todo o mundo, que a ALER e suas associadas vivem o seu atual período e buscam incidir com seu Projeto Político Comunicacional na sociedade.

Além das iniciativas diretas de convite ao debate, à reflexão e à ação em torno do *Buen Vivir*, faz-se interessante compreender como esse horizonte é incorporado na cotidianidade das produções, práticas e articulação em rede no interior dessa Associação latino-americana. Para isso, esta pesquisa adentra em um dos nós pouco abordados dentro da rede, o Brasil, que por meio de um caminho inicial da única rádio sócia do país¹⁸⁵, a Rádio Rural de Santarém, levou esta investigação a chegar até a Rede de Notícias da Amazônia

¹⁸⁴ Todo o conteúdo da campanha está disponível no site da ALER: <https://www.aler.org/index.php/buen-vivir-casa-comun>. Acesso em: 25 nov. 2020.

¹⁸⁵ No site da ALER ainda consta o projeto Catavento Comunicação e Educação, de Fortaleza, no Ceará, contudo não há registros de sua participação na Associação nos últimos anos.

(RNA). Esses dois espaços têm como um de seus principais comunicadores o padre Edilberto Francisco Moura Sena, que atualmente garante a participação ativa do Brasil na ALER, em nome da RNA, e produz periodicamente para o informativo jornalístico *Voces de la Panamazonía*. Esse é o foco de análise do capítulo seguinte, que, a partir do diálogo tecida nas seções anteriores, busca alcançar o que se propôs neste estudo, o de percorrer e compreender a articulação em rede de rádios populares na América Latina, a partir da experiência brasileira.

4. A participação do Brasil na ALER: jornalismo e *Buen Vivir*

“Demonstremos ao mundo que é possível construir uma sociedade do *Buen Vivir*”¹⁸⁶. Essa é a mensagem que encerra um dos vídeos de divulgação da Rede Pan-Amazônica da Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER). Pautada pelo fortalecimento da identidade, dos valores e da cultura da região pan-amazônica, de seus povos, projetos e também do meio ambiente, essa rede regional reúne emissoras de rádio e projetos de comunicação do Brasil, da Bolívia, do Peru, da Venezuela, da Colômbia e do Equador.

A região pan-amazônica envolve os países que têm a Floresta Amazônica em seu território: Brasil, Colômbia, Peru, Equador, Venezuela, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. De acordo com a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) – uma entidade intergovernamental que congrega todos os países da região menos a Guiana Francesa –, a Bacia Amazônica possui 48 milhões de habitantes, sendo 400 povos indígenas, que falam mais de 300 idiomas, com diversas variantes e dialetos. Em relação à biodiversidade, esse território possui entre as espécies endêmicas 30 mil de plantas, 3 mil de peixes, 384 de anfíbios, 550 de répteis, 950 de aves, 350 de mamíferos e 57 de primatas. Já seu ecossistema é composto por 67,4% de floresta tropical e 13,3% de savanas tropicais. Essa área é considerada a selva mais extensa e rica em biodiversidade do mundo, e o rio Amazonas é o mais caudaloso e longo do planeta. Além disso, a Amazônia representa entre 4 e 6% da superfície total da Terra e entre 25 e 40% da superfície das Américas¹⁸⁷.

O Brasil, além de ser o maior país territorialmente da América Latina, é quem abriga a maior área da Floresta Amazônica, com cerca de 60%; seguido pelo Peru, com aproximadamente 13%; Colômbia, 10%; além de Bolívia, Equador, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname, que juntos somam por volta de 17%¹⁸⁸. No território brasileiro, 772 municípios fazem parte do que se chama de Amazônia Legal, onde atua a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), abarcando os seguintes

¹⁸⁶ Vídeo de divulgação da Rede Pan-Amazônica. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S9V88-jcm0g>. Acesso em: 17 fev. 2020. No original em espanhol: “Demostremos al mundo que es posible construir una sociedad del Buen Vivir”.

¹⁸⁷ Informações da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA). Disponível em: <http://otca.org/pt/a-amazonia/>. Acesso em: 15 set. 2021.

¹⁸⁸ Informações do Projeto PANAMAZÔNIA II, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e parceiros. Disponível em: <http://www.dsr.inpe.br/laf/panamazonia/>. Acesso em: 15 set. 2021.

estados: Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão e Pará, ocupando uma superfície aproximada de 5 milhões de quilômetros quadrados, o que representa cerca de 58,9% do território nacional¹⁸⁹.

A utilização do termo Pan-Amazônia para se referir à região tem um sentido de diferenciação da Amazônia nacional, ou seja, de cada país parte desse ecossistema, mas também alberga um componente político, segundo afirma Leticia Tura, diretora da ONG Fase, uma organização que atua em diversas partes do Brasil com temas de solidariedade e educação. Ela defende que os movimentos sociais passaram a utilizar Pan-Amazônia como “um conceito de luta desses povos”.

Porque a Amazônia não é só uma questão física e geográfica, mas são povos que enfrentam os mesmos problemas de viverem e sobreviverem numa das últimas reservas de floresta tropical úmida no mundo, e também uma das últimas reservas dessa biodiversidade. Os países da Pan-Amazônia sofrem grandes pressões de setores empresariais, uma série de interesses econômicos pelas riquezas materiais do lugar, seja minério, madeira, biodiversidade. A Pan-Amazônia é uma categoria de luta e a construção de uma identidade para a luta.¹⁹⁰

Tura também referencia a construção da ideia de Pan-Amazônia com a construção do Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA)¹⁹¹, que iniciou em 2002 e passou a compreender esse termo como “uma categoria de luta”, ainda que a expressão já existisse e viesse sendo empregada em outros contextos.

Nesse cenário, a ALER começou a construção de uma rede de rádios na região pan-amazônica a partir do ano de 2006, tendo como objetivo principal dessa articulação a atuação em processos de intercomunicação entre rádios populares amazônicas, amplificando seus discursos, problemáticas e propostas; bem como promover a incidência local, nacional,

¹⁸⁹ Informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 15 set. 2021.

¹⁹⁰ Entrevista de Leticia Tura ao site da FASE, intitulada “O sentido da Pan-Amazônia”, de 3 de dezembro de 2010. Disponível em: <https://fase.org.br/pt/informe-se/noticias/o-sentido-da-pan-amazonia/>. Acesso em: 16 set. 2021.

¹⁹¹ Mais informações estão disponíveis na página oficial do FOSPA: <http://www.forosocialpanamazonico.com/pt/>. Acesso em: 26 set. 2021.

regional e internacional das lutas de seus povos, apoiando a “construção democrática, o exercício dos direitos humanos e o *buen vivir* nesse território”¹⁹².

Ao longo dos anos de construção do que hoje é chamada de Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER foram importantes as fases de mapeamento, articulação, formação técnica e política, implementação de ferramentas tecnológicas e, desde 2014, consolidou-se a produção conjunta entre emissoras dos seis países membros da rede de um informativo radiofônico em espanhol chamado *Voces de la Panamazonia*¹⁹³, que possui periodicidade semanal e conta com a única participação constante de um projeto brasileiro na ALER atualmente.

Nesta seção da tese, busca-se abordar alguns traços que caracterizam a Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER, em especial pela perspectiva da participação brasileira, e analisar um conjunto de produções realizadas pelo e sobre o Brasil no informativo *Voces de la Panamazonia*, que corresponde aos anos de 2019 e 2020, quando houve um intenso debate da questão amazônica no país e no mundo, bem como marca o momento do início da pandemia da covid-19 e as discussões iniciais em torno do surgimento desse vírus com a crise ambiental global. Os objetivos dessa análise são compreender o funcionamento dessa rede latino-americana de articulação de rádios e a contribuição do Brasil nela, a partir da frequência e da participação em um de seus informativos; também abordar, por meio dos formatos e temas presentes nas emissões radiofônicas brasileiras, em que medida dialogam com o atual projeto político comunicativo da ALER neste período histórico, que aposta pelo *Buen Vivir* como horizonte de construção de uma nova sociedade.

A revisão bibliográfica foi realizada a partir de investigações sobre o tema, documentos internos e publicações da ALER. Também se aplicam entrevistas dentro da análise, que, por tratar-se de uma pesquisa dentro do jornalismo, toma-se como referência a abordagem proposta por Cremilda Medina, em *Entrevista: o diálogo possível* (2008), em que ainda que conte com um roteiro prévio, a entrevista segue por caminhos subjetivos, além dos objetivos, que podem levar a novos encaminhamentos narrativos a partir das falas dos entrevistados, com abordagem de novos focos, temas e explicações, em uma espécie de

¹⁹² Apresentação do projeto da Rede Pan-Amazônica no site da ALER. tradução nossa. Disponível em: <https://aler.org/redpanamazonica/proyecto>. Acesso em: 17 fev. 2020. No original em espanhol: “construcción democrática, el ejercicio de los derechos humanos y el buen vivir en este territorio”.

¹⁹³ Decide-se por manter a grafia em espanhol do nome próprio do programa, por não haver nome oficial em português ou emissão neste idioma.

comportamento aberto por parte do entrevistador, conduzindo e mediando um “encadeamento de perguntas, interferências, interrupções, reorientação no discurso do entrevistado” (MEDINA, 2008, p. 29).

Há também a análise de conteúdo de um período determinado do programa *Voces de la Panamazonía*, entre os anos de 2019 e 2020. Sobre a análise de conteúdo, toma-se essa metodologia, pois ela permite “descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos”, além de “avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações”, como descreve Heloiza Golbspan Herscovitz (2008), doutora em Comunicação de Massa pela Universidade da Flórida (EUA). Nesse sentido, alia-se perspectivas quantitativas e qualitativas, a partir de unidades de análise definidas, para compreender a participação brasileira, suas características da cobertura e os temas abordados ao longo de dois anos do informativo radiofônico *Voces de la Panamazonía*, produzido a partir do modelo de rede, com a colaboração de emissoras e projetos da Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER.

A incorporação dessas abordagens nesta seção da tese justifica-se também dentro da metodologia central deste trabalho, a Sistematização de Experiências. Resgatando Jara (2012), como trazido na Introdução, há quatro momentos do percurso investigativo: a compreensão da experiência, o plano de sistematização, a recuperação do processo vivido e as reflexões de fundo. Nos processos intermediários, em especial no plano de sistematização, o autor levanta a importância de se definir para quê e qual experiência sistematizar, quais os aspectos de interesse, as fontes de informação e os procedimentos a serem adotados (p. 190-201). Nesse sentido, por se entender as peculiaridades de uma pesquisa no jornalismo, soma-se nesta etapa outras metodologias mais próximas ao exercício jornalístico.

4.1. Rede Pan-Amazônica da ALER e o protagonismo do Brasil

A iniciativa de construir uma rede entre emissoras da região pan-amazônica começou a dar seus primeiros passos na ALER a partir da chamada Rede Intercultural Amazônica de Rádios (RIAR), em 2006, e que durou dois anos, sendo um projeto financiado por organismos internacionais de fomento. Em seguida, em 2009, começou o processo de construção da experiência que passou a se chamar Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER (ou na sua versão original em espanhol, *Red Panamazónica de Comunicación de ALER*), como

apresenta Hugo Anacleto Ramírez Huamán, coordenador-geral da Associação, em sua dissertação de mestrado intitulada *Voces de la Pan Amazonía: construcción, materialización y circulación de la agenda política temática de la Red Pan Amazónica de Comunicación de ALER* (2020). Alguns anos depois, entre 2011 e 2013, começou a se solidificar mais concretamente essa rede, com uma primeira fase que envolvia trabalhos de articulação na tríplice fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru, com espaços de capacitação e intercâmbio de materiais informativos (p. 79).

O envolvimento de mais países à Rede Pan-Amazônica da ALER se deu em 2014, com a articulação de emissoras do Equador, da Venezuela e da Colômbia, além de Brasil, Bolívia e Peru, que já desenvolviam projetos com a Associação latino-americana. Esses seis países contam de forma constante com rádios e redes nacionais articuladas, e para alcançar os nove países da Região Amazônica, faltaria chegar em veículos do Suriname, da Guiana e da Guiana Francesa (que, assim como o Brasil, esses três países não possuem o espanhol como língua oficial, mas sim o holandês, o inglês e o francês, respectivamente, além de outros idiomas e dialetos locais).

Como parte das reflexões que constituem a rede envolvendo emissoras de países amazônicos na ALER, levanta-se a seguinte afirmação, presente em um documento interno da Associação, que aponta para:

Uma estratégia de comunicação integral, sustentável e ampla é uma resposta concreta para que as comunidades amazônicas se expressem, abordem seus conteúdos, realidades, conhecimentos, experiências e iniciativas para toda a população dos países da região amazônica, mas também para a população do planeta. Mas é também uma resposta concreta à necessidade da Amazônia se comunicar com o mundo, se apropriar e traduzir as realidades globais em situações locais, para que as populações amazônicas tenham informações que lhes permitam tomar decisões, ter alternativas de conexão e ação conjunta entre populações e comunidades. Para que as comunidades amazônicas possam contar consigo mesmas e serem "levadas em conta" por seus próprios Estados e pela comunidade internacional.¹⁹⁴

¹⁹⁴ ALER, "Ciudadanía amazónica: una estrategia de comunicación para la democracia, el desarrollo sostenible y los derechos de los pueblos de la Amazonía". Documento de trabalho, sem referência de data, apud RAMÍREZ HUAMÁN, 2020, p. 79, tradução nossa. No original em espanhol: "...una estrategia de comunicación integral, sostenida y amplia, es una respuesta concreta para que las comunidades amazónicas se expresen, levanten sus contenidos, realidades, saberes, conocimientos, experiencias e iniciativas al conjunto de la población de los países con región amazónica, pero también a la población del planeta. Pero es también una respuesta concreta a la necesidad de que Amazonía se comunique con el mundo, se apropie y traduzca realidades globales a las situaciones locales, para que las poblaciones amazónicas cuenten con información que les permita tomar decisiones, cuenten con alternativas de conexión y acción conjunta entre poblaciones y comunidades. Para que

Pelo Brasil, um nome que se destaca na articulação da Rede Pan-Amazônica da ALER é o de Edilberto Francisco Moura Sena, padre católico na cidade de Santarém, no Pará, que, dedicou sua vida ao sacerdócio, mas também à comunicação popular, na qual atua desde a década de 1970, tendo iniciado na Rádio Rural de Santarém¹⁹⁵ com um programa bíblico que abordava as causas populares. Ao longo de sua trajetória na comunicação, ele passou por diversas experiências de formação popular e em rádios comunitárias em países da África e da América Latina, além de cidades do interior paraense. Após algumas décadas de trabalho fora, em 2001, ele retornou a Santarém para se tornar diretor da Rádio Rural, a convite da Arquidiocese. É nesse contexto que sua história de atuação se entrelaça com a da ALER, em que o projeto que ele viria a criar surgiu ao mesmo passo que a Rede Pan-Amazônica da Associação latino-americana.

Em 2003, Padre Edilberto decidiu começar a construção de um “novo sonho”, como ele define em entrevista a esta pesquisa¹⁹⁶, que seria o de construir uma rede de rádios da Amazônia brasileira, para que essas saíssem do “isolamento” e pudessem falar da região a partir e para os povos amazônicos; além disso, muitas dessas emissoras também partilhavam de trajetórias anteriores comuns, sendo “várias delas, coirmãs do tempo do Movimento de Educação de Base – MEB”¹⁹⁷, o que demonstra um caminho muito próximo do também trilhado pela ALER, que começou nos anos 1970 com a articulação de emissoras que trabalhavam com a alfabetização por meio do rádio, a partir de princípios que dialogam com a educação popular com inspiração em Paulo Freire. Desde Santarém, ele foi entrando em contato com rádios de municípios amazônicos, como Parintins, Manaus, Abaetetuba e outros, até que conseguiram levantar recursos financeiros, vindos da entidade católica alemã ADVENIAT, para a realização de um seminário formativo, em 2004, que deu mais alguns passos no que viria a se tornar a Rede de Notícias da Amazônia (RNA), o projeto sonhado por ele. Naquele mesmo ano, Edilberto Sena conheceu o consultor de comunicação das Dioceses

las comunidades amazónicas se cuenten a sí mismas y sean “tenidas en cuenta” por sus propios Estados y la comunidad internacional”.

¹⁹⁵ A Rádio Rural de Santarém, frequência AM 710, sediada na cidade de Santarém, Pará, foi fundada em 1964 e pertence ao Sistema Arquidiocesano de Comunicação, da Arquidiocese do município. Mais informações no site da rádio: <https://www.radioruralesantarem.com.br/>. Acesso em: 18 set. 2021.

¹⁹⁶ Edilberto Francisco Moura Sena, padre católico em Santarém, no Pará, e comunicador popular, concedeu uma entrevista a esta pesquisa em 30 de junho de 2020.

¹⁹⁷ Informação presente no texto sobre a História da Rede de Notícias da Amazônia. Disponível em: <http://redenoticiasamazonia.com.br/menu/quem-somos/historia>. Acesso em: 25 ago. 2021.

da Alemanha, Christoph Dietz, que fazia parte da Consultoria de Mídia para Católicos (CAMECO), que além de se comprometer a apoiar financeiramente a RNA, colocou os representantes da rede brasileira em contato com a ALER.

No ano seguinte, em 2005, padre Edilberto, junto a outra integrante da Rádio Rural de Santarém, viajaram até Quito, no Equador, para participar da assembleia da Associação latino-americana.

Lá, quando eu contei o meu sonho, com cinco emissoras [da Amazônia brasileira] querendo [atuar conjuntamente], aí a ALER se interessou e disse: “Olha, nós estamos precisando exatamente de ter presença no Brasil. Nós já tivemos experiência no Piauí, teve uma experiência, me parece, no Ceará, mas não deu certo, lamentavelmente. Como você está com esse sonho, então, nós vamos dar apoio técnico para vocês. Nós vamos lá em Santarém dar um curso para vocês de como utilizar o satélite, para vocês usarem o nosso satélite, e vocês poderem trabalhar entre vocês”. (informal verbal)

Devido ao fato de o projeto da RNA ter “entusiasmado” a direção da ALER, além da formação técnica, a Associação também “ofereceu gratuitamente um espaço no seu canal de satélite para as transmissões dos programas que a RNA viesse a produzir”¹⁹⁸. Ainda que já em articulação e realização da capacitação técnica, formalmente e legalmente a Rede de Notícias da Amazônia se constituiu em 2007, com a criação do estatuto e da logomarca, definições essas que foram tomadas durante o Mutirão Brasileiro de Comunicação, realizado em Belém, Pará, que contou com a participação de representantes de algumas emissoras, como a Rádio Nazaré, Rádio Rural de Santarém, FM Monte Roraima, Rio Mar de Manaus e Alvorada de Parintins.

Enquanto a rede da Amazônia brasileira caminhava em sua formalização, a ALER contava com a articulação pan-amazônica ainda chamada de Rede Intercultural Amazônica de Rádios (RIAR), da qual padre Edilberto também participou, tendo ido até Quito, em março de 2008, para os seminários dessa articulação. E é nessa ocasião que a coordenação da ALER define o fortalecimento da experiência brasileira como uma das prioridades daquele ano, recebendo apoio financeiro e tecnológico, pois, segundo conta a própria rede brasileira em sua página web, a “RNA deveria ser o modelo para os outros países de RIAR, mas precisava de uma gestão mais definida, além do coordenador. Foi então que se escolheu Joelma Viana, então funcionária da Rádio Rural (cabeça de Rede), para gerir o projeto”.

¹⁹⁸ Ibidem.

Também em 2008, em mais um encontro entre emissoras parte da RNA, define-se a missão, a visão e os objetivos da rede amazônica brasileira, além da caracterização de como deveria ser o formato dos programas que seriam produzidos, o que culminou na criação do Jornal Amazônia é Notícia (JAN), que seria a primeira iniciativa de um informativo da articulação brasileira, tendo inicialmente cinco minutos de duração – que foi ampliando ao longo do tempo – e sendo produzido entre cinco rádios de diferentes cidades, tendo como cabeça de rede a Rádio Rural de Santarém. Já em 2009, “com o apoio da ALER, nós passamos de 15 minutos para meia hora de programa de notícias”, de segunda a sexta-feira, e sendo veiculado, inicialmente, em cinco emissoras de três estados brasileiros (Pará, Amazonas e Roraima), o que posteriormente também viria a se ampliar, conforme aumentava o número de rádios integrantes da rede. As edições entravam em cadeia em todas as emissoras, a partir de um acordo e organização da grade de programação de cada uma para que todas emitissem em um mesmo horário. Nesse processo de atuação da ALER no Brasil, como rememora padre Edilberto, em entrevista a esta tese, ainda que tenha havido formação técnica para o uso do satélite, ele acabou não funcionando no local, mas a internet já oferecia condições e recursos para ser utilizada entre as emissoras parte da RNA. Ele também define que o objetivo central da rede brasileira é o de “fazer os povos da Amazônia se comunicarem entre si, a partir das suas culturas, dos seus sofrimentos e das suas esperanças” (informação verbal).

Todo esse processo de crescimento e consolidação da RNA contou com o suporte e o apoio da ALER, que, inclusive, se encontrava em sua fase histórica de construção e fortalecimento de Projetos Políticos Comunicativos (2001-2011), como abordado em capítulo anterior desta tese. Nesse momento da trajetória da Associação latino-americana, se investiu muito em processos de pesquisa e mapeamento das emissoras parte da rede, bem como no desenvolvimento de processos formativos e organizativos junto às afiliadas, e, especialmente, no fortalecimento das redes nacionais. O intuito era descentralizar a ALER, levando o protagonismo às articulações nacionais e regionais, para que essas pudessem aumentar sua incidência nos territórios e nas conjunturas locais. Esse contexto de aposta política da Associação para cada período histórico se vê refletido também com a experiência da RNA, no Brasil, que se tornou a principal experiência brasileira na Associação, sendo que essa sempre teve muita dificuldade de entrada e permanência no país.

A relação entre a RNA e a ALER, em especial na construção da Rede Pan-Amazônica, continuou ao longo dos anos, com a participação de padre Edilberto em diversos espaços e assembleias da rede latino-americana: “E eles precisavam muito de nós aqui, porque nós somos a única presença do Brasil. Como eu ‘arremedo’ o espanhol, literalmente eu ‘arremedo’ o espanhol, eu nunca estudei espanhol, mas como eu sou enxerido, eu vou ‘arremedando’” (informação verbal). Ele enfatiza ainda que a questão das diferenças de idiomas é uma das dificuldades quanto à participação do Brasil nos espaços da ALER. Sena também ressalta que o contato constante de representantes da Associação latino-americana contribuiu para essa aproximação: “E nessa relação, a gente foi se criando. Antes do Hugo [Ramírez], foram outros diretores da ALER, o Hugo é o mais recente que nós temos. Então, foi se estreitando a nossa aliança” (informação verbal). No entanto, ele explica que a RNA é uma parceira não afiliada da ALER, sendo a Rádio Rural de Santarém a sócia da Associação latino-americana; contudo, ambas possuem atuações convergentes e estão sediadas em Santarém.

Segundo informa a ALER em sua página web¹⁹⁹, fazem parte da Rede Pan-Amazônica 55 rádios da região. Entre as emissoras brasileiras, estão a Rádio Rural de Santarém e Nazaré FM (do estado do Pará), Rádio Educação Rural de Tefé (Amazonas), Rádio Educadora FM de Guajará Mirim (Rondônia), Rádio FM Monte Roraima (Roraima), Rádio FM Verdes Florestas de Cruzeiro do Sul (Acre), entre outras, totalizando onze emissoras; algumas são as mesmas que fazem parte da Rede de Notícias da Amazônia brasileira ou transmitem seus programas. Contudo, não se tem informações a respeito da transmissão de programas da Rede Pan-Amazônica da ALER nessas emissoras, sendo o contato delas com a associação latino-americana apenas uma extensão da relação com a RNA.

Além da parte tecnológica e de capacitação – muito mais forte nos anos iniciais do que atualmente –, que são pilares de atuação da Rede Pan-Amazônica da ALER, também são produzidos conteúdos informativos. O principal deles é o *Voces de la Panamazonia*, noticiário em espanhol que é semanal e possui cerca de 30 minutos de duração. Em cada programa, por meio de reportagens, artigos e programetes, são tratados temas sobre atividades e cotidianidade em territórios da Região Amazônica (povoados, cidades, estados, países), ameaças à população ou ao meio ambiente por projetos governamentais ou de empresas

¹⁹⁹ Informação presente em uma tabela com a lista das emissoras parte da rede por país. Disponível em: <https://aler.org/redpanamazonica/red>. Acesso em: 22 de setembro de 2021.

privadas, além de perfis de povos indígenas e de comunidades, com o objetivo de promover o fortalecimento de culturas, valores, hábitos e iniciativas desses sujeitos.

4.2. Aspectos gerais da análise do informativo *Voces de la Panamazonía*

Da Rede Pan-Amazônica de Comunicação da ALER, surge o programa informativo *Voces de la Panamazonía*, em 2014²⁰⁰, sendo a principal produção jornalística dessa articulação regional e que possui todas as suas edições, a partir de janeiro de 2015, disponíveis no site da Associação²⁰¹. Desde o início de construção da rede, bem como do informativo radiofônico parte dela, a participação do Brasil foi constante e ativa, sendo o padre brasileiro Edilberto Sena considerado atualmente o comunicador mais antigo a participar e se manter atuante no *Voces de la Panamazonía* (RAMÍREZ HUAMÁN, 2020).

Dialogando com os objetivos propostos nesta tese, a partir da análise, busca-se levantar elementos que ajudem a compreender o modelo de funcionamento de uma rede de comunicação popular na América Latina a partir do olhar sobre o Brasil que, muitas vezes, possui mais dificuldades em participar de articulações regionais, seja por diferenças idiomáticas, mas também culturais e históricas (PIERNES, 1990). Além disso, pretende-se investigar como a aposta política da ALER neste momento histórico – o caminho pela construção do *Buen Vivir* – é abraçada em produções informativas da Associação, no caso, naquelas relativas ao Brasil, sendo um eixo de coesão na articulação em rede. Dessa forma, entende-se que, para realizar reflexões condizentes aos objetivos propostos, a análise da participação do e sobre o Brasil e de seu conteúdo no informativo semanal *Voces de la Panamazonía* é o denominador comum para se trilhar essas abordagens.

Para a análise, toma-se como referência os anos de 2019 e 2020, em que a participação do Brasil ocorreu em 45 programas dos 49 emitidos semanalmente em 2019; e em 49 das 50 edições de 2020. Ou seja, de um total de 99 programas gerados ao longo de dois anos, o Brasil só não esteve presente, com envio de material ou sendo tema principal de alguma nota,

²⁰⁰ Algumas edições do ano de 2014 estão disponíveis na plataforma de distribuição de conteúdo Ivoox. Disponível em: https://www.ivoox.com/podcast-voces-de-la-panamazonia_sq_f1136460_6.html. Acesso em: 27 set. 2021.

²⁰¹ As edições do programa *Voces de la Panamazonía* estão disponíveis em: <https://aler.org/redpanamazonica/mes?page=2>. Acesso em: 26 ago. 2021.

em cinco programas *Voces de la Panamazonía*. Isso justifica a pertinência e apresenta material suficiente para a realização da investigação.

Para a pesquisa, dentro da seleção dos materiais radiofônicos sobre o Brasil, também foram utilizadas as unidades de registro de gênero e formato jornalístico do conteúdo, e os temas abordados na seleção do texto de acompanhamento e do áudio inteiro de cada peça. Quanto aos gêneros e formatos radiofônicos, parte-se da reflexão do comunicador e teórico José Ignacio López Vigil, no *Manual Urgente para radialistas apasionados* (2005), que indica que “gênero” tem raiz grega e quer dizer geração, origem, ou seja, representa as características gerais do material radiofônico a partir de modelos abstratos; já a palavra “formatos” oriunda do vocábulo latino forma, que seriam os contornos e as estruturas que moldam o conteúdo (p. 80). Em relação aos temas abordados pelas emissões radiofônicas, nesta pesquisa foram definidos padrões para a classificação, de acordo com os conteúdos, alguns aparecendo com mais frequência e outros poucas ou apenas uma vez, como será apresentado mais adiante.

O conjunto de todos os programas ao longo dos dois anos de referência foi tabulado, com a divisão por data de cada emissão, link do programa no site da ALER, a duração total do programa e a da participação do Brasil, responsável pelo conteúdo e edição-geral do programa; além de informações qualitativas de temas principais, título do áudio (segundo informado no material de envio do programa) e comentário sobre o conteúdo de cada material sobre o Brasil.

4.3. Processos de construção do programa e da participação do Brasil

O *Voces de la Panamazonía*, com periodicidade semanal e em espanhol, possui em média 30 minutos de duração em cada programa e é construído de maneira descentralizada, rotativa entre alguns projetos e emissoras parte da rede. A partir de um cronograma, a produção, a locução e a edição final ficam como responsabilidade de uma rádio, que envia o material final para a sede central da ALER, em Quito, no Equador, para sua difusão, sempre às quintas-feiras. Todo esse processo é construído a partir de uma perspectiva coletiva e em rede, define Ramírez Huamán (2020, p. 83).

Nesse processo, o coordenador da Rede Pan-Amazônica de Comunicação desempenha um papel fundamental. Essa pessoa mantém uma comunicação permanente com a pessoa responsável pela elaboração do programa, bem como com os comunicadores e comunicadoras das redes nacionais, a fim de coordenar aspectos relacionados ao tema, o envio oportuno de informações, etc.²⁰²

Entre os projetos e rádios que participam do processo de recepção de informação, edição e montagem do programa estão o Grupo Comunicarte da Colômbia; a Rádio Santa Cruz da Bolívia; a Coordenadora de Meios Comunitários, Populares e Educativos do Equador (CORAPE); a Rádio Fé e Alegria da Venezuela; a Rádio Sepahua do Peru; além da Coordenação Geral da ALER, sediada no Equador. Ou seja, todos os países parte da rede, menos o Brasil, participam do rodízio de produção geral do informativo.

Quanto às formas de distribuição, o episódio semanal é transmitido em sinal digital, via streaming²⁰³, entre às 18:00 e às 18:30 (hora do Equador, onde está a sede central da ALER), com reprise das 19:00 às 19:30, ambos às quintas-feiras, mais uma repetição das 18:00 às 18:30, das terças-feiras. Os arquivos em áudio de cada emissão, que podem ser ouvidos online ou baixados no dispositivo em que se acessa o conteúdo, também ficam disponíveis na página web da ALER em uma seção destinada à Rede Pan-Amazônica²⁰⁴. Junto ao áudio, há um pequeno texto de introdução a cada edição do informativo, contendo as informações de quem é o apresentador ou a apresentadora, a rádio ou projeto ao qual essa pessoa está vinculada e o país, além dos títulos das notas que compõem o programa, com o país de referência de cada uma. Esse mesmo conteúdo em texto, acrescido da data de emissão, e os links para se fazer o download do episódio e das edições anteriores, é enviado às quintas-feiras por e-mail para grupos de contatos da própria Rede Pan-Amazônica e para outros espaços e redes da ALER. Nesse contexto, além da transmissão em cadeia nos mesmos horários em que os programas são transmitidos pelo sinal digital da Associação, as emissoras, afiliadas, parceiras ou outras interessadas podem transmitir o conteúdo em qualquer horário e dia, tratando-se de um produto livre de direitos autorais para reprodução.

²⁰² Ibidem. tradução nossa. No original em espanhol: “En este proceso juega un papel fundamental el coordinador/a de la Red Pan Amazónica de Comunicación. Esta persona mantiene una permanente comunicación con él o la responsable de armar el programa, así como con los comunicadores y comunicadoras de las redes nacionales para coordinar aspectos relativos a la temática, el envío oportuno de los despachos informativos, etc.”

²⁰³ Ver grade de programação do sinal digital da ALER no site da Associação. Disponível em: <https://aler.org/online-as.html>. Acesso em: 02 out. 2021.

²⁰⁴ Disponível em: <https://www.aler.org/index.php/redpanamazonica/blog>. Acesso em: 02 out. 2021.

Ainda que não participando de processos de organização e edição do programa semanal, a presença brasileira é constante no *Voces de la Panamazonia*. Edilberto Sena, representante do país na rede, em entrevista a esta tese²⁰⁵, aponta quão importante é o papel articulador e incentivador da coordenação da ALER, que é responsável pela mobilização das redes internas, como a Kiechwa Satelital, a Rede de Migrações e a própria Pan-Amazônica, o que ajuda a criar o compromisso de participação e envio das contribuições informativas. Sena conta que o coordenador geral da Associação latino-americana, Hugo Ramírez, sempre está em contato para que ele não “abandone” a articulação, e, ao longo dos anos, o comunicador brasileiro segue contribuindo regularmente com o envio de um informe em praticamente todas as semanas.

Essa participação por meio de um boletim informativo semanal do Brasil para a Rede Pan-Amazônica, em 2019 e 2020, se dá em nome da Rede de Notícias da Amazônia (que é parceira da ALER), e não como Rádio Rural de Santarém (afiliada da Associação). Segundo relata Sena, a Rádio Rural, no ano de 2020, passou por uma “crise muito forte, financeira, administrativa. Nós ainda estamos lá dentro, nós damos uma contribuiçãozinha de projeto, porque a gente vive de projeto, mas a Rede [de Notícias da Amazônia] hoje não tem mais produção de notícias da Rádio Rural” (informação verbal). Nesses anos de referência, a voz brasileira presente como produtor de conteúdo (jornalista-comunicador) no *Voces de la Panamazonia* é exclusivamente de padre Edilberto.

Com a participação a partir do Brasil na construção cotidiana do informativo centrando-se em Sena, devido ao seu compromisso e aos seus conhecimentos de espanhol, que ele caracteriza como não fluente, mas em que é possível se comunicar, ele descreve como ocorre esse processo. Toda semana, Hugo Ramírez, coordenador da ALER, entra em contato com o comunicador para a produção de uma “notícia” do Brasil, de dois minutos e meio a três minutos de duração. Com o texto feito em português, o padre faz uso da ferramenta de tradução do buscador Google para passá-lo ao espanhol, com posteriores adequações de estilo, e a gravação é feita no aplicativo de mensagens WhatsApp, por meio do qual é enviado. A assinatura do conteúdo em áudio conta, além de seu nome, com a referência da Rede de Notícias da Amazônia brasileira.

²⁰⁵ Edilberto Francisco Moura Sena, padre católico em Santarém, no Pará, e comunicador popular, concedeu uma entrevista a esta pesquisa em 30 de junho de 2020.

4.4. Gênero e formato da produção brasileira da ALER

Em relação à caracterização do *Voces de la Panamazonía*, pode-se afirmar que se trata de um programa informativo ou mesmo de uma “radiorrevista informativa”, como prefere classificar Hugo Ramírez Huamán, que é coordenador geral da ALER e autor de uma dissertação de mestrado sobre a Rede Pan-Amazônica da Associação. Segundo López Vigil (2005), as radiorrevistas podem ou não ser consideradas um gênero, mas ele prefere indicar que não se trata de um novo gênero, pois, segundo ele, “as revistas são compostas, em última instância, de música, informação e dramatizações, recombinação estes três gêneros básicos de diferentes maneiras”²⁰⁶ (p. 85, tradução nossa), podendo ocupar até horas de programação. Trata-se de “um formato amplo, híbrido, capaz de englobar todos os outros. Tudo cabe na revista, todos os gêneros e subgêneros podem ser trabalhados em sua estrutura”²⁰⁷ (p. 244, tradução nossa). Devido ao fato de, nesta tese, não se analisar o conjunto dos programas e de forma integral todos os conteúdos do *Voces de la Panamazonía*, e assim ter-se mais consistência para classificá-lo como radiorrevista, simplesmente se utiliza a referência como um programa radiofônico informativo, pois é dessa forma que a ALER o define em sua página web, como *Noticiero Voces de la Panamazonía*.

Quanto ao gênero e formato radiofônicos presentes nas produções feitas pelo Brasil, nas 44 produções de 2019, e nas 49 de 2020, se manteve o gênero jornalístico, sendo o formato o de artigo. O gênero jornalístico, ou informativo, é “aquele em que o rádio busca levar ao ouvinte a informação da forma mais atualizada e abrangente” (VICENTE, 2002, p. 2). E, de acordo com López Vigil (2005), dentro de um “cardápio” possível de classificação de gênero, dividido em função do modo de produção das mensagens, da intencionalidade do emissor e da segmentação de destinatários, toma-se o recorte do gênero jornalístico para esta análise, pois este “se vincula com a realidade, com os acontecimentos concretos”²⁰⁸ (p. 84, tradução nossa). Ainda segundo o teórico, quatro subgêneros estão circunscritos nele: informativo, de opinião, interpretativo e investigativo. Cada um desses abarca uma série de possibilidades de formatos, desde notas simples e ampliadas, crônicas, entrevistas,

²⁰⁶ No original em espanhol: “las revistas se arman, en definitiva, con música, informaciones y dramatizados, recombinaando de diferentes maneras estos tres géneros básicos”.

²⁰⁷ No original em espanhol: “un formato amplio, híbrido, capaz de englobar a los demás. Todo cabe en la revista, todos los géneros y subgéneros pueden trabajarse en su estructura”.

²⁰⁸ No original em espanhol: “se vincula con la realidad, con los acontecimientos concretos”.

comentários e editoriais, mesas redondas, reportagens, entre outros (p. 85). Ainda se tratando do rádio e do jornalismo como espaços em constante mudanças, adaptações, processos e práticas que variam ao longo do tempo, mas também de acordo com a cultura de cada país, cidade e mesmo emissora; quer dizer, trata-se de formas de classificação não estanques, mas que se adaptam para representar a grande variedade possível de produções radiofônicas.

Também com a utilização do termo gênero jornalístico como sendo “o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar o seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos”, André Barbosa Filho assim o explica em seu livro *Gêneros radiofônicos: os formatos e programas em áudio* (2009, p. 89). Para o autor, ainda que gêneros radiofônicos e jornalísticos sejam classificados de forma distinta, radiofônicos são os jornalísticos quando adaptados ao rádio. Assim, há diversos formatos radiofônicos que são considerados como jornalísticos, como nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, documentário, editorial, crônica, etc.

Em um sentido de acrescentar mais uma posição a essas classificações, resgata-se José Marques de Melo, que em seu livro *A opinião no jornalismo brasileiro* (1994) aponta que “o comentário, o artigo e a resenha pressupõem autoria definida e explicitada, pois este é o indicador que orienta a sintonização do receptor” (p. 65), e ainda que “a opinião do jornalista (...) apresenta-se sob a forma de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura, e eventualmente artigo” (p. 94). Ainda no universo da obra de Marques de Melo, sobre a opinião ou o que ele classifica como “comentário” no rádio tem suas nuances particulares:

O segredo do comentário radiofônico tem sido o de ampliar o seu universo temático, não restringindo-se a política, economia e esportes, como ainda ocorre nos jornais, revistas e televisão, mas captando aquelas facetas da vida social que expressam as vicissitudes do cidadão comum: o custo de vida, os problemas de transporte e habitação, as questões ligadas à educação e à saúde, sem perder de perspectiva a sua inserção no conjunto da vida nacional.

Observa-se porém que o comentário radiofônico ainda mantém uma dependência em relação ao jornal diário, que serve como fonte de referência para a seleção dos fatos a merecerem análise, elucidação e julgamento. (p. 115)

As produções de Edilberto Sena para o *Voces de la Panamazonía* coincidem com essas categorizações, pois contam apenas com a locução do comunicador, sem uso de outros recursos sonoros (ou seja, destaca-se a pessoa que emite o comentário); não há entrevistas,

sonoras ou outras vozes gravadas – quando essas surgem, são citações, trechos lidos, de fontes que foram veiculadas por outros veículos em texto –; também são tratados temas da atualidade, relacionando fatos da conjuntura brasileira com outros de perspectiva local, internacional ou amazônica, mesclando temas diversos baixo a seleção do autor; e ainda há o uso de adjetivações, como ao se referir ao presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, como um “psicopata”, e expressões características do comunicador, como vocabulário e mensagens de inspiração católica, por exemplo “pecado ambiental”. Dessa forma, retomando que nesta pesquisa a classificação utilizada para essas produções é dentro do gênero jornalístico, em formato de artigo/comentário, por tratar-se de conteúdo opinativo.

Ainda sobre como compreender as produções realizadas por Edilberto, eles possuem o tempo médio de 3 minutos e 26 segundos de duração cada em 2019 (com tempo irregular, sendo a maior com 4 minutos e 46 segundos, e a menor com 2 minutos e 20 segundos); e de 3 minutos e 53 segundos em 2020 (também de forma irregular, sendo a maior com 5 minutos e 57 segundos, e a menor com 2 minutos e 32 segundos). Com esse tempo médio de extensão e sendo constituídas apenas pela voz do comunicador em uma locução única, reforça o entendimento de que se trata de um artigo/comentário.

4.5. Linha editorial e conteúdos do Brasil

A linha editorial²⁰⁹ do informativo *Voces de la Panamazonia* segue a estratégia dessa rede regional, que consiste em “visibilizar a voz das próprias pessoas que vivem na Amazônia, para que contribuam no conhecimento da Amazônia, ao debate público na região e fora dela, a partir desse local, à construção da democracia, de direitos e do *buen vivir* nos povos da Amazônia”²¹⁰. A linha política expressa na Rede Pan-Amazônica transpassa para a agenda comum trabalhada no informativo, que são definidas em reuniões gerais da articulação regional. Segundo Ramírez Huamán (2020), os eixos que deveriam estar refletidos nas

²⁰⁹ De acordo com o sociólogo francês Erik Neveu (2006), a linha editorial “pode residir num posicionamento político no sentido amplo, na escolha do tipo de informação e do tratamento do fato que a publicação privilegiará. Ela se traduz em cada edição na escolha dos acontecimentos a ser valorizados, ao ângulo sob a qual os cobrir” (p. 77).

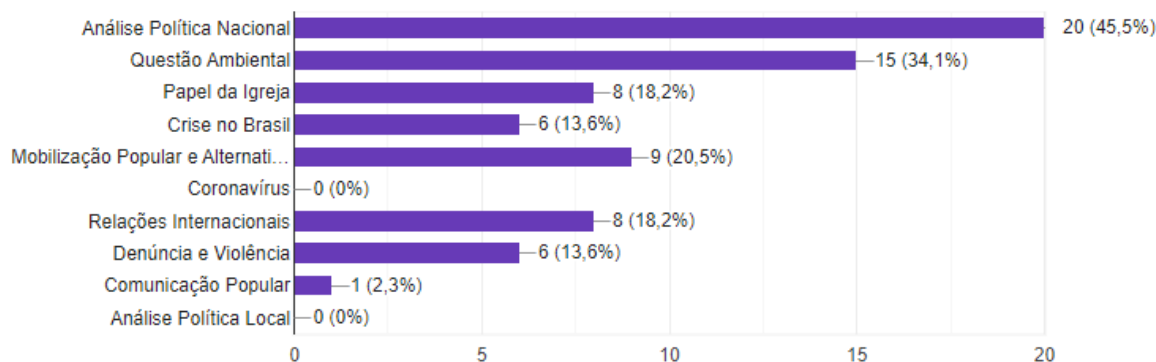
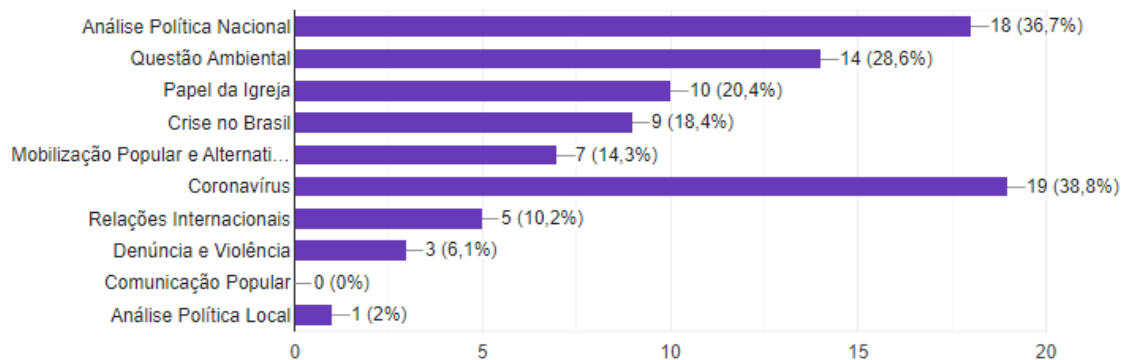
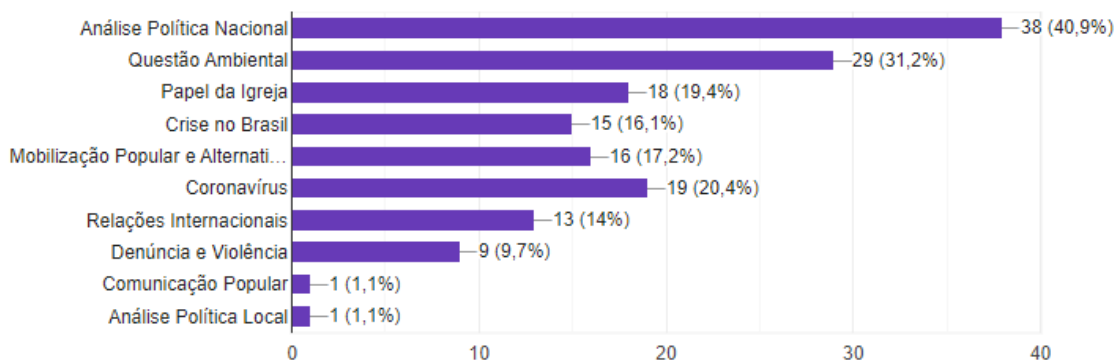
²¹⁰ Informação disponível na seção sobre a Rede Pan-Amazônica no site da ALER. tradução nossa. No original em espanhol: “en función de visibilizar la voz de la propia gente que vive en amazonía, de modo que aporten al conocimiento de la amazonía, al debate público en la región y fuera de ella y desde allí, a la construcción de la democracia, los derechos y el buen vivir en los pueblos de la Amazonía”. Disponível em: <https://aler.org/redpanamazonica/proyecto>. Acesso em: 26 jul. 2021.

produções enviadas pelas emissoras ao informativo são: Cultura e Diversidade, Extrativismo, Meio Ambiente, Deslocamento de populações e Conflitos, Direitos Humanos, Soberania Alimentar e Comunicação. Essas linhas temáticas foram definidas por integrantes da Rede Pan-Amazônica em encontros realizados nas cidades peruanas de Tarapoto, em 2017, e Puerto Maldonado, em 2018 (p. 90).

Levando-se em consideração os eixos temáticos construídos coletivamente na rede para sua produção informativa e, mais especificamente, analisando as produções realizadas pelo nó brasileiro, com o padre Edilberto Sena, que representa a Rede de Notícias da Amazônia (RNA), define-se dez unidades temáticas trabalhadas pelo Brasil nos anos de 2019 e 2020:

- a) Análise Política Nacional;
- b) Questão Ambiental;
- c) Papel da Igreja;
- d) Crise no Brasil;
- e) Mobilização Popular e Alternativas;
- f) Coronavírus;
- g) Relações Internacionais;
- h) Denúncia e Violência;
- i) Comunicação Popular;
- j) Análise Política Local.

Esses grandes enquadramentos, organizados em unidades temáticas, foram registrados nos 44 artigos de 2019 e 49 de 2020, totalizando 93 comentários de Edilberto Sena para o informativo *Voces de la Panamazonía*, e a porcentagem de ocorrência pode ser conferida nos gráficos a seguir.

Tabela 1 - Temas de artigos de Edilberto Sena no ano de 2019.**Tabela 2** - Temas de artigos de Edilberto Sena no ano de 2020.**Tabela 3** - Temas de artigos de Edilberto Sena nos anos de 2019 e 2020.

Assim distribuídos, parte-se para a análise dessas unidades temáticas em termos de conteúdo nas produções realizadas, sendo que mais de um tema pode ser registrado em cada artigo. Busca-se, desta forma, compreender e traçar os paralelos que as aproximam ou distanciam do atual projeto político comunicativo da ALER, que apresenta o *Buen Vivir* como caminho para a construção de uma sociedade harmônica entre seres humanos e natureza, baseada em novos valores, práticas e em um modelo alternativo de desenvolvimento.

4.5.1. Análise Política Nacional

A conjuntura política brasileira é o tema principal e o pano de fundo de grande parte dos artigos produzidos por Edilberto Sena ao longo de 2019 e de 2020, sendo no primeiro ano 20 ocorrências registradas e, no segundo, 18 registros, em um universo total de 93 produções do comunicador. Esse é o momento dos dois primeiros anos da presidência de Jair Bolsonaro no Brasil, após uma eleição polarizada em que o político de extrema direita derrotou Fernando Haddad, que passou a representar o Partido dos Trabalhadores (PT) na disputa eleitoral após o impedimento jurídico da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. O antagonismo entre Bolsonaro e Lula se fez presente em alguns conteúdos emitidos por Sena, que advoga a favor do político de esquerda ao afirmar, entre outras coisas, que sua prisão é política²¹¹, e dizendo que essa ação foi realizada por setores políticos e do Judiciário para impedir que o petista fosse eleito como presidente, por acreditar que, nas eleições de 2018, ele seria o único capaz de derrotar Bolsonaro²¹².

Ao longo desses dois anos, a posição de Edilberto Sena em suas análises é de crítica e oposição ao presidente Bolsonaro, a quem, muitas vezes, são atribuídos adjetivos como “palhaço”, “o presidente idiota”, “psicopata”²¹³; e sobre a composição dos Ministérios é classificado como um “conjunto de incompetentes”²¹⁴. Nos comentários de críticas ao governo, o comunicador demonstra seu apoio às manifestações contra Bolsonaro, por

²¹¹ Posição defendida no artigo de 30 de maio de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5841>. Acesso em: 28 out. 2021.

²¹² Posição defendida no artigo de 02 de maio de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5671>. Acesso em: 28 out. 2021.

²¹³ Termos utilizados nos comentários de 02 e 16 de maio, 13 de junho de 2019; 30 de abril, 07 de maio e 18 de junho de 2020, entre outros, a modo de exemplificar algumas ocorrências. Conjunto dos programas disponível em: <https://aler.org/redpanamazonica/mes>. Acesso em: 28 out. 2021.

²¹⁴ Termo utilizado no artigo de 28 de março de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5492>. Acesso em: 28 out. 2021.

exemplo, os protestos que foram registrados em 2019, sendo um em maio daquele ano e que teve como lema “mais livros, menos armas”²¹⁵ – contra os cortes orçamentários destinados à educação e relacionando o fato com o discurso armamentista feito pelo presidente da República. Conforme noticiado pela imprensa²¹⁶, na ocasião ocorreram mobilizações contra Bolsonaro em mais de 200 cidades e que chegaram a reunir mais de um milhão de pessoas em todo o território nacional em apenas um dia.

Edilberto também se posiciona contrário à redução dos gastos em educação e saúde por parte do governo brasileiro, que a justifica como necessária para o pagamento da dívida pública. Em sua argumentação, o comunicador acredita que essa postura visa manter os lucros exorbitantes dos bancos e vem a aprofundar a crise social e econômica pela qual atravessa o país. Como ocorre em seus artigos, não há a inserção de sonoras de entrevistados ou outros arquivos de áudio, mas são lidos trechos de artigos de opinião e de obras literárias e teóricas, como foi o caso do sociólogo Jessé Souza, que foi citado por meio de uma parte de seu livro *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*, lançado em 2017 pela Editora Leya, para explicar os fundamentos políticos e históricos da situação de crise²¹⁷.

O “desmantelamento da democracia no Brasil”²¹⁸ também é tema de preocupação de padre Edilberto Sena, que sinaliza que o presidente e seus ministros ignoram os clamores da população e da natureza, seguindo com políticas de violação de direitos trabalhistas e ambientais, de perda da soberania nacional, entre outros. Ainda como sinais de uma democracia em risco, ele cita ataques à imprensa e a outras instituições por parte de Bolsonaro, ao mesmo passo que ocorrem greves de professores e outros setores, o que seriam sinais de uma luta por um país “livre e democrático”²¹⁹. Nesse contexto, os possíveis crimes que Bolsonaro teria cometido, como em situações envolvendo milícias e corrupção (e que

²¹⁵ Conteúdo principal do artigo de 16 de maio de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5762>. Acesso em: 28 out. 2021.

²¹⁶ Veículos de diferentes matizes ideológicos noticiaram os protestos, como o portal G1 e o site Brasil de Fato. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/cidades-brasileiras-tem-atos-contra-bloqueios-na-educacao.ghtml>; e <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/15/em-todos-os-estados-brasileiros-vao-as-ruas-em-defesa-da-educacao-e-contra-bolsonaro/>. Acesso em: 30 out. 2021.

²¹⁷ Referência feita no artigo de 21 de novembro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6731>. Acesso em: 28 out. 2021.

²¹⁸ Tema do artigo de 17 de outubro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6512>. Acesso em: 28 out. 2021.

²¹⁹ Referência feita no artigo de 20 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7057>. Acesso em: 28 out. 2021.

teriam seu foco desviado da opinião pública para garantir uma possível reeleição de Bolsonaro em 2022²²⁰), e mesmo a uma política negacionista em relação à pandemia da covid-19, a partir de 2020, e que levou a centenas de milhares de mortes no país, são taxadas pelo comunicador como sendo sinais do “fascismo da presidência de Bolsonaro”, junto a uma série de outras medidas que “atacam a Constituição”²²¹. Uma dessas iniciativas seria a que Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes, apresentaram ao Congresso Nacional, de propostas para retirar direitos dos funcionários e servidores públicos, que acabam com a estabilidade do trabalho, proíbe greves do setor público, entre outros. Além disso, também são criticadas as propostas de reformas da Previdência e trabalhista, que são avaliadas como ações de retirada de direitos dos trabalhadores.

A relação da Análise Política Nacional com os temas correlatos ao *Buen Vivir* não é uma constante, ainda que seja registrada em diversos momentos. Em algumas ocorrências, Edilberto argumenta sobre temas factuais do governo federal, suas posições e medidas, como as reformas da Previdência e trabalhista, sem uma relação direta com pensamentos relativos a um outro modelo de desenvolvimento ou à convivência harmônica entre seres humanos e meio ambiente. Ainda que também se possa afirmar que não há uma contradição ou oposição ao que está contido no *Buen Vivir*. Um exemplo se dá no artigo emitido em 21 de fevereiro de 2019²²², em que o foco da análise é sobre o envio da reforma da Previdência elaborada pelo Executivo, em que é levantada uma série de problemas da proposta, como para trabalhadores rurais e agricultores familiares.

Contudo, em diversas ocorrências, a política do governo de Jair Bolsonaro é apresentada na sua relação com a Questão Ambiental, em especial com a Amazônia brasileira. São feitas análises sobre como os cortes orçamentários de pastas como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI)²²³ geram a inviabilidade de ações que impeçam a invasão de Terras Indígenas (TIs), além dos acenos e acordos feitos pelo presidente e membros de seu governo com o agronegócio e setores extrativistas, o que impacta negativamente na proteção de direitos dos povos indígenas em relação ao seu território, muitas vezes levando a conflitos e mortes de populações originárias. Também há a denúncia de que posturas do Ministério do

²²⁰ Referência feita no artigo de 01 de outubro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7898>. Acesso em: 28 out. 2021.

²²¹ Referência feita no artigo de 29 de outubro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/8008>. Acesso em: 28 out. 2021.

²²² Conteúdo disponível em: <https://aler.org/node/5349>. Acesso em: 28 out. 2021.

²²³ Conteúdo de 17 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5188>. Acesso em: 28 out. 2021.

Meio Ambiente levam ao aumento do extrativismo, a um cenário de violência na região amazônica e a ruptura de acordos internacionais, por exemplo no que envolve o Fundo Amazônia, que tem por objetivo captar recursos para ações como o combate ao desmatamento.

4.5.2. Questão Ambiental

Os artigos sobre o Brasil que tratam da Questão Ambiental são recorrentes ao longo de 2019, com 15 registros, e de 2020, com 14. Muitas vezes, essas temáticas estão relacionadas à Análise Política Nacional, mas também aparecem isoladamente ou em outras relações, como sobre o Papel da Igreja ao tratar do Sínodo da Amazônia, promovido pela Igreja Católica e que discutiu assuntos comuns aos nove países desse bioma. Pode-se afirmar que a preocupação com temas do meio ambiente está presente em quase todas as emissões, pelo menos com breves citações, mas que há tópicos específicos da Questão Ambiental que merecem ser separados como tal e que podem ser levantados como principais os seguintes: crítica à política ambiental do governo brasileiro, agronegócio, extrativismo mineral, crimes ambientais, desmatamento, invasão de territórios indígenas; além de processos de resistência desenvolvidos por povos amazônicos e sobre o *Buen Vivir*, que é nomeado diversas vezes ao longo dos comentários.

Na interface entre a análise sobre o governo federal e o meio ambiente, Edilberto Sena levanta a crítica ao modelo de desenvolvimento promovido na presidência de Bolsonaro, que gera desmatamento e mortes; bem como apresenta que a construção de um projeto alternativo deve se dar com os povos indígenas e tradicionais da Amazônia²²⁴. Ainda no âmbito das críticas e denúncias ao governo, na emissão de 23 de janeiro de 2020²²⁵, por exemplo, Edilberto aponta sua discordância diante da declaração do ministro da Economia, Paulo Guedes, durante o Fórum Econômico de Davos (Suíça) daquele ano. Na ocasião, o representante do Estado brasileiro afirmou que o maior inimigo do meio ambiente é a “pobreza”, já que “as pessoas destroem a natureza porque precisam comer”²²⁶. Tal discurso é

²²⁴ Reflexão apresentada no artigo de 24 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5217>. Acesso em: 29 out. 2021.

²²⁵ Disponível em: <https://aler.org/node/6954>. Acesso em: 29 out. 2021.

²²⁶ A declaração repercutiu em diversos veículos da imprensa nacional, como na Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/as-pessoas-destroem-o-meio-ambiente-porque-precisam-comer-diz-guedes-em-davos/>. Acesso em: 29 out. 2021.

taxado por Sena como uma “estupidez” e “uma vergonha”, já que o ministro culpabiliza os pobres e a fome, e não os grandes invasores de terras, o agronegócio, os madeireiros e os desmatadores pela devastação ambiental. Esse trecho demonstra outro traço marcante das análises de Sena, que é a associação do governo Bolsonaro com o capital, das grandes empresas nacionais e estrangeiras, além de extrativistas e exploradores de bens naturais, que são apresentados como uma ameaça à Amazônia, seus povos e sua biodiversidade.

Mais um argumento presente nos comentários de Sena é em relação aos ataques de Bolsonaro contra órgãos públicos de pesquisa e monitoramento ambiental, como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), que investiga e divulga dados sobre a destruição da Amazônia. Em um de seus artigos, de 08 de agosto de 2019²²⁷, o analista cita o discurso do presidente Jair Bolsonaro que acusa servidores do INPE de estarem a serviço de órgãos estrangeiros, em uma tentativa de desqualificar o reconhecido instituto científico. Segundo Edilberto, esse ataque visa avançar com a abertura do território amazônico para exploração de minérios e outras fontes naturais, e que violam direitos dos povos da região. Na mesma movimentação, o articulista aborda o ataque do governo nacional ao Sínodo da Amazônia, que, entre outros pontos, busca debater a contradição entre ecologia integral versus desmatamento, como aponta o padre.

Outra temática marcante diz respeito a crimes ou tragédias socioambientais que assolaram o Brasil, principalmente as duas maiores daquele período: o rompimento de uma barragem da mineradora Vale na cidade de Brumadinho²²⁸, em Minas Gerais, em janeiro de 2019, que resultou em ao menos 270 mortos e ao menos sete desaparecidos, além de impactos ao meio ambiente; e as queimadas no Pantanal e na Amazônia brasileiras, que, naquele ano, deixou o Brasil com a marca de 318 mil km² de área florestal consumida pelo fogo, o dobro do ano anterior, segundo o INPE²²⁹.

Mais um grande tema trabalhado pelo comunicador é sobre o uso intensivo de agrotóxicos dentro do modelo do agronegócio, que aumentou durante o governo Bolsonaro, já que este, entre outros pontos, aprovou e liberou para o uso centenas de novos agroquímicos.

²²⁷ Disponível em: <https://aler.org/node/6257>. Acesso em: 29 out. 2021.

²²⁸ Temas principais das emissões de 31 de janeiro e 07 de fevereiro de 2019, além de outras citações. Disponível em: <https://aler.org/node/5257> e <https://aler.org/node/5291>. Acesso em 29 out. 2021.

²²⁹ Informação disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/01/14/queimada-cresce-brasil-2019.htm>. Acesso em: 28 out. 2021.

Em um dado apresentado por Edilberto em 27 de junho de 2019²³⁰, em apenas seis meses, órgãos ligados ao Ministério da Agricultura haviam autorizado 239 agrotóxicos. Essa linha política do governo, além de fortalecer o agronegócio, também negligencia as contaminações ao meio ambiente e o aumento de doenças na população brasileira, defende Sena. O tema é retomado em diversas ocasiões, em uma delas, de 12 de março de 2020²³¹, enquanto se analisa a crise pela qual passa o Brasil, ele ressalta o uso indiscriminado de agrotóxicos, como o glifosato, que é um conhecido causador de câncer.

A destruição da Amazônia, segundo Edilberto Sena apresenta em seus artigos para a ALER, também guarda relação com megaobras e grandes empreendimentos de infraestrutura, como para a construção de ferrovias, rodovias, portos, hidrelétricas (como a de Belo Monte no Rio Xingu), o que, para ele, gera impactos devastadores aos povos e ao meio ambiente²³². Esse modelo de desenvolvimento presente no capitalismo é questionado pelo comunicador, que o coloca em oposição com o que está presente no *Buen Vivir* e também no que é dito pelo Papa Francisco, de defesa da “*Madre Naturaleza*”, como destaca Edilberto²³³. “Hoje está claro que a natureza tem direitos como os humanos têm. Esses direitos estão sendo intensamente violados, o que é um pecado ecológico”, afirma o padre. “Nossa ‘Casa Comum’ exige respeito aos seus direitos”²³⁴, aponta Edilberto citando o termo usado por Papa Francisco na encíclica *Laudato Si’*.

4.5.3. Papel da Igreja

Tendo iniciado na vida eclesial por meio da Ordem Franciscana, padre Edilberto Sena já está aposentado da paróquia, mas continua em missão em áreas populares de Santarém e na Comissão Justiça e Paz da arquidiocese desse município do Pará. Além disso, ao longo de sua vida, sempre uniu a fé com a militância, e desde jovem acompanhou a evolução teológico-pastoral da Igreja Católica ligada à Teologia da Libertação. Junto à

²³⁰ Disponível em: <https://aler.org/node/6009>. Acesso em: 29 out. 2021.

²³¹ Disponível em: <https://aler.org/node/7135>. Acesso em: 29 out. 2021.

²³² Temas presentes em comentários de 24 de janeiro, 27 de junho, 11 de julho, 12 de setembro de 2019; 9 de janeiro, 6 de fevereiro, etc. Disponível em: <https://aler.org/redpanamazonica/mes> (diversas datas). Acesso em: 29 out. 2021.

²³³ Disponível em: <https://aler.org/node/6900>. Acesso em: 29 out. 2021.

²³⁴ Tradução nossa. No original em espanhol: “Hoy está claro que la naturaleza tiene derechos como los humanos los tienen. Estos derechos están siendo intensamente violados, lo que es un pecado ecológico”. (...) “Nuestra Casa Común exige respeto a sus derechos”.

religião e à atuação com movimentos sociais, ele também desenvolveu sua vocação para a comunicação popular. Dessa união, no conjunto dos comentários enviados ao *Voces de la Panamazonia* da ALER, é marcante o estilo cristão de suas narrativas e, mais explicitamente, as abordagens católicas estão presentes em seus textos. Assim, o que se caracteriza como temas ligados ao Papel da Igreja refere-se a uma série de enquadramentos que priorizam a atuação, os pensamentos e os discursos da Igreja Católica, e estão presentes diretamente como foco em oito emissões de 2019 e dez de 2020.

O Sínodo para a Amazônia²³⁵ é um dos assuntos mais relevantes, e que consiste em um mecanismo de consulta, em um processo convocado e presidido pelo Papa em que são discutidas questões de interesse da Igreja Católica, sejam temas próprios, extraordinários ou especiais, como é o caso do dirigido à região pan-amazônica. Antes da reunião oficial entre bispos e outros convidados, que foi realizada no Vaticano entre 6 e 27 de outubro de 2020, um longo processo de encontros, consultas e escutas ocorreu nos nove países que compartilham o bioma amazônico. Após as discussões e definições tiradas ao longo do processo, se publica um documento chamado exortação apostólica, que fornece diretrizes ao clero. O Sínodo Especial para a Amazônia teve como tema “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e por uma ecologia integral”, e foi uma resposta do Papa Francisco para debater os dilemas e os desafios da região e que causou grande incômodo ao governo Bolsonaro, devido ao viés ambiental e de apoio aos povos indígenas do processo papal. Para se entender o teor dado ao pontífice sobre sua posição em relação à Amazônia está uma das declarações dadas durante um encontro com povos indígenas no departamento peruano de Madre de Dios, em janeiro de 2018: “Temos que romper com o paradigma histórico que vê a Amazônia como uma despensa inesgotável dos Estados sem levar em conta seus habitantes”, disse Francisco²³⁶.

Em artigos dos dias 28 de fevereiro²³⁷ e 25 de julho de 2019²³⁸, Edilberto Sena enfocou o processo do Sínodo, explicando o seu conteúdo e significado, e exaltando o “cuidado da Casa Comum” como uma ideia marcante e que aponta a um conflito com o governo Bolsonaro, já que esse atua em defesa de madeireiros, grileiros, mineradoras e outros atores

²³⁵ Mais informações na página oficial do Sínodo, dentro do site do Vaticano. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt.html>. Acesso em: 31 out. 2021.

²³⁶ Notícia do portal Instituto Humanitas Unisinos, de 04 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588098-em-puerto-maldonado-francisco-estava-certo-a-amazonia-nao-e-uma-despensa-inesgotavel>. Acesso em: 31 out. 2021.

²³⁷ Disponível em: <https://aler.org/node/5377>. Acesso em: 31 out. 2021.

²³⁸ Disponível em: <https://aler.org/node/6183>. Acesso em: 31 out. 2021.

que desmatam e invadem territórios indígenas. Além disso, o comunicador explicou que todo o processo do Sínodo, que durou mais de um ano, teve como discussões importantes os modos de vida na região, conflitos e violações de direitos, e também a evangelização.

As mensagens e os textos do Papa Francisco também estão presentes em muitos dos comentários de Sena, em especial a encíclica *Laudato Si' - Sobre o cuidado da Casa Comum*, como já foi citado anteriormente. Além desse documento, também houve artigos em que se abordou a *Exortação Apostólica do Sínodo dos Jovens*, em que o articulista a relacionou com o direito à educação e disse acreditar que, por meio da palavra do Papa, os jovens podem se sentir motivados a lutar por “uma Amazônia para o *Buen Vivir*”²³⁹. Outra exortação apostólica levantada é *Querida Amazônia*²⁴⁰, o documento pós-sinodal que, na avaliação do padre Edilberto, significa “uma expressão forte que trata a região como um sujeito digno de respeito e afeto”²⁴¹; contudo algumas decisões finais do processo sinodal são questionadas, como a não autorização do sacerdócio para homens casados. Já a carta encíclica *Fratelli Tutti*²⁴², do Papa Francisco, publicada em outubro de 2020, é tema de outro artigo, que ressalta a importância do documento devido à forma com que o Papa enfrentou a grave crise civilizatória apontando formas de salvar o planeta²⁴³.

Algumas atividades ou declarações específicas da Igreja Católica no Brasil também são noticiadas em despachos do padre Edilberto, como a realização da cúpula que definiu a nova direção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em maio de 2019; ou sobre um manifesto assinado por mais de 150 membros da Igreja Católica que foi lançado em julho de 2020²⁴⁴, com uma análise da situação de crise social, ambiental e econômica do Brasil e respostas a ela, como o respeito à Constituição – ou seja, aí também contida uma crítica ao governo Bolsonaro. A Campanha da Fraternidade de 2020, que antecedeu a quaresma, foi um ponto de reflexão de Edilberto para novamente criticar os ataques à

²³⁹ Declaração disponível em: <https://aler.org/node/5528>. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁴⁰ Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_2020_0202_querida-amazonia.html. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁴¹ tradução nossa. No original em espanhol: “una expresión fuerte que trata la región como un sujeto digno de respeto y afecto”. Disponível em: <https://aler.org/node/7030>. Acesso em: 31 de outubro de 2021.

²⁴² Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁴³ Disponível em: <https://aler.org/node/7949>. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁴⁴ Disponível em: <https://aler.org/node/7659>. Acesso em: 31 out. 2021.

Amazônia, seus povos e modos de vida, e também alertar sobre o que ele define como um “genocídio” promovido pelo governo brasileiro em meio à pandemia da covid-19²⁴⁵.

Datas importantes de celebração católica são igualmente ressaltadas, como a Semana Santa, o Corpus Christi e o Natal, com mensagens especiais para essas ocasiões, sempre as relacionando com situações e temas amazônicos. Em uma delas, em 9 de abril de 2020, sobre a Semana Santa e a situação da pandemia do novo coronavírus, chama a atenção o fato de se tratar do único áudio gravado inteiramente em português pelo comunicador brasileiro (todos os demais são em espanhol). Nessa edição, padre Edilberto resgata o significado da Semana Santa e de como ocorreu o assassinato de Jesus, considerado um líder popular. É feito um paralelo com assassinatos de defensores do meio ambiente e povos amazônicos, como a irmã Dorothy Stang e líderes indígenas. Além disso, padre Edilberto chama a atenção para o nível de degradação social, com dificuldades no Sistema Único de Saúde e mais de 13 milhões de desempregados no país, fazendo, por fim, um chamado para que o período da Semana Santa não seja apenas de reflexão, mas de compromisso com as causas populares e de prática da verdadeira religião, afirmando: “Carregar a cruz é a gente cuidar dos outros e também da nossa Casa Comum, a natureza”²⁴⁶.

4.5.4. Crise no Brasil

A ascensão da extrema direita à presidência do Brasil, na opinião de Edilberto Sena, também leva a um cenário de aumento da crise social e econômica, com piora nos índices de fome, miséria e desemprego no país. Nesse sentido, o que aqui se categoriza como Crise no Brasil foi um tópico de atenção nos artigos do comunicador brasileiro para o informativo *Voces de la Panamazonia*, com seis registros em 2019 e nove em 2020. Na maioria dos casos, os temas relativos a essa crise pela qual passa o país são abordados de forma a relacioná-los com a conjuntura nacional, ambiental, a pandemia do coronavírus e com ações de solidariedade.

Um dos primeiros episódios a levantar a situação de fome e miséria foi de 14 de fevereiro de 2019²⁴⁷, que retratou a queda das condições de vida combinada com a falta de

²⁴⁵ Disponível em: <https://aler.org/node/7215>. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁴⁶ Disponível em: <https://aler.org/node/7237>. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁴⁷ Disponível em: <https://aler.org/node/5319>. Acesso em: 31 out. 2021.

investimentos em saúde e outras áreas sociais, fruto de uma política neoliberal defendida e aplicada pelo governo de Jair Bolsonaro, que, naquele momento, chegava a cerca de 40 dias desde que havia tomado posse como presidente. Nessa emissão e em outras, aspectos como miséria, fome e desemprego, além de perda de direitos dos trabalhadores, jovens e mulheres, foram relacionados com a política ambiental, no sentido de que são faces das mesmas escolhas do governo federal em sua linha a favor do desmatamento, da falta de proteção às populações indígenas e amazônicas no geral²⁴⁸.

O agravamento da crise em função do alastramento da pandemia do novo coronavírus foi muito comentado por Edilberto em 2020. Além da óbvia piora da condição sanitária e das condições críticas do sistema de saúde no país, um ponto que se destaca é o da ausência de soluções por parte do governo federal no aspecto econômico, que diante da fome e do desemprego em crescimento, pouco foi feito. O auxílio emergencial de R\$ 600,00 à população mais vulnerável, aprovado pelo Congresso Nacional (e que depois foi utilizado pelo presidente como mérito seu), foi uma importante medida nos meses iniciais da pandemia, porém sob constante ameaça de corte pela metade por parte de representantes do governo, como salienta Edilberto em 18 de junho de 2020²⁴⁹. Fato esse que depois se concretizou e que foi criticado pelo padre, já no mês de setembro, ao dizer que a diminuição para R\$ 300,00 dificultaria ainda mais a vida da população e tenderia a aumentar a pobreza, a fome e as desigualdades sociais, que seriam mais graves na Amazônia. “Como é possível que ainda haja votantes que apoiam Bolsonaro e seu governo”²⁵⁰, é um dos questionamentos feitos por Sena, lembrando que se aproximavam as eleições estaduais e municipais de novembro de 2020.

Ações de solidariedade diante do agravamento da crise também foram lembradas por Edilberto em seus áudios, por exemplo o da Campanha da Fraternidade de 2020, que, em sua visão, seria um momento propício para se olhar ao próximo, em especial aos mais pobres e vulneráveis, diante da piora das condições de saúde e social. O caso da cidade de Manaus, estado do Amazonas, é abordado na edição de 02 de abril de 2020, devido à situação precária de saneamento, de emprego e renda no local, que se deteriorou ainda mais em meio à pandemia da covid-19. A crítica negativa ao governo Bolsonaro também é feita devido à sua

²⁴⁸ Referência a edições como a de 13 de junho de 2019 e 17 de outubro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5916> e <https://aler.org/node/6624>. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁴⁹ Disponível em: <https://aler.org/node/7499>. Acesso em: 31 out. 2021..

²⁵⁰ Declaração presente no artigo de 17 de setembro de 2020. Tradução nossa. No original em espanhol: “Cómo es posible que aun hayan votantes que apoyan a Bolsonaro y su gobierno”. Disponível em: <https://aler.org/node/7846>. Acesso em: 31 out. 2021.

opção por privilegiar banqueiros e empresários ao invés de distribuir a reserva cambial, como uma das medidas exemplificadas, entre os mais pobres e necessitados. Na opinião de Edilberto: “Para ele [Bolsonaro], a economia é mais importante que a vida”²⁵¹.

Um artigo que apresenta a combinação de elementos distintos na abordagem da Crise no Brasil é o que analisa a situação brasileira em paralelo a de outros países da América do Sul, no final de 2019. Por exemplo, temas como a dificuldade de idosos em se aposentarem diante da ausência de um plano de Previdência Social, bem como as debilidades da juventude em conseguir trabalho e estudo, enquanto a lucratividade de bancos só aumenta, é uma realidade compartilhada por diversas nações sul-americanas. Contudo, diferente do Brasil, Equador, Chile e Colômbia viram emergir protestos no segundo semestre de 2019. A Argentina é lembrada devido ao fato de que, após quatro anos de um governo de direita (Mauricio Macri), a população o derrotou nas urnas por uma candidatura de esquerda (Alberto Fernández), em pleito realizado em outubro de 2019. Já o Brasil é analisado como um caso em que o governo de Jair Bolsonaro promove políticas de retirada de direitos dos trabalhadores e também regressivas no que tange ao meio ambiente; assim, Edilberto crê que o povo brasileiro deveria tomar como exemplo os países vizinhos e sair para protestar nas ruas contra a situação do país²⁵². Mobilizações populares essas que também ocorreram em março de 2020, quando houve manifestações contra o governo Bolsonaro diante da crise social e política, convocadas por movimentos sociais e centrais sindicais²⁵³.

4.5.5. Mobilização Popular e Alternativas

Protestos populares, debates e experiências que oferecem uma alternativa de modelo de desenvolvimento estão reunidos nesta unidade temática para analisar os conteúdos do Brasil no programa *Voces de la Panamazonía*, no qual somam nove registros em 2019 e sete em 2020. Nesta parte, são abordadas as iniciativas de práticas de resistência popular promovidas por movimentos sociais e outros setores da sociedade que foram levantadas por Sena em seus artigos.

²⁵¹ Tradução nossa. No original em espanhol: “Para él [Bolsonaro], la economía es más importante que la vida”. Disponível em: <https://aler.org/node/7215>. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁵² Tema abordado na edição de 12 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6829>. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁵³ Tema abordado no artigo de 18 de março de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7135>. Acesso em: 31 out. 2021.

Um exemplo é no comentário de 14 de março de 2019²⁵⁴, em que é abordado um projeto no Rio Tapajós, na região amazônica, do Movimento Tapajós Vivo, que tem como objetivo instalar painéis solares para bombear água para comunidades, o que também visa mostrar uma alternativa e resistência a projetos hidrelétricos que atingem populações locais e que só no governo Bolsonaro são sete empreendimentos desse tipo apenas no Rio Tapajós, até aquele ano, como apresenta Edilberto Sena. Na sequência, o comunicador também faz uma análise da importância da região amazônica, e em especial da cidade de Santarém, de onde fala o comunicador, como um espaço de disputa de projetos – de um lado o agronegócio e o modelo exportador de soja, e do outro lado iniciativas de respeito às comunidades locais. Nota-se nesse caso que a discussão proposta em torno do *Buen Vivir* é marcante e compreende reflexões de alternativas societárias.

Outros artigos que citam projetos que representam a construção de uma nova sociedade tratam de temas de resistências em territórios amazônicos, como oficinas de formação e estudo²⁵⁵, articulação de rádios populares, encontros entre movimentos sociais e populações locais para barrar projetos de construção de hidrelétricas²⁵⁶, o que é um tipo de exploração de recursos naturais muito característico na Amazônia, devido à sua vasta bacia hidrográfica.

Mais um exemplo de mobilização e resistência relatado por Sena é o do povo Munduruku, na bacia do Rio Tapajós, que, vivendo em cerca de 115 aldeias, realizaram uma manifestação contra a construção de um porto que afetaria seu território. A principal ação ocorreu durante uma reunião de executivos e protestos em Santarém, com apresentação de informações ao Ministério Público Federal (para abrir um processo contra os invasores) em relação à mineração ilegal e devido a consequências como prostituição, uso abusivo de drogas e álcool, incentivados por essa corrida pelo ouro, e que gera desunião nos Mundurukus, além das ameaças de garimpeiros contra eles, como contou o comunicador²⁵⁷.

No âmbito de visibilizar manifestações populares com debates sobre um projeto alternativo de sociedade, um artigo que chama a atenção é sobre o Acampamento Terra Livre de 2019, que ocorreu em Brasília e contou com a presença de 10 mil indígenas. A iniciativa

²⁵⁴ Disponível em: <https://aler.org/node/5435>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁵⁵ Tema abordado na edição de 05 de março de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7107>. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁵⁶ Edições de 6 e 20 de junho, 15 de agosto, todas de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5882>, <https://aler.org/node/5960> e <https://aler.org/node/6284>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁵⁷ Artigo de 11 de julho de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6099>. Acesso em: 01 nov. 2021.

promovida pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) reuniu 305 povos, que falam 274 idiomas, como cita Edilberto. O texto mescla o caráter informativo, mas traz a opinião e a adjetivação características da fala de Sena, abordando as políticas de retrocesso aos direitos indígenas e o uso de cerca de mil homens da Força Nacional de Segurança para restringir os protestos, no que ele sentenciou: “O agressor é o governo federal, e não os indígenas”²⁵⁸.

Em temas que se mesclam, uma outra manifestação popular noticiada foi a do Grito dos Excluídos, que é construído por setores da Igreja Católica e por movimentos sociais, e que, no ano de 2020, contou com atividades online devido à pandemia, abordando as lutas por terra, teto e trabalho, tão presentes nos discursos do Papa Francisco, além de outras temáticas, como miséria, preconceito e repressão²⁵⁹.

No contexto da pandemia de covid-19, ações de solidariedade como uma resposta a partir dos povos para a crise enfrentada em todo o mundo foram assuntos relevantes nas emissões de Edilberto Sena. Ao longo de 2020, foram retratadas algumas experiências que trazem um sentido “samaritano”, como classifica o padre, como a de um supermercado que recebe doações e pratica o “levar e não pagar”²⁶⁰, e de movimentos populares que coletam e distribuem roupas, kits de higiene e toneladas de alimentos entre as famílias pobres, como em campanhas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Segundo Sena, esses gestos de solidariedade são o oposto do que faz o governo Bolsonaro, que corta o auxílio emergencial dos mais pobres enquanto libera recursos vultosos para o agronegócio. Além disso, o padre também aponta que essa solidariedade precisa continuar após a pandemia e indica a necessidade de se construir o *Buen Vivir* como o caminho para uma sociedade de superação do capitalismo²⁶¹.

4.5.6. Coronavírus

Em 2020, a pandemia do novo coronavírus emergiu como um dos temas centrais da cobertura midiática em todo o mundo, e não foi diferente nos artigos do Brasil no informativo

²⁵⁸ Artigo de 25 de abril de 2019. Tradução nossa. No original em espanhol: “El agresor es el gobierno federal, y no los indígenas”. Disponível em: <https://aler.org/node/5622>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁵⁹ O Grito dos Excluídos foi trabalhado em dois comentários em sequência, de 3 e de 10 de setembro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7792> e <https://aler.org/node/7819>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁶⁰ Artigo de 25 de junho de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7526>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁶¹ Artigo de 07 de maio de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7421>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Voces de la Panamazonía, que o abordou como assunto principal em 19 dos 49 emitidos naquele ano. A partir de março, quando as transmissões comunitárias e mortes por covid-19 tomaram corpo na América Latina, o tema passou a ser abordado com frequência nas notícias enviadas do Brasil. No programa de 19 de março de 2020²⁶², o primeiro em que o padre Edilberto Sena trata da questão, o Brasil registrava cerca de 430 pessoas com sinais de coronavírus e a morte confirmada de apenas uma pessoa, segundo relatou o comunicador. A crítica em relação ao tratamento dado pelo governo de Bolsonaro à pasta de saúde pública, com corte de verbas e retirada da parceria com Cuba para envio de médicos ao Brasil, foi abordada com preocupação por Edilberto na ocasião.

Na sequência, os dados de mortes e infecções pelo coronavírus na região amazônica brasileira, em todo o país e no mundo se tornaram constantes nos envios de Sena, na progressão também de sua abordagem sobre a falta de medidas de contenção do contágio e o negacionismo do governo federal, que se mesclavam com as já debatidas crises social e econômica no país. Em diversas edições, Edilberto caracteriza o momento como sendo de uma “pandemia de um psicopata”, em que o governo Bolsonaro nega a gravidade da crise, boicota o uso de máscaras e o isolamento social, e ainda assim há “fanáticos” que o apoiam. A crítica à passividade dos partidos de oposição, do Poder Judiciário e da população também é feita pelo padre²⁶³. Retratos da situação da falta de infraestrutura hospitalar na Amazônia brasileira e o agravamento da contaminação e das mortes nas populações indígenas²⁶⁴ são igualmente tratados em diversos envios de áudios ao informativo da ALER.

Além disso, há espaço nos comentários de Edilberto Sena para mensagens de esperança, como as já citadas ações de solidariedade de movimentos sociais com populações vulneráveis, e em relação ao compromisso dos profissionais de saúde e cientistas no tratamento da doença, a partir de iniciativas como a de respiradores manuais construídos por equipes de universidades públicas brasileiras, que auxiliam no tratamento de casos graves de covid, principalmente em hospitais sem a devida infraestrutura²⁶⁵.

A relação da pandemia de covid-19 com o meio ambiente esteve presente em diversos artigos, em abordagens como o declínio temporário da poluição em grandes cidades em

²⁶² Disponível em: <https://aler.org/node/7161>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁶³ Elementos presentes em comentários de 30 de abril, 07 de maio e 18 de junho de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7321>, <https://aler.org/node/7345> e <https://aler.org/node/7499>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁶⁴ Temas abordados em comentários de 16 de abril, 02 de julho e 09 de julho de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7267>, <https://aler.org/node/7552> e <https://aler.org/node/7577>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁶⁵ Artigo de 28 de maio de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7421>. Acesso em: 01 nov. 2021.

função do processo de quarentena e isolamento social²⁶⁶. Outra em que o desmatamento e o desequilíbrio ecológico em áreas como a Amazônia são apontados, por especialistas, como potenciais locais de surgimento de um próximo vírus de caráter endêmico ainda mais devastador que o coronavírus²⁶⁷. E mais uma em que Sena reforça que o desmatamento contínuo da Amazônia pode levar a uma nova pandemia ainda pior do que a atual, citando pesquisas de instituições como Harvard e outras, além do fato de que o desmatamento agrava o aquecimento global e as mudanças climáticas; nessa mesma edição, ele reforça que é essencial não ignorar os crimes que estão acontecendo atualmente na Amazônia²⁶⁸.

A abordagem da vacina como a solução para pôr fim à pandemia²⁶⁹ foi uma das chaves de argumentação do comunicador brasileiro em suas análises. Se por um lado ele critica a morosidade e a falta de iniciativa para a compra de imunizantes por parte do governo Bolsonaro, por outro ele enaltece as pesquisas realizadas pelo Instituto Butantã, em São Paulo, e a Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, no desenvolvimento das vacinas, em parceria com laboratórios da China e do Reino Unido, respectivamente²⁷⁰. Ainda sobre o tema, o comunicador brasileiro analisa que o interesse pelo lucro na elaboração dos imunizantes pode intensificar as desigualdades globais, como na situação dos Estados Unidos, que compraram uma quantidade muito superior de vacinas em relação aos países mais pobres do mundo, muitos deles na América Latina. Tentativas de transformar os imunizantes em bens públicos e quebrar suas patentes foram propostas por governos e pela Organização das Nações Unidas (ONU), como relata Edilberto, que considera isso como algo positivo e essencial²⁷¹.

4.5.7. Relações Internacionais

Os artigos de Edilberto Sena ao programa *Voces de la Panamazonia* em que são abordados diretamente temas das Relações Internacionais aparecem em oito edições de 2019 e cinco de 2020, e podem ser divididos em três eixos principais: a relação de subordinação do Brasil com os Estados Unidos; paralelos com países da América Latina; e participação do

²⁶⁶ Artigo de 30 de abril de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7321>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁶⁷ Artigo de 11 de junho de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7472>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁶⁸ Artigo de 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7737>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁶⁹ Artigo de 23 de julho de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7633>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁷⁰ Temas abordados em comentários de 26 de novembro e de 10 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/8120> e <https://aler.org/node/8170>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁷¹ Artigo de 13 de agosto de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7710>. Acesso em: 01 nov. 2021.

presidente Jair Bolsonaro em espaços internacionais, em que se destacam as falas sobre a Amazônia, como em uma viagem a Tóquio, Japão, onde o mandatário declarou que promoveria a abertura da região amazônica para a exploração por empresas estrangeiras²⁷².

Como citação ou desenvolvendo a análise, os Estados Unidos são retratados pelo comunicador, em seus comentários, como um “país imperialista” com uma “democracia questionável”²⁷³, principalmente ao tratar de Donald Trump, que nos anos de 2019 e 2020 exercia seu mandato como presidente e a quem Bolsonaro expressava sua admiração e via como exemplo de liderança. Além disso, a política externa do governo brasileiro nesse período com o país norte-americano é tida como de submissão. Como exemplo, em um dos artigos, de 21 de março de 2019²⁷⁴, é noticiada a visita de Bolsonaro àquele país para se reunir com Trump. Sena considera uma “vergonha” a postura do político brasileiro e ainda afirma que os acordos de cessão da Base Aérea de Alcântara²⁷⁵, no Maranhão, seriam um exemplo de um “ato de vassalagem” do Brasil aos Estados Unidos.

Países da América Latina também são citados com frequência nos despachos de padre Edilberto, como em uma saudação ao presidente boliviano Luis Arce, do partido Movimento Ao Socialismo (MAS), que venceu o pleito de outubro de 2020 para governar o país²⁷⁶. Também é analisado o conflito na Venezuela e a tentativa de uma suposta ajuda humanitária realizada pelo Brasil no início de 2019²⁷⁷, sobre a qual Edilberto Sena faz uma crítica a quem considera o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, como um ditador, dizendo que os mesmos que dizem isso não dão tratamento similar a Bolsonaro, sendo que esse é quem aplica políticas “antidireitos”. Outras nações como Chile, Colômbia, Equador e Argentina também são lembradas por sua situação de crise social, protestos populares e eleições, como descrito anteriormente.

A participação de Jair Bolsonaro em espaços internacionais, como na Assembleia Geral da ONU, em 2019²⁷⁸, segue na linha de sentimento de “vergonha” sobre como o Brasil é

²⁷² Artigo de 24 de outubro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6653>. Acesso em: 02 nov. 2021.

²⁷³ Artigo de 29 de outubro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/8008>. Acesso em: 102 nov. 2021.

²⁷⁴ Disponível em: <https://aler.org/node/5463>. Acesso em: 02 nov. 2021.

²⁷⁵ A Base Aérea de Alcântara é um centro estratégico de lançamento de foguetes. A aprovação, pelo presidente Bolsonaro e pelo Congresso Nacional, de entregar o local, mediante pagamento de aluguel, para exploração dos Estados Unidos interfere na soberania nacional e traz várias restrições ao Brasil, como a proibição de o país lançar seus próprios satélites a partir da base e a de usar o dinheiro do aluguel para compra, pesquisa ou produção de foguetes de longo alcance, necessários para colocar os satélites em órbita. Além disso, o acordo também gera impactos em centenas de quilombolas que vivem nessa região maranhense.

²⁷⁶ Artigo de 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7977>. Acesso em: 02 nov. 2021.

²⁷⁷ Artigo de 07 de março de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5403>. Acesso em: 02 nov. 2021.

²⁷⁸ Artigo de 26 de setembro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6512>. Acesso em: 02 nov. 2021.

retratado por meio de seu mandatário. No artigo referente a esse evento, são resgatados e lidos diversos comentários e análises publicados na imprensa brasileira sobre o discurso de Bolsonaro, que apontam centralmente que a fala do presidente na ONU foi direcionada para a base bolsonarista no Brasil e outros setores da direita em nível mundial. O desagravo feito pelo mandatário brasileiro ao cacique Raoni Metuktire, da região do Xingu, também foi notado por Edilberto Sena, que lembrou que o líder indígena havia acabado de se encontrar com o Papa Francisco. Já na Assembleia das Nações Unidas de 2020²⁷⁹, Sena teceu um comentário citando as declarações de Bolsonaro, consideradas “mediócras”, e as comparando com as do Papa naquele momento. Enquanto o primeiro culpa os povos indígenas e tradicionais e as ONGs por crimes ambientais, o pontífice segue uma linha de convocar ao trabalho de forma unida para enfrentar o momento de crise mundial.

A participação brasileira na 25ª edição da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em Madri, Espanha, foi tema do comentário de 05 de dezembro de 2019²⁸⁰. No áudio, é analisada a posição do Brasil no evento, e se chega à conclusão de que é muito negativa diante das políticas de destruição da natureza do governo Bolsonaro. Além disso, é apontado que o ministro do Meio Ambiente brasileiro na ocasião, Ricardo Salles, negou que houvesse destruição ambiental no Brasil e que buscou fazer uma “chantagem” com outros países para negociar incentivos e financiamento ao país. Diante desse cenário, Edilberto Sena aponta que a tendência é de que o governo brasileiro se isole ainda mais em espaços desse tipo devido ao posicionamento de negação das mudanças climáticas e de preservação da natureza.

4.5.8. Denúncia e Violência

Tópicos de denúncia e violência como mensagem principal emitidos do Brasil no informativo pan-amazônico da ALER somam seis registros em 2019 e três em 2020. No relato de denúncias diretas a crimes cometidos, ganham ênfase assassinatos de lideranças indígenas, incêndios criminosos, grilagem de terras e mineração ilegal.

²⁷⁹ Artigo de 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7873>. Acesso em: 02 nov. 2021.

²⁸⁰ Disponível em: <https://aler.org/node/6806>. Acesso em: 02 nov. 2021.

O garimpo ilegal e a violência que ele provoca foi o tema do comentário de 01 de agosto de 2019²⁸¹, que inicia com um relato de um caso no Amapá, onde garimpeiros assassinaram um líder indígena Wajãpi. Uma investigação da Polícia Federal sobre a morte foi concluída sem uma conclusão sobre o crime, o que abriu caminho para que houvesse uma invasão do território indígena, segundo Edilberto Sena. Somada a essa trágica relação, também é citada uma declaração de Bolsonaro que disse não acreditar que exista garimpo ilegal no local. Essa história seria um símbolo do que ocorre na Amazônia brasileira, defende o padre.

Uma sequência de comentários entre os meses de agosto e setembro de 2019²⁸² retratam o período posterior ao que ficou conhecido no Brasil como o “Dia do Fogo”, em 10 de agosto, quando fazendeiros na Amazônia iniciaram uma ação conjunta para atear fogo em áreas de floresta²⁸³. Os incêndios na região, durante esse período, foram registrados em diferentes estados, como Pará, Amazonas, Rondônia e Mato Grosso. Além das queimadas, houve a contaminação de águas, segundo relatos que Edilberto Sena apurou. Para ele, o capital estrangeiro e a conivência do governo Bolsonaro com o agronegócio são as chaves para se entender estes crimes, dentro de um contexto em que aumenta a exploração desenfreada de diversos tipos – mineração, latifúndios de soja, pecuária, etc. Contudo, o padre indica que o problema não está só nos incêndios criminosos, mas vem de uma série de políticas de degradação do meio ambiente impostas pela presidência da República.

Outro tema retratado é o da construção de uma ferrovia de cerca de 932 quilômetros para transportar 58 milhões de grãos por ano, entre o estado do Mato Grosso até portos no Rio Tapajós, no Pará, que foi foco do artigo de 12 de setembro de 2019²⁸⁴. Esse é mais um dos que citam os impactos de megaempreendimentos sobre populações tradicionais, quilombolas e indígenas, além de devastação ambiental. “A ‘Casa Comum’ de milhões de brasileiros” será afetada para privilegiar o grande capital e o agronegócio, aponta Edilberto Sena.

²⁸¹ Disponível em: <https://aler.org/node/6225>. Acesso em: 02 nov. 2021.

²⁸² Comentários de 22 e 29 de agosto, e 19 de setembro de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/7873>. Acesso em: 02 nov. 2021.

²⁸³ Mais informações sobre o tema podem ser encontradas na imprensa nacional e estrangeira, como a BBC, e também em páginas de ONGs, como o Instituto Socioambiental. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49453037> e <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/o-dia-do-fogo-nunca-acabou-na-amazonia>. Acesso em: 02 nov. 2021.

²⁸⁴ Disponível em: <https://aler.org/node/6439>. Acesso em: 02 nov. 2021.

Outro megaprojeto fortemente criticado é o da hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, que foi inaugurada em 2020 e que contou com grande oposição de ONGs, movimentos sociais e povos amazônicos. Um dos pontos de denúncia, segundo fontes citadas por Edilberto, é a redução do fluxo do rio causada pela obra, que se originou devido a erros nos cálculos de projeção, além de consequências como desmatamento, mineração e outras explorações do ecossistema do entorno. Esses desastres provocados são de responsabilidade do governo Bolsonaro, mas também dos anteriores, como o de Luiz Inácio Lula da Silva, afirma o comunicador²⁸⁵.

Mais uma denúncia se concentra nos rios amazônicos, dessa vez no Tapajós, que se converteu em um local de exploração descontrolada de ouro, segundo Sena²⁸⁶, além de queimadas e desmatamento ao seu redor. O padre também lê declarações de um líder do povo Munduruku sobre como os indígenas se veem no rio e como sua degradação os vêm afetando, demonstrando a relação de continuidade e interconexão entre seres humanos e natureza, ressaltados nas perspectivas indígenas. O mercúrio utilizado na mineração é o que leva a consequências gravíssimas e, segundo dados apresentados, teriam sido despejadas cerca de 300 toneladas de mercúrio desde 1970, o que acarreta em contaminação das águas, de peixes e de seres humanos.

4.5.9. Comunicação Popular

A ocorrência de um artigo de Edilberto Sena sobre o tema da comunicação popular tem lugar em apenas uma emissão, de 07 de novembro de 2019²⁸⁷, que trata de um informe sobre uma reunião da Rede de Notícias da Amazônia (RNA), da qual o padre faz parte, em Manaus, capital do estado do Amazonas. A produção possui um caráter institucional, na qual aparece a perspectiva da comunicação feita pela RNA como sendo dialógica, e também é apresentado o contexto de surgimento dessa experiência de comunicação.

Além disso, é falado sobre o papel do rádio no interior da Amazônia, que é o de unir os povos da floresta com os da cidade, apontando para uma perspectiva de esperança e luta. Ainda que tenha apenas um registro, o tema da comunicação popular é um dos principais

²⁸⁵ Artigo de 06 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7005>. Acesso em: 03 nov. 2021.

²⁸⁶ Artigo de 30 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/6981>. Acesso em: 03 nov. 2021.

²⁸⁷ Disponível em: <https://aler.org/node/6707>. Acesso em: 31 out. 2021.

levantados como os que devem ser trabalhados pelas emissoras associadas na Rede Pan-Amazônica da ALER.

4.5.10. Análise Política Local

Um artigo que se descola das temáticas abordadas ao longo de dois anos por Edilberto Sena é a que trata do aumento salarial aprovado por vereadores da cidade paraense de Santarém para si mesmos e que contou com grande desaprovação popular. O conteúdo data de 17 de dezembro de 2020²⁸⁸ e foi classificado como sendo de Análise Política Local. Em sua emissão, Sena relata a postura dos vereadores de Santarém, onde se localiza a sede da RNA, de aumentar seus salários, uma decisão tomada no último dia de sessão plenária e que foi acompanhada pela população local por meio de transmissão radiofônica.

Segundo Sena conta, os moradores da cidade demonstraram seu descontentamento com a medida durante a transmissão e também pelas redes sociais, o que levou a um protesto na frente da Câmara de Vereadores, e que foi alvo de um chamado para que a polícia interviesse. A decisão de aumento de salários foi taxada como "cínica" por Edilberto Sena, que comparou o novo soldo com o salário mínimo vigente no país, sendo aquele muito maior.

4.6. Conteúdos sobre o Brasil produzidos fora do país

A participação direta do Brasil na Rede Pan-Amazônica da ALER ao longo de 2019 e 2020 foi feita exclusivamente pelo padre Edilberto Sena, contudo, produções que tratam como tema principal o Brasil, mas produzidas fora do país, por outro nó da articulação, também foram realizadas, e todas as vezes pelo Grupo Comunicarte da Colômbia²⁸⁹. Essa se trata de uma entidade que trabalha com produção, pesquisa e capacitação em comunicação alternativa, participativa e democrática, e que, apesar de não ser uma emissora, atua com uma série de rádios colombianas e está articulada com outras de toda a América Latina. Entre as suas produções radiofônicas, estão dois produtos que fazem parte regular do informativo *Voces de la Panamazonía*. O primeiro é o *Manguaré*²⁹⁰, um produto que integra o processo do Fórum

²⁸⁸ Disponível em: <https://aler.org/node/8195>. Acesso em: 03 nov. 2021.

²⁸⁹ Mais informações em: <http://www.grupocomunicarte.org>. Acesso em: 03 nov. 2021.

²⁹⁰ Mais informações em: <http://www.forosocialpanamazonico.com/pt/manguaré/>. Acesso em: 03 nov. 2021.

Social Pan-Amazônico (FOSPA), e o outro é *Notas Culturales*, pequenos programas que trabalham a cultura e a história das populações indígenas amazônicas.

Nas ocorrências de notícias sobre o Brasil produzidas fora do país, nos anos pesquisados, foram registradas 17 notas no interior do informativo *Manguaré*, três ocorrências do *Notas Culturales* e três notas simples no quadro geral do *Voces de la Panamazonía*, todas produzidas pelo Grupo Comunicarte. A grande maioria dos registros ocorreram em 2019, sendo apenas uma nota no informativo do FOSPA em 2020.

No programete *Notas Culturales* emitido em 18 de julho de 2019²⁹¹, o Povo Aikewara, que é um dos povos tupi-guarani, na Terra Indígena Sororó, município de São João do Araguaia, Pará, teve suas características culturais e seus modos de vida apresentados, como o de cultivo da mandioca e um ritual ao redor da morte de seus membros, que ocorre junto aos xamãs e no qual o enterro é feito dentro de suas moradas. Interessante notar que no dia em que foi veiculada essa produção, o *Voces de la Panamazonía* não contou com um dos artigos de Edilberto Sena, o que denota que a escolha por emití-lo pode ter sido motivada para garantir uma produção que falasse sobre o Brasil nessa edição do informativo.

A segunda nota cultural trata do Povo Aikanã, que reside na bacia do Rio Guaporé, estado de Rondônia na fronteira com a Bolívia, e são compartilhadas informações sobre os seus mitos, como na crença no Reino das Águas, com seu próprio deus, além de artesanatos tradicionais, como brincos, colares e objetos de madeira, que são uma das atividades a que eles se dedicam²⁹².

Já a terceira nota diz respeito ao Povo Baniwa, que vive em áreas localizadas na fronteira brasileira com a Colômbia e a Venezuela, no estado do Amazonas, na bacia do Rio Negro. A agricultura e a pesca são as atividades de subsistência desse povo, bem como a prática do artesanato, com a confecção de raladores de mandioca e outros objetos; também são compartilhadas informações sobre seus rituais, com o uso de flautas e trombetas sagradas, dentro do xamanismo, para marcar os ciclos da estação e a madurez das frutas²⁹³. Todas as produções radiofônicas do *Notas Culturales* sobre povos originários brasileiros contaram com uma locução e efeitos sonoros que remetem aos sons da floresta e cânticos de etnias indígenas.

²⁹¹ Disponível em: <https://aler.org/node/6140>. Acesso em: 04 nov. 2021.

²⁹² Nota de 08 de agosto de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6257>. Acesso em: 04 nov. 2021.

²⁹³ Nota de 22 de agosto de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6323>. Acesso em: 04 nov. 2021.

As três matérias sobre o Brasil produzidas na Colômbia, também pelo Grupo Comunicarte, possuem conteúdos diversos. A primeira se refere a um seminário, realizado em Belém, Pará, de uma rede de pesquisadores sobre pedagogias decolonias na Amazônia, em que há uma sonora com um professor brasileiro, falando em espanhol, apresentando a atividade e seus objetivos²⁹⁴.

A outra nota informa é sobre a invasão por homens armados de um território indígena no Amapá e o assassinato de um líder indígena Waiãpi; além do fato, o informe contextualiza o histórico da terra indígena e a situação corrente, que impedia a entrada de empresas na região, e também contrapõe a visão do presidente Jair Bolsonaro, que defende abrir zonas de exploração mineira, agrícola e outras, o que é criticado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e outros organismos internacionais. A matéria, além da locução, apresenta uma sonora de um indígena local em português (com a utilização de ‘voice over’, sobreposição de locução em espanhol)²⁹⁵.

A última matéria produzida pelo grupo colombiano trata de um protesto em frente à Embaixada do Brasil na Colômbia, devido aos grandes incêndios na Amazônia brasileira e de críticas contra o governo Bolsonaro, devido à sua política ambiental de incentivo ao agronegócio e ao desmatamento; a notícia conta com locução e uma sonora de uma líder indígena brasileira, em português²⁹⁶.

O *Manguaré* é um informativo radiofônico em espanhol parte da construção do Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA), e teve início em 2017, com o objetivo de “relatar o conteúdo e o progresso de nossas iniciativas de processos e de ação em cada um dos países já articulados em defesa da Amazônia”. O significado da palavra *manguaré* remete a um tambor “constituído por dois troncos de madeira e duas malhas, ancestralmente usado pelos povos amazônicos para comunicar à distância”²⁹⁷. Com produção, desde 2019, designada ao Grupo Comunicarte da Colômbia, sua transmissão é garantida por meio do *Voces de la Panamazonia* da ALER, além de estar disponível na página web do FOSPA. O formato padrão do informativo conta com vinheta, efeitos sonoros, locuções de dois apresentadores e duas notas, nas quais varia entre locução dos próprios apresentadores ou de jornalistas externos, e a

²⁹⁴ Nota de 04 de abril de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/5528>. Acesso em: 04 nov. 2021.

²⁹⁵ Nota de 01 de agosto de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6225>. Acesso em: 04 nov. 2021.

²⁹⁶ Nota de 22 de agosto de 2019. Disponível em: <https://aler.org/node/6323>. Acesso em: 04 nov. 2021.

²⁹⁷ Informações da página oficial do *Manguaré*, em português. Disponível em: <http://www.forosocialpanamazonico.com/pt/manguare/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

presença de sonoridades também são irregulares (no caso das matérias sobre o Brasil, algumas estão em português, outras em espanhol, e algumas mesclando os dois idiomas). A duração do programa ao longo de 2019 e 2020 se concentrou entre três e sete minutos cada.

Grande parte das notas que falam sobre o Brasil no *Manguaré* retratam atividades preparatórias para o FOSPA de Mocoa, na Colômbia, que iniciou sua construção em 2017 e seria realizado no primeiro semestre de 2020, mas que foi adiado para uma edição virtual em novembro do mesmo ano, em função da pandemia de covid-19. Entre os eventos de preparação noticiados²⁹⁸, estão oficinas, encontros, reuniões e elaboração de análises, realizados em diversas cidades da Amazônia brasileira, e onde foram abordados temas diversos, como as realidades vividas no bioma amazônico, os conflitos na região, educação e cultura na sua interface com o meio ambiente, o cuidado com a Amazônia e o *Buen Vivir*, entre outros.

Também são temas presentes nas notas sobre o Brasil no *Manguaré* são de críticas ao governo Bolsonaro e sua política ambiental, que é apresentada como de apoio à invasão de terras indígenas, com a mesma linha de abordagem de Edilberto Sena em seus artigos, como na edição de 14 de março de 2019²⁹⁹; também são apresentados dados e denúncias de mineração ilegal, contaminação de rios e assassinato de lideranças indígenas³⁰⁰.

Uma emissão especial do *Manguaré* dedicada ao Brasil ocorreu em 07 de fevereiro de 2019³⁰¹, quando foi tratado o crime da mineradora Vale na cidade de Brumadinho, Minas Gerais, ocorrido em 25 de janeiro daquele ano. Após o rompimento de uma barragem, ao menos 270 pessoas morreram e ao menos sete desaparecidos³⁰², além de uma imensa destruição socioambiental no local. Como produções veiculadas conjuntamente sobre o tema, essa edição do informativo radiofônico contou com um comunicado de solidariedade às vítimas; uma nota sobre o panorama da situação da mineração no Brasil e seus impactos na população, relacionando com críticas ao governo federal; e, por fim, uma notícia produzida

²⁹⁸ Alguns exemplos de notas veiculadas sobre atividades preparatórias para o FOSPA realizadas no Brasil e presentes em edições do *Manguaré*, foram emitidas em 11 de abril, 20 de junho, 11 de julho, 08 de agosto e 31 de outubro, todas em 2019. Disponíveis em: <https://aler.org/node/5561>, <https://aler.org/node/5960>, <https://aler.org/node/5960>, <https://aler.org/node/6257> e <https://aler.org/node/6681>. Acessos em: 04 nov. 2021.

²⁹⁹ Disponível em: <https://aler.org/node/5435>. Acesso em: 04 nov. 2021.

³⁰⁰ Notas das edições do *Manguaré* transmitidas em 21 de março e 20 de junho de 2019. Disponíveis em: <https://aler.org/node/5463>, <https://aler.org/node/5960>. Acesso em: 04 nov. 2021.

³⁰¹ Disponível em: <https://aler.org/node/5291>. Acesso em: 04 nov. 2021.

³⁰² Dados de novembro de 2021, disponível em matéria da Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/11/identificado-mais-um-corpo-da-tragedia-da-vale-em-brumadinho-mg.shtml>. Acesso em: 03 dez. 2021.

pela Rádio Brasil de Fato³⁰³ sobre o crime, com locução em espanhol, que conta algumas histórias de vida que foram afetadas pela tragédia.

Em 2020, apenas em uma emissão do *Manguaré* é registrada uma nota sobre o Brasil, que aborda uma mobilização de movimentos sociais brasileiros para apresentar uma proposta de fortalecimento do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar, que prevê investimentos públicos para esse setor. A produção e a distribuição de alimentos saudáveis é a demanda apresentada em uma carta com a assinatura de cerca de 300 organizações brasileiras, entre elas a Comissão Pastoral da Terra (CPT), noticiada na nota³⁰⁴.

A partir do exposto anteriormente, aponta-se que as produções que tratam sobre o Brasil e que não foram produzidas no país seguem a mesma linha editorial³⁰⁵, bem como temas similares aos trabalhados pela representação brasileira no *Voces de la Panamazonia*, com Edilberto Sena, pela Rede de Notícias da Amazônia. Pode-se dizer que vai além dos conteúdos abordados nos artigos do Brasil no que se refere a visibilidade de aspectos culturais e modos de vida, a partir do programa *Notas Culturales*, que é oportuno ao complementar o cenário amazônico e as principais notícias do Brasil, nesse sentido ao trazer uma abordagem, uma linguagem e um formato distintos.

4.7. *Buen Vivir*, linguagem própria e “pessoalização” da Amazônia

Uma rede de rádios populares da América Latina e o que torna suas particularidades em questões gerais é o caminho proposto para reflexão na análise realizada nesta tese ao se investigar a experiência brasileira na Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER). A partir do rádio popular, sua construção, linguagem e características –, uma forma comunicativa forte e presente ao longo das décadas nesta porção continental –, vê-se que a ALER junto a suas emissoras e seus projetos articulados buscam

³⁰³ Página web da Rádio Brasil de Fato disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/radioagencia/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

³⁰⁴ Nota da edição do *Manguaré* transmitida em 16 de abril de 2020. Disponível em: <https://aler.org/node/7267>. Acesso em: 04 nov. 2021.

³⁰⁵ Linha editorial ou mesmo política editorial são termos que, inter-relacionados, reunindo a orientação ideológica, a seleção dos fatos, o enquadramento, a linguagem, entre outros aspectos, no processo jornalístico. Mais sobre o assunto, no artigo *A urgência de novas linhas editoriais*, de Luciano Victor Barros Maluly e Rafael Duarte Olivera. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a-urgencia-de-novas-linhas-editoriais/>. Acesso em: 07 jan. 2022.

por meio da narrativa oral, participativa e identitária construir espaços de diálogo e encontro entre os povos da região.

Na construção da comunicação popular, o rádio é um meio muito difundido, devido a algumas de suas características, como seu *baixo custo* de produção em relação a outros suportes – o que também tem seu correlato no valor mais baixo dos equipamentos receptores –, e a acessibilidade da sua *linguagem oral* – tanto para quem produz a informação quanto para quem a escuta –, como abordado por Gisela Swetlana Ortriwano, uma das principais teóricas do rádio no Brasil, em seu texto *A estrutura radiofônica* (1985). Em países com dificuldades no acesso à comunicação e também à educação formal, como é o caso de muitos latino-americanos, o papel do rádio torna-se ainda mais relevante. Assim, esse meio de comunicação apresenta-se como o “mais popular” e de “maior alcance público”, atingindo populações que “não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais”³⁰⁶.

Da articulação geral de uma rede de rádios como a ALER, estruturas menores de interação se fazem presentes, pois não se trata de apenas uma América Latina, mas processos e temáticas específicos intrarregionais, como é a questão migratória, a ruralidade, os povos indígenas³⁰⁷ e a própria Pan-Amazônia, essa última como o espaço de identificação e encontro da participação brasileira. Entre as diversas especificidades latino-americanas em relação a outras partes do mundo, o bioma amazônico é uma particularidade fundamental e que traz à tona um olhar único no grande debate ambiental global, ainda mais urgente em meio aos desafios de garantir a sobrevivência humana e um equilíbrio ecossistêmico em nível mundial.

Dessa forma, a relevância da discussão sobre o *Buen Vivir*, uma das principais contribuições a partir da América Latina ao debate ambiental e de modelo de desenvolvimento, surge como o tema central do Projeto Político Comunicativo da ALER neste período histórico. Em sintonia com essa decisão estratégica, o esforço de construção da participação do Brasil na rede de rádios encontra na Rede Pan-Amazônica de Comunicação o seu principal espaço. E é nesse local que a Rede de Notícias da Amazônia (RNA) brasileira –

³⁰⁶ Ibidem, p. 78.

³⁰⁷ Esses são temas de algumas das redes mais ativas atualmente na ALER, sem contar a Rede de Correspondentes, que realizam coberturas de temas gerais da América Latina. Dos povos originários, há a produção semanal do informativo *Latido Indígena* (<https://aler.org/air/latidoindigena>); da questão da população do campo, há materiais parte do projeto *Voces de la Ruralidad* (<https://aler.org/voces-ruralidad>); e sobre o tema migratório, o noticiário semanal *Caminantes, Vidas que se mueven* (<https://aler.org/redmigracion/caminantesvidasquesemuevenarchivo>). Acesso em: 12 jan. 2022.

que tem como um de seus principais protagonistas o padre Edilberto Sena – garante sua participação ativa e constante na ALER no último período, desde o ponto de vista de ser uma fonte de inspiração para a construção da articulação regional e também como colaborador regular no informativo *Voces de la Panamazonía*, principal produção radiofônica da rede que reúne emissoras da região pan-amazônica.

Antes de se traçar algumas considerações gerais sobre a participação do Brasil nesse informativo, a partir dos artigos de Edilberto Sena nos anos de 2019 e 2020, retoma-se alguns dos aspectos da Comunicação para o *Buen Vivir* defendida pela ALER. Partindo do comunicólogo e teórico boliviano Adalid Contrera Baspineiro, no livro *La palabra que camina - Comunicación popular para el Vivir Bien/Buen Vivir* (2016), o *Buen Vivir*, como um caminho em construção e uma resposta à crise civilizatória e ambiental, é uma expressão de resistência ao neocolonialismo, ao capitalismo e suas expressões discriminatórias, é parte de “propostas de dignificação que colocam no horizonte e no caminho o desenho de uma sociedade da vida boa em plenitude, com harmonia pessoal, social, com a natureza e com o cosmos”³⁰⁸ (p. 24). Assim, segundo o autor, a “Comunicação para o *Vivir Bien/Buen Vivir* trabalha por um futuro de vida em plenitude, construindo-o na vida cotidiana, onde formas harmoniosas de vida são forjadas, caminhando com a cidadania, tornando-se com ela, passo a passo do presente para o futuro histórico”³⁰⁹ (p.74).

Parte das mesmas enunciações sobre o *Buen Vivir* construídas na ALER, na publicação *Comunicación Popular y Buen Vivir - Memorias del encuentro latinoamericano ALER 40 años* (ALER, 2012), o sociólogo e teórico venezuelano Edgardo Lander indica que esse conceito significa também uma confrontação do que representa “continuidade da lógica monocultural, patriarcal e antropocêntrica de guerra à ‘natureza’ e à acumulação ilimitada de capital” com “as diversas buscas por opções que preservem a vida e a rica pluralidade de culturas e povos do planeta”³¹⁰ (p. 22).

³⁰⁸ tradução nossa. No original em espanhol: “prouestas de dignificación que ponen en el horizonte y en el camino el diseño de una sociedad de la vida buena en plenitud, con armonía personal, social, con la naturaleza y con el cosmos”.

³⁰⁹ Tradução nossa. No original em espanhol: “Comunicación para el Vivir Bien/Buen Vivir trabaja un futuro de vida en plenitud, construyéndolo en la vida cotidiana donde se forjan formas de vida armónica que caminan con la ciudadanía, haciéndose con ella, paso a paso desde el presente hast el devenir histórico”.

³¹⁰ Tradução nossa. No original em espanhol: “continuidad de la lógica monocultural, patriarcal y antropocéntrica de guerra a la ‘naturaleza’ y de la acumulación sin límite del capital”; “las diversas búsquedas de opciones de preservación de la vida y la rica pluralidad de culturas y pueblos del planeta”.

São construções político-culturais que, embora baseadas na memória, história e cosmovisões desses povos, são construídas no presente como propostas para o futuro, não apenas para os povos e comunidades indígenas, mas para a sociedade como um todo.³¹¹ (p. 25)

É com base nessas concepções do que é o *Buen Vivir* em discussões no interior da ALER que entende-se como sendo a linha editorial ao qual se alicerçam as produções da Rede Pan-Amazônica da Associação. E são por esses caminhos de interpretação que nesta tese se investigou a participação do Brasil na rede, tendo como base os artigos de Edilberto Sena, como descrito anteriormente.

Ao se analisar as temáticas escolhidas, pode-se afirmar que possuem relevância e pertinência em um informativo com caráter pan-amazônico e latino-americano, pois ao tempo que tratam problemas amazônicos específicos e de questões locais de algumas comunidades e alguns povos, também os articulam ao quadro nacional, latino-americano e mundial. Um exemplo é quando se tratou da participação do governo brasileiro em espaços da Organização das Nações Unidas e a relação com temas ambientais. Esse tratamento não é uma consequência inesperada, mas uma ação planejada por Edilberto Sena, que relata que ao escrever os textos para o *Voces de la Panamazonia* busca escolher os assuntos nacionais que possuem “relevância pan-amazônica”, não apenas de interesse brasileiro. Ou em suas palavras:

É fazer os ‘hermanos’ saberem que esse país, ex quinta ou sexta economia mais rica do mundo, hoje está no fundo do poço, é uma vergonha internacional, e eu não escondo isso. Se você ver as notícias que eu mando para lá, eu vou ‘metendo a porrada’, eu não tenho outro compromisso, meu compromisso é com a busca da verdade e a busca do cultivo dos nossos povos, e cultivar a nossa fraternidade pan-amazônica. (informação verbal)

O esforço de incluir o Brasil nas análises latino-americanas e de ressaltar a sua presença na região também é realizado pelos comunicadores e emissoras de outros países, que citam o país e aspectos de sua cultura nos informes produzidos sobre suas nações; e no caso mais notório por parte do Grupo Comunicarte da Colômbia em notas, no programete *Notas Culturales* e no informativo do FOSPA, *Manguaré*. Isso demonstra que a busca por refletir

³¹¹ Ibidem, p. 25. Tradução nossa. No original em espanhol: “Son construcciones político-culturales que, si bien parten de la memoria, de la historia y de las cosmovisiones propias de estos pueblos, se construyen en el presente como propuestas de futuro, no solo para los pueblos y comunidades indígenas, sino para el conjunto de la sociedad”.

uma Pan-Amazônia com caráter popular, conseqüentemente fortalecendo uma visão latino-americana, em uma construção coletiva em rede, e em que o Brasil é parte ativa, vem se concretizando em espaços como o proporcionado pela ALER.

Ainda que não foque apenas em temas do *Buen Vivir* em suas emissões, pode-se afirmar que há uma linha de raciocínio conduzida por Edilberto ao longo de seus artigos. Nos momentos em que as emissões se concentravam na análise crítica sobre o governo Bolsonaro, elas formaram, em seu conjunto, um cenário argumentativo de exposição do seu ponto de vista sobre a situação do Brasil naquele período. Ou seja, a questão ambiental ou mesmo Amazônica como parte de um cenário nacional de crise e com impactos diversos.

A caracterização geral das 93 produções realizadas por Edilberto Sena é de que seus comentários trazem o caráter factual noticioso como gancho para a análise do tema realizada pelo comunicador. As produções são sempre com locução em espanhol feitas pelo próprio padre Edilberto, mas sem uso de outros recursos sonoros ou entrevistas, como aparecem em outras produções feitas pelos demais comunicadores da Rede Pan-Amazônica. Embora quanto ao formato radiofônico e suas possibilidades de recursos sonoros a produção brasileira seja simples, contando apenas com locução, o conteúdo veiculado possui pertinência temática com o proposto editorialmente e politicamente pela ALER e pela Rede Pan-Amazônica.

Nesse sentido, fica demarcado o viés político de opção pelos pobres e marginalizados, os setores populares, no informe produzido no Brasil, ainda que não tenham as próprias vozes dos sujeitos dessa ação. Além disso, estão presentes as mensagens desses setores, como movimentos populares, comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, entre outras, vocalizadas pelo comunicador, como denúncias sobre impactos da construção de hidrelétricas, ataques de garimpeiros e de medidas do governo brasileiro que afligem essas populações. Também há artigos enfocados em um caráter de busca por mobilização para a ação dos setores populares e na tentativa de enviar uma mensagem de esperança para construção de outra sociedade baseada no *Buen Vivir*, além de uma forte inspiração católica, tratando de temas como o Sínodo da Amazônia e mensagens do Papa Francisco para a região.

Contudo, vale ressaltar uma das dificuldades ao se deparar com a participação brasileira em espaços latino-americanos, no qual a língua oficial é o espanhol. Ainda que espanhol e português residam na mesma raiz linguística, o idioma é um entrave para as trocas de produções e materiais jornalísticos, como demonstra a participação brasileira na ALER, em que padre Edilberto demonstra que, ainda que não fluente em espanhol, faz um esforço e

utiliza ferramentas digitais de tradução automática para garantir o seu material produzido em português para o espanhol. O comunicador acredita ainda que o programa também deveria ser feito em português: “Eu até brinco com eles, porque vocês me provocam para eu traduzir para o espanhol, agora eu quero que vocês façam a tradução de vocês para o português (risos), e eles acham graça”.

Outro fator trazido por Sena seria a sua interpretação de que há uma contradição entre querer e incentivar a participação a partir do Brasil na rede latino-americana e, ao mesmo tempo, haver um certo tipo de distanciamento do outros países, encarado de modo perceptivo pelo comunicador, sem o levantamento de ações concretas quanto a isso: “Porque na América espanhola, eu creio que eles olham para o Brasil assim: ‘O Brasil é grande demais, é outra língua, é outra cultura, e nós somos mais *hermanos entre nosotros*.’ Mas aí o Hugo [Ramírez, coordenador geral da ALER e articulador da Rede Pan-Amazônica] vê a importância da nossa presença na *Panamazonía*”, afirma Sena.

Por fim, um aspecto interessante nos artigos de Edilberto Sena para o *Voces de la Panamazonía* é o que pode ser chamado de “pessoalização” da Amazônia e das lutas que ela relata na região. Em seu tom discursivo que mescla a linguagem oral própria da narrativa radiofônica, junto a elementos da liturgia católica, que simbolizam aspectos distintos de sua vida como a comunicação popular, a militância política e o ofício de padre, ele resgata elementos do *Buen Vivir* ao falar sobre a natureza, o meio ambiente ou a *Madre Tierra* como um sujeito de direitos e de vida. Tal sentido narrativo está presente em sentenças como: “A natureza é hoje um sujeito de direitos, tanto ou mais do que nós, os humanos. Mas também porque nunca antes a Mãe Natureza foi espancada, estragada, tratada como mero local de saque para fins comerciais”. Na sequência do mesmo comentário, é descrita uma série de ações e políticas de desmatadores, mineradoras, empresas e mesmo do governo em atividades que causam o impedimento das dinâmicas naturais dos rios, do desenvolvimento da vida e do funcionamento pleno do ecossistema amazônico. Na conclusão de tal reflexão, ele afirma: “Deus sempre perdoa, nós perdoamos mais ou menos, mas a natureza nunca perdoa aqueles que a atacam”.³¹²

³¹² Trechos presentes no artigo de 28 de novembro de 2019. Tradução nossa. Nos originais em espanhol: “La naturaleza es hoy un sujeto de derechos, tanto o más que nosotros, los humanos. Pero también porque nunca antes la Madre Naturaleza ha sido golpeada, malcriada, tratada como un simple botín con fines comerciales”; “Dios siempre perdona, nosotros perdonamos más o menos, pero la naturaleza no perdona jamás a quienes la agreden”. Disponível em: <https://aler.org/node/6781>. Acesso em: 5 nov. 2021.

Essa relação de pensar em uma “pessoalização” da Amazônia é inspirada em um diálogo entre o teórico Fritjof Capra, o monge beneditino David Steindl-Rast e o monge e doutor Thomas Matus, publicado no livro *Pertencendo ao Universo - Explorações Nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade* (1991). Na obra, Steindl-Rast diz:

Em conexão com a nossa liberdade, será útil distinguir entre indivíduo e pessoa. Um *indivíduo* é definido por aquilo que o distingue de outros indivíduos; há tantos ovos nesta cesta; há tantos indivíduos nesta população. Uma *pessoa* é definida pelo relacionamento que estabelece com outros, com outras pessoas e com outros seres em geral. Nascemos como indivíduos, mas a nossa tarefa é nos tornarmos pessoas, graças a relacionamentos mais profundos e mais intrincados, mais altamente desenvolvidos. Não há limite para o tornar-se mais verdadeiramente pessoal.

Desse modo, o desafio à nossa liberdade seria o de personalizar o universo. (grifo do autor, p. 92-93)

E que, por meio de outras ideias em diálogo sobre esse tópico, Capra chega a uma conclusão:

A esta altura, poderíamos tentar ligar aquilo que dissemos sobre a natureza humana e sobre o papel dos seres humanos no cosmos com a mudança de percepção de objetos para relações, que é uma característica geral do pensamento do novo paradigma. Na verdade, isso agora, pela primeira vez, ficou claro para mim. A maneira como agora posso perceber isso é que desenvolvemos a nossa pessoalidade, a nossa verdadeira natureza por intermédio dos nossos relacionamentos com outras pessoas, mas isso não é peculiar aos seres humanos. Isto se aplica a todos os seres vivos e, diria eu, até mesmo aos padrões da matéria inanimada. As características internas de qualquer padrão na natureza não são realmente internas, em absoluto. Não são características intrínsecas, mas são definidas por meio das relações com o restante do meio ambiente. (p. 93)

Por meio do respeito e da compreensão de que a harmonia entre seres humanos e natureza, como traçada pelo *Buen Vivir*, é uma das apostas centrais para a garantia do futuro, projetando transformações profundas do modelo de desenvolvimento e das relações em sociedade, é que os discursos e práticas da ALER e da participação brasileira nela se baseiam. Com desvios e acertos, mas a partir da referência do processo em construção permanente dessa comunicação popular, que cada vez caminha no sentido de “pessoalização” da Amazônia, um sujeito partilhado, vivo e marcante que une povos e natureza que se relacionam na Pan-Amazônia.

5. Considerações

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, ano, p. 16-17).

A crise experienciada em todo o planeta hoje, enquanto humanidade e que atinge o conjunto do ecossistema, leva a reflexões sobre como é possível garantir o futuro, ou como propõe o líder indígena e pensador brasileiro Ailton Krenak, como “adiar o fim do mundo”. Essas não foram inquietações que motivaram exatamente o início desta pesquisa, mas que se encontraram com ela ao longo do percurso, pelos próprios caminhos do estudo e, principalmente, em função do momento em que se vive: por um lado, uma conjuntura brasileira de fortes ataques ao meio ambiente e aos povos indígenas e setores populares; e, por outro lado, uma pandemia que levou a milhões de mortes em todo o globo, entre outros fatores.

Partindo do que foi proposto como problema de estudo nesta tese, de como um espaço de integração entre experiências de comunicação popular na América Latina sustenta sua vigência e incidência, a partir da investigação sobre a articulação em rede de rádios populares da Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER), focando na experiência brasileira, chega-se a algumas considerações finais. Nesse sentido, buscava-se compreender o que a experiência da ALER tem para nos dizer? O que podemos aprender com ela? Assim, o que essa tese busca demonstrar é que um modelo de rede latino-americana de rádio popular que seja sólido e longo estrutura-se em projetos de sociedade e político-comunicacional, bem como em práticas comunicativas e organizativas que envolvem experiências de comunicação em uma mesma missão e mesmos valores.

No primeiro capítulo de desenvolvimento do estudo, a trajetória da ALER ao longo de suas cinco décadas é percorrida. Tendo surgido como uma rede para articular emissoras que realizavam a alfabetização por meio do rádio, a ALER chega aos seus 50 anos com um traço marcante em que a atualização do seu projeto político a cada momento vivenciado pela sociedade e pelas rádios populares latino-americanas é uma prioridade. A cada dez anos,

aproximadamente, a Associação busca criar espaços de debate entre as rádios para que sejam definidos os novos desafios e potencialidades entre elas. Do início, com projetos de alfabetização; para um período de caracterização do Rádio Popular em seu papel na transformação social; indo para um caminho de utilização da tecnologia em satélite para articulação e massificação do alcance, chegando ao uso de tecnologias digitais e da internet para fortalecer alianças na sociedade e o caráter em rede interno; chegando à etapa de estímulo à formulação de Projetos Políticos Comunicativos; assim são caracterizadas as fases da Associação, que vão de 1972 a 2011.

De 2012 em diante, a ALER definiu a aposta pelo *Buen Vivir* como a bússola que guia o seu projeto político e de comunicação. A atualização constante e redirecionamento dos esforços da articulação são um exercício planejado dentro da instituição, o que demonstra um grau de maturidade e consciência de que, para se manter relevante e atuante, é preciso garantir o diálogo e a construção coletiva com os participantes da rede. A aposta pelo *Buen Vivir*, que é a posição por um outro modelo de desenvolvimento da sociedade pautado pela relação harmônica entre povos e destes com a natureza, é o atual marco político e, conseqüentemente, um dos temas prioritários da linha editorial da ALER. No sentido de colocar o conceito de *Buen Vivir* em diálogo com outras perspectivas e pensamentos que trazem pontos em comum, há um capítulo dedicado à reflexão de alternativas de pensamento e modelos de desenvolvimento que se baseiam na perspectiva ambiental e ecológica.

Tendo em perspectiva essa conjuntura política de debates em torno de reformas constitucionais e de modelos de desenvolvimento na América Latina, do início do século XXI, o debate do *Buen Vivir* também é apresentado ao conjunto das organizações populares e de comunicação. Nesse sentido, a ALER se estabelece como uma das principais experiências comunicacionais que reivindica o *Buen Vivir*, o trazendo como um marco em sua visão estratégica. Ao reforçar a ideia de que para traçar um novo paradigma é necessário deixar o velho paradigma para trás, em uma das publicações da ALER sobre o tema, *Comunicar la Esperanza - Camino al Buen (con)Vivir* (2017), de autoria do ex-secretário-executivo da Associação Humberto Vandenbulcke, que cita a encíclica *Laudato Si'*, de Papa Francisco: “Toda pretensão de cuidar e melhorar o mundo supõe mudanças profundas nos estilos de vida,

nos modos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder que regem hoje a sociedade”³¹³ (p. 135).

Como reflexão ainda presente no segundo capítulo de desenvolvimento desta tese, teóricos de outras abordagens, mas que apontam para outro modelo de desenvolvimento e pensamento são colocados em interface ao paradigma *do Buen Vivir*, como o do físico Fritjof Capra, que defende seu ponto de vista pela “ecologia profunda” e do equilíbrio da *Gaia*. Sobre a necessidade urgente de transformações profundas na sociedade, ele apresenta:

Para alcançar um tal estado de equilíbrio dinâmico, é necessária uma estrutura económica e social radicalmente diferente: uma revolução cultural no verdadeiro sentido da palavra. A sobrevivência de toda a nossa civilização pode depender de sermos capazes de originar uma tal mudança. (CAPRA, 1989, p. 252)

A partir desse quadro de referência sobre a história da ALER e da sua atual fase de aposta pelo *Buen Vivir*, segue o capítulo de análise da experiência brasileira na articulação, que ocorre na Rede Pan-Amazônica de Comunicação. Sendo uma rede que articula rádios populares da América Latina, a ALER aplica o princípio de construção em rede também em esferas menores internamente. Com o passar dos anos, a antes veia educativa e alfabetizadora do período inicial foi sendo mais uma dentre outras temáticas agregadoras, entre elas uma rede informativa de correspondentes com caráter informativo geral, redes relacionadas a culturas e povos indígenas, de migrações, de evangelização (visibilizando a vertente católica que originou a Associação e muitas das suas afiliadas), e também a Rede Pan-Amazônica.

Como principal produção dessa articulação interna que reúne emissoras de rádio e projetos de países amazônicos tem-se o informativo semanal *Voces de la Panamazonia*, no qual se dá a participação do comunicador e padre católico Edilberto Sena, representando a Rede de Notícias da Amazônia (RNA), do Brasil. A partir da análise de conteúdo dos mais de 90 artigos enviados por Sena ao longo dos anos de 2019 e 2020 ao informativo da ALER, além do levantamento de informações a respeito das práticas comunicativas e organizativas que envolvem essa experiência brasileira na rede, foi realizado o estudo presente na quarta seção de desenvolvimento da tese. Entre os achados dessa parte da investigação, está o fato de

³¹³ Tradução nossa. No original em espanhol: “Toda pretensión de cuidar y mejorar el mundo supone cambios profundos en los estilos de vida, los modelos de producción y de consumo, las estructuras consolidadas de poder que rigen hoy la sociedad”.

que o projeto político comunicativo da ALER de aposta pelo *Buen Vivir* é marcadamente presente nos artigos enviados sobre e a partir do Brasil para o informativo. Pelos conteúdos analisados, também pode-se dizer que isso se estende para uma mesma missão e mesmos valores compartilhados no interior da ALER, também na sua compreensão sobre o papel do rádio popular. Nesse sentido, retoma-se esse entendimento formulado no interior da associação:

Tomando como ponto de partida que os processos de comunicação se desenvolvem dentro de um determinado contexto social, e que este contexto, para os setores populares, se caracteriza por fortes injustiças e desigualdades, o rádio popular é fundamentalmente um projeto de comunicação dentro de um projeto de transformação política.³¹⁴ (GEERTS; OEYEN, 2001, p. 32, tradução nossa)

O paradigma do *Buen Vivir* – que se centra na primazia da vida, no respeito à *Madre Tierra*, e na comunhão entre pessoas, povos e natureza – mostra-se como uma aposta dentro do projeto político comunicativo da ALER e como uma defesa perante à sociedade. Além disso, o *Buen Vivir* possui eco no interior da articulação e, de certa maneira, tem um papel de garantidor da unidade na articulação em rede, em meio às sempre constantes e necessárias atualizações de seu projeto. Também pode-se tê-lo, assim, como um fator importante ao se considerar a relevância na atuação e nos debates levantados por uma rede de rádios populares da América Latina, que desde o seu local, aponta a perspectiva de superação dos atuais desafios do Planeta, da sobrevivência da humanidade e da natureza.

³¹⁴ No original em espanhol: “Tomando como punto de partida que los procesos de comunicación se desarrollan dentro de un determinado contexto social, y que este contexto para los sectores populares se caracteriza por fuertes injusticias y desigualdades, la radio popular es fundamentalmente un proyecto de comunicación dentro de un proyecto de cambio político”.

Referências³¹⁵

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ALER. **Manuales Radiofónicos de ALER - La Noticia Popular**. Quito: ALER, 1992.

_____. **Prender para aprender. Uso de la radio en la educación**. Quito: ALER, 1993.

_____. **Un nuevo horizonte teórico para la radio popular**. Quito: ALER, 1996.

_____. **Un camino a recorrer. Proyecto político comunicativo de la radio popular latinoamericana**. Quito: ALER, 2008. Disponível em: <http://www.gloobal.net/iepala/gloobal/fichas/ficha.php?entidad=Textos&id=7856&opcion=documento>. Acesso em: 24 nov. 2019.

_____. **Manuales Radiofónicos de ALER - La Entrevista en la Radio Popular**. Quito: ALER, 2009. Disponível em: <https://arpas.org.sv/manuales-de-aler/>. Acesso em: 15 ago. 2019.

_____. **Narración Histórica ALER 2020**. Documento interno produzido em setembro de 2012a. Arquivo.

_____. **Comunicación Popular y Buen Vivir - Memorias del encuentro latinoamericano ALER 40 años**. Quito: ALER, 2012b.

_____. **Siembras del buen vivir. Entre utopías y dilemas posibles**. Quito: ALER, 2016.

_____. **Por el sendero del Buen (con)Vivir - 40 experiencias de comunicación popular en el continente**. Quito: ALER, 2020.

BARALE, Ana María Peppino. **Radio Educativa, popular y comunitaria en América Latina**. México, DF: Plaza y Valdés Editores, 1999.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e programas em áudio**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BARRANQUERO, Alejandro. **Comunicación participativa y dominios del Vivir Bien. Una aproximación conceptual**. Actas – IV CONGRESO INTERNACIONAL LATINA DE COMUNICACIÓN SOCIAL / IV CILCS. Universidad de La Laguna, dezembro 2012b. Disponível em: http://www.revistalatinacs.org/12SLCS/2012_actas/203_Barranquero.pdf . Acesso em: 09 dez. 2018.

_____. **De la comunicación para el desarrollo a la justicia ecosocial y el buen vivir**. CIC – Cuadernos de Información y Comunicación. v. 17, p. 63-78. Madri: Universidad

³¹⁵ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

Complutense de Madrid, 2012a. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/39258/37841>. Acesso em: 09 dez. 2018.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **La Comunicación para el Desarrollo en Latinoamérica: un recuento de medio siglo**. Buenos Aires, Argentina: Universidad de Buenos Aires, Julio 12-16, 2005. Disponível em: https://www.infoamerica.org/teoria_textos/lrb_com_desarrollo.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

CABRAL, María Cristina. **Aportes de la comunicación popular al Buen Vivir**. Revista Tram[p]as de la comunicación y la cultura. Nº 75 / diciembre de 2013. PoP: 126-130. Argentina: Facultad de Periodismo y Comunicación Social / UNLP, 2013.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas - Ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. **A Teia da Vida - Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1986.

_____. **O Tao da Física - Uma exploração dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.

CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David; MATUS, Thomas. **Pertencendo ao Universo - Explorações Nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade**. São Paulo: Cultrix, 1991.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1). São Paulo/SP: Editora Paz e Terra, 2000.

CHASQUI. **La radio educativa**. Quito, Equador: Ciespal. Nº 10, Abr-Jun 1984. Disponível em: <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/issue/viewIssue/10_1984/104>. Acesso em: 08 jan. 2019.

COGO, Denise; OLIVEIRA, Catarina Teresa Farias de; LOPES, Daniel Barsi. **Buen Vivir e a Crítica ao Desenvolvimento: reposicionando a comunicação e a cidadania no pensamento latino-americano**. XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, Salvador, junho 2013.

CONTRERAS BASPINEIRO, Adalid. **La palabra que camina - Comunicación popular para el Vivir Bien/Buen Vivir**. Quito: ALER/CIESPAL, 2016.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FLOREZ, Ivonne Janeth Pico. **La Construcción Simbólica de los Derechos de la Comunicación en la Propuesta Informativa de la Asociación Latinoamericana de**

Educación Radiofónica, ALER. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais com menção em Comunicação) – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Equador, 2009. Disponível em: <repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/2438/4/TFLACSO-2009IJPF.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

GEERTS, Andrés; OEYEN, Víctor van. **La radio popular frente al nuevo siglo: estudio de vigencia e incidencia.** Quito, Equador: ALER, 2001.

GIRARD, Bernard. **La radio e Internet Mezclar los medios para cerrar la brecha digital.** In: Secreto a voces Radio, NTICs e interactividad. Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação. Roma, 2004. Disponível em: <http://www.fao.org/3/y4721s/y4721s04.htm>. Acesso em: 12 set. 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 5 - O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Cadernos do cárcere, volume 2 – Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de Conteúdo em Jornalismo.** In: Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Cláudia Lago, Marcia Benetti (orgs.) - 2^a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JARA, Oscar H. **A Sistematização de experiências - Prática e Teoria para outros mundos possíveis.** Brasília: CONTAG, 2012.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la Comunicación.** La Habana: Editorial Caminos, 2002.

KOWII, Ariruma. **El Sumak Kawsay.** Departamento de Asuntos Económicos y Sociales - Pueblos Indígenas de la ONU, 2008. Publicação disponível em: <https://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/El%20Sumak%20Kawsay-ArirumaKowii.pdf> ou <http://www.lamacchinasognante.com/il-sumak-kawsay/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANDER, Edgardo. **Plurinacionalidad e interculturalidad: Retos de una convivencia democrática hacia el Buen Vivir.** In: Comunicación Popular y Buen Vivir - Memorias del encuentro latinoamericano ALER 40 años. Quito: ALER, 2012.

LUZ, Aline Pinto. **Rádios comunitárias na internet: usos e apropriações do e no Radiotube.** 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <

www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao_LuzAP_1.pdf>. Acesso em: 19 novembro 2018.

MATA, María Cristina. **Radio popular o comunitaria**. Quito, Equador: Chasqui N° 47, Nov. 1993. Disponível em: <www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2152/2172>. Acesso em: 21 set. 2019.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Manuais de Comunicação da Aler: uma experiência de formação aos comunicadores populares latino-americanos**. Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu, Paraná: 2 a 5/9/2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0508-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

MINISTERIO DE CULTURAS DEL ESTADO PLURINACIONAL DE BOLIVIA. **Prólogo**. In.: **Transiciones Hacia el Vivir Bien** - o la construcción de un nuevo proyecto político en el Estado Plurinacional de Bolivia. ARKONADA, Katu (Coord.). Bolivia: Ministerio de Culturas, 2012. Disponível em: <http://www.rebellion.org/docs/161862.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

MORAD, Gloria Elizabeth. Bogotá, Colombia. **Radio Sutatenza: La primera revolución educativa del campo para el campo**. Colômbia: Agosto, 2017. Disponível em: <https://www.radionacional.co/noticia/campesinos/radio-sutatenza-la-primera-revolucioneducativa-del-campo>. Acesso em: 4 mai. 2019.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2005.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

NEVEU, Erik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e Emancipação: Uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. São Paulo: Appris Editora, 2017.

ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Interatividade entre Rosas e Espinhos**. In: Revista Novos Olhares, São Paulo: ECA/USP, Ano 1, n° 2, 2º Semestre de 1998, pp. 13-30.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Comunicação para o Desenvolvimento: aspectos teóricos desde a modernização ao “buen vivir”**. XXVII

Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, junho de 2018.

PIERNES, Guillermo. **Comunicação e desintegração na América Latina**. Brasília: Editora da Unb, 1990.

PROAÑO, Luis E. **La Radio Educativa en América Latina**. Revista Chasqui, Quito, Equador: Ciespal. N° 10, p. 2-3, Abr-Jun, 1984. Disponível em: <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/issue/viewIssue/10_1984/104>. Acesso em: 08 jan. 2019.

PULLEIRO, Adrián. **La radio alternativa en América Latina: experiencias y debates desde los orígenes hasta el siglo XXI**. Buenos Aires: Editorial Cooperativa El Río Suena, 2012.

RAMÍREZ HUAMÁN, Hugo Anacleto. **Voces de la Pan Amazonía: construcción, materialización y circulación de la agenda política temática de la Red Pan Amazónica de Comunicación de ALER**. 183 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Opinião Pública da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais - FLACSO Equador. Quito, dezembro de 2020. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/xmlui/handle/10469/17011>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, Outubro de 2002, p. 237-280.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SCHAVALZON, Salvador. **Plurinacionalidad y Vivir Bien/Buen Vivir - Dos conceptos leídos desde Bolivia y Ecuador post-constituyentes**. Quito: Clacso/Abya Yala, 2014. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/contador/sumar_pdf.php?id_libro=1073. Acesso em: 05 dez. 2018.

SILGUERO, Ricardo. **Once años de ALER**. [Entrevista concedida a] Eduardo Contreras Budge e Ronald Grebe López. Revista Chasqui, Quito, Equador: Ciespal. N° 10, p. 4-11, Abr-Jun, 1984. Disponível em: <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/issue/viewIssue/10_1984/104>. Acesso em: 08 jan. 2019.

SILVA JÚNIOR, Gladstone Leonel da. **A Constituição Do Estado Plurinacional Da Bolívia Como Um Instrumento De Hegemonia De Um Projeto Popular Na América Latina**. 345 f. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito) – Universidade Nacional de Brasília (UnB). Brasília, 2014. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18029/1/2014_GladstoneLeoneldaSilvaJunior.pdf. Acesso em: 01 dez. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações**. Revista Comunicação & Educação, (19), São Paulo: Segmento/ECA/USP, p. 12-24, Set/Dez. 2000.

Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24>. Acesso em: 23 jan. 2022.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

UNESCO. **Um mundo e muitas vozes – Comunicação e Informação na nossa época** (Relatório MacBride). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

VELASCO, Javier. Once años de ALER. [Entrevista concedida a] Eduardo Contreras Budge e Ronald Grebe López. **Revista Chasqui**, Quito, Equador: Ciespal. N° 10, p. 4-11, Abr-Jun, 1984. Disponível em: <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/issue/viewIssue/10_1984/104>. Acesso em: 08 jan. 2019.

VICENTE, Eduardo. **Gêneros e formatos radiofônicos**. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação USP, 2002. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/61.pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

VIGIL, José Ignacio López Vigil. **Manual Urgente para Radialistas Apasionados**. 2005. Disponível em: https://radialistas.net/wp-content/uploads/media/uploads/descargas/manual_urgente_radialistas_-_jose_ignacio_lopez_vigil.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

FILME:

AN INCONVENIENT Truth (UMA VERDADE Inconveniente). Direção de Davis Guggenheim. Estados Unidos: Lawrence Bender Productions / Participant Productions, 2006. Filme (100 min).

ENTREVISTAS:

CORAZZA, Helena. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. Plataforma Google Meet. 02 fev. 2021.

CARVALHO, Marcus Aurélio de. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. São Paulo, Brasil. Avenida Paulista. 08 ago. 2019.

FRUTOS, Ángel José “Pepe”. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. Rosário, Argentina. Centro de Produção do Fórum Argentino de Rádios Comunitárias (FARCO). 26 nov. 2018.

IJUIM, Jorge Kanehide. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. Plataforma Google Meet. 23 dez. 2020.

MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. Plataforma Google Meet. 06 jan. 2021.

OLIVEIRA, Dennis de. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. Departamento de Editoração e Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). 24 jun. 2019.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. Entrevista por e-mail. 08 ago. 2019.

RAMÍREZ HUAMÁN, Hugo Anacleto. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. Plataforma Google Meet. 13 jan. 2020.

SENA, Edilberto Francisco Moura. Entrevista concedida a Vivian de Oliveira Neves Fernandes. Plataforma Skype. 30 jun. 2020.